

**Stephen
Lawhead**

Os Guerreiros
de Nim



A Saga do Rei Dragão = Volume II

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluíra a um novo nível.

A SAGA DO REI DRAGÃO
VOLUME II

OS GUERREIROS DE NIN

STEPHEN LAWHEAD



Tradução de Maria Nóvoa



A Saga do Rei Dragão

A diabólica ameaça que pende sobre o reino de Mensandor e a perigosa demanda empreendida por Quentin, um dos jovens acólitos do templo do deus Ariel.

2º volume - Os Guerreiros de Nin

A ascensão da Estrela do Lobo, arauto de Nin, lançou uma sombra de terror sobre o reino do Rei Dragão. A cada noite que passa, a Estrela do Lobo fica maior e mais ameaçadora, aumentando o poder maléfico de Nin. Mais uma vez, é Quentin quem tem o destino do reino nas mãos. A última esperança de salvação reside numa espada: Zhaligkeer, a Brilhante. Mas o segredo do "lanthanil", o metal vivo com que tem de ser forjada, perdeu-se há muito na noite dos séculos...

Para Drake
O meu brilbo
Com todo o amor

CAPÍTULO I

Quentin estava de pé junto do alto parapeito sobranceiro à floresta tranquila. Os seus olhos perscrutavam as colinas suaves, vestidas com os tons de verde do início do Verão, esbatidos na luz dourada da tarde pela névoa que se formava, anunciando o crepúsculo. Na sua mão apoiada na fria balaustrada de pedra esvoaçava um fino rolo de pergaminho ao sabor da brisa suave. Aos seus pés encontrava-se uma caixa de couro, da qual tirara o rolo que lera havia apenas uns momentos. A caixa tinha estampada a insígnia real que conhecia tão bem: o terrível, ondulante dragão vermelho do Rei Dragão.

Embora o calor dos últimos raios de sol lhe batesse em cheio no rosto, Quentin sentiu-se percorrido por um arrepio.

Suspirou profundamente e baixou a cabeça, abanando-a devagar. Ouvindo um roçar atrás de si e os passos leves de pés batendo na pedra, virou-se e viu Toli deslizando na sua direção.

O jovem alto sentou-se facilmente na borda do parapeito, cruzou os braços por cima do peito, mirou Quentin com os seus olhos castanhos e zombeteiros e encheu os pulmões com aquele ar límpido e fresco.

- Ouça - disse, pondo a cabeça de lado. - É o som da terra em paz.

Quentin pôs-se à escuta e ouviu os trinados longínquos dos pássaros que esvoaçavam entre as bagas, as folhas abanando-se ao sabor da brisa e vozes que murmuravam num pátio em algum lugar lá em baixo.

- Disseram-me que tinha chegado um cavaleiro de Askelon com uma mensagem para você. Então pensei que era melhor vir aqui ver se o meu amo precisa de alguma coisa.

Quentin olhou para o amigo e sorriu.

- Ou seja, a curiosidade o levou a sair das suas queridas estrebarias. É verdade, recebi uma mensagem do rei. - Levantando o pergaminho, estendeu-o a Toli, que começou a ler.

Depois, Toli levantou a cabeça e deu com os olhos nos de Quentin, que o examinava.

- Aqui não diz qual é o problema.

- Não, mas também não é um convite para uma visita de amigo. Parece um pedido de ajuda e é urgente. Se fosse pouco importante, Eskevar teria esperado. De qualquer forma, ficamos de voltar para Askelon daqui a umas semanas.---

- E aqui diz que é melhor irmos já. Pois, estou vendo... Mas há mais alguma coisa? - Os penetrantes olhos de Toli examinaram Quentin, que se endireitou, tentando esconder-se da intensidade daquela observação.

- Porque diz isso?

Toli riu suavemente.

- Conheço o meu Kenta bem demais. Não estaria com esse ar se não suspeitasse do que se esconde por trás desta convocação tão inocente.

- Inocente? - Baixou-se e pegou a caixa de couro. - Mas tem razão, Toli. Tenho um certo medo. Ao ler a mensagem, senti-me invadido por uma sensação de profunda tristeza, de perda...

Toli observou Quentin atentamente e ficou à espera que ele continuasse.

- Tenho medo de que se formos agora para Askelon nunca mais voltemos a Dekra.

- Viu isso?

Quentin limitou-se a abanar a cabeça.

- Bem, então pode não ser assim. Talvez o seu pressentimento seja só um aviso do que pode acontecer se não formos já.

Quentin voltou sorrindo; desta vez, brilhou-lhe nos olhos um relâmpago de alívio.

- Talvez tenha razão. Como de costume, o servo salvou o seu amo de si próprio.

- Podemos partir hoje à noite. Vai ser bom voltar dormindo por esses caminhos. Há muito tempo que não o fazemos juntos.

- Seja, mas esta noite não. Já se esqueceu de que vamos jantar com o Yeseph? E, se não me engano, só temos tempo para nos arranjarmos e irmos para casa dele. Está à nossa espera. Portanto, partimos de madrugada - disse Quentin.

- Como quiser - retorquiu Toli, inclinando a cabeça numa ligeira vênia. - Vou tratar de arranjar tudo quando acabarmos de jantar com o Yeseph e os anciões.

Quentin assentiu, pegou o rolo de pergaminho que Toli lhe estendia e voltou a metê-lo na caixa. Depois, viraram-se e dirigiram-se aos aposentos de Quentin.

Vestiram-se os dois com os seus melhores mantos de lã, enfiaram os pés em finas botas de couro e partiram a caminho da humilde morada de Yeseph.

Yeseph vivia num bairro da cidade em ruínas, perto da biblioteca. Enquanto seguiam juntos, Quentin mirava a cidade que aprendera a amar. Os seus olhos, há muito acostumados às estruturas retorcidas que de todos os lados lhe saltavam à vista, pareciam não reparar na destruição: o que viam era como tudo fora no tempo dos poderosos Ariga.

No seu espírito, via as pedras outra vez empilhadas umas sobre as outras, os arcos reconstruídos com azulejos coloridos, as portas, maravilhosamente entalhadas, abertas de par em par, os pátios cheios de plantas em flor, as ruas ecoando de risos e canções. Via tudo como imaginava que tinha sido. Quentin tinha sempre a

mesma sensação mágica quando passeava pela cidade. Vivia em Dekra havia dez anos, e nunca deixara de se extasiar nem de sentir que o seu lugar era ali, que jamais encontraria outro lar como Dekra.

- Há de voltar sendo - disse Toli, enquanto caminhavam ao longo das ruas silenciosas, pisando as pedras das calçadas, cujas arestas tinham sido limadas pelo tempo.

- O quê? - perguntou Quentin com um ar ausente.

- Esta cidade há de voltar sendo como foi, como você a vê na sua cabeça.

- Acha que sim?

- Você não?

- Acredito que sim. Quero acreditar. -Mas, às vezes, parece que o trabalho Venha tão devagar! Há tanto para fazer, Seria bom se tivéssemos mais gente.

- Mas repare no que se fez desde que aqui chegamos. E somos mais a cada ano que passa. Whist Orren abençoa os nossos esforços com os dele.

Era verdade. Os trabalhos de restauração da antiga cidade, que ia sendo povoada com pessoas que partilhavam o sonho de lhe devolver a glória de outrora e de estudar os Ariga e o seu deus, sucediam-se a um ritmo excelente. Fizera-se muito em dez anos. Todavia, ainda faltava o trabalho de uma vida. E era isso que espicaçava a impaciência de Quentin.

O velho professor de Quentin, de costas curvadas, esperava-os de pé no portão do seu pátio. O seu rosto iluminou-se quando viu os dois jovens que se aproximavam.

- Olá, olá, meus amigos! - gritou Yeseph, correndo ao seu encontro. - Tenho estado à sua espera. Ainda não chegou ninguém. Esperava que fosse assim, porque quero falar com vocês. Arrastou-os para a sombra e indicou-lhes uns bancos de pedra situados debaixo de uma árvore de copa muito larga.

No pátio, limpíssimo, havia tudo o que podia ver-se em qualquer jardim cujo proprietário adorasse plantas e flores.

- Sentem-se, por favor. Sentem-se. Ornani! - Logo que os seus convidados se sentaram debaixo da árvore, Yeseph bateu as palmas. Uma jovem esbelta apareceu com um tabuleiro de taças de madeira e uma garrafa de pedra. Quase flutuando graciosamente, a moça pousou o tabuleiro junto do cotovelo de Yeseph.

- Pode servir, minha linda - disse docemente.

A jovem serviu as bebidas. Quando se virou para se ir embora, Yeseph recomendou-lhe:

- Sirva a refeição quando os outros chegarem. Acho que não devem demorar muito. - Sorrindo sempre, ela fez uma vênia e retirou-se para dentro de casa.

Os Curatak não tinham servos, Mas era freqüente rapazes ou moças ligarem-se às casas dos chefes curatak mais velhos ou dos artesãos para os servirem e com eles aprenderem até decidirem o que queriam fazer na vida. Assim, os que precisavam da ajuda de um servo tinham-na sempre e os jovens podiam ser úteis até entrarem no mundo dos adultos.

Um tanto melancolicamente, Yeseph ficou vendo a moça desaparecer na ombreira escura. Reparando na sua expressão, Quentin comentou:

- Ela é uma ajudante preciosa, Yeseph. Teve sorte.

- É verdade, e tenho pena de perde-la.

- Porque é que havia de a perder?

- E porque não? Ela tem quase dezoito anos. Quer casar em breve. Talvez no Verão. Vai casar com o Rulan, um antigo aluno meu. Ele é bom rapaz e muito inteligente. Vai ser um bom casamento. Mas eu perco uma excelente cozinheira e fico sem companhia. Sinto que ela podia ser minha filha.

- Porque não se casa outra vez? - perguntou Toli.

De repente, Yeseph pareceu muito agitado.

- Com quem é que tem andado a falar?

- Com ninguém. Perguntei por perguntar.

- Bem, mas é verdade. Era isso que queria dizer. Vou mesmo casar. Anuncio os banhos esta noite.

- Parabéns! - gritou Quentin, que se pôs em pé de um salto, percorreu a distância que o separava do seu antigo professor e abraçou-o, beijando-lhe ambas as faces. - Quem é a felizarda?

- Karyll, a costureira.

- A viúva do Lendoe, que morreu há uns anos num acidente na forja?

- Essa mesmo. Uma excelente mulher. E há tanto tempo que está sozinha...

Quentin riu.

- Não precisa nos dar explicações: já tem a nossa autorização. Tenho certeza de que serão muito felizes.

- Vamos mesmo. Por mim, já me sinto muito feliz por partilhar esta notícia com os meus amigos. Sabe, vocês são quase meus filhos.

- Foi nosso professor e nosso pai muitas e muitas vezes.

- Por isso é natural que sejam os primeiros a saber.

- A venerada mulher vem aqui hoje à noite? Gostaria de lhe dar os parabéns.

- Vem... aliás, parece-me que estou ouvindo a sua voz. O som de vozes alegres e risonhas chegou ao pátio, vindo da rua. Yeseph precipitou-se para o portão, para receber a noiva e as suas duas companheiras. Corando e sorrindo, guiou-a até Quentin e Toli, que aguardavam de pé com a alegria estampada no rosto.

- Meus amigos, esta é a Karyll, a minha prometida.

A mulher baixa e de rosto redondo derespondeu-lhes o sorriso caloroso. O seu cabelo castanho, onde Quentin viu alguns fios prateados, estava recatadamente apanhado atrás, preso numa rede ornamentada. Envergava um vestido branco e largo e trazia um xale azul-vivo nos ombros. Era uma mulher graciosa.

Quando Yeseph a cingiu com o braço, lançou à futura esposa um olhar tão afetuoso que Quentin se sentiu invadido pela saudade da sua amada.

- Olá, Karyll. Parabéns. Yeseph já nos disse que se vão casar. Fico muito satisfeito com isso.

- Obrigado, Quentin. Somos muito felizes. - Virando-se, mergulhou os olhos nos de Yeseph e acrescentou: - Yeseph está sempre a colocá-los nos píncaros. Ainda bem que ele os escolheu para serem os primeiros a saber dos nossos planos.

- Quando vai ser o casamento? - perguntou Toli.

- Eu e Yeseph pensamos que seria agradável casarmo-nos no final do Verão.

- É verdade - concordou o noivo. - Na realidade, não há nada que nos impeça de casarmos imediatamente, somos os dois crescidos. - Deu uma gargalhada, a que se juntou outra de Karyll. Mas o riso desvaneceu-se quando Yeseph viu que nem Quentin nem Toli partilhavam a sua alegria. Tinham ficado estranhamente calados. A luz da felicidade extinguiu-se do olhar.

- Que aconteceu? O nosso plano não os agrada?

- Agrada e muito. No entanto, parece-me que não vamos estar entre os felizes convidados.

- Posso saber porque não?

- Iamos lhe dizer esta noite. O rei convocou-nos. Temos de partir para Askelon.

- Sim, já sei... daqui a umas semanas, mas...

- Não, já. Chegou hoje um cavaleiro. Temos de partir imediatamente.

- Então vamos esperar até vocês regressarem - prontificou-se Yeseph. Karyll assentiu com a cabeça.

Quentin sorriu com tristeza.

- Não, isso não quero. Nem sei quando poderemos voltar. Não esperem por nós, por favor.

Toli tentou aligeirar o tom da conversa.

- O Kenta quer dizer que, se estivesse no seu lugar, Yeseph, não deixaria que uma criatura tão adorável fugisse para os braços de outro. Deve casar-se como planejou. Quanto a nós, voltaremos muito em breve para dar os parabéns ao feliz casal.

Yeseph procurou os olhos de Quentin. Como de costume, lia mais neles do que o seu amigo queria.

- Há algum problema?

- Parece-me que sim - suspirou Quentin. - A mensagem não dizia diretamente e o mensageiro também não lhe acrescentou nada. Mas partiu imediatamente, sem esperar pela resposta.

Yeseph observou Quentin, de pé à sua frente. O jovem desajeitado e impetuoso crescera e tomara-se um homem direto e sensível. Era alto e esbelto como os jovens, mas sem o ar descuidado que estes muitas vezes têm. Apesar do seu porte régio, Quentin não se dava absolutamente nenhum ar de grande senhor nem tinha a arrogância que é freqüente acompanhar os espíritos nobres. O ancião sentiu uma dor no coração ao ver o seu aluno e protegido parecendo balançar à beira de um grande abismo. Teve vontade de estender a mão e puxá-lo, mas sabia que não podia. Quentin pertencia a Decra, mas também era de Askelon, e não podia negar a sua lealdade a nenhuma das duas cidades.

- Claro que tem de ir. - Yeseph esforçou se por sorrir. - Quando partem?

- Amanhã de madrugada. É melhor...

- Claro, claro. Não vale a pena adiar. Quanto mais cedo for, mais cedo volta. Desta vez, pode ser que traga Bria com você.

Ao ouvir este nome, Quentin sobressaltou-se e voltou sorrindo calorosamente. A sombra fria que caíra sobre o alegre grupo afastou-se e, à medida que o cintilante crepúsculo avançava suavemente, começaram falando ao mesmo tempo de tudo o que fariam quando voltassem a encontrar-se.

Apesar do seu desejo de partirem cedinho na manhã seguinte, Quentin e Toli foram Os últimos a sair de casa de Yeseph, onde tinham cantado, comido e conversado muito. Os anciões haviam abençoado a jornada dos jovens e todos tinham ouvido histórias e canções dos antigos Ariga, cantadas por um dos jovens músicos curatak. Depois, haviam-se despedido, mas ninguém o fizera tão ardentemente como Quentin.

- Olhe, Kenta - disse Toli, enquanto caminhavam pelas ruas escuras e vazias. A lua cheia brilhava sobre a cidade, iluminando tudo com uma luz líquida e prateada.

Quentin seguiu o olhar de Toli, que se erguia para o céu.

- Que está vendo?

- Já desapareceu. Era só uma estrela cadente.

- Hummm. - Quentin voltou a refugiar-se nos seus devaneios escutando o eco dos seus passos na calçada e sentindo-se envolvido pela Paz silenciosa de Dekra. De repente, sem motivo, arrepiou-se todo, como se tivesse atravessado um poço de ar frio. Toli reparou o estremecimento de ombros de Quentin e olhou para o amigo.

- Também sentiu?

Quentin ignorou a pergunta. Por fim, depois de terem dado mais alguns passos, indagou:

- Acha que algum dia voltaremos para cá?

- A noite não é um bom momento para pensar nessas coisas.

Voltaram os dois em silêncio para o palácio do governador e encaminharam-se para os seus aposentos.

- Vai ser bom voltar a ver Askelon e todos os nossos amigos - disse Quentin ao despedir-se. - Boa noite.

- Boa noite. Eu te acordo de manhã.

Quentin deixou ficar muito tempo deitado na cama, sem fechar os olhos. Ouviu, no quarto ao lado, Toli fazendo silenciosamente os preparativos para a viagem e os passos suaves do Jher, que foi tratar

dos cavalos antes de ir para a cama. Por fim, virou-se para o lado e adormeceu imediatamente. A Lua brilhava através das portas da varanda, espreitando para dentro como um rosto amável.

CAPÍTULO II

Quentin encontrou-se com Toli nas cavalariças, que eram um agrupamento de estruturas baixas, de pedra, que Toli destinara à criação de cavalos. No tempo que passara em Dekra, o Jher tomara-se um excelente treinador e criador de cavalos. De fato, com a ajuda do mestre dos estábulos de Eskevar, estava desenvolvendo uma raça de animais notáveis, produto do cruzamento dos cavalos de guerra de grande porte, como Balder, com os mais leves e ligeiros, que eram o orgulho de Pelagia. O resultado seria uma raça suficientemente forte e corajosa para a guerra, mas que também teria a capacidade de percorrer depressa grandes distâncias sem se cansar.

Quentin passou por baixo do largo arco de pedra e parou em frente da baia de Balder. Ao ver o seu dono aproximar-se, o velho cavalo de guerra relinchou baixinho. Estendendo a mão, Quentin deu-lhe umas palmadinhas e acariciou o focinho macio e enorme.

- Desta vez, pode ficar aqui, meu velho. Tome conta dele, Wilton, disse por cima do ombro para o jovem ajudante de Toli. - De vez enquanto, de-lhe mais uma cenoura. - Depois, dando umas palmadas na testa do cavalo, cujo pêlo formava uma estrela branca, rematou:

- Quando eu voltar, havemos de dar um grande passeio.

As cavalariças cheiravam a funcho-doce, a palha e aos corpos quentes dos cavalos. O cheiro lembrava a Quentin as jornadas que fizera. De fato, estava ansioso por partir. Dirigiu-se a Toli, que verificava os alimentos e o jaez das suas montarias.

- Bom dia, Kenta. Ia mesmo agora acordá-lo.

- Como vê, estou pronto. Não dormi muito. Está tudo preparado.
- Virou-se e deu uma palmada num garanhão de um branco de leite -
Então, Blazer? Está mortinho por esticar essas patas compridas? O
cavalo lançou para a frente a crina

esvoaçante e mirou Quentin com os seus olhos preto-azulados,
como se dissesse: "Embora! Vamos embora!"

- Só tenho de dar mais algumas instruções ao Wilton - respondeu
Toli. - Depois, podemos pôr-nos a caminho.

Toli que se considerava servo de Quentin para toda a vida, era
objeto de devoção dos Curatak. O simpático Jher tinha vários
ajudantes que tratava tão bem como qualquer amo fazia a um servo
dedicado. O fato era que consideravam Toli tão príncipe como
Quentin; e numa cidade onde cada homem era servo do outro, isto
constituía a mais elevada das honras.

Toli voltou, pegou nas rédeas dos dois cavalos e conduziu-os
para as ruas silenciosas. Seguindo à direita de Toli, Quentin escutava
o bater das patas dos cavalos nas pedras das ruas antigas. Para leste,
o céu brilhava envolto numa neblina violeta, iluminando-se e
adquirindo um matiz vermelho-dourado à medida que o Sol ia
ficando mais alto.

Toli cheirou o ar e anunciou:

- O vento sopra de oeste, por cima do mar. Vamos ter bom tempo
para a viagem.

- Ainda bem. Espero estar em Askelon antes da lua nova. Acha
que conseguimos?

- É possível. Com bons cavalos e a estrada do rei em bom estado
até depois de Pelgrin...

- Os nossos cavalos têm asas, meu amigo. E a estrada de Eskevar
já vai até ao Anári. De fato, vamos voar.

Chegaram às portas da cidade e saíram. Eram portas pouco
vigiadas, pois Dekra não temia os intrusos nem tinha verdadeira
necessidade de se defender.

Na porta pequena que se abria dentro da maior, Quentin parou e lançou um último e demorado olhar à cidade que tanto amava.

A pedra vermelha luzia com o matiz rosado do Sol nascente. As torres e as espiras erguiam-se majestosamente no ar límpido e fresco da manhã, brilhando e cintilando como cristal resplandecente. Os sons normais da cidade que acordava ecoavam nas ruas vazias: um cão ladrava, uma porta abria-se e fechava-se. Atrás dele, Blazere Riv, o lustroso cavalo preto de Toli, agitavam os freios, impaciente por partir. Quentin levantou um braço, despedindo-se de Dekra, e virou-se para o seu cavalo.

- Vamos depressa - gritou, saltando para a sela. - Vamos. Blazer! - O cavalo ergueu as patas dianteiras do chão, deu um pequeno coice e saltou em frente, seguindo o seu caminho.

Impaciente por chegar, Quentin forçou o percurso através de colinas baixas e entrou nas miseráveis terras pantanosas. O seu plano era pararem em Malmarby, seguindo o mais possível na orla dos pântanos. Em Malmarby, alugariam um barco para atravessarem a enseada e navegarem ao longo da costa oeste até depois da Muralha de Celbercor. Depois, o caminho se tornaria mais fácil. Se dirigiriam para o rio Arvin, para o local onde este surgia límpido e frio de dentro dos Fiskills, cavalgariam ao longo da estrada nova do rei, passando os sopés selvagens que ficavam acima de Narramoor e atravessariam Pelgrin depressa, em direção a Askelon.

Os primeiros dias de viagem passaram sem novidades, A caça era abundante e, graças à habilidade de caçador de Toli, nunca lhes faltou nada que houvesse nas florestas.

Chegaram à aldeia de Malmarby numa manhã de sol, pelo caminho mais largo, que dava para a povoação e que saía do labirinto de pântanos e terrenos alagadiços que a rodeavam.

Quando se aproximavam da aldeia, Toli endireitou-se na sela e puxou as rédeas ao cavalo, fazendo-o parar. Quentin imitou-o, mas

sem saber o que tinha alarmado o amigo.

- O que é? O que é que está vendo?

- Falta qualquer coisa na aldeia. Sinto-o.

- Parece muito pacata. Mas vamos com cuidado.

Seguindo em frente com os cavalos a passo, iam perscrutando os arbustos e o denso matagal que ladeava o caminho, procurando qualquer sinal que pudesse confirmar as apreensões de Toli. Não viram ninguém nem ouviram nada até chegarem mesmo à aldeia. Quentin parou o cavalo, ergueu-se na sela e olhou em volta. O caminho enlameado que fazia as vezes de rua principal de Malmarby estava vazio. Não se via viva alma entre as casas de madeira; a povoação encontrava-se silenciosa como um túmulo.

- Parece que não há ninguém por aqui. Onde... ?

Ainda não acabara de falar quando quatro homens saltaram do arbusto mais próximo e agarraram os arreios dos cavalos. Dois dos homens estavam armados com lanças e os outros dois com espadas curtas. Pareciam aterrorizados: nos seus rostos graves e pálidos lia-se a preocupação e o medo.

Foi o olhar que lançou a estes rostos miseráveis que imobilizou a mão de Quentin.

- Espere, Toli! Não precisamos ter medo destes homens.

Quentin falou alto e com calma, para que os seus potenciais atacantes soubessem que não queriam fazer-lhes mal.

Ouviu-se um roçar no arbusto e apareceu, ou antes, caiu outro homem na estrada. Quentin reconheceu o rosto magro e sulcado pelas preocupações do conselheiro da aldeia.

- Bom dia, conselheiro. É assim que tratam os forasteiros? Talvez, queira nos convidar para tomar o desjejum...

O homem magro e careca pestanejou e precipitou-se para a frente, olhando de viés para os viajantes com o seu único olho bom.

- Quentin? Para trás, homens, é o príncipe! Larguem-nos!

Quentin sorriu ao ouvir aquele título. Não era o príncipe, mas a sua lenda crescera tanto entre o povo simples de Mensador que para ele era, de fato, o detentor de uma posição tão elevada. Por isso, tinham-lhe conferido o título mais alto em que haviam pensado: para eles, Quentin era, muito simplesmente, o príncipe.

- Sim, sou Quentin. Mas diga-me, Milan, a que se deve esta recepção? Onde estão as pessoas? A aldeia parece deserta.

- Desculpem, senhores. Não queríamos fazer mal. - O chefe da aldeia parecia ter o coração despedaçado pela dor. Torcia as mãos enquanto falava, como se temesse alguma retaliação.

- É que... bem, todo o cuidado é pouco. Ouvimos histórias de muita maldade. Achamos melhor vigiar a estrada.

- Ladrões? - indagou Quentin.

Milan ignorou-o e perguntou a um dos seus homens:

- Você não viu nada?

- Não, nada.

Quentin encolheu os ombros e olhou para Toli, que estudou o rosto dos homens que tinham à frente e permaneceu calado.

- Bem, talvez os nossos receios sejam infundados. Fica conosco?

- Não, desta vez não. Se puser à nossa disposição um dos seus excelentes barcos, partiremos imediatamente. Temos de ir para Askelon o mais depressa possível.

O conselheiro da aldeia fitou Quentin com um olhar estranho e entendido e virou-se:

- Vai à frente avisar os da aldeia. Não há nada a temer - ordenou a um dos homens. Depois, acrescentou para Quentin: - O barco é seu. Pode levar o meu, que é o maior de todos. Meu filho os acompanhará.

- Obrigado pela sua amabilidade - respondeu Quentin.

Começaram a caminhar todos juntos. Passaram pelas habitações simples que se amontoavam ao longo do caminho que seguia até à beira da água. À princípio, Quentin ainda viu um rosto fugidio

numa janela ou espreitando de uma porta, mas, quando chegaram ao grande molhe de madeira que servia de embarcadouro para os barcos de pesca da povoação, a maioria dos habitantes de Malmarby andava nas suas ocupações quotidianas, como se nada de invulgar tivesse acontecido. Muitos deles desceram também até ao molhe e muitos outros saudaram a passagem dos régios viajantes.

Os barcos de Malmarby eram largos, com o feitio de caixas e suficientemente robustos para suportarem a fúria do mais enraivecido dos mares, que, aliás, era coisa que nunca faziam, pois os enormes barcos serviam apenas para bordejar a abrigada enseada de um lado ao outro.

O barco de Milan era mais do que adequado às suas necessidades, mas os cavalos mostraram-se um tanto agitados ao serem guiados a bordo de uma embarcação tão estranha.

Com o filho de Milan, Rol, ao remo da popa, afastaram-se da multidão que se apinhava no molhe. As mãos fortes de Rol manejando o remo depressa os fizeram entrar num canal mais profundo, onde foram empurrados por uma corrente mais rápida.

Então, içaram a pequena vela no mastro atarracado e continuaram a vagar velozmente.

- Onde querem desembarcar, senhores? - gritou Rol, sentado à popa.

- Onde achar melhor, desde que seja a oeste da muralha.

Quentin calou-se e observou o robusto rapaz de ombros fortes e espessa cabeleira castanha, lembrando-se dos tempos em que o simpático jovem era um rapaz magrinho que corria ao lado do cavalo de qualquer viajante que atravessasse a aldeia, assim como ele e Toli tinham feito tantas vezes.

- De que é que têm medo na aldeia? - perguntou Quentin, aproximando-se de Rol. - O que aconteceu desde a última vez que por aqui passamos?

O jovem encolheu os ombros musculosos e continuou a manejar o remo.

- Não sei. Histórias! Não é preciso muito para aterrorizar uma aldeia tão pequena.

- Que histórias são essas de que fala? De onde vieram?

Tolí aproximou-se para ouvir Rol.

- Esta Primavera, apareceram pessoas do Suth dizendo que tinham sido atacadas por demônios, que lhes queimaram as casas.

- Os demônios não queimam casas - observou Toli.

Rol voltou a encolher os ombros.

- Não sei se queimam ou não. Foi o que as pessoas disseram.

- Hum... é estranho. Como eram esses demônios?

- Gigantes e ferozes. Cuspiam fogo pela boca e cada um tinha dez braços com patas em vez de mãos.

- Disseram de onde vieram esses demônios?

- Ninguém sabia. Alguns diziam que vieram do outro lado do mar, para lá do Gerfallon. Outros que lhes viram na testa o sinal da Estrela do Lobo. Talvez, vieram do céu.

- É uma história esquisita - disse Quentin a Toli quando se afastaram.

- Para que haviam de queimar uma aldeia de camponeses no Suth? - inquiriu Toli. - Não há lá nada e ninguém ganha com isso.

- Sei lá! Há pelo menos dez anos que não acontece nada assim. O reino está em paz. Não nos podemos esquecer de dizer ao rei o que ouvimos.

Rol mostrou ser um excelente marinheiro: ao fim do dia encontravam-se perto do seu destino. Na linha da costa, por cima da água, formara-se uma ligeira neblina que entrava pela enseada. Através da névoa cinzenta, com as sombras alongando-se sobre a terra, viram a superfície plana e escura da Grande Muralha projetando-se nas águas profundas.

Rol fez o barco contornar o indefinido lado da muralha e guiou-o para a costa rochosa. Enquanto passavam por aquela forma imponente, ninguém falou. O chapinhar constante do comprido remo de Rol era o único som que quebrava o silêncio.

Quentin contemplava a névoa enrolando-se em volta da muralha e pensou que assim, parecia que a grande estrutura flutuava numa espiral de nuvens, enquanto o céu, que escurecia com a aproximação do crepúsculo, parecia ficar duro e sólido como pedra. Mas sobressaltou-se quando ouviu uma pancada surda e sentiu o leve abanão que lhe disse que tinham tocado em terra.

- Fica conosco esta noite, Rol? Vamos acampar perto do caminho, ali em cima. - Quentin apontou para uma elevação arborizada que orlava a costa. - Toli vai fazer uma fogueira num instante e, depois, podemos comer qualquer coisa quente.

- Obrigado, senhor. Estou cansado... e com fome. Não sei o que é pior.

- Prestou-nos um bom serviço. Tome a sua recompensa.

Quentin meteu a mão na bolsa de couro macio que tinha pendurada no cinto. - Um ducado de ouro pelo trabalho e outro pela sua amabilidade.

Estendendo a mão calejada, Rol fez uma profunda vênia:

- É muito, senhor. Eu não devia aceitar tanto. - Apalpou as moedas de ouro e quis devolvê-las a Quentin.

- Não, você fez por merecê-las. E também ao nosso apreço! Guarde-as e não diga mais nada. Mas, olhe! Toli já está acampando. Se não nos despachamos, ainda chegamos atrasados para o jantar.

Reclinaram-se os três conversando em volta da fogueira, enquanto as estrelas surgiam na imensa abóbada celeste. Na costa, a água batia docemente nos seixos macios e arredondados e, nas árvores, uma ave noturna chamava a sua companheira. Os pinheiros altos erguiam-se acima deles e o ar cheirava a vento fresco e a bálsamo.

Quentin, que cabeceava de sono e se deixou adormecer por várias vezes, acabou por desejar boa-noite aos companheiros e por se enrolar na sua capa. Toli pôs mais uma acha na fogueira, levantou-se para ver os cavalos e foi-se deitar. A julgar pelo ritmo lento e regular da sua respiração, Rol já dormia como uma pedra. Toli espreguiçou-se e ergueu os olhos para o céu, que cintilava com mil luzinhas minúsculas. Ao percorrer os céus com o olhar, teve uma curiosa visão. Por um momento, deixou-se ficar contemplando o que estava vendo. Depois, virou-se e agachou-se silenciosamente perto de Quentin.

- Kenta... - Abanou docemente o seu amo adormecido. - Kenta, quero que veja uma coisa.

Quentin virou-se e sentou-se, perscrutando intensamente o rosto de Toli, iluminado de um lado pela luz da fogueira, mas este estava inexpressivo.

- O que foi? Conseguiu ver o Veado Branco?

- Não, não é nada assim tão importante. - Toli ignorou o gracejo. - Pensei que talvez quisesse ver isto... - Conduziu Quentin para um local pouco afastado da fogueira e dos ramos pendentes das árvores.

- Olhe para leste... ali, mesmo acima da muralha. Está vendo?

- Uma estrela? Estou vendo... uma estrela muito brilhante.

- Repare como cintila. Não acha estranho?

- É a Estrela do Lobo. Mas tem razão: está diferente. Que acha? Toli observou a estrela brilhante e acabou por se afastar, dizendo: - Não sei. Só queria que a visse.

Quentin não ficou satisfeito com esta resposta. Era evidente que Toli escondia alguma suspeita, mas permaneceu calado. E não valia a pena tentar arrancar nada do Jher até este estar pronto para falar. Quentin pensou que, fosse o que fosse que andasse às voltas naquela cabeça, acabaria por se revelar mais cedo ou mais tarde, mas só quando Toli assim o quisesse.

Então, esperaria. Quentin suspirou, voltou a enrolar-se na capa e adormeceu.

CAPÍTULO III

A julgar pelo som gorgolejante que enchia o desfiladeiro orlado de rochas, a primeira catarata do Arvin, ficava mesmo em frente. Blazer e Riv escolhiam o melhor caminho entre as pedras soltas do chão do desfiladeiro, enquanto Quentin e Toli perscrutavam os elevados penhascos. À sua volta, agigantavam-se denteadas espirais de rocha. Movimentavam-se com cuidado, como se atravessassem a floresta petrificada de um gigante.

Passaram entre dois grandes afloramentos de pedra castanha, sobre os quais se erguia uma grande laje que formava os postes e o someiro de uma ombreira enorme.

- A Porta de Azmel - murmurou Quentin, ao passarem-na rapidamente. Depois, consideravelmente mais alegre, acrescentou: - Olhe! A estrada de Eskevar. - Apontou para o outro lado das velozes águas do Arvin, para o ponto onde começava a estrada.

Sem hesitar, Quentin fez avançar o cavalo para dentro da água fria. A rápida corrente bateu contra as patas do animal e molhou o seu cavaleiro até aos joelhos. Quentin sentiu que aquelas picadas geladas eram o tônico para fazer desaparecer o pressentimento opressivo que o assaltava sempre que cavalgava pelo fantasmagórico desfiladeiro que terminava na Porta de Azrael. Mas, com este para trás e com a estrada larga à frente, sentiu que o ânimo lhe voltava.

- Agora já não falta muito - gritou por cima do ombro para Toli que naquele momento, entrava, chapinhando, no rio. - Amanhã à noite jantaremos com o Durwin e, no dia seguinte, estaremos à mesa do Rei Dragão.

- Pensei que estava com pressa - replicou Toli. - Podemos fazer melhor do que isso! - Proferidas estas palavras, bateu com as rédeas nos ombros de Riv e inclinou-se na sela. O cavalo deu um salto para a frente, fazendo erguer torrentes de água gelada, passou por Quentin, saiu do rio batendo com os cascos no chão e precipitou-se para a estrada.

- Uma corrida! - gritou Quentin para a figura de Toli, que se afastava. Depois, agitou as rédeas de Blazer, que saiu da água e partiu como uma flecha atrás de Toli.

Lá no alto, nos sopés solitários, o som da corrida ecoava e tornava a ecoar de uma rocha nua para a outra. Os seus gritos de júbilo percorriam regatos e fendas e retiniam nos espaços entre as rochas e nas cavernas. Os cavalos quase voavam e os seus cascos arrancavam faíscas do chão de pedra.

Por fim, exaustos e sem fôlego, pararam numa cumeeira. Abaixo deles, os sopés iam desaparecendo em arcos suaves, esbatendo-se na distância brumosa em tons que iam do violeta ao azul.

Para sul, erguiam-se os despenhadeiros majestosos e cobertos de neve dos Fiskills, onde os ventos eternos uivavam entre os picos aguçados.

- Ah! - suspirou Quentin, respirando profundamente. - Que vista! É uma terra muito bonita, não é?

- Lindíssima. O meu povo tem uma palavra... acho que nunca lhe disse: AI-affira.

- Não, nunca a tinha ouvido. Que quer dizer?

- Não existe nenhum significado exato na sua língua, mas quer dizer qualquer coisa como "a terra da paz abundante".

- AI-allira. Gosto. Ajusta-se perfeitamente. - Começaram descendo juntos. - E não há dúvida que está em paz. Olhe para aqueles vales. Estes últimos anos foram bons. A terra produziu muito. As pessoas estão satisfeitas. Não posso deixar de pensar que o

deus abençoou este reino, como recompensa pelos tempos atribulados que passou, quando Eskevar estava afastado do trono.

- Tem razão, têm sido uns anos muito bons. Tempos dourados. Só espero que continuem assim.

Quentin lançou um olhar de lado ao seu companheiro. Os olhos de Toli estavam fixos em algum ponto do horizonte distante. Parecia em transe. Como não queria alterar a boa disposição que reinava, Quentin não perguntou nada, e continuaram descendo a encosta sem falar.

O dia seguinte amanheceu limpo e claro, aquecido por um vento suave que soprava de oeste. Os viajantes se tinham posto a caminho há muito tempo quando o Sol espreitou por cima do Erleraros, o pico mais alto dos Fisküls. Como a estrada lhes facilitava o andamento, forçaram o passo e chegaram às terras baixas cerca do meio-dia.

Comeram uma refeição apressada entre pedras cobertas de musgo, à sombra de um antigo carvalho, e recomeçaram a jornada. Ainda não tinham ido longe quando Toli disse:

- Olha ali para a estrada. Temos companhia.

Quentin ergueu o olhar e viu com dificuldade, lá muito ao longe, o que parecia ser um grupo de viajantes caminhando na sua direção. Mal os entreviu, e logo foram escondidos por uma curva da estrada.

- Serão mercadores? - indagou Quentin para si próprio em voz alta. Acontecia muitas vezes os comerciantes que vendiam os seus produtos de cidade em cidade viajarem em grupo, tanto para se distraírem uns aos outros como para se protegerem.

- Se forem, compro uma jóia para a Bria.

Prosseguindo o seu caminho, Quentin pensou em tudo aquilo de que a sua amada gostaria. Rodearam o flanco de um monte coberto de erva e de flores silvestres escarlates e aproximaram-se do local onde tinham visto os viajantes.

- Que estranho! - observou Quentin. - Já devíamos tê-los encontrado. Talvez tenham parado na estrada, atrás daquele maciço de árvores. - Apontou em frente, para um amontoado de árvores cujos ramos pendiam sobre a estrada, escondendo de vista todos os que estivessem do outro lado.

Cada vez mais perplexos, seguiram em frente. Quando chegaram às árvores, voltaram a poder ver o fundo da estrada, mas não se distinguia viva alma.

- Isto é cada vez mais estranho - comentou Quentin.

Toli desmontou e caminhou ao longo da estrada, procurando na poeira quaisquer sinais que pudessem explicar o desaparecimento do grupo que ambos tinham visto com toda a nitidez apenas uns minutos atrás.

Avançaram lentamente, Quentin examinava as árvores, que ficavam do lado direito da estrada. De repente, Toli parou, ajoelhou-se e traçou com o dedo um círculo em volta de umas pegadas impressas na poeira.

- Pararam aqui antes de saírem da estrada... ali. - Apontou para as árvores.

- Quantos eram?

- Isto não chega para dizer. Mas eram homens, mulheres e também crianças.

- UP - resfolegou Quentin confusamente. - Porque será que terão ido correndo para o bosque? Com certeza que não foi por terem visto dois cavaleiros.

Toli encolheu os ombros e voltou a montar:

- Está aqui mais uma coisa que não podemos esquecer-nos de contar ao rei.

- É verdade.

Ao escurecer, acamparam numa clareira cheia de erva, ao lado da estrada. O sol lançava raios cor de rubi através das delicadas nuvens que se moviam graciosamente pela abóbada violeta dos céus.

Quentin foi postar-se num campo salpicado de flores amarelas, cujas corolas prenes de pólen lhe roçavam pelas pernas. De braços cruzados no peito e um olhar de sonhadora concentração, contemplou a forma imponente que tinha à frente: no alto do trilho estreito, que subia como um fio de fumo branco elevando-se do chão, encontrava-se o planalto onde se erguia o Grande Templo de Ariel.

- Confesse que tem saudades da sua antiga casa - disse Toli, aproximando-se por trás.

- Não... - respondeu Quentín com um ar ausente. Depois, mexeu-se e riu, fitando os olhos castanho-escuros de Toli.

- É como quem tem saudades da sombra quando Venha ao sol. Só estava pensando no tempo que passei naquele templo. Para mim, foram dias de solidão e frustração, de estudos infundáveis, sem encontrar quem realmente procurava. Não teria dado um bom sacerdote... nunca percebi para que servia ungir a rocha sagrada do templo. Sempre me pareceu que era desperdiçar um óleo muito caro, mas havia quem achasse que era uma dádiva. E os sacrifícios... as pulseiras de ouro, as taças de prata e os animais muito bem tratados... só serviam para tornar os sacerdotes mais ricos e mais gordos do que já eram.

- Whist Orren quer mais do que pulseiras, taças ou carne. E não vive só nos templos feitos pelos homens, mas nas suas vidas.

- Sim, o Altíssimo oferece aos homens a liberdade; o preço é uma devoção sem limites. Os deuses menores não exigem tanto, mas quem pode conhecê-los? São como neblinas sobre a água: quando o sol as toca, desaparecem.

Viraram-se e foram acomodar-se para passar a noite. Depois de comerem, Toli pôs os cavalos para pastar na erva. O crepúsculo envolvia a tranqüila clareira com as suas compridas vestes purpúreas.

Quentin deitou-se com a cabeça repousando na sela e observou o céu, coberto de lantejoulas. "As estrelas nunca mudam", pensou. Depois, ainda formulando este pensamento, lembrou-se da conversa que tivera com Toli. Virou a cabeça para leste e viu a estrela estranha e cintilante para a qual Toli lhe chamara a atenção algumas noites atrás.

- A Estrela do Lobo parece mais brilhante - comentou Quentin.

- Tenho andado pensando o mesmo, Kenta.

- Que diria o sumo sacerdote Biorkis de um presságio assim? Os sacerdotes devem ter as suas explicações.

- Vai lá e pergunte-lhe.

- O quê? Acha que me atrevo?

- Porque não? Que mal tem?

- Nem acredito no que estou ouvindo! O meu servo dizendo-me para procurar um presságio numa fonte impura! Toli, sabe melhor do que ninguém que me afastei de símbolos e de presságios. Sigo um deus diferente... tal como você.

- Não estou sugerindo que peça um presságio a Ariel nem que renuncie à verdade que aprendeu, mas só que pergunte ao seu amigo de antigamente a sua opinião sobre um acontecimento estranho. Não há mal nenhum nisso. Além disso, Whist Orren, que mantém as estrelas nas suas rotas, por vezes revela a sua vontade através de portentos assim. Quem quer que olhe pode ver o que está escrito lá.

- Tem razão, Toli. Biorkis ainda é meu amigo. E até me agrada dar um passeio. Ande. - Com passos largos, Quentin atravessou o campo em direção ao caminho que levava ao templo, e que, pelo luar brilhante, parecia um fio de prata serpenteando pela encosta acima.

Chegaram ao caminho e iniciaram a subida em círculos. Enquanto subiam, Quentin contemplava a noite inundada pela luz da Lua. O vale brilhava frouxamente; os contornos das folhas das árvores e as ervas pareciam tecidos em prata. Ao longe, nos montes

distantes, as fogueiras dos pastores cintilavam como estrelas caídas na Terra.

Por fim, chegaram ao topo e entraram no grande pátio branco de pavimento de pedra, em cujo centro se erguia um pilar de pedra trabalhada com uma tocha em cima. A sua chama bruxuleante lançava um amplo círculo de luz em volta da base e refletia-se nas portas fechadas do templo.

- Agora vamos ver se peregrinos assim como nós são bem recebidos à noite - murmurou Quentin.

Atravessaram o pátio e subiram os muitos degraus que iam dar à entrada principal. Quando chegaram às portas enormes, Quentin tirou o punhal da bainha que tinha presa no cinto e bateu com o cabo nas sólidas traves.

Sabia que àquela hora deviam estar todos dormindo e que tinha que esperar que algum sacerdote acordasse. Enquanto esperava, sentiu-se invadido pela estranha sensação de que voltava sendo o magrinho acólito do templo de tantos anos atrás. Por um momento, viu a pedra escura do templo e o pátio banhado pelo luar com os olhos da sua mocidade

Tornou a bater e ouviu logo um arrastar de pés do outro lado.

- Vá embora, peregrino. Volte amanhã. Os sacerdotes estão dormindo - disse a voz abafada do outro lado.

- Há alguém que nos deixará entrar se lhe disser quem somos.

- Só o sumo sacerdote pode deixá-los entrar.

- Excelente! É ele que procuramos!

- Não, vão embora! Voltem amanhã. Não vou acordá-lo agora. - Ouviram os passos arrastados afastando-se do outro lado da porta.

- Bem, ele não quer nos facilitar nada - disse Quentin. - Mas há outra entrada na traseira do templo. Já que viemos aqui, vamos tentar.

Movimentando-se como sombras debaixo do alto pórtico do templo, chegaram ao lado virado para o sul, sobranceiro ao tranqüilo

vale. Enquanto andavam, o luar banhava-os com os seus raios oblíquos, que formavam tiras de luz e sombra por baixo das enormes caleiras.

- Ouça - disse Toli. - Vozes.

Quentin parou e pôs a cabeça de lado. O ar parado transportava as vozes que lhes chegavam de um ponto situado lá à frente, um pouco abaixo deles. O som era apenas um murmúrio surdo que mal se reconhecia.

Prosseguiram com mais cautela e as vozes ficaram mais distintas.

Dali a pouco, os viajantes estavam agachados atrás das imensas colunas do templo, observando um pequeno círculo de homens de vestes compridas inclinados sobre um objeto brilhante.

- Estão estudando as estrelas - comentou Quentin, muito excitado. - Olhe para aquele do meio. Parece que o conheço.

Com toda a ousadia, Quentin saiu da sombra da coluna e desceu alguns passos em direção ao grupo. Inspirando profundamente, disse em voz alta:

- Sacerdotes de Ariel, recebem dois peregrinos curiosos?

Os sobressaltados sacerdotes viraram-se rapidamente e observaram as figuras de dois jovens encaminhando-se para eles. O sacerdote que estava no meio dos outros deu um passo à frente e respondeu:

- Os peregrinos são sempre bem-vindos ao santuário de Ariel, mas a maioria prefere fazer as suas oferendas à luz do dia.

- Não viemos fazer oferendas nem perguntar nada ao deus Ariel, mas sim a um sacerdote.

- Os sacerdotes são apenas servos do seu deus; é ele que declara a sua vontade.

- Nós também não queremos o interesse do deus por qualquer coisa que nos possa ter acontecido - replicou Quentin, aproximando-se do sacerdote. Naquele momento, já conseguia ver completamente

o rosto do homem à luz do luar, e sabia que estava em frente do seu antigo protetor. - Queremos falar com você de homem para homem.

Quentin sorriu quando um leve clarão de reconhecimento iluminou a cara do sacerdote.

- O meu coração diz que deveria conhecê-lo, senhor – disse lentamente o sumo sacerdote. Os seus olhos de velho procuravam nas feições do jovem alguma pista que lhe indicasse quem era a pessoa com quem falava. - Mas não me vem aos lábios nenhum nome. Já nos conhecemos?

Quentin aproximou-se mais e pousou as mãos nos ombros arredondados do sacerdote.

- A vida de um sacerdote é assim tão ocupada que nem lhe dê tempo para recordações?

- As recordações não andam pelos pátios dos templos à noite nem se encontram cara a cara com aqueles que as têm.

- Então talvez se lembre disto. - Quentin meteu a mão na bolsa que trazia à cintura e tirou uma moeda de prata, que estendeu ao sacerdote.

- Esta moeda é do templo. Então deve ser...

- Você mesmo me deu essa moeda há muitos anos, Biorkis.

- Quentin? É o Quentin, o acólito? - perguntou precipitadamente o ancião.

- Sou. Voltei para te ver, meu velho amigo... foi sempre assim que te considerei.

- Mas como mudou e se fez homem! Vejo que está bem, o que o traz aqui hoje?

Os outros sacerdotes olhavam para esta reunião com um ar de interrogação, aproximando-se mais para verem quem seria aquele desconhecido.

- Podemos falar a sós? - indagou Quentin. - Tenho uma coisa para lhe perguntar.

Afastaram-se os dois, seguidos de perto por Toli. Os sacerdotes juntaram-se murmurando o seu espanto e falando entre eles.

- O seu nome se espalhou pela terra - disse Biorkis, enquanto se encaminhavam para um afloramento rochoso situado de um dos lados do planalto.

- Sim? Aqui também se ouvem esses contos?

- Ouvimos o que queremos ouvir. Os camponeses não se cansam de nos trazer informações. Algumas são úteis. Mas você é conhecido como o príncipe que salvou o Rei Dragão e derrotou o monstruoso feiticeiro Nimrood.

- Não fui eu que derrotei o Nimrood, e sim aqui Toli, meu servo e meu amigo.

Biorkis fez uma vênia para Toli e indicou que deviam sentar-se todos nas rochas.

- Também dizem que está construindo uma cidade nas Terras Selvagens, que se ergue por magia das pedras do chão.

- Mais uma vez, não se deve a mim. Dekra só é a minha cidade porque os gentis Curatak me deixaram participar no seu trabalho para lhe devolver a sua antiga glória.

- Quem o diz são as pessoas, não sou eu. Quanto a mim, suponho que a verdade destas histórias se encontra no coração como o caroço de um damasco. Mas, pelo menos, vou sabendo que o meu antigo acólito está bem e que é muito estimado pelos seus conterrâneos. Mas porque me procurou agora? Durante estes anos, as portas do templo não estiveram fechadas para você.

- Viemos saber a sua opinião sobre uma coisa que vimos. - Quentin virou-se para leste e apontou para lá do vale tranquilo e banhado pela lua. - Aquela estrela que nasce ali. A Estrela do Lobo. Não tem mudado ultimamente? Os sacerdotes detectam algum aumento do seu poder?

- Portanto, não renunciou completamente aos teus estudos. Continua a procurar sinais nos céus noturnos.

- Não, tenho de admitir que não estudo as estrelas. Foi Toli que me chamou a atenção para isto aqui há umas noites.

- O seu Toli tem razão. De fato, há muitos meses que seguimos esta estrela com interesse. Esta noite, como viu, estávamos mais uma vez examinando as cartas, procurando uma resposta para este mistério.

- Então não sabe o que pressagia este sinal?

- Alguma vez se sabe? - Biorkis riu. - Porque é que faz um ar tão chocado? Um sacerdote pode ter dúvidas- até o sumo sacerdote as pode ter. Mas temos as nossas teorias. Sim, muitas teorias.

- Foi isso que viemos ouvir: as suas teorias. O que acha que significa?

CAPÍTULO IV

Durwin percorria apressadamente os corredores escuros do castelo de Askelon, varrendo o chão com as suas compridas vestes castanhas. Tinha o caminho iluminado por tochas, cujas chamas bruxuleavam com a agitação do ar que Durwin provocava ao passar apressadamente por elas. À sua frente, via duas portas abertas para um pedaço do céu noturno, banhado pelos brilhantes raios da Lua.

Atravessando a soleira, entrou na varanda e parou. Ali, a alguns passos dele, encontrava-se a silhueta delgada de uma mulher, cujo cabelo escuro, perpassado de reflexos, caía em cascatas de anéis e caracóis, e cujo rosto erguido revelava a beleza do seu pescoço esbelto e bem modelado. Envergava um vestido branco e largo, preso na elegante cintura por uma comprida fita azul que quase tocava no chão.

- Sua Majestade - disse Durwin, anunciando-se suavemente. Estou aqui.

A mulher virou-se e sorriu.

- Meu bom Durwin, obrigado por ter vindo tão depressa.

- Bria... Pensei...

- Pensou que eu era a rainha, bem sei. Mas fui eu que pedi para você vir.

- Você se parece tanto com a sua mãe assim com a luz da Lua batendo em seu cabelo...

- Isso para mim é o melhor dos cumprimentos, bom antigo. Mas deve estar cansado da jornada. Não vou prendê-lo muito, mas tenho de falar com você. Sente-se, por favor.

Levantou o braço, indicando-lhe um banco de pedra ali perto. Durwin pegou-lhe na mão e caminhou com ela ao longo da varanda.

- Está uma noite linda, não está? - perguntou.

- Está... muito bonita. - A jovem falava como se só naquele momento tivesse descoberto que era de noite. O eremita percebeu que tinha qualquer coisa que a inquietava.

- Preferia não ter te incomodado, mas achei que ninguém podia ajudar-me melhor. Theido partiu e Ronsard foi com ele.

- Não faz mal, senhora. Fico muito contente por saber que este velho eremita ainda pode ser útil aos habitantes do castelo de Askelon. Se soubesse, tinha vindo mais cedo... o seu mensageiro ainda perdeu algum tempo à minha procura. Eu andava na floresta apanhando erva, para tratar a mulher doente de um camponês que mora ali perto.

- Eu sabia que viria logo que pudesse. Eu... - A princesa interrompeu-se, incapaz de dizer o que lhe ia pelo coração. Durwin ficou à espera e, depois, disse:

- O que se passa, Bria? Pode falar à vontade. Sou seu amigo.

- Oh, Durwin! - As mãos tremeram-lhe e deixou cair a cabeça. Enterrou o rosto nas mãos, e ele pensou que ia chorar. Mas ela inspirou profundamente e ergueu o rosto para a Lua, com os olhos enxutos. Nesse momento, a jovem lembrou-lhe mais do que nunca uma outra mulher que tinha uma imensa força interior em tempos de aflição: a rainha Alinea.

Por fim, Bria falou:

- É o rei. Oh, Durwin, estou muito preocupada. Nem parece o mesmo. Acho que está muito doente, mas não quer ser visto por nenhum dos seus médicos. Ri de mim sempre que lhe sugiro que cuide da sua saúde. A minha mãe também Venha preocupada, mas não pode fazer nada. E há outra coisa.

Durwin. ficou pacientemente à espera que ela continuasse.

- Não sei o que é... algum problema, em algum lugar - Virou-se e fitou o eremita com um sorriso que, embora lhe suavizasse a boca, não lhe iluminou o olhar, como normalmente acontecia. - Quentin vem aí.

- Eu sei. Daqui a umas semanas. Vamos todos celebrar juntos o Dia do Meio do Verão.

- Não, ele vem agora. O rei Eskevar mandou-o chamar. Mesmo sabendo que ele viria para o Dia do Meio do Verão, o meu pai mandou um mensageiro especial para ir buscá-lo. É por isso que sei que alguma coisa se passa.

- Pode ser que ele queira vê-lo mais cedo... por capricho.

Bria sorriu novamente.

- Muito obrigado pelas suas palavras, mas conhece o Rei Dragão tão bem como eu. Não faz nada por capricho. Tem qualquer razão para o querer aqui. Mas nem desconfio o que possa ser.

- Então, vamos esperar e logo veremos. Quando é que o Quentin chega?

- Se partiu logo que recebeu a mensagem, deve estar aqui depois de amanhã ou, no máximo, no dia seguinte.

- Isso quer dizer que a espera não será grande, vai ver. Entretanto, vou tentar descobrir o que aflige o rei tanto fisicamente como no espírito. Farei tudo o que puder ser feito. Não se preocupe mais, senhora.

- Obrigado, bom amigo. Não lhe diga que mandei chamá-lo.

- Se prefere que não, digo-lhes que me cansei dos livros e das mezinhas e que queria o calor do convívio com os meus amigos. Vim mais cedo para a celebração, pronto.

- Já me sinto melhor por saber que está aqui.

- Fico satisfeito com isso, mas tenho certeza de que preferia que um certo jovem estivesse no meu lugar.

Bria sorriu e, desta vez, os seus profundos olhos verdes cintilaram.

- Não posso negá-lo. Mas não me importo de esperar. De certo modo, é bom saber que ele vem mais cedo.

Falaram mais um pouco e, depois, levantaram-se e Bria desejou uma boa-noite a Durwin. Este acompanhou-a à porta que dava para dentro do castelo e virou-se para vaguear sozinho pela varanda.

Apoiando os braços no parapeito, inclinou-se para ver os jardins e descortinou uma figura solitária passeando entre os canteiros de rosas cor de rubi, que o luar tomava azuis. Não sabia quem poderia ser, mas a julgar pela maneira como vagueava, era óbvio que o caminhante se deixara apanhar pela melancolia. inclinava-se para a frente e cruzava os braços, parava e recomeçava a andar.

Durwin continuou a olhar, até que a figura pareceu pressentir que estava sendo observada: parou, endireitou-se e virou-se rapidamente para a varanda. Durwin afastou-se, não sem antes ver o que já tinha adivinhado. No momento em que o rosto se voltara, o luar iluminara-o e Durwin certificara-se de que pertencia a Eskevar, o Rei Dragão.

A barba branca, comprida e entrançada de Biorkis, símbolo da sua ocupação, luzia ao luar como uma brilhante cascata gelada. O seu rosto enrugado, ainda redondo e rechonchudo como sempre, parecia uma lua mais pequena que refletia a sua luz para um progenitor maior. Biorkis contemplou o céu

durante muito tempo. Por fim, disse:

- Pode ou não ser qualquer coisa. Os céus estão cheios de sinais e portentos, e nem todos têm a ver com os homens.

- Se pensasse isso ia estudar as estrelas à noite?

- Não, provavelmente não. Mas este fenómeno é muito estranho. É um sinal que só se vê uma vez na vida.. ou que talvez nunca se veja. Para além de qualquer significado que o seu estudo possa vir a revelar, é sempre útil registrar o que se passa.

- Não está querendo responder-me, Biorkis. Porquê? Claro que todos podemos ver a estrela e pensar o que quisermos.

Uma expressão de grande fadiga apareceu no rosto do sumo sacerdote, que se virou para fitar Quentin:

- Tanto quanto sei, esta estrela é um sinal do mal.

Falara com simplicidade e suavidade, mas as suas palavras gelaram o sangue de Quentin, a quem pareceu que o ar arrefecera subitamente. Quentin tentou aligeirar o comentário de Biorkis:

- Os presságios são sempre bons ou maus, conforme quem os lê.

- Pois, mas quanto maior for o sinal maiores serão as suas conseqüências. E este sinal é muito grande... imenso.

Quentin ergueu os olhos para leste e mirou a estrela atentamente. Era verdade que estava brilhante, mas havia outras estrelas que brilhavam quase tanto como ela. Voltou a fitar Biorkis; com uma interrogação no olhar.

- Só ainda agora começou a mostrar-se - disse o sumo sacerdote, respondendo àquele olhar. - Fica mais brilhante a cada noite que passa, assim como o mal que pressagia.

- Sabe qual é a natureza desse mal?

- O mal é o mal. Que interessa? De qualquer modo, o sofrimento vai ser grande. Inundações, fome, peste, guerra... é tudo o mesmo: destruição.

- Diz bem. É verdade. Mas, se souberem de onde virá, os homens podem fazer muito para enfrentarem esse mal.

- Aí entram as nossas teorias. Alguns dizem que a estrela vai crescer até encher o céu, tapando o Sol, a Lua e as estrelas. Depois, toca na Terra e semeia a insanidade, antes de consumir tudo pelo fogo.

"Outros dizem que cada nação tem uma estrela e que esta Estrela do Lobo representa uma nação feroz e brutal que se ergue contra outras nações e tenta eliminá-las com o seu poder."

"Outros ainda consideram isto o princípio do fim da humanidade na Terra. Esta estrela é o símbolo de Nin, o deus destruidor, que faz descer os seus exércitos para lutarem contra as nações da Terra."

- E você, Biorkis, que diz?

- Acredito que todos têm razão. A verdade há de ser composta por parte de cada uma destas suspeitas.

- E quando é que essa verdade se tornará evidente?

- Quem sabe? Muito do que é pressagiado nunca chega a acontecer. As nossas melhores adivinhações não passam de resmunguices de cegos. - Biorkis virou a cara. - Nada é certo - rematou baixinho. Nada é certo.

Levantando-se, Quentin encaminhou-se para o ancião e pousou-lhe uma mão no ombro.

- Ande conosco. Já viveu o suficiente para ver os deuses como eles são. Deixe-nos mostrar-lhe um deus digno da sua devoção, o Altíssimo, Senhor de Tudo. Nele encontrará a paz que procura. Uma vez, disse-me que buscava uma luz mais brilhante.

Biorkis fitou o com um ar cansado.

- Ainda se lembra disso?

- Disso e de mais. Lembro-me que era o único amigo que eu tinha no templo. Ande conosco e deixe-nos mostrar-lhe a luz que procura há tanto tempo. Biorkis suspirou, e foi como se toda a terra gemesse de uma imensa exaustão.

- Estou velho... velho demais para mudar. Sim, estes olhos procuraram a verdade que lhes foi negada. Sei que é em vão que sirvo deuses menores, mas sou o sumo sacerdote. Não posso ir com vocês. Houve, talvez, um momento em que pude afastar-me, como Durwin e como você... mas já passou. Agora é muito tarde.

Quentin olhou tristemente para o seu velho amigo.

- Tenho pena.

Toli levantou-se e afastou-se. Quentin virou-se e olhou para trás, na direção de Biorkis, que permanecia empoleirado numa rocha,

contemplando o tranqüilo vale.

- Não é tarde demais. Basta procurar e logo o encontrará. A decisão é sua.

Sem uma palavra, Quentin e Toli desceram lado a lado o trilho sinuoso. Quando chegaram ao campo e à fogueira, cujas brasas luziam frouxamente, Quentin perguntou:

- Sabia que a estrela era um sinal do mal, não sabia?

- Sabia. Sempre pensei isso.

- Mas sugeriu que fôssemos ao templo. Porquê?

- Quis ouvir a opinião de outros sábios. Apesar de todas as incertezas espirituais, os sacerdotes não deixam de ser homens de grande sabedoria.

- E o Biorkís confirmou os seus piores receios?

- Biorkís falou do que pode acontecer, não o que vai acontecer. Isso só o Deus Altíssimo, sabe. A sua mão está sempre estendida para os que o servem.

- Então, se as especulações do Biorkis; estiverem certas, vamos precisar dessa mão forte muito em breve.

CAPÍTULO V

- A Terra move-se por meio de estádios, épocas. As lendas antigas falam de estágios anteriores da Terra... de quatro, pelo menos. Vivemos na quinta idade do homem. Cada idade faz o seu percurso e, depois, dá lugar a outra idade. - Durwin pousou as mãos na mesa. Quentin, com o queixo apoiado nas mãos, fitava o santo eremita com uma atenção extasiada.

Encontravam-se nos aposentos de Durwin. À sua volta, as velas bruxuleavam e enchiam o quarto de um brilho enevoado e amarelo.

- Estas idades podem durar mil ou dez mil anos. Claro que ninguém pode saber a sua duração, mas os antigos acreditavam que o mundo é lançado num grande turbilhão antes do fim de cada idade. Iniciam-se grandes migrações de pessoas, nações em guerra levantam-se contra nações, os céus estão cheios de sinais e de portentos. Depois, vem o dilúvio: a Terra inteira é inundada ou coberta de gelo. Então, o fogo incendeia a Terra e apaga todos os sinais da idade anterior. É um tempo de caos e trevas, grandes cataclismos e morte. Mas de tudo isto surge uma nova idade, melhor e superior à anterior.

Enquanto Durwin falava, Quentin sentiu-se invadido por uma fantasmagórica sensação de fascínio. Tentando libertar-se dela, indagou:

- Mas a Terra tem de ser completamente destruída para nascer uma nova idade?

Durwin meditou na pergunta, mas, antes de abrir a boca para falar, Toli respondeu:

- Entre o meu povo, existem muitas histórias dos tempos anteriores a este. Diz-se que os Jher surgiram na terceira idade, quando o mundo era ainda muito jovem e os homens falavam com os animais e viviam em paz uns com os outros.

"São lendas muito antigas, cuja origem é anterior ao mais velho dos nossos contadores de histórias. Mas diz-se que a destruição do mundo pode ser evitada por um grande feito, embora não se saiba qual.

"Conta-se que Tilgal, o filho do Fazedor de Estrelas, salvou o mundo na segunda idade, amarrando os seus cavalos à quadriga do pai e levando Morhesh, o Grande Senhor do Mal, depois de tê-lo ferido com um punhal feito de um único raio de luz. Como o atirou para o Poço da Noite, a estrela de Morhesh extinguiu-se e a Terra não ardeu.

Durwin assentiu prontamente:

- É verdade! Como eu ia a dizer, crê-se que nem todas as idades têm de acabar em calamidade. A destruição pode ser minimizada completamente evitada... em geral, Por um ato de heroísmo, um sacrifício supremo ou o aparecimento de um líder poderoso, que conduz a humanidade para a nova idade.

- Acredita nisso? - Perguntou Quentin.

- Acredito que o que aconteceu no passado aconteceu mesmo, que o testemunharam explicaram-no o melhor que podiam, com as palavras e as idéias de que dispunham. Claro que há muito por esclarecer, mas é estranho que todas as raças tenham memórias de tipo no seu passado.

Inclinando-se para a frente, Quentin pousou os cotovelos na mesa e enclavinhou os dedos das mãos uns nos outros.

- Quer dizer, acredita que a estrela que vemos no céu é um indício do fim desta idade?

Durwin esticou o queixo e coçou-o. Lançando a Quentin uma rápida mirada com os seus olhos pretos, sorriu subitamente.

- Sim, acredito que se aproxima uma nova idade como o mundo jamais conheceu. Um tempo de grandes convulsões e mudanças. E eu não acredito que haja mudanças sem lutas e sofrimento. É assim!

- Isso tudo parece-me muito sinistro - admitiu Quentin.

- Não deve pensar na dor - retorquiu Toli. - Pense antes na maior glória da nova idade.

Toli e Quentin haviam cavalgado de Narramoor até à cabana de Durwin, na floresta de Pelgrin. Como tinham ido depressa, haviam chegado ao fim da tarde, na altura em que o Sol se escondia por trás das copas das árvores.

- Durwin não está em casa - disse Toli ao aproximarem-se da cabana. Depois de terem olhado em volta, Quentin entrara lá dentro e voltara sem pistas que lhes indicassem onde estaria o eremita.

- Pode ter saído por pouco tempo, Talvez para tratar alguém aqui perto. Talvez volte ao cair da noite, mas não me parece. Tem o saco de remédios lá dentro, mas a capa e a bolsa não.

Por isso, tinham decidido cavalgar durante a noite, e haviam chegado às imponentes portas de Askelon quando a Lua desaparecia a oeste. Não querendo perturbar os criados nem acordar o rei e a rainha, tinham-se dirigido para os aposentos reservados a Durwin sempre que este se encontrava no castelo. Aí, para sua surpresa e satisfação, tinham encontrado o eremita afundado na sua cadeira, com um pergaminho enrolado no regaço. Dormia tão profundamente que até ressonava.

Depois de terem entrado, e apesar das tentativas para não fazerem barulho, Durwin despertara e saudara-os calorosamente:

- Cavalgaram toda a noite! Devem estar com fome. Vou buscar na cozinha alguma coisa para comerem.

Saíra depressa, com uma vela na mão, enquanto Quentin e Toli tiravam as capas e mergulhavam as mãos na água da bacia, tentando lavar a fadiga. Exaustos, tinham-se então acomodado numas

cadeiras e passado pelo sono até que Durwin voltara com pão, queijo e fruta que roubara da despensa.

- Pronto, sentem-se a esta mesa e comam enquanto eu conto o que tenho feito desde a última vez que nos encontramos. - Durwin falara-lhes dos seus estudos e do seu trabalho de curandeiro entre os camponeses e Quentin informara-o da audiência com Biorkis e da sua discussão sobre a estrela que brilhava mais de noite para noite.

Tinham falado muito e até tarde. Por fim, haviam-se levantado da mesa e acomodado nas cadeiras pardormindo. Nesse preciso momento, ouvira-se alguém bater muito levemente à porta de Durwin.

- Durwin, parece-me que tem visitas. Costuma receber assim tão tarde? - indagara Quentin.

- Como muito bem sabe, nem sequer uma pessoa eu esperava nos meus aposentos esta noite e, afinal, encontro duas. Por isso, a partir de agora, tudo é possível. Abra a porta e deixe-os entrar, por favor.

Quentin encaminhara-se para a porta e abri-a, sem estar preparado para ser saudado como fora.

- Quentin, meu amor! Está aqui! - Quentin abria instantaneamente os braços para erguer uma jovem de vestido comprido branco de lã, e enterrara o rosto no seu cabelo.

- Bria! Até agora, nem sabia como tinha saudades suas!

Os dois apaixonados tinham-se apertado num longo abraço e haviam-se afastado subitamente ao terem-se lembrado de que não estavam sós. Quentin voltara a pousar a sua dama no chão e arrastara-a, para dentro do quarto. Durwin e Toli olhavam-nos e sorriam.

- O que a traz tão tarde aos aposentos deu eremita? - perguntara Quentin em tom de brincadeira.

- Estava passando lá fora e ouvi vozes. Pareceu-me que uma delas era sua, meu amor.

- Ah! Os teus lábios dão a resposta que os meus ouvidos querem ouvir. Mas olha, tenho muito para te contar. Aconteceu muita coisa desde a última vez que estive com você.

- Mas não será aqui! - replicara Durwin. - Daqui a pouco, neste quarto só vai ouvir-se o ressonar dos que querem dormir! Meus pombinhos, vão arrulhar para outro lado! - Sorrira alegremente e enxotara-os para fora da porta.

Quentin e Bria tinham percorrido de mãos dadas o corredor mergulhado na escuridão e haviam saído para a mesma varanda onde a princesa e Durwin tinham estado apenas uma noite antes.

Ao abrir a porta da varanda, Quentin dera com a luz fraca de um céu incandescente. A leste, os dedos carmesim da madrugada erguiam-se para o céu, mas, como o Sol se demorava atrás da linha do horizonte, ainda se viam uma ou duas estrelas.

- Tive saudades suas, meu querido - suspirara Bria. - O meu coração tem chorado a sua ausência.

- Agora estou aqui com você. É quando estou a seu lado que me sinto mais feliz.

- Mas vai partir outra vez temo que bem depressa. O meu pai tem uma tarefa para você, e ficaremos novamente separados.

- Sabe o que é?

Bria abanara a cabeça.

- Então como sabe que vou partir tão de repente?

- Uma mulher sabe

- Nesse caso, teremos de tornar ainda mais doce cada momento que passemos juntos. - Dizendo isto, Quentin puxara-a suavemente e beijara-a. Ela rodeara-o com os braços e pousara a cabeça no seu peito.

Quentin contemplava o plácido céu vermelho-róseo, que se iluminava e adquiria um tom dourado. A sutil alquimia da madrugada parecia ter transformado por magia as pedras das

imponentes muralhas do castelo de Askelon, que luziam como ouro polido.

- Quentin... - começara Bria, num tom de voz fraco e assustado.

- Que se passa?

- Tenho medo, mas não sei de quê. O rei guarda os seus pensamentos para si próprio e não quer ver ninguém. E quando quero saber dos assuntos do reino, sorri, dá-me palmadinhas na mão e diz-me que uma princesa só deve pensar em coisas felizes e não se preocupar com questões mundanas. Ando inquieta por causa dele. Oh, Quentin, quando o vir, vai perceber o que quero dizer. Ele não está bem. Venha pálido e abatido. Tem qualquer preocupação a afligi-lo. Nem eu nem a minha mãe sabemos o que havemos de fazer.

- Acalma-se, Bria, meu amor. Se eu puder fazer alguma coisa para o aliviar, garanto-te que não me pouparei a esforços. E se os remédios puderem curá-lo, Durwin tratará disso.

"No entanto, devo confessar que também ando inquieto, mas não é por nada que se explique assim tão facilmente. Quem me dera que fosse! Dava uma fortuna a quem acalmasse o turbilhão que sinto crescer em mim. Vêm aí problemas, Bria. Sinto-o, embora tudo à minha volta me pareça sereno e em paz. Assusto-me com as sombras e a noite não me traz descanso; é como se o próprio vento me sussurrasse palavras de alarme aos ouvidos, mas não ouço nenhum som."

Bria suspirara profundamente e apertara-o com mais força.

- O que se passa? O que é que vai ser de nós, meu querido?

- Não sei. Mas garanto-lhe uma coisa: hei de amá-la para sempre.

Tinham-se mantido abraçados durante algum tempo, enquanto o Sol nascia e enchia o céu com a sua luz dourada.

- Olha como o Sol expulsa as trevas. Tal como ele, também o amor há de afastar de nós todos estes problemas, garanto-lhe.

- Acha que o amor consegue tanto? - perguntara Bria sonhadoramente.

- Consegue tudo.

CAPÍTULO VI

- Meu bom Theido, acho que devemos regressar. Já viemos longe demais e é hora de voltarmos a Askelon. Daqui a pouco o rei vai pensar que desaparecemos, se é que isso não aconteceu já.

- Mas ainda não vimos o que viemos ver: o inimigo, se de fato existe algum. Se voltássemos agora, estaríamos sendo descuidados. A nossa tarefa não está completa.

Ronsard estava inclinado na sela, com uma mão pousada na maçaneta e a outra atrás, massageando o fundo das costas.

- Se não desmonto depressa de meu cavalo, posso nunca mais voltar a andar.

- Desde quando gosta de andar? O comandante-chefe do Reino devia dar melhor exemplo aos seus homens - gracejou Theido, voltando-se na sela para lançar um olhar aos quatro cavaleiros que os seguiam.

- Os meus homens conhecem-se bem - retorquiu Ronsard. Mas não estou brincando quando digo que devemos voltar imediatamente. Não é de animo leve que se faz esperar um rei.

- Nem é próprio levar-lhe informações inúteis. Os seus propósitos seriam tão frustrados de uma maneira como da outra. - Theido virou o cavalo e aproximou-se de Ronsard. - Mas eu lhe digo o que vamos fazer, para não ouvir mais as suas queixas: mandamos um cavaleiro para trás encarregado de comunicar o que descobrimos até agora e de informar da nossa intenção de continuarmos até estarmos satisfeitos.

- Muito bem. Manda também dizer que regressaremos o mais cedo e o mais rapidamente possível, com um relatório completo.

- De acordo. - Theido virou o rosto queimado pelo sol na direção onde os cavaleiros esperavam, descansando as suas montarias, antes de prosseguirem a jornada. - Martran! Venha cá! - chamou.

O cavaleiro aproximou-se dos seus chefes a pé e saudou-os.

- Martran, vá imediatamente ter com o rei e transmita-lhe esta mensagem: continuamos a nossa missão e lamentamos o atraso. Diga-lhe também que regressaremos logo que tivermos obtido aquilo que procuramos ou que pudermos ter respostas satisfatórias para lhe dar. Compreende?

- Sim, meu senhor - replicou vivamente o cavaleiro.

- Repita a mensagem - ordenou Ronsard.

O cavaleiro repetiu a mensagem palavra por palavra, dando à mesma a inflexão de Ronsard.

- Muito bem - aprovou Ronsard. - Ponha-se a caminho. Não pare por nada nem por ninguém.

O cavaleiro tornou a saudá-los, regressou para junto do cavalo, montou e partiu imediatamente, sem olhar para trás.

- Agora - disse Theido, abanando as rédeas impacientemente - vamos em frente.

Ronsard ergueu-se na sela e gritou para os outros cavaleiros:

- Montem! A caminho!

Desde que tinham partido de Askelon que cavalgavam para sul, primeiro na direção de Hinsensby e, depois, ao longo da costa, que se inclinava para a região de Suth de Mensandor.

No caminho, haviam passado por Persch e por um grupo de aldeias cujos nomes não apareciam mencionados em nenhum mapa. Naquele momento, aproximavam-se de uma faixa rochosa da costa, cujos íngremes penhascos se erguiam à beira-mar. Era a extremidade sul dos montes Fiskills. Os despenhadeiros desciam para o mar e a terra abatia, como se tivesse sido dividida pelo golpe de um

machado. O mar estava juncado de imensas rochas denteadas, algumas delas do tamanho de ilhas, mas que, apesar das suas dimensões, se projetavam nuas e sem vida acima das ondas, servindo apenas de poleiro para milhares de aves marinhas, que enchiam o ar com os seus gritos.

Um trilho estreito e traiçoeiro subia através dos penhascos e retorcia-se entre os picos rochosos. Ora passava por um desfiladeiro tão estreito que um homem de braços estendidos podia tocar em ambas as paredes de rocha, ora ia dar a um penhasco nu, onde um único passo em falso faria cavalo e cavaleiro caírem às cambalhotas na espuma do mar enraivecido. Pararam.

- Acho que o melhor é passarmos a noite aqui. Não confio naquele trilho à noite; já é suficientemente ruim à luz do dia.

- Está bem - concordou Ronsard. - Parece-me que também prefiro percorrê-lo logo de manhã.

Afastando-se um pouco do trilho, começaram a levantar o acampamento para passarem a noite. O sol deslizava por trás do horizonte escuro do mar e os pássaros esvoaçavam para os seus poleiros rochosos, fazendo o crepúsculo estremecer com os seus gritos barulhentos.

Dali a momentos, a Lua elevou-se no céu, banhando a paisagem com a sua luz pálida. Os homens, cansados, cochilavam e conversavam em voz abafada.

- Ouça! - exclamou Ronsard abruptamente. Fez-se silêncio, e todos se puseram a escutar a doce brisa do mar. O único som que lhes chegou aos ouvidos foi o longínquo enrolar das ondas batendo contra as rochas e lambendo os penhascos.

Theido lançou um olhar de interrogação ao seu velho amigo.

- Oh, Talvez não foi nada - disse Ronsard, que, no entanto, continuava a perscrutar a noite atentamente, como se esperasse que o som se repetisse.

Dali a pouco levantou-se e, com um ar inquieto, pôs-se a percorrer o acampamento, do lado de fora do círculo de luz projetado pela fogueira. Depois, deu uns passos ao longo do caminho e ficou muito tempo olhando para o trilho entre os penhascos. Theido, que o observava intensamente, não ficou surpreso quando viu o musculoso cavaleiro regressar correndo.

- O que se passa?

- Vem aí alguém! Ali em cima, nos penhascos tenho certeza!

Num sussurro áspero, ordenou aos seus cavaleiros:

- Apaguem a fogueira e levem os cavalos para mais longe. Escondam-se e fiquem à espera de um sinal meu!

O pequeno acampamento ficou deserto num abrir e fechar de olhos. Nenhum sinal indicava que, apenas uns momentos atrás, tinham estado ali cinco cavaleiros.

Ronsard e Theido sentaram-se à espera, no escuro, ao lado do caminho, escondidos atrás de um maciço baixo de filitos. Em pouco tempo, começaram a ouvir os sons fracos de um grupo de pessoas correndo, tentando desesperadamente passar sem serem vistas: o matraquear de uma pedra deslocada por descuido, o chiar abafado de uma roda, um ataque de tosse.

Depois, à medida que se aproximavam, as sombras escuras começaram a distinguir-se, recortando-se no céu noturno.

Vinham a pé, e havia sombras mais pequenas entre as maiores. Mais do que caminhando em fila ao longo do trilho, apinhavam-se umas contra as outras, formando como que um nó apertado.

Era evidente que temiam mais a separação do que a detecção.

- Não é nenhum exército - murmurou Ronsard entre dentes. Respirando devagar, acrescentou: - Mas agora temos de descobrir quem são e porque se arriscaram a passar os penhascos à noite... exatamente o que nós evitamos fazer.

- Nós tínhamos alternativa, e Talvez eles não - replicou Theido.

Ronsard endireitou-se e avançou para perto do trilho, parando em frente do caminho do cabeça dos viajantes noturnos. Quando o homem se aproximou, Ronsard disse em voz alta e firme:

- Pare, amigo! Em nome do Rei Dragão!

Ouviu-se um guincho e uma praga abafada, vindos do meio do grupo. Mas o homem parou imediatamente e olhou em volta, procurando a origem daquela ordem inesperada. Ronsard deu uns passos em frente e o luar bateu-lhe em cheio no rosto.

Sorrindo, levantou os braços, mostrando aos assustados viajantes que não queria fazer-lhes mal.

- O q... que é que q... quer? - conseguiu gaguejar o homem que vinha à frente.

- Só quero falar com vocês. Não vou dete-los por muito tempo. - Ronsard continuava falando na mesma voz firme e num tom suficientemente alto para todos ouvirem.

- Quem é você?

- Sou o comandante-chefe de Mensandor - respondeu Ronsard.

- Quem são vocês e para onde correm à luz da Lua?

- Senhor! - arquejou o homem com alívio. - Não está brincando? É mesmo um homem do rei?

- Às suas ordens! Que se passa?

A estas palavras, as pessoas do grupo avançaram precipitadamente e rodearam Ronsard, como se procurassem a proteção do seu título, de que era como um escudo sobre as suas cabeças. Todas as pessoas começaram falando em voz alta.

Theido saiu para fora do seu esconderijo e foi pôr-se ao lado de Ronsard, que levantou as mãos e pediu silêncio.

- Parece-me que é melhor ouvir a história de uma boca de cada vez. Você é o chefe do grupo. - Apontou para o homem com quem tinha falado primeiro. - Começo você.

Ao luar, o rosto do homem apresentava-se pálido, mas Theido ficou com a impressão de que também estaria pálido à luz do dia.

Nas suas feições desenhavam-se profundos sulcos de medo. Os seus olhos não paravam quietos: varriam tudo da direita para a esquerda, como se tentassem detectar a iminente aproximação do inimigo.

- Eu... nós... - A boca do homem abria e fechava-se constantemente, mas as palavras custavam a sair.

- Está tudo bem. Por enquanto, está a salvo. Tenho soldados comigo, que nos defenderão se for preciso. - Ronsard levantou o braço e os seus cavaleiros avançaram e postaram-se ao longo do trilho, com as mãos pousadas nos punhos das compridas espadas. A sua presença pareceu assustar mais o homem do que acalmá-lo.

- Vá, pode falar à vontade - incitou Theido em tom bondoso.

- Somos de Dom - conseguiu finalmente o homem guinchar. - Deixamos as nossas casas e trouxemos todos os nossos haveres. Vamos para o Grande Templo. - Calou-se, engoliu em seco e rematou: - Não sabemos para onde mais havemos de ir.

- É uma peregrinação muito estranha, meu amigo - observou Ronsard. - Porque deixaram as suas casas e fogem assim à noite?

- Não sabem? Eles vêm aí uma hoste terrível. Aterraram Halidom e vêm aí. Corremos para salvar a vida, para que Ariel nos proteja. Só o deus nos pode salvar.

- Quem é que vem aí? Viu alguém?

O homem olhou para Ronsard com os olhos muito abertos, como se não acreditasse no que ouvia.

- Sério que não sabe? Como é possível? A terra inteira está revirada! Corremos para salvar a vida!

As pessoas começaram novamente falando em voz alta, dizendo o que lhes ia pela alma e implorando aos homens do rei que as ajudassem a fugir. Ronsard e Theido ouviram tudo e afastaram-se para conferenciar.

- Houve qualquer coisa que os assustou muito, isso é óbvio. Mas o quê, é um mistério. Não percebo nada. - Ronsard coçou o queixo.

Theido chamou o cabeça, que se aproximou.

- Bom amigo, viu alguém? Viu o inimigo de quem foge? Sabe de onde vem?

O homem hesitou.

- Bem... não vimos ninguém. Mas não nos atrevemos a esperar. Há dois dias, apareceram em Dom homens de Halidom, nas terra do Suth, e contaram-nos as coisas terríveis que aconteceram lá. Surgiu um inimigo poderoso, que leva tudo à frente. A cidade deles foi incendiada e nas ruas corria o sangue das crianças e das mulheres. Os que conseguiram ficar vivos fugiram para as montanhas. Por isso corremos enquanto ainda podemos.

- Mas esse inimigo... tem nome?

- É terrível demais para dizer! - O homem ergueu as mãos para o céu, numa súplica.

- Pode ser terrível, mas queremos ouvi-lo. Diga-nos o que sabe ordenou Ronsard. O seu tom autoritário pareceu acalmar o assustado camponês, que olhou de um para o outro e disse, num murmúrio tenso:

- É Nin, o Destruidor!

CAPÍTULO VII

Theido olhou inexpressivamente para Ronsard e depois voltou a fitar o apavorado camponês. Os olhos do homem, muito abertos e redondos, cintilavam ao luar. Mal pronunciara o nome do inimigo, a língua gelara-se na boca. Mas por muito terrível que o nome fosse para o camponês, pelo menos o suficiente para pôr uma aldeia inteira em fuga, não significava nada nem para Theido nem para Ronsard.

- Nunca ouvi esse nome - disse Theido. Ronsard abanou a cabeça e olhou fixamente para o camponês.

- Esse inimigo é conhecido por algum outro nome? Não conhecemos nenhum Nin nem os seus exércitos.

- Não... que eu saiba não.

- Halidom foi destruída? Os homens que chegaram a Dom viram-na destruída?

- Foi o que disseram. Alguns tinham perdido tudo: casa, família e haveres... Tudo.

Theido virou-se para Ronsard:

- Já sabemos onde encontrar a nossa resposta: em Halidom.

- É o que parece. Vamos lá ver o que puder ser visto. De qualquer forma, o rei há de querer saber o que se passou. - Voltando-se novamente para o cabeça do grupo em fuga, perguntou: - Diz que esse Nin de que fala estava dirigindo-se para Dom? Como sabe se não o viu?

- Foram os homens de Halidom. que nos disseram. O inimigo vai varrer toda a região. Não há lugar que esteja a salvo. É por isso que

vamos ao Grande Templo de Narramoor pedir ao deus para nos proteger.

- Há um lugar talvez ainda mais seguro do que o templo - disse Theido. - Em Erlott, tenho terras que precisam do trabalho de muitos braços. Vai lá e apresente-se ao meu mordomo, que se chama Toffili. Diga-lhe que o seu amo ordena que lhes dê abrigo, comida e terra para trabalhar. E de-lhe isto. - Theido tirou um pequeno objeto redondo da bolsa que tinha no cinto: um quadrado de barro cozido com o seu sinete estampado.

O camponês fitou o sinete e, depois, Theido. Parecia tão receoso dele como do próprio Nin.

- Vamos ser vendidos como escravos só porque não temos para onde ir? Deixamos as nossas casas para sermos escravos dos homens do rei? - Como falara em voz alta, ouviu-se um murmúrio vindo do resto do grupo, que estava um pouco afastado.

- A minha oferta é honrosa - explicou Theido. - Pode aceitar ou não. Não a retiro. Não tenho escravos; todos os que trabalham as minhas terras são livres e têm direito ao fruto do seu trabalho em partes iguais. Se duvida das minhas palavras, vá ver com os seus próprios olhos. De qualquer forma, depois de ter visto, são livres para partir ou para ficar. Ninguém os obriga a nada.

- Saiba apenas isto: se ficar, terá de fazer a sua parte e trabalhar a terra que lhes for dada. Senão, o seu lugar será dado a outros que o façam.

O homem olhou para o quadrado de barro que Theido tinha na mão. Lançando um olhar de lado para o resto do grupo, estendeu a mão hesitantemente:

- Também somos honrados, embora de baixo nascimento. Arrebatou o quadrado da mão de Theido. - iremos às suas terras de Erlott falar com o seu mordomo; veremos como nos recebe. Se mostrar a boa vontade do seu amo, nos encontrará trabalhando nos seus campos quando voltar dos seus deveres. - Inclinando-se

rigidamente pela cintura, virou-se para partir. Mas parou e virou-se outra vez: - Se for como diz, estamos muito gratos, senhor.

- Não quero agradecimentos, mas apenas que cumpra o acordado. Para mim, isso significa mais do que a gratidão.

O homem fez outra vênia e se encaminhou para o local onde o seu grupo o esperava, para saber o resultado da entrevista.

Trocaram-se rapidamente algumas palavras, ouviram-se murmúrios abafados e, de repente, as pessoas puseram-se novamente a caminho, mas, desta vez, de um modo mais ousado e com outra disposição de espírito. Ao passarem por Theido, vários refugiados acenaram-lhe em sinal de agradecimento e, enquanto desciam apressadamente o trilho, todos falavam ao mesmo tempo.

- Bem, esta noite, prestou-lhes um bom serviço. Espero que nunca venha a ter razões para se arrependeres da sua bondade - disse Ronsard depois do grupo ter partido.

- Nunca ninguém se arrepende por ser bom, meu amigo. Mas não duvido de que ganhei tanto como eles.

- Como é isso?

- A boa terra precisa ser trabalhada e cuidada pelo lavrador. Se eu não tivesse homens para me trabalharem os campos, eles depressa se tornariam estéreis e improdutivos. Estes homens prestam-me um grande serviço ao ajudarem-me a tratar das minhas terras, que, se forem bem cuidadas, produzirão mais do que o suficiente para todas as pessoas.

- Bem, espero que a sua confiança neles seja recompensada. Mas porque não? O reino tem estado em paz durante estes anos todos e, por enquanto, ainda continua assim.

- Será? - indagou Theido. - Será?

Quentin percorria apressadamente os largos corredores forrados de tapeçarias que iam dar nos aposentos do Rei Dragão. Quando acordara, fora convocado para a câmara privada do rei, e vestira

roupa lavada: túnica, calças novas verde-floresta e uma capa curta de Verão, azul, debruada a verde e dourado. A capa, finamente bordada, apertada no ombro com um alfinete de ouro, esvoaçava atrás de si.

Exatamente no momento em que parou à porta que se abria para os aposentos de Eskevar, esta girou para dentro, fazendo aparecer Oswald, o camareiro da rainha:

- Senhor, Venha comigo. A minha senhora quer falar.

Oswald pronunciou estas palavras sorrindo, mas a insistência perpassava os seus olhos cinzentos. Por isso, Quentin assentiu com a cabeça e seguiu o camareiro até um quarto que ficava do outro lado do corredor, em frente dos aposentos do rei. Oswald bateu à porta e entrou.

- Sua Majestade, Quentin está aqui.

Quentin entrou no quarto atrás do camareiro e viu a rainha Alinea sentada num banco colocado no meio do quarto, com as mãos dobradas no regaço. Tinha os olhos postos no chão, mas parecia longe dali. Rugas de preocupação sulcavam-lhe a nobre fronte. Depois de ele ter entrado, a rainha endireitou-se, e um lindo sorriso transformou o seu rosto. O quarto sombrio pareceu encher-se de luz. Ela levantou-se e estendeu os braços para saudá-lo. Quentin abraçou-a e roçou os lábios pelas faces pálidas e ela deu-lhe dois beijos.

- Quentin, você veio! Sinto-me tão contente por você estar aqui! Espero que a viagem não tenha sido muito desagradável. É bom tê-lo aqui de novo. Os meses passam mais devagar quando não está aqui. - Pegando-lhe na mão com as suas, indicou-lhe o banco. - Por favor, sente-se um pouquinho comigo. - Reparando no olhar de Quentin, acrescentou: - Eu sei que o rei está à espera, mas é importante. Quero da uma palavrinha antes de ir à sua presença.

Os seus cintilantes olhos verdes, profundos e serenos, semelhantes a lagos da floresta, procuraram os dele por um instante,

como se ela quisesse decidir se Quentin seria suficientemente forte para ouvir o que tinha a dizer.

- Quentin - começou docemente -, o rei está muito doente.

- Foi o que a Bria me disse. - Corou. - Encontrámo-nos hoje de manhã quando cheguei. Contou-me que andava muito preocupada com a saúde dele.

- Mas nem Bria desconfia a que ponto ele caiu. Ela adora o pai de todo o coração, mas não o conhece tão bem como eu. Há qualquer coisa que Venha consumindo-o, que o rói por dentro, roubando-lhe a força e enfraquecendo-lhe o espírito.

Em resposta ao olhar de Quentin, continuou:

- Não se admire com o que digo: em breve verá com os seus próprios olhos. Ele mudou muito desde a última vez que o viu. Tenho de me esforçar muito para não chorar na sua presença. - Naquele momento, parecia estar à beira das lágrimas.

- Minha rainha, sou seu seu criado. Ordene e eu obedecerei.

- Só quero que, quando o vir, faça de conta que está tudo bem. Age normalmente. Não o deixe perceber que pensa que ele está doente nem que eu falei com você sobre o seu estado.

- Prometo. Mas não posso fazer mais nada?

- Não. - Ela deu-lhe umas palmadinhas na mão. - Sei que o faria se pudesse. Mas mandei chamar Durwin e encarreguei-o de uma tarefa bem pesada. Curar o rei pode tirar-lhe todos os poderes curativos... se é que eles ainda servem para alguma coisa.

- Vou rezar ao Altíssimo para que a cura do Durwin possa surtir efeito.

- Eu também faço isso. - A rainha sorriu e a sala voltou a encher-se de luz, pois, enquanto conversavam, uma nuvem negra passara sobre o coração de Quentin. Mais animado, levantou-se.

- Agora vai vê-lo, meu filho. E não se esqueça do que te disse.

- Assim farei, minha senhora. Não tema.

Quentin deixou o quarto silenciosamente. Ao sair para o corredor, encontrou Oswald, que o esperava. O camareiro voltou a conduzi-lo aos aposentos do rei, bateu e anunciou-o.

- Quentin está aqui, Sua Majestade.

Quentin inspirou profundamente e atravessou a soleira da porta. No meio da sala de teto alto encontrava-se uma mesa de carvalho pesada e redonda, da forma da própria câmara, situada numa das muitas torres de Askelon. Pequenas janelas redondas de vidraças cor de âmbar emprestavam uma tonalidade quente à luz da tarde. Eskevar estava de costas voltadas para eles, de pé no meio de um raio de luz vindo de uma destas janelas, contemplando o pátio lá em baixo.

Houve um momento de pouco à vontade: Quentin não podia falar e parecia que o rei não ouvira as palavras do camareiro.

Sentindo-se de repente encurralado, Quentin hesitou. Nessa altura, o rei virou-se devagar e olhou-o fixamente. Nos seus lábios surgiu um débil sorriso.

- Quentin, meu filho, você veio!

Se não tivesse sido o aviso da rainha, Quentin não saberia o que fazer. Mordeu o lábio inferior para abafar um grito, recompôs-se e fez um sorriso forçado.

- Vim logo que pude. Os cavalos do Toli são excelentes. Parece que têm asas. Viemos voando...

Ainda sorrindo, embora, para Quentin, o seu sorriso triste e fraco fosse o de um moribundo, o rei avançou e estendeu a mão. Quentin pegou nela sem hesitar, mas reparou como estava fria e como o aperto de mão do rei se tornara fraco.

A pele de Eskevar adquirira uma palidez de cera e nos seus olhos parecia arder uma luz baça e febril. Tinha os lábios gretados e esfolados, e o cabelo, aquela coroa de glória feita de caracóis abundante escuros, pendia flacidamente e

sem energia e estava quase completamente grisalho.

Quentin deu por si a fitar o rosto de um estranho, que o observava intensamente com os seus olhos cavados, rodeados de círculos escuros. Afastando rapidamente o olhar, disse:

- Esta sala é muito alegre. Vamos ficar a sós ou espera mais alguém?

- Vem mais gente, mas não já. Primeiro, quero falar com você a sós. Sente-se, Por favor. - O rei deixou-se cair devagar numa cadeira arrumada na mesa redonda, e Quentin imitou-o.

Sentia vontade de chorar ao ver Eskevar, o poderoso Rei Dragão, transformado num velho titubeante. Quentin não deixava de se perguntar como teria aquilo acontecido

Como podia uma mudança daquelas dar-se em tão pouco tempo? Nun escassos oito ou nove meses, o rei debilitara-se a um ponto que chegava a chocar. Só lhe apetecia sair depressa da sala e ir para bem longe da criatura sentada a seu lado, que usava a coroa do rei.

Eskevar fitou os olhos do jovem com uma simpatia inexprimível; subitamente, floresceu nele uma compaixão paterna que Quentin nunca antes lhe vira. Sentindo-se estranhamente comovido, esqueceu por um momento a saúde despedaçada do rei.

- Quentin - começou Eskevar, depois de contemplá-lo por um momento -, como sabe, não tenho filhos varões, Só Bria é herdeira do meu trono. O meu irmão, o príncipe Jaspin, foi banido e jamais voltará. Creio que chegou o momento de escolher um sucessor.

- Não, senhor - proferiu Quentin rapidamente. - Agora não é o momento de pensar nessas coisas. Ainda têm muitos anos à frente. Ainda está forte.

Carregando ligeiramente o cenho, Eskevar abanou a cabeça devagar.

- Não, não é assim. Quentin - continuou, com o mesmo sorriso doce e triste e o mesmo olhar paternal -, Quentin, estou morrendo.

- Não!

- Sim! Ouça! - O rei levantou a voz. - Pode ser devagar, mas estou morrendo. Não viverei o suficiente para ver outra Primavera. Chegou o momento de pôr a minha casa em ordem. Tenciono escolher-te para me suceder... espera! Como não é do meu sangue, a minha decisão terá de ser apresentada ao Conselho de Regentes, que, suponho, não levantará qualquer problema. Como fui eu próprio a escolher-te, de bom grado vão ratificar a minha opção.

Sem falar, Quentin ficou sentado olhando para as mãos. As palavras do rei tinham-no emudecido.

Depois do que lhe pareceram horas, ergueu o olhar e viu Eskevar observando-o calmamente, mas intensamente.

- Concede-me uma grande honra, Sua Majestade, mas não sou digno de uma posição tão elevada. Sou órfão e de baixo nascimento. Não sou digno de ser rei.

- Você, Quentin, é o meu filho adotivo. é como um filho para mim, que te vi crescer e se tornar adulto. Quero que seja você, e nenhum outro, a usar a minha coroa.

- Não sei o que devo dizer, meu senhor.

- Diga apenas que fará o que te ordeno. Alivia o meu coração.

Quentin levantou-se da cadeira e ajoelhou-se perante o rei.

- Sou seu servo, senhor. Obedeço.

Eskevar pousou uma mão na cabeça de Quentin e disse:

- Estou satisfeito. Agora, o meu coração pode descansar em paz. - Tocou Quentin no braço: - Levante-se, senhor! Um rei não se ajoelha aos pés de outro. Daqui em diante, é o herdeiro do trono de Mensandor.

Nesse momento bateram à porta e ouviu-se a voz de Oswald:

- Os outros chegaram, Sua Majestade.

Toli e Durwin entraram. Ao ver o rei, Toli hesitou, mas Durwin avançou decididamente. Encaminhando-se para a mesa, fez uma vênha rápida e começou falando das suas viagens, mas sempre sem

deixar de observar o monarca doente, como se avaliasse o remédio que poderia dar-lhe.

- Muito bem, muito bem, Sentem-se. Temos um assunto para discutir.

O rei fitou-os atentamente e, antes de começar, soltou um suspiro profundo e cansado.

- Há algum tempo que ando inquieto. Desassossegado, desconcentrado e irrequieto. Ao princípio, atribuí-o à doença que me consome, mas temo que seja mais do que isso. A minha inquietude persiste por causa de Mensador. Há qualquer coisa que não vai bem no reino.

O rei Dragão falava suave e distintamente, e Quentin percebeu que Eskevar reinava há tanto tempo naquela terra que desenvolvera uma espécie de sexto sentido, sabendo instintivamente quando alguma coisa não ia bem. Era como se uma parte de si próprio tivesse sido magoada e ele sentisse a ferida. O rei pressentira o perigo mesmo antes de qualquer deles ter suspeitado do mais pequeno remoinho na corrente de paz e prosperidade que atravessava o reino.

Com um sobressalto, pensou, ao princípio absurdamente mas, depois, cada vez com mais convicção, que o que afligia a terra era, talvez, a causa da angústia do rei.

- Para comprovar a minha intuição, convoquei os meus fiéis Theido e Ronsard, dei-lhes uma pequena força e mandei-os descobrir de onde vêm os problemas.

- Já deviam ter regressado. Não tive mensagens nem sinais deles, e estou ansioso pelo que possa ter-lhes acontecido. Foi por isso que os convoquei - fez um gesto de cabeça na direção de Quentin e de Toli. - É cada vez mais urgente descobrirmos a origem do problema, antes que seja tarde demais. O mal está por perto; sinto-o. É mais forte a cada dia que passa. Se não o encontrarmos e o esmagarmos...

- Senhor - observou Toli -, vimos portentos que talvez confirmem os seus receios.

- Eu também - concordou Durwin.

Toli e Durwin informaram o rei dos sinais que tinham observado, presságios de um mal iminente que não sabiam identificar. Quentin reparou que, enquanto os seus companheiros falavam, e especialmente quando mencionavam a Estrela do Lobo, Eskevar parecia decair mais, vergado pelo peso do perigo que o seu reino corria.

Depois de uns momentos de um silêncio desconfortável, o rei falou solenemente:

- Quentin e Toli, bravos amigos, temos de descobrir onde reside verdadeiramente o perigo. O meu povo precisa da sua coragem.

- Partiremos imediatamente em busca do mal. E pode ser que encontremos os nossos bons Theido e Ronsard - prontificou-se Toli ousadamente.

Sem dizer nada, Quentin passeava o olhar pelos rostos reunidos em volta da mesa.

- Muito bem - suspirou o rei. - Sabem que não os mandaria assim se pensasse que era uma coisa sem importância ou se pudesse pôr alguém no seu lugar.

Virando-se, olhou Durwin pensativamente:

- Quanto a você, não o convoquei, mas, como de costume, deve tê-lo feito alguém que me conhece melhor do que eu próprio. - Sorriu novamente e, por um breve momento, Quentin entreviu o homem que Eskevar fora. O rei continuou: - Quero que fique comigo, bom eremita. Posso vir a precisar dos seus remédios muito em breve e é possível que as suas artes sejam mais úteis aqui do que na garupa de um cavalo.

- Assim é - replicou Durwin. - Farei como quer. O rei levantou-se com alguma dificuldade e mandou-os sair, não sem antes perguntar aos seus dois guerreiros:

- Quando partirão?

- Imediatamente, Sua Majestade - respondeu Toli.

- Muito bem. Mas, pelo menos, fique e coma hoje à noite à minha mesa. Quero ver os meus amigos todos juntos antes de... - Não terminou o pensamento.

Os três companheiros levantaram-se, fizeram uma vênua e saíram em silêncio.

Já à porta, Quentin virou-se e fez menção de falar. Mas olhou para Eskevar, os olhos marejaram-se de lágrimas e não conseguiu pronunciar palavra. Demasiadamente triste para dizer o que lhe ia pelo coração, inclinou-se rapidamente e saiu.

CAPÍTULO VIII

- A aldeia foi conquistada, Excelentíssimo. - O cavaleiro fez uma vênua profunda na sela. Atrás dele, a fumaça subia numa coluna espessa e escura, depois espalhada pelo vento que soprava do mar. O seu cavalo castanho-avermelhado, com o pêlo manchado de fuligem e sangue seco, sacudia as rédeas e abanava a cabeça. - Não Houve resistência.

Uns olhos selvagens observavam o mensageiro detrás do aro de um elmo de ferro ornamentado com plumas pretas que esvoaçavam como asas ao vento. Sem dizer nada, o comandante virou o cavalo e o pôs lentamente a passo. O mensageiro esporeou a montaria e foi postar-se ao lado do seu chefe, que se afastava.

- Está descontente com alguma coisa, meu amo? - A voz tremia de ansiedade.

- Não, está tudo bem. A nossa missão está completa. Vou regressar aos navios. Acompanhe-me. Posso precisar de um mensageiro. Erguendo-se na sela, chamou vários cavaleiros que esperavam a alguma distância. Estes, com os elmos debaixo do braço, observavam impassivelmente a fumaça que, à sua frente,

subia no ar. - Vocês quatro - o comandante fez um gesto com a mão enluvada - fique com os homens e ocupem este lugar. Os outros vêm comigo. Vamos imediatamente. Sigam-me.

- Mas o que vamos fazer com os prisioneiros, Excelentíssimo? gritou o mensageiro para a forma escura que se afastava. O guerreiro não se virou nem olhou em volta, mas o mensageiro ouviu as palavras que lhe chegavam lá da frente:

- Matem-nos - disse o seu comandante.

A fragrância pungente de incenso queimado enchia a sala. Nuvens do aromático vapor vogavam em volta da grande figura sentada num trono de almofadas de seda. Pequenas aves coloridas, metidas em gaiolas, esvoaçavam e chilreavam, sendo as suas canções acompanhadas pelas notas calmas de uma flauta.

O tilintar de uma sineta soou no corredor, seguido de um roçar. A forma gigantesca sentada no trono parecia estar dormindo, pois não se mexeu nem de qualquer outra forma deu a entender que percebera esta intromissão. A enorme cabeça continuou encostada a uma grande arca. As mãos papudas, com os dedos enclavinados uns nos outros e os polegares juntos, permaneceram imóveis no imenso regaço.

- Trago notícias, ó Imortal - disse o ministro que entrara tão silenciosamente. Ficou à espera ajoelhado, com a testa encostada ao chão, braços esticados à frente e palmas das mãos viradas para cima.

- Pode falar, UzIa. - Embora estas palavras tivessem sido pronunciadas calmamente, a voz pareceu encher a pequena sala.

- Os seus guerreiros regressaram. E trazem notícias de vitória. As aldeias da costa foram conquistadas.

- Encontraram alguma residência apropriada para mim?

- Infelizmente não, ó Imortal. Eram aldeias pequenas, que não possuíam acomodações dignas. Por causa desta afronta, as aldeias foram incendiadas e as suas cinzas espalhadas, não fosse a vista delas desagradá-lo.

Nin, o Destruidor, olhou sinistramente o ministro em quem mais confiava.

- Esta terra vai sentir a minha ira! - gritou. Os pássaros tremeram nas gaiolas e a música parou. UzIa, o primeiro-ministro, acovardou-se.

- Os patifes desta terra maldita falam de muitos castelos no Norte. Há um, em especial, que pode servir as suas necessidades

enquanto está aqui subjugando esta terra à sua vontade.

- Como se chama esse palácio?

- Askelon. É a fortaleza do rei desta terra, conhecido por Rei Dragão.

- Ah - exclamou Nin suavemente. - O som dessas palavras agrada-me. Diga-as outra vez.

- É em Askelon que habita o Rei Dragão.

- Habitarei lá e serei o Rei Dragão. Isso agrada-me. Nunca matei nenhum dragão... ou matei, UzIa?

- Não, minha Divindade. Que eu saiba, não. - E apressou-se a acrescentar: - A não ser que fosse numa outra vida, claro.

- Então vou ansiar por esse acontecimento e saborear o momento da sua realização. - Levantou-se lentamente. - Onde estão os meus comandantes? - perguntou Nin com uma profunda voz de trovão.

- Estão à sua espera na praia - replicou UzIa. - Vou chamá-los.

- Não, eu vou lá. Como satisfizeram o meu desejo, serão recompensados, e verão o seu deus aproximar-se deles.

- Às suas ordens, ó Poderoso.

UzIa inclinou-se novamente e levantou-se do chão. Virando-se, retirou-se para o átrio, bateu as palmas e gritou:

- A Divindade vai a passar! Ajoelhem-se todos! - Depois seguiu à frente do seu soberano, batendo as palmas e gritando o mesmo aviso. Nin seguiu-o lentamente, balançando o seu corpo imenso sobre as pesadas pernas.

Quando chegaram a um pequeno lance de escadas, no alto das quais ficava o convés do navio-palácio, UzIa voltou a bater palmas e oito serviçais trouxeram um trono montado sobre estacas, pousando-o à frente do seu rei, que se sentou nele.

Depois, retesando todos os músculos, os carregadores subiram os degraus com todo o cuidado, de modo a manterem o trono na horizontal, para não incorrerem na fúria do seu temperamental deus. Dali a pouco, estavam no convés.

Mais dois serviçais esperavam com grandes sombrinhas feitas de penas brilhantes. Mal o trono de Nin surgiu à entrada do convés, abrigaram logo a enorme cabeça do sol radioso de um lindo dia de Verão. Embora oscilando sob o peso do seu fardo, os serviçais desceram uma comprida rampa que fora construída por cima da água baixa, desde o navio-palácio até à costa. A rampa terminava numa plataforma na praia, que formava um estrado do qual Nin, o Destruidor, podia comandar os seus súditos.

Quando viram esta procissão descendo lentamente a rampa, os quatro comandantes desmontaram, aproximaram-se do estrado e prostraram-se na areia. Os carregadores chegaram à plataforma e pousaram o trono móvel exatamente no meio do estrado, por baixo de um grande dossel de seda azul. Depois retiraram-se, ajoelharam-se, com o rosto tocando os joelhos, e ficaram à espera das ordens do seu rei.

A seda azul agitava-se ao sabor da suave brisa marítima.

Acima do estrado, gaivotas esvoaçavam no ar e soltavam os seus guinchos para aquele espetáculo. Nin levantou as mãos e disse:

- Ergam-se, meus senhores da guerra. Podem olhar para a sua Divindade.

Os comandantes, que envergavam armaduras pesadas, levantaram-se rigidamente e ficaram ombro a ombro perante o seu protetor.

- Vi a sua vitória de longe - continuou Nin. - Assisti às chamas da destruição com os meus próprios olhos. Estou muito satisfeito. Agora, digam-me, meus comandantes: que força tem esta terra? Há algum exército que faça frente à lâmina do Destruidor? - Olhando os quatro guerreiros, fez um sinal de cabeça a um deles, que deu lentamente um passo em frente.

- Gurd?

O guerreiro bateu no coração com a mão fechada; a cota de malha do punho produziu um ruído semelhante ao arrastar de

correntes de ferro contra a couraça de bronze. Tinha o cabelo comprido, liso e preto puxado atrás, formando uma grossa trança. Os seus olhos pretos e vivos, enquadrados por um rosto regular, angular e vermelho, fitaram Nin intensamente.

- Não vi soldados no Sul, ó Imortal. As aldeias de camponeses estavam indefesas.

- Amut.

O guerreiro de raça amarela avançou. Tinha a cabeça reluzente completamente rapada, exceto no lugar onde usava uma curta madeixa de cabelo apanhada num nó apertado. Nas suas faces e testa viam-se estranhas tatuagens azuis e uma cicatriz irregular riscava-lhe o rosto do canto de um olho em forma de

amêndoa, à base do pescoço grosso e musculoso.

- No Norte não encontramos soldados, ó Poderoso. A covarde população voou à frente das nossas setas como folhas durante uma tempestade.

- Luhak - chamou Nin. O terceiro comandante deu um passo em frente.

Luhak tocou na barba com uma mão castanha. Tinha a cabeça coberta por um elmo de pêlo branco de cavalo, do centro do qual nascia uma pluma curta feita de cauda de cavalo. Era alto e magro e, quando abriu a boca para falar, cintilou uma fiada de dentes brancos e pontiagudos.

- No interior montanhoso desta terra só encontrei uma aldeia, chamada Gaalinpor - disse o guerreiro. - Nenhum exército pode atravessar aquelas montanhas sem ser visto. Podemos voltar os nossos olhos para outro lado.

- Boghaz.

O último comandante, um preto enorme, cujas feições estavam escondidas por um véu negro que lhe tapava a parte inferior do rosto, revelando apenas os olhos grandes e escuros, avançou para o lado dos outros. Tinha a cabeça metida num elmo de couro coberto

de chifre e envergava uma couraça feita de discos planos também de chifre, ligados uns aos outros por aros de ferro. Uma comprida capa vermelha caía-lhe dos ombros até aos calcanhares das botas pretas. Tal como todos os outros, trazia de lado uma curiosa espada curva com a lâmina fina e esguia muito afiada nos dois gumes.

- Eu também não vi soldados. As aldeias não ofereceram resistência, o sangue dos teimosos tingiu o chão de vermelho e as cinzas subiram ao céu em sua honra, imortal Nin. - Dito isto, o guerreiro preto tocou na testa e fez uma profunda vênica.

- Que terra é esta que não constrói muros à volta das cidades e deixa as aldeias sem proteção? Temos a riqueza à mão, meus guerreiros. Vamos para norte, em direção a Askelon, onde estabecerei o meu palácio, para poder estar confortável enquanto domino esta terra.

- Agora vão e avisem-me quando o castelo for meu, para eu ir imediatamente apropriar-me do que desejo. Mas não sacrifiquem o rei. Quero ter eu próprio esse prazer: o seu sangue há de correr só para mim. Ouvi e obedeci.

Os quatro comandantes saudaram Nin e recuaram uns passos. Depois voltaram-se, montaram os seus cavalos e partiram, a galope. Nin bateu as palmas e os serviçais deram um salto em frente, dando início ao laborioso processo de transportarem o seu deus pela rampa acima, para dentro do magnífico navio-palácio.

CAPÍTULO IX

As folhas ainda mostravam pesadas gotas de orvalho quando os primeiros raios dourados da manhã iluminaram a paisagem. Era normal haver orvalho perto do mar, mas Quentin nunca deixava de se maravilhar ao ver o sol batendo nas minúsculas gotas de umidade e transformando-as em jóias cintilantes. Cada outeiro, cada arbusto, parecia adquirir um valor incalculável.

Os animados cavalos de Toli, bem descansados, cabriolavam e corriam ao ar fresco da manhã. O próprio Quentin elevou a voz num hino ao novo dia. Toli juntou-se a ele, e as suas vozes soaram nos pequenos vales, ao fundo de encostas arborizadas.

- Como é bom estar vivo! - gritou Quentin, mais pela alegria de gritar do que para conversar.

- Hoje já parece que gosta da sela - disse Toli, balançando-se atrás dele. - Não foi a impressão que me deu ontem à noite.

- De manhã, o mundo volta a ser criado. Tudo é novo... incluindo as selas.

- Alegro-me por ver o meu amo de bom humor. Não é por nada, mas nos últimos três dias foi fácil confundir-lo com um urso grunhindo.

Quentin fez de conta que não ouvia, e continuaram como antes. Os arreios dos cavalos, que se lançavam num galope breve, tilintavam alegremente.

- Desculpe se tenho andado de mau humor - disse Quentin, passado algum tempo. - Tenho andado com muito em que pensar

nestes últimos dias. Foi como uma sombra que pairasse sobre mim. Mas, agora, voltei a ver tudo claramente.

- Isso é bom para os dois - replicou Toli no seu habitual estilo elíptico.

Os dois cavaleiros aproximaram-se da encosta de um outeiro comprido e começaram a subi-lo. No alto, pararam durante algum tempo, contemplando a estrada e o vale que ficava para lá dela, no centro do qual se erguia a aldeia de Persch.

- Vê como tudo é tranqüilo - comentou Quentin, observando o cenário. - Tanta paz! E é assim há mil anos... - A sua voz diminuiu de intensidade.

- Rezemos para que possa ser assim durante mais mil - respondeu Toli. Abanando as rédeas, começou descendo a estrada, que não passava de um estreito caminho de terra batida, conquistado à erva verde, comprida e espessa que cobria as colinas. À medida que se aproximavam da aldeia marítima, Toli ia ficando tenso e cada vez mais concentrado. Reparando na mudança de atitude do seu companheiro, Quentin perguntou-lhe:

- O que é? O que vêem esses teus olhos de águia?

- Nada, meu amo. E é isso que me preocupa. Não estou vendo ninguém... nenhuma atividade na aldeia.

- Talvez, as pessoas de Persch deitam-se tarde e levantam-se tarde - retorquiu Quentin descuidadamente, tentando manter o espírito de tranqüilidade que acabava de ser despedaçado pela observação de Toli.

- Ou, Talvez, têm razões para ficar em casa num dia como este, e com certeza que essas razões têm vindo com o medo.

Quentin suspirou.

- Não é a primeira vez que damos com ele nas nossas jornadas.

Pousando a mão livre no punho da espada, ajeitou-a ligeiramente, de modo a estar pronta a ser usada. Os seus olhos perscrutavam toda a aldeia, que se aproximava lentamente a cada

passo que davam. Nem nas ruas nem na estrada havia sinais de vida. Não se viam nem homens nem animais. Era estranho. Normalmente, os primeiros raios da luz da manhã encontravam as ruelas estreitas cheias de pessoas atarefadas na sua vida de todos os dias: os mercadores montavam as suas tendas no mercado e os artesãos os seus toldos; os lavradores ofereciam queijo, melões e ovos em troca de tecidos e de vários utensílios de metal; as mulheres iam buscar água ao poço do largo da aldeia, as crianças escondiam-se nas esquinas e corriam de um lado para o outro em brincadeiras barulhentas e os cães da aldeia ladravam e esquivavam-se por entre as suas pernas nuas, queimadas pelo sol.

Mas naquela manhã não havia azáfamas nem algazarras. As ruas vazias pareciam assombradas pelos ecos de risos infantis e pela fantasmagórica ausência dos aldeãos.

Os cavaleiros entraram na rua principal, e Quentin ouviu os cascos dos cavalos esmagando suavemente os minúsculos fragmentos de conchas com as quais os habitantes de Persch pavimentavam as suas ruas. Quentin sempre pensara que isto dava a todas as vilas marítimas uma aparência de frescura e limpeza. No entanto, naquele dia, as ruas esbranquiçadas pareciam desoladas como sepulcros.

Ainda que escondido, nenhum rosto aparecia a uma porta ou numa janela escurecida. Não se ouvia nenhum som a não ser o sopro da suave brisa marítima por entre as caleiras, que sussurrava notas de completo abandono.

- Não tem ninguém - observou Toli, cuja voz pareceu morrer no ar vazio.- Não acredito. Não podem ter partido todos. Deve ter ficado alguém. Uma aldeia inteira não desaparece assim... tem de haver uma boa razão para isso.

Chegaram ao largo da aldeia, que era um retângulo irregular formado pelos frontispícios dos principais edifícios de Persch: a estalagem, que se dizia servir um excelente peixe estufado, a casa do

povo (como não havia nobres vivendo em Persch, os habitantes tinham construído aquela casa, na qual celebravam as festas e os dias santos), o mercado e as tendas dos vendedores, o pequeno templo e o santuário erigidos ao deus Ariel e as habitações dos artesãos.

No centro do retângulo encontrava-se um grande poço e, ao lado, numa pequena elevação, erguia-se um cedro imenso, cujos ramos e galhos emaranhados ofereciam a sua sombra a todos os que ali se reuniam. Quentin e Toli aproximaram-se da fonte e desmontaram. Toli pegou num balde de madeira que estava ao lado da borda de pedra do poço e tirou água para os cavalos. Quentin encheu uma cabaça, bebeu abundantemente aquela água fria e fresca e depois passou-a a Toli.

- Hum - cismou Quentin -, nem um som e não se vê ninguém. No entanto, sinto que não estamos sozinhos.

- É verdade. Sinto a presença de alguém aqui muito perto. E também sinto o medo. - Toli voltou a pôr o balde no lugar e fez sinal a Quentin para que tomasse a montar. Ele obedeceu com um olhar de interrogação e, juntos, atravessaram o resto da aldeia.

Quando chegaram à última habitação, Toli chamou Quentin de lado e sussurrou:

- Havia mais alguém perto do poço. Senti o olhar de alguém sobre nós. Vamos deixar aqui os cavalos e voltar por outro caminho.

Deslizaram silenciosamente por um beco estreito, ladeado de várias construções, e voltaram ao largo. Não havia nada para ver: tudo parecia estar como apenas uns momentos antes.

- Bom, parece que temos de procurar em outro lado. Podemos tentar encontrar alguém numa destas casas.

- Espere só mais um pouco.

Mal Toli acabou de falar, ouviram um raspar e um silvo, parecido com o som produzido por uma cobra em areia seca, que parava e recomeçava a um ritmo regular. Colocaram-se à escuta.

O som parecia diminuir rapidamente. Foi então que Quentin percebeu que estivera alguém muito perto deles, talvez por trás da mesma casa feita com canas onde se escondiam naquele momento, espreitando na sombra. O som eram os passos leves e arrastados de alguém que caminhava com todo o cuidado pela rua de conchas.

- Está indo embora! - murmurou bruscamente Quentin, dobrando depressa a esquina da casa, a tempo de ver uma perna e um braço desaparecerem por detrás de um denso emaranhado de teixos.

- Dirige-se para a doca! - gritou Toli. - Se formos por aqui, apanhamo-lo. - Puxando o braço de Quentin, apontou para trás, na direção do lugar onde a estreita ruela descrevia uma curva e começava a descer, tomando-se um caminho, como tantos nas vilas marítimas, que ia dar à beira-mar, ao local onde os aldeões guardavam os seus barcos de pesca.

Toli disparou a correr e Quentin seguiu nos seus calcanhares.

Precipitaram-se juntos pelo caminho abaixo e saltaram os degraus de pedra construídos do lado da duna que separava a aldeia da praia. A sua frente estendia-se a doca, a pequena angra que constituía o porto de Persch. Ali, entre dois barcos de pesca com os cascos negros voltados para o céu, viram um barco leve com uma vela branca e triangular, que fora empurrado para a areia. A figura pequena de um jovem caminhava agilmente pela areia em direção ao barco.

Quentin largou a correr para a praia em sua perseguição. Depois de dar uns passos, parou, levantou a mão e gritou:

- Pare! Não queremos fazer mal! Só queremos falar!

O jovem deu meia volta, e só então viu os dois homens que o observavam. Embora Quentin e Toli ainda estivessem longe demais para poderem distinguir-lhe o rosto, o resultado das palavras de Quentin não lhes deixou quaisquer dúvidas.

- Assustou-o! - disse Toli, vendo a figura que estava na praia cambalear, tropeçar, cair, levantar-se e correr como um veado para o

barco. - Anda! - gritou o ligeiríssimo jher, deslizando pela areia.

O jovem estranho, que, entretanto, chegara ao barco, empurrava-o com todas as suas forças. Para Quentin, ou encalhara nalguma coisa ou a maré baixara desde que o barco ali ficara, tomando mais difícil metê-lo na água.

Mas, com a força do desespero, o rapaz conseguiu lançar à água o pequeno barco à vela e, agitando-se com água pelos joelhos, tentava virar o barco para depois saltar de lado lá para dentro, como um peixe.

Toli chegou primeiro à beira-mar. Quentin seguiu-o, e ambos patinharam até ao barco. O estranho, remando furiosamente com um remo comprido, lançou um olhar aterrorizado por cima do ombro. Quentin reparou na sua estrutura sólida e nos seus ombros esbeltos. O rapaz envergava o colete de couro e as calças castanhas de tecido grosseiro usados pelos pescadores. O chapéu mole e disforme, também tradicional entre os habitantes das povoações marítimas do sul de Mensendor, estava puxado para baixo, escondendo o jovem rosto.

Quentin avançou para um lado do barco e Toli patinhou para o outro. Apesar do seu ocupante agitar prodigiosamente o remo, o barco não estava avançando para o mar alto tão rapidamente como o desejado; por isso, nenhum deles teve problemas em alcançá-lo em algumas passadas.

Uma vez dentro do seu raio de ação, o remo assobiou-lhes em cima da cabeça. Tentando acalmar o desconhecido, Quentin disse:

- Fique quieto, amigo! Pare com isso! Ai! - Malhando a torto e a direito, o remo aproximou-se perigosamente. - Não queremos fazer mal!

Enquanto Quentin ocupava assim a atenção do rapaz, Toli passava-lhe por trás, na direção da proa. Virando-se, o rapaz deu com toda a força com o remo na borda do barco, precisamente no lugar onde os dedos de Toli tinham estado um momento antes.

Vendo que o desconhecido ficara momentaneamente desequilibrado devido à pancada que desferira, Quentin agarrou-se à popa com as duas mãos e deu um poderoso abanão ao barco. O rapaz lançou um grito de surpresa e, com os braços abertos e as mãos tentando apoiar-se no ar, saiu pela borda fora, mergulhando de cabeça e deixando o remo tombar no fundo do barco. Quentin desviou-se dos salpicos e Toli rodeou o barco, indo pôr-se em frente de Quentin. O chapéu de pescador flutuava entre os dois. Quentin enfiou o braço na água pouco profunda, agarrou o colarinho do desconhecido e levantou-o até ele ficar de pé.

- Bem, que temos aqui? - perguntou Quentin amistosamente. Toli, acho que apanhamos... - Calou-se abruptamente. Era a vez de Quentin ficar surpreendido,

- Uma moça! - exclamou Toli, terminando o pensamento de Quentin.

Quentin tinha nas mãos o chapéu molhado, que mais parecia um saco preto encharcado e olhava com perplexidade para as tranças compridas e escuras, naquele momento ensopadas e pegajosas, que rebrilhavam ao sol. A moça abriu e fechou as pestanas escuras, deixando entrever os olhos claros, de um azul de gelo, e limpou a água que lhe escorria pelo rosto. As suas feições eram suaves e perfeitas e nas faces coradas tinha a cor de rubi da excitação.

- Largue-me! - gritou. - Não sou ninguém! Não tenho dinheiro! Largue-me!

- Paz - disse Quentin suavemente. - Não vamos lhe fazer mal, minha senhora.

A moça olhou de um para o outro dos seus captores, observando-os com desconfiança.

- Não somos ladrões, se é isso que Está pensando - comentou Toli. - Somos homens do rei.

- Desde quando é que os homens do rei prendem pessoas inocentes sem qualquer razão? - desafiou ela altivamente.

- As pessoas inocentes não têm nada a temer de nós. Porque é que fugiu?

A moça lançou um olhar furtivo na direção da aldeia e murmurou:

- Estava apavorada. Encontrei a aldeia deserta e...

- E ouviu-nos chegar e escondeu-se.

- Pois foi - assentiu ela com um ar carrancudo, passando uma manga encharcada pela cara. Depois, lançou a Quentin um olhar de desafio. - Agora, largue-me!

- Tudo a seu tempo. Espicidou a nossa curiosidade, e primeiro queremos que responda às nossas perguntas. Bem - continuou Quentin, estendendo-lhe a mão -, mas não é preciso ficarmos na água. Vamos secar-nos na praia.

Virou-se e começou a patinhar para a costa. De repente, sentiu os joelhos vergarem-se e afundou-se para a frente com um grito estrangulado. Alguém lhe desferia ferozes socos nas costas e nos ombros. Voltou-se debaixo de água e, quando tentava pôr-se novamente de pé, o ataque parou. Veio à superfície e limpou a água dos olhos. Toli agarrava os braços da jovem, que arranhava e dava pontapés, e que assim seguiu empurrada pelo seu servo até à praia.

No rosto de Toli estava estampado um sorriso estranho e ridículo.

CAPÍTULO X

- Como é possível? - Theido abanou a cabeça, sem querer acreditar. Os seus olhos perscrutavam a planície enegrecida onde outrora ficara a aldeia de Halidom.

- As perspectivas são muito más, mas alguma coisa deve ter ficado. - Ronsard fez sinal aos seus cavaleiros, e todos começaram descendo a suave colina que ficava acima do vale plano de Halidom. Cada homem tinha no rosto uma interrogação lúgubre e no espírito o pensamento de Theido: como era possível que uma aldeia inteira tivesse sido aniquilada tão completamente?

De Halidom apenas restava um círculo enegrecido na terra. Não ficara nem um pau de pé, nem uma pedra sobre outra. A área arrasada da povoação não passava agora de um caos de destruição.

- Até as aves acabaram o serviço - observou Ronsard enquanto se aproximavam do perímetro do círculo queimado.

- Não completamente. Olha ali. - Theido estava observando um ponto a curta distância deles. Ronsard seguiu-lhe o olhar e viu um grande busardo fechando as asas e empoleirando-se no que restara de um tronco de árvore. Três corvos rabugentos levantaram vôo do local onde tinham estado atarefados a debicar no chão.

- Vamos ver o que lhes chama a atenção. - Ronsard virou-se para os seus homens. - Espalhem-se e procurem nas cinzas sinais que nos indiquem quem é este inimigo. - Depois, ele e Theido conduziram os cavalos para o local onde o busardo saltitava ao longo do tronco queimado. A ave observava qualquer coisa no chão, mas não conseguiam distinguir o quê.

Foram atravessando a aldeia destruída. Entre as cinzas estavam espalhados os vestígios carbonizados da vida quotidiana dos aldeãos: um tripé de ferro com a panela amolgada ali perto, uma pequena estátua de pedra de um deus

doméstico, os cacos enegrecidos de uma caneca de vinho. E aqui e ali encontravam-se os restos dos infelizes habitantes da povoação: uma caveira coberta de fuligem contemplando o céu com o seu olhar vazio, um pouco de tibia comprido e numa carcaça curva de um conjunto de costelas erguendo-se na desolação.

À aproximação dos cavalos, o busardo levantou vôo de mau humor e ergueu-se lentamente no céu, pondo-se a descrever círculos juntamente com os corvos.

- Pelos deuses! - gritou Theido, já perto do lugar para onde se dirigiam.

- O que ... ? - começou Ronsard. Depois, também ele viu o que Theido vira. - Por Orphe... não!

Theido, que já saltara da sua montaria, puxava as correias da sela para tirar o odre de água. Ronsard, hipnotizado pelo que via, desmontou devagar, aproximou-se, pôs a mão no punho da espada, e já estava desembranhando-a quando Theido lhe tocou no seu braço:

- Não é preciso. Já está além da dor e do sofrimento.

Enquanto Theido falava, o objeto da sua atenção, o torso queimado de um corpo, agitou-se convulsivamente e um olho amarelo rodou na sua direção. Quando os viu, o meio cadáver desfeito soltou um gemido desesperado. Theido ajoelhou-se bondosamente ao lado da carcaça e estendeu-lhe o odre.

- Paz, amigo. Tome água para a sua garganta ressequida. - De joelhos, Theido chegava suavemente a extremidade do odre à boca estalada, deixando sair algumas gotas de água, que umedeceram os lábios do homem. A língua preta apareceu à entrada da boca e lambeu a água. As pálpebras rachadas agitaram-se e os globos oculares secos rolaram nas suas órbitas. Como que por milagre, a

água pareceu exercer algum efeito, e nos olhos apareceu um clarão de reconhecimento.

- Como é possível este pobre diabo ainda estar vivo? - indagou Ronsard, inclinando-se ao ouvido de Theido.

- Não sei. - O cavaleiro calou-se e deixou sair mais um fiozinho de água. - Mas antes de Heoth o vir buscar, talvez ele possa dizer-nos o que aconteceu aqui.

- Consegue falar, meu amigo? Somos homens do rei e as suas respostas são muito importantes.

Ronsard afastou-se do cheiro que lhe entrava pelas narinas. O homem estava horrivelmente queimado. Tinha grandes áreas do peito e dos braços completamente calcinadas; a parte inferior do seu corpo fora esmagada pela árvore ao cair. Jazia numa depressão pouco funda do chão, meio torcido de lado. O cabelo de um lado da cabeça ardera todo: do outro lado do crânio nu ainda saíam uns fios escuros, que voavam ao sabor da brisa. As aves já o tinham bicado, abrindo-lhe feridas no ombro e nas costas, por onde se viam os ossos brancos.

- Deixemo-lo morrer em paz - disse Ronsard, virando-se. Tinha a voz tensa e sufocada.

- N... n... ão. - O som era pouco mais do que um sussurro ao vento. Os dois homens fitaram aqueles olhos, que uma luzinha agarrava à vida. O aldeão estava tentando falar.

- Calma. Estamos ouvindo. Deixa-me aproximar. - Theido inclinou-se para a frente e pôs o ouvido por cima dos lábios do homem. Falava suavemente e com uma serenidade quase inacreditável para Ronsard. - Conte-nos o que aconteceu, se puder.

Embora Ronsard não percebesse como, as palavras formaram-se no ar e, apesar de muito débeis, eram compreensíveis.

- Tenho estado à espera que apareça alguém - murmurou o homem. A sua voz era um arranhar seco, como o som de uma folha murcha empurrada pelo vento sobre a areia. - À espera... à espera...

- Agora estamos aqui. A sua vigília chegou ao fim. Consegues contar-nos alguma coisa?

- Todos mortos... tudo destruído... tudo incendiado.

- Nós sabemos. Sabe quem fez isto?

- Ahh... - ofegou longamente. - O deus destruidor... três metros de altura... deitava fogo pela boca... tudo destruído.

- O deus estava sozinho?

As palavras estavam a tornar-se mais fracas e tênues.

- N... não... ahh... muitos soldados... dizem... - O homem tossiu violentamente, e o torso foi atormentado por outra convulsão.

- Dizem o quê?

- Ahh...

- Diga-me só isso. Depois, o deus te levará para descansar.

- Cuidado... Nin, o Destruidor... Ahh... ahh.

Os olhos amarelados toldaram-se e aquietaram-se. O homem não teve fôlego suficiente para arquejar uma última vez, mas Ronsard sentiu a vida escapar daquele corpo despedaçado, que a mantivera presa durante tanto tempo contra sua vontade.

Theido levantou-se lentamente.

- Vamos enterrar imediatamente este bravo.

As aves guinchavam, como se soubessem que iam ficar privadas da sua refeição.

Depois de enterrarem o patético cadáver com a suavidade que os cavaleiros conseguiram reunir, Ronsard e Theido afastaram-se uns passos para conversar.

- Já viu o suficiente, meu amigo? - perguntou Ronsard, encostado à espada.

- Aqui já. Mas gostaria de ver este inimigo que ataca aldeias indefesas e mata os inocentes.

- Suponho que não falta muito para o encontrarmos. Mas não é agora. Devíamos regressar imediatamente e contar o que vimos. Quando voltarmos a cavalgar, será com mil homens atrás de nós.

- Isso... tirou-me as palavras da boca... hum. - Theido calou-se e pareceu contemplar alguma coisa no horizonte.

- O que é, Theido? Está preocupado?

Theido inspirou profundamente. Quando se virou novamente para Ronsard, tinha uma luz estranha brilhando nos olhos. Voltando-se outra vez para o horizonte, falou num tom de voz que parecia vir de muito longe. Ao mesmo tempo, uma sombra passou por sobre o vale.

- Tenho medo, Ronsard.

- Medo? você? Conhece-vos muito mal, senhor!

- Não sente? - O seu olhar era rápido e penetrante. - Não? Porque...

- Em que pensa, Theido? Não me esconda nada agora. Está com um pressentimento, bem vejo. Diga lá, não tenha medo de me inquietar em vão. Sou bastante homem para dar rédea curta aos meus pensamentos, garanto.

- Muito bem... tem razão, claro. Mas não é fácil pô-lo em palavras. Agora mesmo enquanto conversávamos, tive a sensação de que estávamos cavalgando por um caminho estreito abaixo. No fim, havia a escuridão. As trevas caíam sobre tudo. Só isto. Mas fiquei com medo.

Ronsard estudou o amigo com toda a atenção e, por fim, falou em voz firme mas suave:

- Estávamos juntos, Você e eu? Então isso chega-me. Para intimidar estes dois cavaleiros, o caminho tem de ser mesmo muito escuro. Mas vamos, deixemos este lugar do mal. Regressemos imediatamente a Askelon, para falar com o rei. Já estivemos ausentes tempo demais.

- Vamos regressar como diz, bom amigo. - Theido endireitou os ombros e bateu com a mão nas costas de Ronsard. - Mas preferia ter visto este inimigo misterioso e saber a sua força. Me sentiria melhor se lhe pudéssemos ver a cara.

- Eu também, mas não deve faltar muito. Ainda podemos dar com ele antes de chegarmos a Askelon... e estamos mal preparados para a batalha.

- Não estou nada interessado em me engalfinhar com um inimigo desconhecido, meu bravo amigo, mas só em espiar os seus métodos. E ainda mais porque este parece ser inacreditavelmente fantástico.

Enquanto falavam, caminhavam para o lugar onde estavam os cavalos. Quando lá chegaram, Ronsard montou e gritou para os seus cavaleiros:

- Montem, homens! Vamos para Askelon!

Os cavaleiros obedeceram e começaram a subir a colina por onde tinham descido, mas desta vez evitaram o círculo carbonizado da planície.

Theido ainda ficou por um momento ao lado do cavalo, contemplando a distância. Quando ouviu Ronsard chamar atrás de si, encolheu os ombros, montou o seu grande garanhão preto e apressou-se a juntar-se aos outros. Ao chegar ao alto da colina, o sol do fim da tarde bateu-lhe em cheio no rosto, fazendo-o sentir que a melancolia o abandonava, empurrada pela torrente de calor dourado que o inundou. Sem olhar para trás, esporeou o cavalo.

CAPÍTULO XI

Durwin levantou a túnica acima dos joelhos e entrou no lago rodeado de canaviais. O sol da tarde caía em raios oblíquos através de grandes carvalhos e de videiros com folhas prateadas, que cintilavam em reflexos tremeluzentes na água límpida. Peixes minúsculos afastaram-se precipitadamente dos seus pés. O grito líquido e cristalino de uma cotovia empoleirada num ramo dividiu o silêncio verde da floresta em duas metades palpitantes.

Durwin avançou cuidadosamente para a água mais profunda. Enquanto ia patinando, perscrutava o fundo coberto de seixos. Por um momento, pensou em despir a túnica e mergulhar nas frias profundezas do lago, como costumava fazer na floresta de Pelgrin, nas quentes tardes de Verão.

Mas, por mais convidativo que fosse este pensamento, refletiu melhor e resolveu continuar como estava. Não tardou que ficasse satisfeito por ter continuado vestido, pois, ao passear pelo lago, baixando-se de vez em quando, reparou numa coisa branca que brilhava na água. Olhando outra vez, percebeu que se tratava de um reflexo na superfície espelhada do lago. Com um sobressalto, levantou o olhar e viu uma mulher toda vestida de branco, de pé, na margem alagadiça e coberta de ervas.

- Minha senhora! - exclamou. - Que grande susto! Não sabia que me estava me vendo.

- Desculpe, Durwin. Não queria alarmá-lo - riu Alinea, cuja voz retiniu no valezinho. Há muito que não a ouvia rir. - Estava tão

concentrado que tive medo de perturbar os teus pensamentos. Perdoa-me.

- Agradeço a sua consideração, mas não era necessário. Só estou apanhando cicuta para fazer uma tisana.

- Cicuta? É um veneno mortal, não é?

- Conhece as plantas do campo e da floresta?

- Só algumas. A minha mãe, a rainha Ellena, conhecia muitos remédios e fazia-nos mezinhas. Quando era pequena, ajudava-a a apanhar as ervas.

- Então Sabem que as plantas não são mortais nem perigosas, e que isso só depende da intenção do curandeiro. É verdade que algumas são muito poderosas, mas, se forem usadas com sabedoria, até a mais venenosa delas todas pode proporcionar uma cura maravilhosa.

- E sem dúvida que não há neste reino sabedoria maior do que a sua, bom eremita. As suas mezinhas são muito eficazes.

- Oh, minha senhora! Não sabe como as suas palavras me entristecem.

- Disse alguma coisa que não devia? Fale, por favor. - A rainha aproximou-se da borda da margem. Durwin caminhou na sua direção.

- Não, a intenção não era má, mas as suas palavras escarnecem da minha inaptidão, pois o doente que eu mais gostaria de curar com a minha humilde arte continua prostrado na cama... não está melhor agora do que quando comecei a tratá-lo. A sua doença resiste a toda a minha arte.

- É um estado de enfraquecimento muito sutil.

- É verdade!

Durwin sondou os profundos olhos verdes de Alinea e leu neles a preocupação que se adensava a cada dia que passava. Sentiu-se impotente para a ajudar, tal como se sentia quando ia assistir ao nascimento de um bebê prematuro, que morria antes de ter

começado a viver. Embora fosse um fardo bem pesado, não se importaria de o tomar sobre si, mas não podia fazer nada senão assistir ao fato, humilhado pela sua inutilidade.

- Acha que o Deus Altíssimo ouve as nossas orações pelo doente?

- Acho que sim. Ele ouve todas as orações e a todas responde na devida altura.

- Então a oração há de fazer o que as poções não conseguem.

- Envergonha-me com a sua fé. Na minha busca de um medicamento, negligenciei gravemente esse remédio. Mas não o farei mais.

A rainha suspirou e levantou os olhos para o céu azul e limpo, que brilhava docemente à luz da tarde. Longínquos farrapos de nuvens deslizavam lentamente ao sabor da brisa que, de tempos a tempos, fazia roçar docemente as árvores.

O lago era como um vidro polido que refletia tudo o que se passava lá em cima. Alinea colheu uma florzinha vermelha de um maciço que tinha aos pés e pôs-se a sondá-la como se procurasse um sinal do seu criador.

Durwin continuou a patinhar, inclinando-se aqui e ali para arrancar uma planta pela raiz. Quando reuniu o suficiente, saiu da água e subiu para a margem, na qual Alinea esperava à sombra.

- O que se passa, Durwin? - Fez a pergunta em voz baixa mas a incerteza que a perpassou e a preocupação que espreitava nos seus olhos deu-lhe o impato de um grito. Antes dele poder acalmá-la, continuou: - Parece-me que uma coisa muito má e envolta nas trevas está crescendo, aproximando-se. Às vezes, paro sem razão e sou percorrida pelo medo. Vai tão depressa como veio, mas fica pairando no ar como um arrepio e nada volta a ser como antes.

- Também já o senti. Mas não consigo explicá-lo. Acho que Venha alguma coisa na terra... alguma coisa má. Por enquanto, não se sabe o que é, mas em breve se revelará.

- Embora as suas palavras não sejam alegres, anima-me ouvir-te falar. Pelo menos, sei que um amigo muito querido me compreende e sente o mesmo que eu.

- Se pudesse, a acalmaria.

- Cumpriu bem a sua missão. Vim aqui com a esperança de te encontrar e de descansar um pouco. Ultimamente, nem tenho visto os montes nem os bosques, e já estamos quase na força do Verão.

- Isto é muito calmo. A paz é tanta que, quando venho aqui, quase me parece que estou no coração de Pelgrin. Acredito que até num tempestuoso mar de problemas se encontram ilhas de serenidade. Nada pode tocar nelas.

A rainha mexeu-se, preparando-se para se levantar, e Durwin estendeu-lhe a mão.

- Fique um pouco mais, se quer, senhora. Eu tenho de ir tratar disto - disse, abanando a cicuta, de onde saíram cintilantes gotas de água.

- Não, vamos juntos. Tenho de ir ver o rei.

Caminharam até aos cavalos, montaram e regressaram ao castelo de Askelon no doce calor da companhia um do outro.

- De onde você é? - perguntou Quentin, torcendo o corpete. Como se chama?

- Não digo enquanto não souber quem me pergunta. - Os olhos da moça faiscaram em desafio.

- Está bem, nome por nome. Chamo-me Quentin e este é o meu amigo e criado Toli. - Ao dizer os seus nomes, pareceu-lhe ver um clarão de reconhecimento atravessando as feições agradáveis da jovem - Estes nomes lhe dizem alguma coisa?

- Não. Deviam dizer? - atirou ela.

- Há quem já os tenha ouvido.

- Suponho que deve haver muita gente que já ouviu falar de duas pessoas assim tão barulhentas e brigonas.

Quentin irritou-se com a língua afiada da moça.

- Nós dissemos os nossos nomes, mas você não nos disse o seu - retorquiu com ar zangado.

- Só digo o meu nome a quem quero. E só quero ser conhecida dos meus amigos. - Abanando o cabelo liso e molhado, virou a cara.

- Se soubesse quem está falando com você... - começou Quentin acaloradamente. A altivez da obstinada moça estava fazendo-o ficar fora de si.

- Se soubesse quem maltratou... - Com a rapidez de um gato, virou-se novamente para Quentin e saltou-lhe em cima, com as mãos como se fossem garras.

Toli voltou a agarrar-lhe os braços, dizendo:

- Paz! O que o meu amo está tentando explicar-lhe, senhora, é que juramos proteger todos os súditos do reino. Estamos às suas ordens. - Falou em voz baixa e largou-a quando ela acalmou.

- Pois bem, não precisa preocupá-los por minha causa retorquiu ela, num tom de voz mais brando. - Não sou súdita do seu rei.

- Não é de Mensandor? Ah, agora já estamos a entender-nos observou Quentin com ar azedo.

A moça olhou para cada um deles por trás das suas pestanas escuras, como se estivesse a medi-los.

- Muito bem, vou confiar em você... mas só porque o seu criado tem tento na língua. - Lançou a Quentin um olhar sombrio. - Chamo-me Esme. Vivo em Elsendor.

- Então está muito longe de casa. O que é que a trouxe a Mensandor e a esta aldeia tão modesta?

- Garanto que a aldeia não era o meu destino, mas a minha história não é para os seus ouvidos, embora já saiba que vai implicar comigo por causa disso.

- E quem melhor do que os homens do rei para ouvir a sua história? - indagou Quentin.

- O próprio rei! - Cruzando os braços, mirou-os com um olhar zangado.

- Então permita-me que te ofereça a proteção do rei até obtê-lo uma audiência com ele - disse Toli com uma vênia.

Esme sorriu triunfantemente e fez que sim com a cabeça. Quentin ergueu os olhos para o céu, como se implorasse paciência.

- Aceito a sua proteção. Parece que as mulheres precisam dela nesta terra de mal-educados. - Depois de ajeitar as roupas, fitou-os gravemente. - Encarrego-os de me levar imediatamente ao rei.

- Toli fez bem em oferecer-lhe a proteção do rei, para junto de quem regressaremos... mas não já. Temos uma missão de que fomos encarregados pelo próprio rei e só podemos voltar quando a cumprirmos.

A jovem carregou o cenho e ia começar a interpelá-los furiosamente, mas Toli intercedeu de novo:

- O que o meu amo diz é verdade. Se a nossa missão não fosse urgente, de bom grado a conduziríamos diretamente ao castelo. Nós próprios vamos regressar lá o mais cedo possível.

- Então vou sozinha. Com a sua proteção ou sem ela, a minha missão não pode esperar.

- Como? No seu barco? Ias demorar muito mais tempo do que pensa. A corrente do Herwydd é muito forte. Não é fácil subi-la e Askelon fica longe. Ou está pensando em ir a pé?

- Ou você pode me dar o seu cavalo - respondeu ela.

- O meu amo está sugerindo-lhe prudência, senhora. Talvez não falem muitos dias para completarmos a nossa missão. Temos bons cavalos e, se for preciso, podemos chegar rapidamente a Askelon. Viaje conosco... - hesitou - para sua proteção e para chegar mais depressa junto do rei.

Antes de se decidir, a impetuosa jovem passou o olhar de um para o outro.

- Está bem, irei com vocês. Acho que não tenho outro remédio.

Ditas estas palavras, virou-se e começou a caminhar de volta à abandonada aldeia de Persch.

Toli e Quentin seguiram atrás dela. Quando chegaram ao largo da povoação, Esmé voltou-se para eles, anunciando:

- Volto já. - E desapareceu dentro de uma das habitações.

- Vou esperar aqui pela nossa orgulhosa companheira - disse Quentin. - Vá buscar os cavalos. Partiremos logo que ela regressar.

Toli obedeceu e pôs-se a redistribuir pequenos artigos de viagem.

- O que é que está fazendo? - inquiriu Quentin, observando-o.

- Como não me parece que queira que ela vá com você no seu cavalo, estou arrumando o meu.

- O meu dever é assumir eu essa responsabilidade.

- Como? Eu sou seu servo. O dever é meu. E foi por causa da minha língua que ficou com este fardo às costas. Portanto, vou ajudá-lo a carregá-lo.

- Se isso te dá prazer, Toli, até podes levá-la nos braços todo o caminho. Faça como quiser.

- Estou pronta - gritou uma voz atrás deles. Voltaram-se os dois, e viram uma jovem bem diferente da que tinham pescado no mar. Esmé arrumara o cabelo, prendendo-o com uma tira de couro. Envergava calças de montar, de corte mais requintado do que as dos homens, com complicados desenhos bordados ao longo das costuras. Atirada por cima de um ombro, tinha uma capa curta também cuidadosamente bordada, que condizia com as calças. Tanto a capa como a macia túnica curta que trazia por baixo eram azul-escuras. Na cintura, um cinto fino de couro novo segurava um punhal comprido. Um par de botas de couro macio cobriam-lhe os pés e chegavam-lhe quase aos joelhos.

Seria difícil prever uma transformação tão notável. Toli e Quentin pestanejaram surpreendidos. Esmé parecia uma princesa guerreira, mas nunca tal se ouvira em Mensandor.

- Que cavalo montas? - inquiriu.

- Toli a levará com ele.

Sem mais palavras, subiram para as selas. Toli estendeu a mão e puxou a jovem, que se sentou atrás de si no largo lombo de Riv! Dali a pouco, a aldeia silenciosa ficava para trás.

Quando o pôr do Sol lhes alongou as sombras sobre as verdes colinas, pararam para passar a noite junto de umas finas faias pretas, perto de um regato. Quentin e Toli começaram a levantar o acampamento e Esme foi sentar-se num lugar cheio de ervas, puxou os joelhos para cima e pôs-se à espera. Só se aproximou quando Toli já tinha a carne no espeto e o caldo borbulhante na panela pouco funda.

- Pode ser que amanhã comamos melhor - observou Quentin.

- Não pudemos arranjar as provisões de que gostaríamos. - Inclinou a cabeça na direção de Persch.

- Para mim, é um banquete - replicou Esme, que, com os olhos brilhando, observava Toli virando os espetos. - Há dois dias que não como.

A confissão envergonhou Quentin, que corou violentamente.

- Eu... eu peço desculpa pelo meu comportamento, senhora. Não devia ter feito o que fiz.

- Eu também o julguei mal - admitiu ela. - Mas talvez me perdoe o meu erro. Por vezes, uma mulher tem de desencorajar os avanços e as inconveniências dos desconhecidos. Pensei que queria se aproveitar de mim.

- Ficaria com muita pena era do homem que tentasse.

- Não te acontecerá nada enquanto estiver conosco, senhora - disse Toli muito sério.

- Obrigado, senhor. - Quando os seus olhos se encontraram, Toli virou rapidamente a cara e acabou de preparar a refeição. Uma vez esta pronta, sentaram-se para comer. Toli passou um prato de carne em volta e encheu as tigelas de caldo. Depois, partiu umas côdeas de pão duro, que molharam no caldo para amolecer e ser mais fácil de

mastigar. Esme comeu com um apetite muito pouco próprio de uma senhora, mas Quentin e Toli fizeram de conta que não viram nada.

- É muito simpático da sua parte não reparar nas minhas maneiras. A comida aquece tanto um estômago vazio!

- Como podemos reparar naquilo que também fazemos? - perguntou Quentin. - Não quer mais? Sirva-se à vontade.

- Já comi que chegasse, obrigado. Toli, cozinha comida simples como ninguém. Gostaria de ver o que consegue fazer com vitualhas mais exóticas.

Toli não disse nada e sorriu misteriosamente.

- Agora quer nos dizer o que fazia sozinha na aldeia? - indagou Quentin passado algum tempo.

Esme observou o interior da sua tigela de caldo, como se a resposta estivesse escrita ali. Depois, inclinando a cabeça para um lado, disse:

- Não tenho culpa se estava sozinha. Como talvez calculem, fui lá à procura das roupas com que me viu vestida, Ao encontrar a aldeia vazia, tal como vocês, tratei eu de arranjar as roupas.

- Queria andar disfarçada... porquê?

- Já te disse: uma mulher tem de se rodear de cuidados quando viaja sozinha. O disfarce não era lá grande coisa, bem sei. Mas pensei que servia até eu descobrir outro ou até - fez um grande sorriso - os disfarces já não serem necessários.

- Conhece Mensandor assim tão mal para pensar que todos os homens são patifes?

- Não pensei em experimentar os súditos de Mensandor, mas não é deles que tenho medo. Falem-me da sua missão. Qualquer coisa me diz que os nossos objetivos estão mais próximos do que parece à primeira vista.

- Vamos procurar uns companheiros que deviam ter aparecido há muito - esclareceu Toli. - Foram mandados...

- Apurar a verdade de certos boatos que se espalharam na terra - rematou Quentin cheio de tato.

A testa de Esme enrugou-se subitamente.

- Os seus amigos foram para sul?

- Foram para sul ao longo da costa. Porquê?

- Bons amigos, tenho muito medo por eles. - A voz tremeu-lhe de preocupação. - Não me admira que já devam ter chegado há muito... ou que nem sequer nunca mais regressem.

Imensamente atento, Quentin inclinou-se para a frente. Toli pôs os utensílios de lado e olhou fixamente para Esme.

- O que é que sabe disso? - perguntou Quentin com uma calma que não lhe disfarçava a ansiedade.

- Só isto... - Como vira o efeito que o que dissera tinha provocado, Esme escolheu as palavras com todo o cuidado: - Foi entre Dorn e Persch que, há dois dias, perdi os meus companheiros.

CAPÍTULO XII

- Está aí? - indagou Quentin em voz baixa, aproximando-se sem fazer barulho e pondo-se de pé ao lado de Toli. - Eu devia ter adivinhado que estava observando as estrelas.

- Não podia deixar de fazê-lo, Kenta. A estrela está crescendo. - A luz do céu noturno iluminava o rosto virado para cima do Jher.

- A mim parece-me igual - retorquiu Quentin sem convicção.

Daqui a pouco é madrugada: talvez seja melhor prepararmo-nos para partir. As palavras da nossa nova companheira preocuparam-me. Fico mais descansado quando estivermos a caminho. Não me agradaria nada pensar que o Theido e Ronsard foram apanhados porque nós não os avisamos nem o impedimos.

- É verdade, a estrela cresce a cada noite que passa e o mal também aumenta - tomou Toli, que se virou para Quentin e o fitou com os grandes olhos escuros cheios de uma luz que Quentin raramente vira. - Vou aprontar os cavalos e acordar a nossa companheira. Temo que o dia já esteja estragado.

Afastando-se sem barulho, Toli deixou Quentin cismando nas suas palavras e sondando a estrela que, a leste, brilhava intensamente. Quentin ouviu uns passos leves como uma sombra atrás de si e Esmé apareceu ao seu lado.

- Então também sabe da estrela - disse ela.

- Nós a temos observado... mas não sabemos bem o que pressagia.

- Não precisa de me poupar às suas piores suspeitas. Os nossos sacerdotes conhecem bem os sinais celestes e também fazem a leitura

dos portentos. Sei o que dizem da Estrela de Rapina, mas não tenho medo.

- Então é mais corajosa do que eu, senhora, porque tenho de reconhecer que, às vezes, ao olhá-la, sinto muito medo.

Toli trouxe os cavalos e montaram os três. Deixando o abrigo do bosque de faias pretas, deslizaram para a noite que se desvanecia e começaram a atravessar os montes iluminados pelas estrelas. Atrás deles erguia-se a parede escarpada dos Fiskills e o trilho estreito que seguia ao lado do mar.

Tinham passado este corredor apertado ao fim da tarde e haviam forçado o andamento até às encostas que ficavam do outro lado, onde tinham acampado durante a noite.

Embora estivesse curioso por saber mais de Esme, Quentin não lhe pedira que contasse pormenorizadamente a sua história, nem ela parecia inclinada falando da perda dos seus companheiros ou da missão que a levava para junto do rei

Eskevar. Mas as reservas que pusera quanto a segurança de Theido e de Ronsard tinham-no inquietado, pois ele próprio andava sentindo uma certa preocupação. Ela não fizera mais do que dar voz à sua dúvida, tornando-a real e urgente.

- Eles devem ter ido para sul, por Halidom - raciocinara Quentin, quando, depois do jantar, tinham sentado em volta da fogueira. - Senão, Esme e seu grupo os teriam encontrado na estrada entre Dorn e Persch.

- Mas porque é que haviam de ir para tão longe? - perguntara Toli.

Quentin encolhera os ombros.

- Hei de perguntar-lhes quando nos encontrarmos. Talvez tenham visto alguma coisa. Para me dar volta à cabeça, já chegam estas povoações desertas.

Depois, tinham-se calado e tentado descansar. O espírito irrequieto de Quentin atirava-se às suas perguntas por responder

como um cão a um osso. Mas, naquela altura, novamente em movimento, sentia-se melhor.

Colocou-se a escutar a cadência dos passos dos cavalos na zona mais profunda da noite. Dali a pouco, o horizonte começaria a iluminar-se a leste e o sol empurraria a escuridão, preparando-se para mais um dia. Mas, naquele momento, seguiam como filhos da noite, deslizando, invisíveis pelo mundo adormecido.

Quentin seguiu outra vez pela estrada da costa, um caminho largo e rochoso que ligava as povoações marítimas. Se alguma vez encontrassem Ronsard e os seus cavaleiros, seria, com certeza, naquela estrada; claro que havia outros caminhos para norte, através das castanhas Terras Selvagens, mas era mais raro viajar-se por eles. Tratava-se de trilhos usados pelos mercadores para atravessarem as vastas e vazias terras do Suth, em direção às regiões mais populosas do Norte.

As aldeias vazias (primeiro, Persch e, depois, Yallo e Biskan) tinham-no inquietado muito; embora não se cansasse de procurar uma explicação lógica, não lhe surgia nenhuma.

Theido e Ronsard também as teriam descoberto? Se as tinham atravessado, com certeza que sim, mas as povoações também podiam haver sido abandonadas depois da passagem dos cavaleiros. Não havia forma de se saber há quanto tempo tinham passado na estrada, onde tinham ficado ou quem tinham visto.

Embora a razão lhe dissesse que seis cavaleiros armados podiam enfrentar quase tudo, Quentin esperava que eles não tivessem encontrado o que quer que fosse que surpreendera o grupo de Esme.

Cavalgaram durante uma hora ou mais, seguindo a sinuosa senda que subia e descia as suaves colinas ondulantes da costa. No alto de cada uma, viam o mar imenso, escuro e calmo, estendendo-se na distância. Gerfallon não se incomodava com os tormentos de simples mortais: dormia no seu leito profundo, rodeado das suas criaturas.

No alto de uma colina, Quentin parou e esperou que Toli, com Esme sentada atrás, de mãos nos joelhos, subisse e se pusesse ao seu lado impaciente com a demora, Blazer saltitava de lado.

- O que acha que é aquilo? - perguntou Quentin, fazendo um sinal de cabeça na direção dos montes escuros que ficavam a norte. Na distância, distinguia-se a custo uma mancha de chumbo luzindo no céu. - Se não soubesse, diria que, hoje, o Sol está nascendo a norte... isto é, um falso sol.

- Já muitas vezes vi este falso nascer do Sol e pode ter certeza de que vem por aí alguma desgraça.

- O que é? - inquiriu Esme.

- Fogo - respondeu Toli.

- Tem certeza? Não me parece nenhum incêndio - disse Quentin, inclinando-se na sela para ver melhor. - Para isso era preciso uma pilha de madeira do tamanho de...

- Uma aldeia - completou Toli com a palavra que faltava.

- Não me diga... - gritou Quentin, cada vez mais alarmado.

- Illem fica naquela direção!

- É. A mais ou menos uma légua para norte.

- Então estamos perdendo tempo conversando - rematou Quentin, virando o cavalo de frente para o clarão. - Talvez possamos ajudar. Vamos!

- Segure-se bem, senhora - recomendou Toli, agitando as rédeas. Riv saltou do caminho e lançou-se em perseguição da forma em vôo de Quentin.

À medida que os cavalos se aproximavam, galopando a toda velocidade o clarão do horizonte ficava mais brilhante e maior, a meia légua de distância, já cobria os montes, adensando-se num feio tom avermelhado, a fumaça preta recortava-se na cortina mais escura da noite.

A leste, o advento da madrugada tornara o céu cor de pérola, o que fazia com que o clarão parecesse ainda mais agourento e pouco

natural.

No fundo de uma ravina, Quentin puxou as rédeas ao cavalo, que parou. Na Primavera, os degelos dos Fiskills enchiam o leito seco de água gelada. Naquela altura estava juncado de ervas e arbustos, pois há muito que as águas se tinham esvaziado para o mar.

- Parece-me que Illem fica mesmo atrás de um cumo - disse Quentin. A ravina atravessava uma depressão comprida, limitada, em três lados, por cumes baixos. Do fundo do leito seco do regato, parecia que o norte do céu brilhava como ferrugem. O vento que soprava para terra espalhava as colunas de fumaça.

- Passa-se qualquer coisa - observou Toli. - Vamos andando com cuidado até descobrirmos onde está o inimigo.

- Concordo - assentiu Esmé. - Somos só três sabe-se lá contra quantos.

Surpreendido, Quentin olhou-a. Era claro que ela se considerava protetora e não protegida.

- Porque é que há de haver um inimigo? Com certeza não pensa...
- Quentin calou-se. Conhecia o misterioso instinto de Toli suficientemente bem para saber que até as suas mais leves extravagâncias deviam ser levadas a sério, pois haviam tido razão de ser tantas vezes que não era nada prudente não ligar. - Está bem, vamos continuar pelo vale até ficarmos ao nível da povoação. Depois, podemos descer ao abrigo da crista.

Recomeçaram a andar, mas a um passo mais lento. Quentin seguia à frente, perscrutando os cumes dos montes, à procura de sinais de atividade anormal. Um pouco mais à frente, o caminho dava uma curva apertada.

- Espere! - murmurou Toli asperamente. - Ouça !

Vindo do fim da curva, ouvia-se um som estranho e abafado, como se um animal grande estivesse fustigando no solo macio do leito seco. Arrastando-se, respirava pesadamente, com um suspiro

imaterial. Ouvindo este som, tanto Blazer como Riv levantaram as orelhas.

- O que será? - indagou Esmé, cujo sussurro quase se perdeu, dado que a intensidade do som aumentava rapidamente.

- Seja o que for, vem para cá - disse Quentin. - Por aqui! - E esporeou Mazer na direção da rampa mais próxima, para se desviar do caminho do bicho.

Mas foi tarde demais. Quando Blazer saltava para a frente, a coisa apareceu, agitando-se na curva. Quentin entreviu um corpo enorme, ondulante, disforme e mal definido. A criatura também o viu e soltou um latido que pareceu sair de uma dúzia de gargantas ao mesmo tempo. Foi então que Quentin percebeu do que se tratava.

- Pare! - gritou Quentin, puxando as rédeas bem de lado, para que Mazer recuasse nas patas traseiras e rodasse sobre si próprio. A sua ordem ecoou na encosta mais afastada. Toli apareceu imediatamente ao seu lado.

O animal gritou e desfez-se em cem pedaços, cada um fugindo numa direção diferente. De fato, o estranho bicho era apenas o amontoado dos aldeões de Illem, que fugiam juntos das suas casas incendiadas, O som que tinham ouvido era o de muitos pés correndo pelo leito seco e o murmúrio do medo.

- Parem! - berrou Quentin novamente. - Em nome do Rei Dragão!

As pessoas pararam. À vista do cavalo e do cavaleiro que assim apareciam de repente, ficaram pregados ao chão. Por um momento, ninguém se atreveu a mexer-se. Quentin calculou que, ao todo, deviam ser cinquenta, incluindo homens, mulheres e crianças.

Um homem mais corajoso deu um passo em frente:

- Não nos bloqueie o caminho, senhor. Não sei o seu nome, mas se é amigo deixe-nos ir! - O homem aproximou-se lentamente de Quentin. Os outros, que se encontravam atrás dele, estavam apavorados demais para se mexerem ou falarem.

- Podem ficar tranqüilos que não lhes faremos mal - disse Quentin.

O homem olhou por cima do seu ombro e gritou:

- O destruidor está atrás de nós! Só escapamos com as nossas vidas... deixem-nos ir! Ele vem atrás de nós!

- Quem é esse Destruidor? Nós vamos ao seu encontro e...

- Não, é tarde demais! - Fez um gesto rápido para os seus seguidores. Mal recomeçaram a andar, o homem ergueu a mão para o ar. - Ahh! Nos encontraram!

Quentin olhou para trás do homem e viu qualquer coisa descendo pelos lados da ravina, à luz de tochas. Então, desembainhou a espada de trás da sela e, ao mesmo tempo, ouviu o tinido da lâmina de Toli.

- Corram! - gritou Quentin aos aldeões. - Nós protegeremos a sua fuga.

Toli lançou-se para a frente e Quentin viu mais tochas ardendo pela ravina abaixo. Inclinando-se sobre o pescoço de Blazer, Quentin precipitou-se para a ladeira, na direção do que lhe estava mais próximo. Depois, ouviu a lâmina de Toli

fendendo o ar e o bater de metal, seguido de um grito abafado. Com a espada erguida, saltou o leito plano do regato e foi cair no meio de um confuso grupo de soldados envergando cotas de malha, que desciam a ladeira desordenadamente. Dois deles provaram a sua lâmina e outros dois deram meia volta e largaram a correr ladeira acima.

Virando-se, Quentin descobriu que tinha o caminho cortado. Mazer recuou e começou a escoicinhar, com cascos que pareciam voar. A espada de Quentin, abrindo passagem até ao lado de Toli, parecia um escudo cintilante. A ponta de uma lança surgiu duas vezes da escuridão, mas a espada rachou-a das duas vezes. Ora ficava um broquel cortado ao meio, ora um elmo...

Era óbvio que os soldados não estavam à espera de encontrar homens a cavalo. Não sabiam o que fazer e corriam uns para os outros, esforçando-se para ficarem fora do alcance dos corcéis bem treinados de Toli e Quentin. Este fato levou Quentin a pensar que, embora estivessem em desvantagem, conseguiriam dominá-los.

Mas, uma vez passada a surpresa inicial, os soldados reagruparam-se rapidamente e rodearam os cavaleiros.

- Estamos encurralados! - gritou Quentin, galopando ao lado de Toli. - Temos de arranjar uma passagem. Onde fica o ponto mais fraco?

- Ali... vê aquele buraco? - respondeu Esme. Quentin viu-a apontar com o punhal.

Olhando para o lugar indicado, descobriu um espaço entre dois soldados que corriam para eles.

- Boa, moça! Siga-me! - Agitou as rédeas e Blazer deu um salto em frente. Ao aproximar-se do buraco, viu uma vedação de arbustos baixos. Antes de ter tempo para pensar, Blazer estava no ar, passando-lhe por cima.

Toli não teve a mesma sorte. Com o peso demais um cavaleiro, Riv saltou e passou os arbustos com as patas da frente, mas as de trás emaranharam-se nos ramos. Caíram os três e os soldados convergiram instantaneamente para eles.

Blazer estacou, batendo com os cascos, e Quentin fê-lo dar meia volta e regressar ao meio da confusão.

- Whist Orren, proteja o seu servo! - gritou, desesperado. Nos escassos momentos de batalha, o céu clareara o suficiente para se verem os soldados recortados contra um fundo mais escuro. Quentin lançou um grito de batalha e preparou-se para a inevitável colisão. Entretanto, viu Rív sacudindo a cabeça e voltando a colocar-se de pé. Toli e Esme estavam perdidos por baixo de uma dúzia de sombras pretas de soldados que formigavam sobre eles.

Quentin foi malhando a torto e a direito na desordem de lanças e espadas, ouvindo os arquejos de dor e sentindo a espada penetrar bem fundo. Depois de baixar o braço uma e outra vez, a turva massa de corpos dividiu-se.

Depois, sentiu que alguém lhe puxava a capa, desequilibrando-o para trás. Os soldados estenderam as mãos e agarraram-lhe os braços; com um golpe seco, tiraram-lhe a espada da mão.

Blazer recuava e saltava, mas Quentin estava firmemente preso e foi içado da sela.

Ao cair no chão, viu Esmé saltando do nada e passando por ele correndo. Por um instante, os seus olhos encontraram-se. Quentin ainda pensou que ela ia em sua ajuda, mas Esmé afastou-se e, num abrir e fechar de olhos, estava na sela de Toli.

Caído no chão, Quentin sentiu um pé esmagar-lhe a garganta.

Enquanto o mundo girava à sua frente, ouviu o som dos cascos de Riv, que se afastava.

CAPÍTULO XIII

Pesadas cortinas tapavam as janelas do quarto do Rei Dragão. Um fio mínimo de luz brilhava por entre uma abertura dos cortinados corridos e caía num simples raio sobre o alto leito real. De resto, o quarto estava tão escuro como uma caverna cavada no fundo de um monte.

Durwin entrou sem fazer barulho e ficou um momento ao pé da porta. Pondo um dedo no queixo, aproximou-se escutando a respiração irregular e leve da forma imóvel que se encontrava na cama. Parando junto do enfraquecido rei, inclinou-se para observar o rosto do homem adormecido. Foi nessa altura que detectou o leve cheiro pútrido da morte.

O santo eremita deu meia volta e pousou a taça de madeira, que tinha na mão, numa mesa ali perto. Depois, encaminhou-se para a janela alta e estreita, agarrou as cortinas com as duas mãos e puxou com toda a força. As dobras fechadas do tecido rasgaram-se e caíram ao chão, deixando entrar uma avalanche de estonteante luz da manhã que inundou o quarto sombrio.

O ar fresco, limpo e quente varreu o quarto arrefecido pela noite, banindo aquele fedor horrível. O homem deitado na cama, pálido e mirrado entre os montes de grossas mantas, mexeu-se debilmente. Um queixume, onde se notava a falta de ar, escapou-lhe dos lábios.

- Acorde, meu rei! - gritou Durwin, inclinando-se. - Ouve? Digo que acorde e que afaste de si o sono da morte!

Durwin pegou a taça e, enfiando a mão por baixo da cabeça de Eskevar, chegou-a aos lábios do inválido. O líquido amarelo

escorreu pelo queixo e pescoço do rei, manchando os lençóis.

Mas pelo menos uma parte do remédio entrou na boca do doente. O rei arquejou debilmente e o eremita deu-lhe mais líquido, esvaziando a taça. Dali a pouco, as pálpebras cinzentas agitaram-se e abriram-se, pondo a descoberto dois olhos escuros, toldados e entorpecidos.

- Acorde, Eskevar. Ainda não chegou a sua hora. - Os olhos imóveis fitavam-no por entre a névoa. - Oh, será que cheguei tarde demais? - murmurou Durwin para si próprio.

- O que é? Durwin, o que aconte... - A rainha apareceu à porta aberta. Avançando dois passos, viu o marido imóvel, olhando para cima. - Oh! - gritou, precipitando-se para junto da cama.

- Ele ainda está conosco, senhora, mas não sei por quanto tempo. - Enquanto falava, Alinea agarrou-se ao seu braço, procurando apoio, e atirou-se para cima do leito, enterrando o rosto nos lençóis. Dali a pouco, ouviam-se os seus soluços abafados e indistintos.

Durwin deixou-se ficar de lado, contemplando a rainha e o seu rei moribundo. Tinha o coração apertado de piedade e dor.

- Deus Altíssimo - rezou -, vós dais vida aos homens e tornais a recebê-la deles quando a sua passagem sobre a Terra está completa. Todas as coisas crescem no seu tempo, de acordo com os seus desígnios. Com certeza que os é odioso que a vida se acabe antes do que foi destinado.

-Uma doença má aflige o nosso rei, apertando-o num abraço mortal. Libertai-o dele. Fazei-o voltar a subir o caminho que agora desce e devolvi-o aos seus entes queridos e ao seu reino.

A oração de Durwin pairou no ar como um bálsamo. A brisa soprou suavemente, transportando o perfume das rosas dos jardins lá de fora e atravessando a quietude do quarto com o seu doce sussurro. Depois, tudo voltou a ficar silencioso.

- Durwin... olhe! - exclamou Alinea. Ajoelhada ao lado de Eskevar, apertava-lhe uma mão nas suas. O rei observava-os

calmamente, com os olhos marejados de lágrimas.

- Oswald! - chamou Durwin. O camareiro da rainha, que não saía de junto da porta, entrou com medo. - Vá buscar o frasco que está na minha mesa de trabalho. - O preocupado servo desapareceu imediatamente e voltou antes mesmo de Durwin acrescentar: - E rápido!

O eremita tirou a rolha do frasco e administrou o líquido, que escorreu pela garganta do rei abaixo. Desta vez, Eskevar tossiu, fechou os olhos como se tivesse dores e disse numa voz que mal se ouvia:

- Caí assim tanto que até sou envenenado no meu próprio leito?

- O rei queixa-se... é bom sinal. - A rainha virou o rosto ansioso para o eremita. - Senhora, por agora, não há problema, mas ele ainda não está fora de perigo.

Durwin deu a volta à cama e começou a puxar para trás as mantas de lá e pêlo.

- No entanto, fui tolo e de compreensão lenta. Talvez o rei não tivesse decaído tanto, quase a um ponto sem regresso, se eu fosse mais observador. Temos de levantá-lo senhora.

Alinea pôs um ar de dúvida:

- Acha....

- Sim. Ele tem de poupar a força que ainda possui. Tem de usá-la para arranjar mais. Ajudai-me a colocá-lo de pé.

Pegando o corpo do rei, leve como uma pluma, não ofereceu qualquer resistência, levantaram-no com todo o cuidado, carregando-o pelos braços, puxaram-no suavemente da cama e pousaram os pés descalços no chão.

- Ahhh! - gritou Eskevar, cheio de dores. A rainha lançou um olhar preocupado a Durwin, que se limitou a assentir com a cabeça, como se quisesse dizer: "Continue, tem de ser."

Cuidadosamente, ajudaram-no a andar passo a passo, de trás para frente parando sempre em frente da janela para o deixarem

recuperar o fôlego. Caminharam assim durante muito tempo. A cabeça do rei, que estava quase inconsciente, balançava-lhe nos ombros.

Ao meio-dia, Eskevar já se mexia à vontade, embora ainda precisasse se apoiar no braço da sua rainha. Tinha a testa úmida de suor e uma tosse violenta atormentava o seu corpo encolhido, fazendo-o tremer todo. Exausto, desfaleceu.

Durwin e Oswald transportaram-no de novo para a cama, observados por Alinea, que retorcia as mãos.

- Suponho que agora vai dormir profundamente. Daqui a pouco o acordamos para comer. E tem de andar outra vez antes do Sol se pôr. Ficarei com ele à noite.

Durwin afastou-se do leito, abanando lentamente a cabeça de trás para diante.

- Como pude deixá-lo decair tanto?

- Na verdade, a culpa não é sua. Fez o que pode. Aliás, acaba de lhe salvar a vida. - Alinea deu umas palmadinhas no braço de Durwin e sorriu calmamente.

- O deus me abriu os olhos a tempo senhora. Devo dar graças por isso. Mas não podemos afrouxar outra vez a nossa vigilância, se não queremos perdê-lo para sempre. Está muito fraco, a sua força é muito frágil.

- Venha recompor-se na cozinha. Você também vai precisar da sua força nas horas que se aproximam, assim como todos nós.

Quentin retorceu-se no chão. Sentia uma dor aguda, que o penetrava de lado. Tinha um olho fechado devido ao inchaço e a sua boca, que sabia a sangue, latejava com uma dor surda.

Levantando a cabeça devagar, olhou em volta com todo o cuidado, a fumaça da aldeia incendiada ainda pairava em nuvens que rolavam pelo chão, picando-lhe nos olhos e congestionando-lhe o nariz. O sol, que ainda mal nascera,

parecia uma bola vermelha que ardia intensamente por entre a névoa preta que enchia o ar e se afundava nas encostas da ravina onde se encontrava.

Um soldado que estava ali perto viu o ligeiro movimento de Quentin e deu-lhe um golpe no ombro com o cabo da lança.

Quentin tornou a baixar a cabeça e ficou quieto; já vira o que queria ver. A grande maioria dos soldados já partira; só tinham ficado uns poucos para guardar os prisioneiros... se é que havia prisioneiros, pois não se via Toli nenhum lugar.

Quentin tentou mexer os dedos, mas estavam entorpecidos. As cordas que o amarravam tinham sido bem atadas e apertadas. Tinha as duas mãos juntas atrás das costas, um laço à volta do pescoço e outro passando-lhe pelos pés. Se movesse as mãos ou os pés, o nó do pescoço esticava e estrangulava-o. Mas, periodicamente, Quentin rastejava para um lado ou para o outro, tentando avaliar melhor o que o rodeava.

Só estava vivo graças ao deus. No caótico momento da sua captura ficara instantaneamente inconsciente. Logo que caíra no chão sangrando, um carrancudo guerreiro erguera um machado de dois gumes por cima dele. Quentin vira o clarão da lâmina baixando-se e descrevendo um arco na direção do seu coração.

Fora salvo no último momento por uma mão que agarrara o braço que segurava o machado no ar. Depois, iniciara uma discussão. Embora Quentin não percebesse as palavras mal articuladas daquela língua áspera, sabia que tinham a ver com o seu provável destino. O soldado que empunhava o machado queria matá-lo imediatamente. O outro parecia insistir que se esperasse, possivelmente pela aprovação de um superior.

Por isso. Quentin fora amarrado e deixado meditando sobre o que o esperava. Mas não esperou muito.

Passado pouco tempo, ouviu o som oco dos cascos de um cavalo, de repente, houve uma grande agitação à sua volta, uma voz áspera

gritou uma ordem e dois guerreiros sinistros agarraram-lhe pelos braços e, aos sacões, puseram-no de joelhos. A voz berrou outra ordem e uma mão pegou no seu cabelo e puxou-lhe a cabeça violentamente para trás. Fechou os olhos com a dor.

Quando tornou a abri-los, deu com os olhos frios e duros de um dos comandantes de Nin.

O guerreiro observava-o impiedosamente. Envergava um estranho vestuário de batalha feito de bronze, que, ao Sol nascente, luzia com um brilho acobreado que condizia com a cor da sua pele. Tinha os braços cobertos por mangas de cota de malha que lhe iam dos ombros às mãos largas e pesadas e, dos joelhos aos tornozelos, usava polainas de bronze. Não trazia nenhum elmo, e o cabelo preto e comprido estava puxado para trás e preso numa trança comprida e grossa, que lhe descia pelas costas. Da maçaneta da sua sela pendia uma espada comprida e curva, com a lâmina fina manchada de fios carmesins de sangue.

O cavalo do comandante, largo e pesado, abanou a crina entrançada e relinchou. Um dos soldados que agarravam Quentin começou a falar. Era um som estranho aos ouvidos de Quentin, que não fazia a mínima idéia de que língua se tratava, pois não percebia nem uma palavra. Mas o mais natural era que o soldado estivesse contando a captura do prisioneiro ao seu comandante.

Em certo momento, o comandante, que ouvia atentamente, interrompeu para fazer uma pergunta. Pareceu então a Quentin ver um clarão de interesse iluminando-lhe as feições selvagens. A uma ordem rápida, dois soldados precipitaram-se para lhe desamarrarem as pernas, puseram-no de pé e obrigaram-no a andar. O comandante ficou a vê-lo afastar-se, esporeou o cavalo e começou a descer a ravina.

Quentin foi forçado a subir a margem íngreme do leito seco. Através da fumaça que pairava no campo, viu soldados reunidos em volta de várias carroças grandes, envergando o mesmo vestuário

escuro e grosseiro e transportando brutais machados de batalha de dois gumes. A uma ordem, entregaram todos as suas armas, que foram recolhidas e metidas dentro das carroças. A outra, deram-lhes grandes cestos. Depois, regressaram todos correndo para as ruínas fumegantes de Illem.

Quentin foi levado até uma das carroças mais próximas e encostado a uma roda enorme... tão grande que era da sua altura. Desamarraram-no e, depois, prenderam-lhe os pulsos e os tornozelos à roda. Naquela posição, não teve outro remédio senão observar a estranha atividade que se desenrolava nas ruínas.

Vários soldados em linha surgiram da cortina de fumaça, transportando sacos de grão e pipas de vinho. Estes e outros alimentos, que constituíam as provisões da povoação, foram empilhados num grande monte e, depois, carregados em carrinhos de mão, que os levaram dali para fora.

À sua frente começaram então a desfilar pares de soldados com cestos, que se encaminhavam para os montes. Quentin não conseguia ver para onde iam, mas sabia que se dirigiam para norte. Os homens transportavam os cestos nos ombros, e alguns iam bem curvados sob o peso do que levavam. Quentin ficou pensando no que conteriam os cestos.

Mas embora observasse a atividade que o rodeava, estava sempre voltando-lhe à idéia o pensamento que mais temia. Mais do que a sua segurança, preocupava-o o que acontecera a Toli. O seu amigo, companheiro e servo desaparecera. Sabia que havia duas explicações possíveis: ou Toli fora morto durante o ataque e, nesse caso, o seu corpo jazia abandonado lá no fundo da ravina, ou o astuto jher conseguira escapar na confusão da batalha.

Quentin rezava para que Toli estivesse salvo.

Nesse momento, ouviu um sinal, um estrondoso toque de trombeta e uma fileira de homens a cavalo passou pelas carroças.

Cada um deles transportava um machado, um escudo e a estranha espada curva. Os cavalos também tinham armaduras.

Grandes discos de couro endurecido, ligados por aros de ferro e entrançados de maneira a formarem tiras, passavam pela cernelha e pela garupa dos animais e quase arrastavam no chão. Por cima dos cascos, tinham filas de espigões afiados, além disso, mais dois espigões compridos e cruéis despontavam da placa frontal de cada cavalo.

Quentin pensou que, fossem quem fossem, tinham chegado preparados para a guerra.

Depois dos cavaleiros passarem, ouviu outro toque de trombeta e, para seu horror, as carroças puseram-se em movimento. Pensando que se tinham esquecido dele, Quentin desatou a gritar, enquanto a roda à qual estava amarrado

começava a rolar. Mas os seus gritos só originaram gargalhadas nos soldados que passavam. Percebeu então que não tinham se esquecido dele. Estava destinado a viajar com eles naquela tortura e a morrer lentamente na roda que girava.

CAPÍTULO XIV

Yeseph encontrava-se sentado no pátio, cochilando. À sua volta, os doces sons do crepúsculo erguiam-se para o ar. O sol já deslizara para trás dos montes de Dekra e, embora o céu ainda estivesse de um azul brilhante, raiado de nuvens cor de laranja, as compridas sombras do fim da tarde mergulhavam na noite o pátio limpo e varrido do estimado ancião.

Ao seu lado, as folhas perfumadas de um loureiro novo matraqueavam ao sabor da brisa. Como delicadas pétalas de uma flor, as leves notas de uma melodia cadenciada deslizavam pelo muro e caíam no pátio. A taça, na qual não tocara, estava pousada perto da sua mão. Yeseph respirava pesadamente.

Ouviu-se um passo miudinho e apressado e um frufuru, de saias, e Karyll, a sua mulher, apareceu a seu lado e baixou o olhar para ele. fazendo-o sentir o calor da sua presença.

- O meu marido está cansado do dia de trabalho - disse ela. Meu querido, acorde. A refeição da noite está pronta. - A sua voz era tão leve e tranquilizante como a brisa que brincava na árvore.

Yeseph levantou a cabeça e, à medida que retomava a consciência, ela viu-lhe nos olhos o reconhecimento gradual do lugar onde se encontrava. Mas reparou também nas profundas rugas de preocupação que lhe sulcavam a testa e se juntavam em volta dos olhos. Yeseph sorriu quando a viu, mas o seu sorriso era triste, sem brilho.

- O que se passa, meu marido? - Ficou à espera que ele respondesse.

- Tive um sonho - explicou Yeseph com toda a simplicidade.

- E o seu sonho inquietou-o, porque foi um sonho de trevas e não de luz.

- Como vocês, mulheres, Podem ver longe! É verdade, foi um sonho de trevas, uma visão. Vi... - começou, interrompendo-se logo de seguida. - Não, ainda não devo contar o que acabo de ver. Primeiro. tenho de refletir muito.

- Então pode comer enquanto refletes. Ande que o jantar está esfriando.

Karyll deu meia volta e regressou a casa com os seus passos abafados. Yeseph ficou vendo-a afastar-se, pensando na sorte que tivera em encontrar uma mulher tão sensata e compreensiva para compartilhar a velhice. Depois de articular uma ação de graças a Whist Orren pela sua felicidade, ergueu-se lentamente e entrou atrás dela.

Enquanto jantavam. Karyll observava atentamente o seu companheiro, que não comia com o apetite habitual, limitando-se a bicar a comida. À luz cintilante das velas pousadas na mesa baixa. Yeseph deixou-se absorver ainda mais nos seus pensamentos. Por duas vezes levou a comida à boca e por duas vezes voltou a pô-la no prato com um ar ausente.

- Yeseph - murmurou Karyll docemente -, não comeu bem esta noite. O seu sonho perturbou-o. Se não quer me contar, então conte-o aos anciões.

- Sim, tenho de fazer isso. - Levantando-se imediatamente do banco, encaminhou-se para a porta, onde parou, virando-se para ela. A sua silhueta escura recortava-se no céu da noite. De repente, pareceu voltar outra vez a si. - Vou convocar os outros anciões para hoje à noite. Não espere por mim, meu amor. Talvez chegue muito tarde.

- Não faz mal. Tenho com que me ocupar enquanto não estiver aqui. Agora, vá embora. Quanto mais depressa for, mais depressa

terei o meu Yeseph de volta.

Yeseph esperava pelos anciões numa câmara interior do Grande Templo dos Ariga. Não deviam demorar, pois mandara mensageiros, três jovens que serviam no templo, buscar os outros chefes curatak. Logo que chegassem, a reunião podia começar. Entretanto, acendia as muitas velas colocadas nos seus compridos suportes em volta da sala despida.

No meio encontravam-se quatro cadeiras direitas, de costas altas, dispostas em círculo, de frente umas para as outras.

Depois de acender as velas, Yeseph sentou-se no seu lugar e juntou as mãos no regaço, em silenciosa meditação. Dali a pouco, as cortinas penduradas à entrada da câmara abriram-se, deixando passar a figura familiar de Jollen, que vinha a alisar as vestes usadas no conselho.

- Boa noite, ancião Yeseph. Ao convocar-me, salvou-me de uma tarefa bem desagradável... é que tinha prometido começar a traduzir uma canção para as crianças.

- Desagradável? Não deve estar falando sério, mas, se está, o melhor é ir embora e deitar mãos à obra.

- Oh, vê se percebe. Adoro as crianças e faço tudo o que posso por elas, mas a canção que escolheram é no dialeto antigo dos Ariga. Trata-se de uma história muito triste sobre um jovem infeliz que é transformado num salgueiro por causa das suas lamentações. Tentei persuadi-las a escolherem uma coisa mais alegre, mas só quiseram esta.

- No fim, ainda vai aprender muito - riu Yeseph. - Uma excursão ao dialeto antigo é excelente para apurar os sentidos.

Jollen fez uma careta.

- Se não soubesse, diria que foi você que lhes deu a idéia. Parece coisa sua.

O próximo a entrar foi Patur, o chefe não oficial do grupo. Era ele quem normalmente assumia a responsabilidade de informar os Curatak das decisões dos anciões em assuntos de interesse público. Orador muito hábil e influente, normalmente conduzia as orações feitas no templo. Era uma autoridade na religião dos desaparecidos Ariga.

- Saudações, sábios amigos - disse, ajustando a túnica que vestira logo que entrara na câmara. Os seus olhos brilhavam de ansiedade pelo trabalho da noite, pois, fosse o que fosse, o poria em comunhão com outros espíritos sagazes, coisa que ele não perdia.

- Saudações, Patur. Obrigado por ter vindo tão depressa. Só temos de esperar... Ah, aqui está ele! - Yeseph fez um gesto de cabeça para o cortinado, e Clemore, a mais recente aquisição do grupo depois da morte de Asaph, o membro mais velho, entrou, fazendo uma grande vênia.

- Boa noite, irmãos. Faço votos para que estejam bem. - Os outros baixaram a cabeça e sentaram-se todos nos seus lugares. Yeseph passeou o olhar pelos rostos familiares.

Estavam ali os amigos em quem mais confiava; Clemore tinha razão: os seus irmãos. Podia contar-lhes o seu sonho e eles o ajudariam a carregar o fardo, por mais pequeno ou grande que viesse a ser. Só o fato de estar na sua presença já o fazia sentir-se melhor. Será que algum deles sentiria o mesmo em relação a ele? A julgar pelas vezes que tinham ido se aconselhar só com ele ou em conjunto com os outros, supunha que sim. Naquele momento era a sua vez de lhes apresentar um problema.

- Bom Yeseph, não nos faça esperar mais. Diga-nos o que o preocupa, pois bem vejo que seu espírito está inquieto - disse Patur.

- tem razão. Estou preocupado. - Fez uma pausa, enquanto ordenava os pensamentos. e olhou para cada um deles à vez. - Esta noite tive um sonho. Foi breve mas muito estranho.

- Acredita que pressagia alguma coisa de importante? - perguntou Clemore.

- Acredito.

- E tem alguma interpretação para ele?

- Não. Foi por isso que os pedi que viessem aqui esta noite. Achei que, juntos, talvez conseguíssemos compreendê-lo.

- Muito bem - disse Jollen -, conte-nos o seu sonho tal como o viu. Pediremos ao Altíssimo que nos ilumine e nos faça ver o seu significado.

Yeseph assentiu lentamente e, fechando os olhos, começou a narrar o sonho:

- Tinha eu acabado de entrar no pátio quando fui invadido por uma grande sonolência, embora ainda não tivesse comido. Sentei-me, adormeci logo e comecei a sonhar. O sonho foi assim:

"Vi um rio que atravessava a terra. Ao tocá-la, esta lançava abundantes rebentos verdes e árvores, proporcionando comida a todos os seres vivos. A água era límpida e boa: os homens iam beber à beira do rio, e as criaturas selvagens bebiam e ficavam satisfeitas."

"Mas começou a soprar de leste uma tempestade escura. O rio continuava a correr, mas a água começou a mudar e a ficar da cor do sangue. Ao princípio, só uma sugestão de vermelho turvou a água límpida, que, no entanto, continuou a escurecer até ficar preta. O rio começou a cheirar mal."

"Ninguém podia beber e continuar vivo; os homens e os animais que bebiam aquela água morriam. As árvores, a erva e as flores que tinham brotado nas margens do rio murcharam e morreram. A terra ficou erma, porque todas as coisas dependiam do rio para viver. Chegaram os ventos, levantando a poeira, que encheu o ar de grandes nuvens que cobriram a terra. O rio secou."

Yeseph fez uma pausa, inspirou e continuou. No silêncio da câmara interior, as suas palavras pareciam o dobrar de sinos:

- As trevas caíram sobre a terra, e ouvi uma voz a chamar. Era a voz de uma criança aterrorizada, que perguntava: - Onde está o meu pai', Tenho medo. Onde está o meu protetor?"

- As trevas revolveram-se em resposta à criança. Falavam com a voz da noite. dizendo: - Os ossos do seu pai são pó espalhado ao vento. A espada do seu protetor está quebrada. Vai viver para sempre nas trevas, porque, agora, é filho da noite.

"Chorei ao ouvir aquelas palavras. As minhas lágrimas caíram sobre a terra como uma imensa chuva. E a terra, que se transformara numa taça, recolheu aquela chuva de lágrimas."

"Uma outra voz. mais poderosa do que a primeira, trovejou: - Onde estão os meus servos? O que aconteceu àqueles a quem chamo?"

"Eu respondi: "Estou aqui, mas estou sozinho... os outros pereceram.- A minha dor era tanta que caí de rosto virado para o chão."

"Voltei a ouvir a voz: 'levante-se, pega a taça e despeja-a."

"Peguei a taça com as mãos, despejei-a e ela transformou-se numa espada de luz viva que lançava clarões nas trevas, afugentando-as. - Empunha a espada!", ordenou a voz."

"Comecei a tremer todo, porque sabia que não conseguiria erguê-la. -Nunca toquei numa espada e não sei como se usa, protestei.

" - Então. de a esse menino", respondeu a poderosa voz. "Ele vai usá-la, guiado por você."

" Mas quando procurei a criança para lhe dar a brilhante espada tinha desaparecido. A noite engolira-o, embora eu ainda o ouvisse chorar na escuridão que o empurrava cada vez para mais longe.

Yeseph voltou a abrir os olhos e fitou os seus irmãos, que envergavam as vestes do conselho. Estes estavam sentados, imóveis, meditando nas suas palavras. Tinham uma expressão grave, e os seus rostos refletiam a preocupação que o sonho de Yeseph lhes causara.

- Irmãos - entoou Patur em voz profunda -, este sonho é muito inquietante. Pressinto nele um aviso urgente. Vamos pedir ao Altíssimo que nos guie na nossa interpretação, pois acredito que esta noite nos foi dada para contrariarmos o poder das trevas anunciado no sonho.

Mal acabou de falar, os anciões de Dekra juntaram as mãos e começaram a rezar.

CAPÍTULO XV

O lustroso corcel preto parecia correr como água descendo as colinas e atravessando os vales. Bastava a Esmé fazer força com os joelhos ou mexer a mão à direita ou à esquerda, que o cavalo respondia, como se estivesse em sintonia com os seus pensamentos. O animal estava soberbamente treinado... tanto que Esmé começou a temer pela sua saúde. Riv preferiria correr até o coração lhe rebentar a abrandar o passo e desobedecer ao seu cavaleiro.

Apesar do cenário daquele malfadado combate já ter ficado muito para trás, o cavalo continuava a correr. A espuma da transpiração subia-lhe do pescoço em flocos arrastados pelo vento. Esmé viu à frente a linha escura de uma enseada, serpenteando através de uma planície. "No lugar onde a enseada rodeava o verdejante sopé de um monte, erguia-se um bosquezinho de vidoeiros novos, ao qual a luz da manhã emprestava um tom branco e brilhante. Pensou de si para si que era um bom lugar para descansar."

- Ô, Riv!- exclamou, inclinando-se para a frente na sela e puxando as rédeas muito ao de leve. O cavalo abrandou para um galope mais leve e, depois, passou a andar a trote. Esmé deixou-o esfriar antes de chegarem ao ribeiro, pois sabia que não seria bom o animal beber ainda quente e sem fôlego por causa da corrida. E, para chegar a Askelon, precisaria do cavalo.

Os vidoeiros rodeavam e davam sombra a uma clareira onde cresciam ervas compridas, alimentadas pelo regato. Como estava meio escondida, seria invisível para alguém que viesse atrás dela. De

um dos lados da clareira, via-se o sopé rochoso do monte, onde o ribeiro formava um lago pouco fundo.

Esme escorregou da sela e conduziu lentamente Riv para dentro do bosque sombrio. A clareira estava fresca, silenciosa e cheia de manchas douradas de luz e de sombras verdes. Muito cansada, avançou na direção do curso de água, que cantava alegremente ao passar sobre uma fiada de seixos. Acima dela, ouviu o trinado de uma ave na colina e o silvo produzido pelas patas do cavalo na erva. Além da água borbulhante, não havia mais nada. Sim, ali estaria a salvo.

Esme conduziu a montaria para a beira do lago e ficou vendo o cavalo mergulhar o nariz na água. Riv bebia abundantemente e depois, tirava a cabeça do regato e sacudia a luzidia crina à luz do Sol, atirando ao ar cintilantes pérolas de água, que voltavam a cair no lago cristalino. O cavalo repetiu várias vezes esta operação e, ao vê-lo, Esme ia esquecendo que acabara de escapar por um triz.

Riv relinchou, desviou-se da água e olhou-a calmamente, como se quisesse dizer: "Pode beber... eu fico de vigia."

Esme ajoelhou-se na erva comprida, juntou as mãos e levou a água límpida à boca. Quando acabou, conduziu Riv a um lugar onde cresciam cravinhos e deixou-o pastar, sem sequer se dar ao trabalho de amarrá-lo, pois sabia que um cavalo tão bem treinado como aquele nunca iria embora, abandonando o seu cavaleiro.

Portanto, deixou o cavalo pastando e virou a sua atenção para a colina, que era o ponto mais alto de onde podia observar as cercanias. Como fugira da zaragata da ravina pensando apenas em salvar a pele, não sabia muito bem onde estava. Tentara, tanto quanto possível, seguir na mesma direção por onde tinham entrado na ravina pois o seu objetivo era retomar a mesma estrada. Uma vez que a encontrasse, viraria para norte e se dirigiria para Askelon.

Esme subiu a íngreme encosta da colina que se elevava no valezinho, acima das árvores, à luz do Sol, o ar estava mais quente e

cheio de abelhas e borboletas, que iniciavam as suas tarefas diárias. Um vento fresco fazia ondular a erva alta. O céu azul brilhava, indiferente aos atos escuros da noite e de homens desesperados. Ali, quase conseguia esquecer o que se passara apenas uns momentos atrás.

Mas não podia esquecer os dois homens galantes que tão corajosamente tinham voado em defesa dos inocentes aldeões e que, sem fazerem perguntas, lhe haviam oferecido a sua proteção. Ao chegar à crista da colina virou os olhos para Illem, agora a léguas de distância. Mas não havia nada para ver; não ficara nem uma mancha de fumaça no horizonte.

Por uns momentos, sentiu-se indecisa: deveria voltar e tentar descobrir o que acontecera aos seus amigos ou continuar para completar a sua missão e transmitir a mensagem ao rei?

Era uma escolha com pouco significado. Bem, sabia. O inimigo que os vencera na ravina de Illem era o mesmo que a surpreendera a si e aos seus companheiros na estrada. Agora mais duas vidas tinham se acrescentado à lista, pois tinha poucas dúvidas de que Quentin e Toli estavam mortos. E se não fosse a importância da sua missão, teria ficado para compartilhar o seu destino.

Não havia nada a fazer senão continuar. Observando a terra varreu o horizonte com os olhos escuros, a procura de algum marco reconhecível. Para sul, viu uma fina faixa de azul-brilhante, que se fundia no céu. "O mar", pensou. "Não me enganei muito." Se forçasse um pouco os olhos, quase conseguia ver a estrada abraçando as dunas. Esmé lançou um último olhar por cima do ombro para ver se fora seguida, mas atrás de si encontravam-se apenas o céu radiante e as colinas. Por isso, com o coração pesado, virou-se, preparando-se para partir.

Quando descia a encosta da colina, Esmé ouviu o relinchar excitado de um cavalo. Seria Riv ou algum outro? Estacou com o coração palpitando de pânico, e pôs-se à escuta.

Do caramanchão coberto de folhas que ficava diretamente abaixo dela, saiu outro queixume de um cavalo em sofrimento. Devido ao emaranhado de folhas e ramos, não conseguia ver o animal nem o seu atacante. Percorreu então o resto do caminho, deslizando o mais rápida e silenciosamente possível, com todo o cuidado, para não se mostrar abertamente.

Uma vez abaixo das copas das árvores, viu Rív de patas abertas e cabeça baixa, encostado as rochas, abanando a crina e mostrando os dentes, Mas não descobriu nada que o pusesse naquele estado. Estava tudo na mesma. Não havia sinais de um único intruso, fosse homem ou bicho.

Esme saltou para o chão e, durante um momento, ficou agachada na erva. Não ouvindo nem vendo nada de inquietante, levantou-se e foi acalmar o assustado animal.

- Então, Riv? Calma. - Deu-lhe umas palmadinhas no focinho lustroso e passou-lhe o braço delgado em volta do pescoço. - Calma. Que foi... há? O que foi que assustou o meu cavaleiro?

O cavalo acalmou com as suas festas e com a sua voz tranquila, relinhou baixinho e abanou a cabeça. Mas continuou a fitar o outro lado do regato, sem que Esme conseguisse descobrir porquê.

- Então, então? Não vê? Está tudo bem. Não há nada...

Antes de Esme acabar de falar, Riv sacudiu a cabeça, rolou os olhos aterrorizado, pondo o branco à mostra, e fugiu. Ela puxou as rédeas, que estavam penduradas, mas o cavalo deu um salto, atravessou correndo a erva crescida e pôs-se a relinchar do outro lado da clareira.

- Riv!- gritou Esme impaciente. - Seu mau! Venha cá! - Com as mãos nas ancas, ficou observando o cavalo, que arqueava as costas e recuava, descrevendo círculos de medo. "O que terá dado neste animal?", interrogou-se Esme. Nunca tinha visto nada assim.

- Vá embora, bicho feio! E leve a sua cavaleira... Ou fique quieto ao seu lado.

A estas estranhas palavras, recitadas em tom monocórdico, numa voz áspera e pouco clara, Esme girou nos calcanhares e a sua mão voou para o punhal comprido que tinha preso no cinto.

- Não há lâmina ou faca, nem nó de enforcado que façam a vida desta sibila passar um mau pouco!

Esme nem acreditava no que via. Numa rocha no meio do regato encontrava-se uma velha corcunda, envolta numa confusão de trapos. Numa mão tinha um bastão comprido e agitava a outra à sua frente, como se enxotasse abelhas. Enquanto Esme a observava muda de espanto, a velha saltou de pedra em pedra, com a leveza de um grilo, atravessando assim o regato sem molhar um único farrapo.

Quando aterrissou na margem, a velhota agitou os trapos e bateu três vezes com o bastão no chão. Depois, encaminhou-se mancando na direção de Esme, que a fitava com a boca aberta de espanto. De onde teria vindo?

- Quem é, tiazinha? - perguntou Esme cautelosamente. A mirrada criatura não respondeu; em vez disso, aproximou-se no seu andar saltitante e esquisito balançando o bastão e deitando os bofes pela boca fora. O seu cabelo pendia num emaranhado de novelos grisalhos, ornamentados com pedaços de folhas e de galhos. O rosto enrugado parecia uma maçã seca, uma massa de rugas e sulcos tostada pelo vento e cozida pelo sol. Quando a mulher se mexia, Esme imaginava ouvir os seus ossos quebradiços batendo uns nos outros. Parecia tão velha como as rochas soterradas por baixo da colina.

- Quem é? - repetiu Esme.

A mão da velhota agitou-se à sua frente. Esme viu-lhe as mãos ásperas e as unhas sujas, e também reparou no cheiro de fumo e porcaria que pairava em redor dela.

- Se a rocha e a colina, a água e a ilha, são a pedra do lar, de Orphe sou filha.

Virando manhosamente para Esme o rosto gasto pelo tempo, abriu a boca num riso irônico e desdentado. Foi então que Esme lhe viu as órbitas cavadas onde outrora tinham estado os olhos. A mulher era completamente cega.

- Vive aqui... nesta clareira?

- É verdade. Razão tem. -Agora diga-me De onde vem.

- Eu? Chamo-me Esme. Não era minha intenção invadir a sua casa. Ouvi o cavalo... - Virou-se e reparou que Riv se acalmara, estando naquele momento observando-as, assentindo prudentemente com a cabeça, como se tivesse sido enfeitiçado.

- Não quero incomodá-la mais. Vou partir imediatamente.

De partidas

Ainda é cedo para falar

Pois ainda não disse

Aquilo que me vai dar

A mulher estendeu a mão, apoiou o queixo no bastão e ficou à espera. Parecia uma árvore inclinada e nodosa, assente num tronco seco, com um único ramo espetado para a frente. O seu vestuário esfarrapado esvoaçava como folhas ao sabor da brisa.

- Não tenho nada para te dar, tiazinha - respondeu Esme, esforçando-se por pensar depressa. Não era bom aborrecer um oráculo, especialmente tratando-se de um membro da casta que se autodenominava "filhas de Orphe", pois estas eram muito poderosas e sábias. - Mas vou rezar uma oração em seu nome logo que encontrar um santuário.

A feia mulher atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

Esme viu dois solitários dentes castanhos agarrados como líquens às gengivas da velhota. O riso da vidente retiniu como uma saraivada num pote vazio.

- Não tenho necessidade de uma oração. Prefiro antes uma nobre ação.

Esme sobressaltou-se ao ouvir a velhota usar a palavra "nobre".

- Que ação espera de mim? - perguntou, desconfiada.

- O coelho preso daquele lado sabe melhor se for assado.

A velhota entortou um dedo nodoso para o curso de água que ficava atrás delas. Esme seguiu-o com o olhar e viu um maciço de pilriteiros que abanava vigorosamente como se, na verdade, estivesse lá alguma coisa presa.

- Quer que te cozinhe uma refeição? É essa a ação que espera de mim? - A idéia não agradava a Esme, que estava ansiosa por recomeçar a jornada. A região não era segura: o inimigo vagueava à vontade em busca de presas. Já tivera dois encontros: não desejava um terceiro. Oxalá tivesse alguma coisa de valor para dar à velhota e poder ir embora! - Muito bem - disse devagar, indo relutantemente buscar o coelho que sabia estar preso nos pilriteiros.

A filha de Orphe virou-se, seguiu-a com as suas órbitas cegas e sorriu fazendo o velho rosto enrugado contorcer-se numa careta perspicaz onde não se viam os lábios. Depois, tagarelando alegremente de si para si, saltitou como uma ave aleijada e foi empoleirar-se, à espera, numa pedra que estava ali perto.

Esme não teve qualquer dificuldade em apanhar o coelho.

Quando o viu debatendo-se, enfiou a mão pelo meio dos pilriteiros e puxou-o pelo cachaço. Ao pegar-lhe, sentiu o seu pequeno coração batendo loucamente. Mas o aterrorizado coelho deu uma sapatada e saltou-lhe dos braços. Esme ficou vendo-o fugir aos pulinhos. Tinha medo que a velha a amaldiçoasse por ter falhado. Mas o coelho, que, aliás, era uma rechonchuda lebre, deu dois saltos vacilantes e caiu para a frente... morto. Esme correu para a lebre e apanhou-a do chão. O seu coração parara. Pegando no punhal, Esme cortou-lhe a cabeça para a sangrar. Depois, deixou-a

pendurada num ramo pelas patas traseiras e foi procurar lenha para fazer uma fogueira.

Quando, por fim, o fogo crepitava e a lebre, esfolada e sem miúdos assava num espeto, Esme aproximou-se da vidente e anunciou:

- A sua refeição está quase pronta, tiazinha. E encontrei uma maçã que pode comer com a carne. - Esme descascara cuidadosamente a maçã e partira-a aos cubos para dentro de uma tigela de madeira que retirara da bagagem de Toli, arrumada atrás da sela. Depois, com o cabo do punhal, fizera os cubos dourados em purê.

Sem dizer nada, a velhota saltitou para mais perto da fogueira e sentou-se. Esme foi até ao regato e encheu uma segunda tigela de água.

- Talvez a filha de Orphe queira lavar as mãos antes de comer disse Esme gentilmente, segurando a tigela à sua frente. A velhota assentiu majestosamente, mergulhou as mãos com toda a elegância dentro da tigela e esfregou-as. A água ficou turva com a sujeira. Depois, limpou as mãos molhadas na roupa nojenta e sorriu.

Esme foi buscar-lhe outra tigela de água, tirou a carne cozida do espeto e cortou-a em tiras e, depois, em pedaços menores.

- A sua refeição, senhora - disse Esme, pois, ao ser-lhe apresentada a tigela de maçã e coelho cuidadosamente cortado, a vidente assumira um ar de rainha.

Esme recuou e pôs-se a observar a velhota, que jantava com evidente prazer, lambendo os dedos e estalando os lábios. Quando acabou, estendeu a tigela pedindo mais. Esme encheu-a outra vez e sentou-se a seu lado, à espera. O sol atingiu o seu zênite, reduzindo a nada as sombras da clareira, e a velhota continuava atarefada à volta da tigela. Esme apertou a mão em volta dos joelhos e obrigou-se a esperar o mais pacientemente possível. Por fim, a velha acabou de comer a sua ração, pousou as tigelas no chão, a seu lado, e

levantou-se com muitos rangidos e estalos nas articulações. Abanouse na direção de Esme, parou à sua frente e encostou-se novamente ao bastão. Fê-lo sem hesitar e com tanta segurança que Esme percebeu que a velhota via tanto com os olhos da alma como os outros com uma visão perfeita. E estremeceu ao pensar que, provavelmente, a mulher tirara os olhos quando criança para aumentar o seu estranho dom.

Muita arte teve esta ação como é próprio de um nobre coração. Não preciso ver mais. Só por isso sei que é princesa E que o seu pai é rei.

Esme soltou uma exclamação e colocou-se em pé de um salto. A velha falara verdade, mas assustava-a que o seu segredo fosse conhecido assim tão facilmente.

- Vê o que não pode ser visto só com os olhos, sacerdotisa. Visto que te servi como me pediu, deixe-me partir com a sua bênção.

Pedes uma bênção vai recebê-la bem. O seu segredo estará seguro se não desiludir ninguém. É muito raro encontrar quem arrisque a vida por amor a alguém. Mas você faz isso e será assim: Quando dois forem soltos, a sua missão terá fim.

A velhota deu meia volta e retirou-se apressadamente. Esme sentiu um pequeno toque no cotovelo e viu que Riv se aproximara e que estava ansioso por partir e afastar-se da estranha velhota.

Esme subiu para a sela e ficou a observar o disforme monte de trapos que voltava a atravessar o regato, saltando de pedra em pedra.

- Obrigado pela bênção, filha de Orphe. Que a sua profecia seja verdadeira.

Ouvindo estas palavras, a velha parou, virou-se outra vez para Esme, levantou o bastão acima da cabeça com ambas as mãos e deu três voltas muito depressa. Esme admirou-se por ela não cair do seu precário poleiro, no meio do regato.

A voz áspera da anciã ergueu-se e encheu a clareira:

- Eu digo o que é e não o que pode ser Mas já que você quer minha profecia vou dizer!

A vidente ergueu o rosto para o céu e murmurou um extenso encantamento. enquanto o bastão se agitava para trás e para diante por cima da sua cabeça. Depois, baixou com força o nodoso punho do bastão, e ouviu-se um estalido quando deu na pedra onde ela estava empoleirada. A sua mão lançou-se para o ar, com os dedos abertos, como uma garra. As palavras que proferiu ecoaram no valezinho:

- Procure a espada E não a largue por nada! Para matar o inimigo Por um rei tem de ser empunhada.

Com dois saltos, a feiticeira desapareceu tão rápida e misteriosamente como tinha aparecido. Mas mesmo muito tempo depois dela ter ido embora as suas palavras soavam nos ouvidos de Esme como o claro toque de um sino.

CAPÍTULO XVI

Quentin pendia inerte da roda da carroça. Tinha o espírito toldado pela dor que lhe fazia palpitar todas as extremidades do corpo partido. Gemia baixinho, mas sem perceber que estava produzindo algum som... só tinha consciência da latejante e insistente agonia.

A roda girara todo o dia por cima de pedras e raízes, no pó e dentro de água. E Quentin, amarrado à roda, fora lentamente torturado até à inconsciência. Não deu por a roda ter finalmente parado, nem pelo pôr do Sol, nem pela chegada da noite, que acabou com a sua tortura.

Pendendo da roda, soltava gemidos baixos e lamentosos, enquanto a escuridão se adensava à sua volta.

Entre a confusão ordenada do exército de Nin, que levantava o acampamento para passar a noite, a lua cheia começou a brilhar no céu e, com ela, a Estrela do Lobo.

Sem pestanejar, Quentin observava a Lua com olhos que não viam. Alguma parte do seu espírito contemplava-a curiosamente, como se fosse um animal assustado espreitando da toca para onde fugira na tentativa de escapar aos caçadores.

Passado algum tempo, pareceu a Quentin que a Lua se deslocava na sua direção, desviando a sua rota no céu preto para se aproximar cada vez mais. Via-a serpenteando sobre si, brilhando com uma luz suave. Tinha dois olhos escuros que o fitavam com um ar estranho. Queria estender o braço e pousar a mão na sua superfície macia e luminosa, mas os membros não lhe obedeciam. Depois, a Lua

desapareceu. Passados anos (ou seriam apenas uns momentos?), Quentin sentiu qualquer coisa fresca na testa. Abrindo os olhos, viu que a Lua regressara. Estava olhando para ele e a murmurando-lhe qualquer coisa, mas, embora as palavras lhe zumbissem suavemente aos ouvidos, não conseguia ouvi-las. Fez um

esforço para levantar a cabeça e falar, mas faltaram-lhe as forças. Por isso, deixou que a Lua o confortasse com a sua frescura.

- Kenta, Está ouvindo? Sou o Toli Kenta...

Quentin pestanejou e, com o olhar baço, perscrutou o rosto redondo e brilhante da Lua. Abriu a boca para falar, mas tinha-se esquecido de como se articulavam as palavras.

-Não tente falar. Ouça . Vim libertá-lo. Kenta, Está ouvindo?

Quentin gemeu. Porque era aquela lua tão persistente? O que queria? Ele só desejava deslizar outra vez para o suave vazio da inconsciência.

- Tem água aqui. - Sentiu qualquer coisa contra os lábios e um líquido fresco escorreu-lhe suavemente para dentro da boca. Engoliu debilmente uma e outra vez. - Beba devagar - sussurraram-lhe.

Depois, Quentin sentiu que lhe tocavam na mão, mas, embora sentisse, parecia que esta estava muito longe e já não fazia parte dele. Quando a mão se soltou, caiu inerte e sem vida ao longo do corpo. A seguir, a Lua inclinou-se e cortou as cordas que lhe amarravam os pés. Depois, a outra mão soltou-se, e ele caiu de joelhos para a frente, indo esbarrar nos sólidos braços da Lua, que lhe sussurrou ao ouvido:

- Consegue se mexer?

Quentin não respondeu. Sentiu-se docemente pousado no chão e, depois, foi meio levantado, meio arrastado para debaixo da carroça. Levantaram-lhe a cabeça, e o líquido fresco escorreu-lhe pela boca. Depois, deitaram-no novamente. Toli começou a esfregar-lhe os membros dilacerados, tentando trazê-los à vida, e ele mergulhou outra vez na paz da inconsciência.

- Kenta, acorde. - A voz era apenas um sussurro. Uma respiração quente fazia-lhe cócegas no ouvido. - Temos de ir.

- Toli? - perguntou Quentin num queixume indistinto.

- Chiu! Mais baixinho. Estou aqui. Graças ao deus, Está vivo. Pensei que tinha te perdido.

- O que aconteceu? Ooohh... - O seu ombro recomeçara a latejar, e a dor e o frio da noite despertaram-no um pouco. - Onde... onde estou?

- Agora não há tempo, Kenta. Daqui a pouco é manhã. Temos de ir embora. Consegues mexer-se?

- Eu... não sei. Acho que não.

- Tem de tentar. Anda, eu o ajudo. - Com todo o cuidado, Toli sentou o seu amo mas até este pequeno esforço provocou negras ondas de tonturas em Quentin, que, sem conseguir controlar-se, tornou a gemer.

- Parece-me que tem o braço direito partido, Kenta. Aperte-o de lado e tente não mexe-lo.

- Não sinto nada. Mas o meu ombro... ahh! - Toli enfiara as mãos por baixo do braço de Quentin, para arrastá-lo de debaixo da carroça.

- Os soldados estão dormindo, mas há sentinelas em toda a volta do acampamento. Como não esperam nada esta noite, estão despreocupados. É a nossa oportunidade. Consegue pôr-se de pé?

- Eu... - Com a ajuda de Toli, conseguiu levantar-se e ficou balançando hesitantemente. A dor cortou-lhe a respiração.

- Eu o seguro, mas temos de ir. - Toli guiou-o nos seus primeiros passos vacilantes. Indefeso, Quentin tropeçava para a frente, tentando que as pernas se mexessem em harmonia. Mas o esforço foi em vão: caiu a poucos passos de onde saíra.

- Muito bem - grunhiu Toli. - Vamos tentar outra vez. Encoste em mim. - Tornando a pôr Quentin em pé, recomeçaram a caminhar.

Quentin tentou levantar a cabeça, mas, com o esforço, argolas de dor atravessaram-lhe o cérebro. Por isso, deixou-a a oscilar no peito, enquanto Toli o empurrava. O chão parecia-lhe esquisito, como se a cada passo lhe fugisse debaixo dos pés. As suas pernas embaraçavam-se constantemente, fazendo-o tropeçar; no entanto, sem parar, Toli conseguia sempre pô-las direitas.

- Ali à frente há um barranco... mais ou menos a cinqüenta passos. Podemos esconder-nos lá e descansar um pouco. Mas temos de estar o mais longe possível antes de o dia nascer.

Cambaleando foram avançando pela escuridão fora, enquanto Toli, com os seus olhos de noctívago, atentava ao mínimo sinal de terem sido descobertos. Estavam afastando-se do acampamento, as carroças encontravam-se entre eles e os amontoados de soldados inimigos adormecidos. Mas, à frente situava-se o círculo de sentinelas nos seus postos.

O barranco, pouco mais do que uma depressão coberta de ervas cavada no solo abriu-se à sua frente. Quentin deixou-se deslizar e deitou-se de costas para baixo, ofegante. Doía-lhe a cabeça e nos olhos formigavam-lhe formas escuras como asas de corvos.

- Ouça - disse Toli rastejando até à orla do barranco e olhando na direção das carroças. - Parece que descobriram a nossa fuga. Alguém está andando em volta da carroça. Temos de sair daqui depressa.

Toli levantou Quentin e, tão agachados quanto era possível, voltaram a avançar cambaleando.

Quentin esforçava-se por se manter direito e por pôr um pé a frente do outro e Toli tinha a responsabilidade de fazê-lo andar. Era o máximo que Quentin podia fazer, além de não gritar de dor sempre que o seu ombro era sacudido.

- Há ali umas árvores. Se conseguirmos chegar lá, talvez possamos descansar mais um pouco.

Quando Toli acabou de falar, ouviram um grito e o matraquear de homens armados correndo.

- Já sabem! - gritou Toli, avançando mais depressa.

As árvores erguiam-se como uma massa preta lançada contra o céu preto. A Lua já se pusera há muito tempo- Toli escolhera a hora mais escura da noite para a sua fuga. Quentin tropeçou duas vezes, estatelando-se de comprido no chão, sem que Toli o pudesse evitar. E, embora a agonia o cegasse, Quentin voltou a levantar-se corajosamente das duas vezes. Acabaram por chegar às árvores. Toli empurrou Quentin para o lado de um tronco disforme e deixou-o lá, segurando o braço com a mão boa. Embora fizesse frio, Quentin estava alagado em suor, cujo sabor salgado lhe chegava aos lábios. Quando via as asas negras esvoaçando mais perto, lutava para permanecer consciente. Sentia que não tinha um único osso que não tivesse sido torcido e deslocado.

Toli regressou logo para o seu lado.

- Estão nos procurando. Sabem que fugiu. Ainda não viraram a atenção para as árvores, mas é só uma questão de tempo. Vão encontrar o barranco e depois seguem-no, como nós fizemos. Não podemos ficar aqui.

Quentin arquejou e assentiu. As têmporas palpitavam-lhe com a dor que o penetrava cada vez mais profundamente. Sentia que as forças lhe fugiam. Com Toli ao lado, recomeçou a andar, mas às cegas, pois entre o suor que lhe escorria para os olhos e a escuridão do bosque, não conseguia ver nada.

Naquele momento já se viam tochas bruxuleando na paisagem. Os soldados procuravam-nos em grupos de três ou mais, espalhando-se por todo o lado. Dali a pouco, continuando a esquivar-se e a avançar hesitantemente pelo meio das árvores, Quentin ouviu as suas vozes ecoando atrás de si. De uma vez, pareceu-lhe ver o clarão de uma tocha à sua direita, movendo-se ao lado deles. As vozes dos perseguidores, excitados pela caçada, soavam mais perto.

- Tenho um cavalo à espera ali em baixo - disse Toli.

Quentin percebeu vagamente que se encontravam no alto de um outeiro, cuja encosta estava revestida de espinheiros. Ainda antes de conseguir falar, Toli fê-lo mergulhar nas silvas da ladeira, sem querer saber dos espinhos que lhes rasgavam a carne. Quentin foi avançando e, com Toli sempre ao lado, quase tinha chegado ao fundo quando o seu pé bateu numa raiz e ele tombou pela encosta abaixo de cabeça para a frente. Sem poder amparar a queda com as mãos, caiu em cheio no chão e ouviu um estalido, ao mesmo tempo que sentia qualquer coisa

ceder no seu ombro magoado. Punhais de dor esfaquearam a ferida e ele não conseguiu reprimir um grito de espanto, que lhe rasgou a garganta.

Toli passou correndo por ele. Sentindo um movimento à sua frente, Quentin percebeu que caíra quase debaixo do cavalo que Toli conseguira arranjar e esconder para a sua fuga. Depois, sentiu as mãos fortes de Toli abanando-o, pondo-o outra vez de pé e empurrando-o para a sela, onde ficou como um saco de cevada, com a cabeça para um lado e os pés para o outro. Toli montou logo atrás dele, segurando-o com uma mão e agitando as rédeas com a outra.

O cavalo deu um salto e Quentin via a terra girar de lado, num caos de formas confusas: ramos, pedras, céu e chão. Viu uma luz e depois outra. Ouvia um grito muito próximo e a resposta mais afastada. Rangia os dentes, agarrando-se à sela, indefeso. Depois, foram cercados pelos berros do inimigo. Uma sombra escura saiu dos espinheiros e precipitou-se para eles. Toli chicoteou-a com as rédeas. De repente, a pequena mata ficou iluminada com as tochas. Toli sacudiu as rédeas com força e virou o cavalo para a encosta, mas esta era demasiadamente íngreme para o assustado animal, O cavalo debateu-se, escorregou, tentou agarrar o ar e caiu para trás, agitando furiosamente as patas.

Quentin foi atirado ao chão e Toli caiu-lhe em cima. Num abrir e fechar de olhos, foram cercados e feitos prisioneiros pelos soldados.

Quentin viu o clarão de uma tocha e um terrível rosto mal-humorado, que o fitava ironicamente, depois, foi agarrado por umas mãos pretas, que começaram a arrastá-lo. Ouviu uma voz gritando de desespero, e percebeu que era a sua, mas não conseguiu distinguir as palavras.

Rodou a cabeça para ver o que acontecera a Toli, mas só deu com os olhos nas tochas que se agitavam atrás de si. "Como os tições são brilhantes", pensou. Faziam-lhe doer os olhos. "Corra, fuja!", disse-lhe outra voz desta vez dentro da sua cabeça. Sim, tinha de fugir. Se ao menos o soltassem, correria, correria e não deixaria de correr até estar bem longe.

"Para onde me levarão?", pensou. "O que vai me acontecer?" As perguntas formavam-se no seu espírito, mas não lhe chegava qualquer resposta. Muito bem, não interessava, nada interessava. Deixara de sentir fosse o que fosse. Entorpecido pela dor, começou a ter uma visão alucinatória.

Houve um bater de asas negras e, de repente, Quentin estava voando, caindo, rebolando, flutuando bem acima da terra.

Quentin olhou para baixo e viu uma estranha procissão de pessoas com tochas marchando por um vale arborizado, transportando os corpos de dois infelizes. Quem seriam?

Quentin teve pena deles. Cheio de tristeza, desviou o olhar e viu a escuridão da noite avançando sobre ele. Foi como se um véu de seda lhe tivesse passado em frente dos olhos, não o deixando ver mais nada. Quentin deixou-o tocar-lhe e envolvê-lo no seu abraço escuro. Depois, sentiu-se abandonado pelos últimos fios de força e de vontade e perdeu os sentidos.

CAPÍTULO XVII

Os tocos das velas ainda bruxuleavam nos seus suportes altos, algumas tinham ardido todas e a câmara interior dos anciões cheirava a cera quente e a sebo. Os anciões estavam sentados, imóveis como pedras, inclinados para a frente, de cabeça baixa e mãos enclavinadas uma na outra. Se não fosse a sua respiração ritmada, o silêncio seria total.

A noite já ia a meio e continuavam sentados. À espera. À escuta. À procura, dentro de si próprios, de uma resposta para o sonho de Yéseph... um sonho muito perturbador.

A dada altura, a espera acabou, finalmente, quando Clemore ergueu as mãos e começou a cantar:

- Peran nim Panrai, ilgelle des onus "íst Orren. Entona blesor! amatíll kor des voel belforas. - Cantava na língua antiga dos Ariga. Rei dos reis, cujo nome é Altíssimo, o seu servo adorará o seu nome para sempre.

Os outros três levantaram lentamente a cabeça e fitaram Clemore. que tinha os olhos fechados e as mãos erguidas de cada lado do rosto.

- Fala, ancião Clemore. Diga-nos o que te foi revelado - incitou Patur em voz baixa. Os outros assentiram e encostaram-se ao espaldar alto das cadeiras de madeira: a vigília chegara ao fim. De olhos ainda fechados, Clemore começou a falar:

- O rio é a Verdade e a água a Paz. E o rio atravessa a terra., dando vida a quem o procura, pois a Verdade é a vida.

"Mas o turbilhão da guerra desce sobre ele, e o seu mal profana a água. A Verdade é envenenada e sufocada pela mentira. Quando a Verdade perece e a Paz murcha, a terra morre. E os ventos da guerra sopram sobre a terra, enchendo o céu de nuvens de morte, que são o pó. Depois, as trevas... o Mal cobre tudo, tapando a luz do Bem."

"O menino que chora na escuridão é um Filho da Luz que perdeu o seu pai, a retidão. A espada do seu pai é o conhecimento da Verdade, que foi destruído."

"Mas ficaram alguns que não se entregaram à morte e às trevas e que ainda se lembram do Rio, da Água e da Terra Viva. São o homem que chora. As lágrimas são as orações dos Sagrados. que lamentam a vinda do Mal."

"As orações são esvaziadas e transformam-se numa Espada de Luz, que é a Fé. A Espada lança clarões contra a escuridão do Mal porque nela vive o Espírito do Altíssimo. A Espada vai ser dada ao Menino, mas infelizmente, este foi dominado e levado pela Noite."

Quando Clemore acabou de narrar o sonho à sua maneira, começaram todos a falar ao mesmo tempo, concordando com a sua interpretação, mas a voz de Yeseph ergueu-se acima das outras:

- Irmãos. Não devemos nos esquecer de que os sonhos podem ter vários significados, todos eles verdadeiros. Não ponho em dúvida que a interpretação que acabamos de ouvir é, verdadeiramente, do Altíssimo. Mas há uma coisa que me preocupa.

- O que é? - perguntou Jollen, que abriu a mão na direção de Yeseph, convidando-o a falar à vontade. - Afinal de contas, foi você que teve o sonho.

- Sinto que há um perigo mais presente ainda por revelar.

- O sonho é terrível - retorquiu Parur.

- E a sua interpretação um aviso muito claro - acrescentou Clemore.

- Sim. um aviso do que está para vir - disse Yeseph lentamente mas também um reflexo do que está acontecendo neste momento.

- Tem razão, Yeseph. Também penso assim. - Jollen inclinou-se e bateu-lhe no braço. - A interpretação nos foi dada para podermos nos preparar para o que vai acontecer. O sonho nos foi dado para sabermos que se abateu um perigo sobre nós.

Clemore assentiu gravemente e Patur puxou a barba grisalha.

- O que te diz o coração, Yeseph? O que devemos fazer? - perguntou Patur.

- Não sei bem. Mas sinto-me muito atormentado. E a minha aflição tem vindo a aumentar durante toda a noite. - Lançou um olhar aos outros. - Sinto que devemos rezar pelo Filho da Luz, que mandamos para fora do nosso seio.

- Quem é ele. Yeseph? - perguntou Clemore.

- Quentin.

- Quentin? Mas ele está em Askelon.

- Quentin, sim... e o Toli também. Sinto que estão numa situação desesperada.

- Então - replicou Jollen -, para o sonho ter um fim pode ser que as nossas orações sejam muito necessárias neste momento. - Virando-se para os outros: - Também fiquei perturbado com o sonho do Yeseph, que não sugere nenhum fim, o que significa que este ainda está em dúvida. Portanto, temos de unir os nossos espíritos e os do nosso povo para conseguirmos o fim que o Altíssimo vai nos mostrar.

- Faço minhas as suas palavras - disse Yeseph.

- Então, não percamos mais tempo. As nossas orações têm de começar imediatamente. - Jollen levantou a mão e fechou os olhos. Os outros seguiram-lhe o exemplo.

Dali a pouco, a câmara do templo estava cheia do murmúrio das orações dos anciões, que subiam ao trono de Vibist Orren. Fora do templo, para leste, a luz prateada da madrugada começava a tingir a cortina cinzenta da noite.

Com a madrugada, veio um frio lúgubre. Embora o céu parecesse bastante claro, o horizonte mostrava um tom de vermelho feio, baço e carregado. O vento mudara com a chegada da manhã; Toli, que estava amarrado ao lado do seu amo, reparara nisso.

Quentin quase não respirava. O fio que o prendia à vida era muito tênue. Antes de o dia nascer, Toli tivera de encostar muitas vezes o ouvido ao peito de Quentin, para se certificar de que ainda estava vivo.

No acampamento, os soldados andavam atarefados, preparando-se para a marcha do dia. Toli, a cujos olhos não escapava nada, tinha o pressentimento de que ele e Quentin não iriam com os outros, pois vira um grupo de soldados às voltas com cordas e correias, e os três guardas que se encontravam ali naquele momento riam-se e apontavam para eles. Toli sabia que a sua execução estava sendo preparada.

As fogueiras lançavam fumaça branca, que flutuava pelo acampamento. A guarda dos prisioneiros foi mudada, para os que tinham estado de vigia durante a noite poderem comer.

Toli suspeitou que, quando todos tivessem acabado de comer e estivessem prontos, se reuniriam para assistir à execução, que constituiria uma espécie de diversão, uma lembrança que os entreteria ao longo do dia de marcha.

Toli passou os últimos momentos da sua vida rezando pelo amo, que não podia orar por si próprio. Foi arrancado da sua meditação com um pontapé brutal nas costas. A pancada fê-lo rolar sobre si próprio. Toli olhou para cima e viu o rosto cheio de ódio de um gigante, empunhando um machado de batalha com a lâmina da largura da cintura de um homem.

O gigante, que tinha o rosto todo costurado com cicatrizes que se entrecruzavam, apontou para os cativos e grunhiu. Os guardas agarraram-nos e arrastaram-nos para o prado onde o exército tinha acampado, abrindo caminho através de um amontoado de soldados,

que formava um sólido muro em volta de um objeto que lhes prendia a atenção.

Toli e Quentin foram empurrados pelo meio da multidão e atirados para dentro de uma roda larga, formada pelos escudos dos soldados. No meio da roda encontravam-se dois cavalos, um virado para leste e o outro para oeste. Entre os cavalos estava um emaranhado de cordas e dois objetos pesados, parecidos com cangas. Do outro lado da roda, via-se o corcel preto do comandante, sacudindo a cabeça e abanando o braço do soldado que o segurava pelo freio.

De repente, Houve uma agitação nas fileiras que ocupavam o perímetro da roda, que se abriu, formando uma larga avenida, por onde Toli viu chegar um homem com uma couraça de bronze e um elmo também de bronze, com duas grandes plumas fixas em cima, como asas. Tinha uma capa presa a um ombro, e viam-se os contornos da fina lâmina da espada cruelmente curva que trazia por baixo. Toli não teve dúvidas de que estava vendo o comandante.

Aproximando-se do seu corcel, o guerreiro parou momentaneamente, enquanto dois dos seus homens se atiravam para a frente e se lançavam aos seus pés. Um deles deitou-se no chão, o outro pôs-se de quatro e o comandante subiu para a sela, pisando o corpo dos seus homens. Depois, fez um sinal, levantando a

mão. Tremendo todo por dentro, Toli engoliu em seco e lançou um último olhar a Quentin, que jazia inconsciente.

- Continue dormindo, Kenta, e não tenha medo - sussurrou para si próprio. - Eu vou antes de você.

Mas não ia ser assim. A um sinal do comandante, dois soldados avançaram. Um deles transportava uma cabaça cheia de água. Sem qualquer tipo de delicadeza, viraram Quentin, fazendo-o rolar e provocando-lhe um queixume. Toli debateu-se, tentando libertar-se,

mas um soldado que estava atrás dele deu-lhe uma pancada na cabeça.

O soldado que tinha a cabaça ajoelhou-se, debruçou-se em cima de Quentin, encostou-lhe o recipiente ao nariz e começou a esvaziá-lo.

- Ele assim vai morrer! - berrou Toli, recebendo outra pancada na cabeça, virando-se contra o soldado e levando um pontapé nas costelas.

Quentin tossiu violentamente e engasgou-se. A água esguichou-lhe da boca e do nariz e ele acordou, cuspiendo. As pálpebras tremeram-lhe e, virando os olhos turvos para Toli, ajoelhado ao seu lado, arquejou:

- Meu amigo... lamento muito.

Parecia que Quentin sabia o que ia acontecer. Os prisioneiros foram obrigados a levantar-se, aos safanões. Quentin manteve-se de pé no meio de dois soldados mal-encarados, um dos quais lhe agarrou numa mão-cheia de cabelo, para que a sua cabeça ficasse direita.

O comandante fez um segundo sinal, e houve uma súbita agitação atrás dos dois cativos. Um terceiro prisioneiro foi atirado para a roda. Tratava-se de um soldado que, tal como Quentin e Toli tinha as mãos e os pés amarrados.

- Uma das sentinelas de ontem à noite - murmurou Toli, suspeitando de que o comandante faria dele a primeira vítima.

O rosto do homem, que tremia como vara verde, estava cinzento. O suor empapava-lhe o cabelo e escorria-lhe pelo rosto, que não passava de uma hedionda massa de vergões arroxeados, pois o homem já fora muito espancado. O infeliz soldado foi rapidamente puxado e levantado por dois outros guardas, que depois, o despiram, cortando-lhe as roupas com as facas. Os que estavam assistindo ao espetáculo desataram a rir.

O miserável foi obrigado a ir até o meio da roda, onde o gigante com o machado o esperava entre os dois cavalos.

Empurraram-no para o chão e, enquanto se contorcia angustiadamente, amarraram-lhe os braços e as pernas às pesadas cangas de madeira. Então, a um sinal, os dois cavalos, acorrentados às cangas, foram afastados lentamente, em direções opostas.

As cordas retesaram-se. O gigante pôs-se em posição sobre a sua presa. A vítima foi levantada do chão e ficou suspensa em agonia, enquanto o seu corpo ia esticando lentamente. Os cavalos inclinavam-se para frente e o homem gritava terrivelmente. Quando cediam, as articulações e os ligamentos produziam um som horrível, que enchia a roda. Quando a vítima lançou o seu último grito, o gigante, rápido como um relâmpago, fez girar o machado num círculo de luz em volta da cabeça e, com um golpe poderosíssimo, baixou a mão.

O golpe quase derrubou os cavalos, que, quando as cordas ficaram frouxas de repente, tiveram de se apoiar nos joelhos. O pobre miserável ficou perfeitamente cortado ao meio. Entretanto, as hostes aclamavam selvagememente, batendo com as armas e soltando vivas.

Toli lançou um olhar temeroso a Quentin, que observava o horrível espetáculo com um olhar vazio. Embora os olhos do seu amo estivessem abertos, Toli não sabia se tinham visto a cena que acabava de se desenrolar, pois o ar de Quentin era vago e ausente.

O comandante mandou tirar o cadáver das cangas e atravessou a roda com o seu corcel, dirigindo-se para o local onde Toli e Quentin esperavam. Toli apertou os dentes com força e olhou teimosamente em frente. Por um momento, o guerreiro baixou para os prisioneiros um olhar furibundo. Depois, disse qualquer coisa numa língua ininteligível. Toli ergueu o rosto desafiador e, por um breve instante, os seus olhares cruzaram-se. Então, o outro pegou nas rédeas e chicoteou Toli, vergastando-o no rosto uma, duas, três vezes...

O sangue esguichou de um lenho por cima do olho e escorreu-lhe pelo rosto. O comandante berrou-lhe qualquer coisa e lançou um rápido olhar a Quentin, que parecia ainda não saber o que estava acontecendo à sua volta. Depois o chefe dos soldados virou a montaria e voltou a trote para o meio da roda.

Então, percorreu lentamente com o olhar todo o círculo de rostos do seu exército e proferiu um curto discurso, que a julgar pelas expressões sombrias que estes, subitamente, adquiriram, Toli achou ser uma repreensão. Quando acabou, fez um sinal de cabeça, e alguns soldados começaram a reajustar as cangas e as correias. Toli pensou que chegara o seu último momento. Fechando os olhos, pediu aos céus força e dignidade para enfrentar a provação que o esperava.

Do outro lado da roda soou uma trombeta. Toli abriu os olhos e contemplou os montes e as árvores decidido a que a sua última recordação não fosse a do seu carrasco nem a do grotesco cadáver que jazia cortado ao meio ao lado da cruel lâmina. Sentiu uma pontada de dor por não ir poder confortar o seu amo no seu último momento nem sequer despedir-se dele condignamente, mas, de qualquer forma, duvidava de que Quentin o ouvisse ou o compreendesse.

Os soldados que tinha ao lado apertaram-no mais e arrastaram-no para a frente. O coração começou a bater-lhe loucamente no peito e a sua visão tornou-se, de repente, extremamente apurada. Viu todas as ervinhas que tinha aos pés, e todas as folhas de todos os ramos das árvores destacaram-se com uma nitidez impressionante.

O tempo pareceu avolumar-se expandindo-se para dimensões incomensuráveis. Caminhava passo a passo, maravilhosamente consciente de cada momento que passava, agarrando-o, saboreando-o. Ora levantava um pé para dar um passo, que demorava tanto tempo! ora era o outro que estava no ar.

Ainda faltavam cerca de vinte passos até ao homem do machado, e cada um parecia durar uma eternidade. Estava consciente do ar que lhe enchia os pulmões, do seu sabor e da sua frescura. Ao sentir o sol na nuca, pensou que, se tentasse conseguiria contar cada raio que o tocava. Como era estranho que todos os nervos e fibras do seu ser estivessem tão vivos e tão próximos da morte!

Mas foi atingido por um pensamento horrível. Dado estar tão desperto, seria capaz de ver a lâmina do carrasco brilhando no ar ao descrever o seu arco indolente. Conseguiria sentir esticar cada fibra dos seus músculos, sentiria os ossos arrancados das articulações, ouviria o estalido da sua própria coluna vertebral. No mais hediondo dos momentos, já com um comprimento muito maior do que o normal, veria a cruel lâmina mordendo-lhe a carne e separando os ossos dos músculos. Veria a si próprio cortado ao meio e sentiria os seus órgãos esguichando terrivelmente.

Conheceria a sua morte no seu aspecto mais horrível. Não morreria instantaneamente, como pareceria aos que estivessem observando o espetáculo. Morreria com uma lentidão torturante. Gradualmente. Aflitivamente pouco a pouco.

CAPÍTULO XVIII

- Há semanas que não têm o excelente aspecto desta manhã, senhor. - Durwin vira o rei do outro lado do jardim e, antes de se aproximar, ficara observando-o por alguns momentos.

Eskevar estava tranqüilamente sentado num banquinho de pedra, no meio de uma explosão de cor das flores de todos os tons e formas possíveis. Todas as plantas e arbustos dos cantos mais remotos do reino tinham um lugar no jardim do Rei Dragão.

Quando o rei levantou a cabeça e viu o seu físico, que se aproximava, as sombras desapareceram-lhe do rosto.

- Graças aos tratamentos do meu bom eremita, acho que ainda vou incomodar este mundo com a minha existência.

Durwin lançou a Eskevar um olhar circunspeto.

- Diz isso de uma forma muito estranha, senhor. Julguei que ficaria contente por estar melhor e afastar de si as tristezas.

- Então me conhece mal. Não posso alegrar-me quando os meus... os meus homens, por ordem minha, ainda não estão aqui.

- Mas é o Meio do Verão! - disse Durwin, com uma alegria um pouco forçada. Também ele se sentia inquieto por Quentin, Toli e os outros estarem fora há tanto tempo. - Não me admiraria nada que estivessem desfrutando a hospitalidade de uma daquelas alegres povoações marítimas.

Eskevar abanou a cabeça com gravidade.

- Faz tudo para me animar, Durwin. Agradeço muito a tentativa, mas não consegue nada. Sei que se passa qualquer coisa em Mensandor, que não vai nada bem.

Durwin aproximou-se mais do monarca e pousou-lhe uma mão no ombro. O rei fitou os olhos do eremita e sorriu tristemente.

- Senhor, eu também sinto um grande medo a rastejar pela terra. Às vezes, o meu coração começa a palpitar inesperadamente ou sinto-me percorrido por um arrepio quando estou sentado no quarto à frente da lareira, e sei que há qualquer coisa a solta na terra que não ama a paz. Creio que, muito em breve teremos de enfrentar um inimigo odioso.

"Mas também sei que a luz do deus nos ilumina e que não há trevas que possam extingui-la."

- Quem me dera ter fé para acreditar no seu deus. Infelizmente, conheço a religião bem demais para acreditar.

Eskevar suspirou e pôs-se lentamente em pé. Durwin estendeu a mão e ajudou-o a manter-se em pé. Durante muito tempo, os dois velhos amigos passearam em silêncio, lado a lado, pelos caminhos do jardim. Durwin tinha a mão por baixo do braço do rei.

- Creio que não conseguiria sobreviver a outra campanha, a outra guerra - disse Eskevar, depois de terem percorrido todo o jardim no sentido do comprimento e da largura.

- Está cansado, senhor. Esteve muito doente. Não deixe que esses pensamentos os preocupem. Garanto que se sentirá diferente quando tiver recuperado a força.

- Talvez. - O rei voltou a ficar silencioso.

O sol brilhava alegremente e todo o jardim parecia gritar com a exuberância da vida. A água de uma fonte corria num recanto sombrio, perto de um muro coberto de campainhas brancas. Ao passarem por ele, flutuou no ar perfumado uma delicada canção. Pararam para escutá-la.

- A sua filha canta tão bem, senhor!

- Se não pode fazer mais nada... - O rei riu suavemente e os seus olhos iluminaram-se. - É mulher e está apaixonada.

Vendo como o seu paciente se animava ao pensar na filha. Durwin virou-se e dirigiu os seus passos para a fonte e para a jovem vestida de samito branco, que resplandecia como um vivo raio de luz.

- Canta maravilhosamente, senhora - disse Durwin quando se aproximaram. Bria, ocupada entrançando uma grinalda de hera salpicada de campainhas, levantou a cabeça e sorriu.

- Sempre achei que seriam sérios demais para dar atenção às tolices de uma jovem - riu Bria. A música encheu o ar e as sombras retiraram-se. Lembrando-se, talvez, de uma outra, cujo riso o encantava, Eskevar pareceu rejuvenescer. - Venha para cá, pai. E você também, Durwin. Sentem-se ao meu lado e digam-me de que estavam falando esta manhã.

- Nos sentaremos com você, mas é você que tem de nos contar os seus pensamentos - retorquiu Durwin.

Sentaram-se em bancos de pedra, perto da fonte. Eskevar instalou-se ao lado da sua linda filha e não despregou os olhos dela. Bria começou a narrar as trivialidades do seu dia e a contar como estava entusiasmada com a aproximação da celebração do Meio do Verão. que se realizaria naquela noite.

Na sua voz só havia muita alegria e um grande contentamento.

"Como é parecida com a mãe!", pensou Durwin. "Como é sensata e boa! Devia estar com Quentin no pensamento e uma grande saudade no coração. ansiando pela sua presença nesse momento tão alegre; no entanto, não deixara escapar nada a não ser a maior das satisfações e das felicidades." Durwin sabia que ela o fazia pelo pai.

Passado pouco tempo. Durwin afastou-se silenciosamente, deixando o seu paciente nas mãos de uma curandeira ainda mais hábil do que ele e cuja presença, só por si, já era um bálsamo.

Ao chegar à estrada, Esmé tivera de tomar uma decisão difícil. A norte ficava Askelon e a sua meta: a sul, o perigo e a probabilidade

de voltar a ser capturada. - Mas supunha que qualquer ajuda que pudesse arranjar também viria do sul. Era a direção que os seus protetores, Quentin e Toli, seguiam quando a tinham encontrado, pois era de lá que esperavam que os seus amigos regressassem.

A decisão ocupara-a a maior parte da tarde, desde que deixara a vidente. E quando chegara ao trilho, à beira-mar, continuara indecisa. O mais provável era que Quentin e Toli estivessem mortos. E era quase certo que os seus amigos, fossem eles quem fossem, tinham caído numa emboscada e haviam sido mortos, como acontecera aos seus guarda-costas. Afastar-se naquele momento de Askelon parecia-lhe um gesto fútil: não ganhava nada em andar por aí a vaguear e a perder tempo.

No entanto, as palavras da filha de Orphe martelavam-lhe a cabeça:

Mas Você faz isso

E será assim:

Quando dois forem soltos

A sua missão terá fim.

O que mais poderiam estas palavras querer dizer se não que Quentin e Toli (os dois) ainda estavam vivos, mas que não permaneceriam assim se ela não fosse libertá-los? A acreditar na profecia, só cumpriria a sua missão quando os libertasse.

Não fazia sentido. "Mas desde quando é que os deuses fazem sentido para os mortais?", pensara Esmé amargamente. Por isso, contra toda a lógica, voltara Riv para sul. Com as sombras adensando-se e alongando-se no fim da tarde, tinham partido à procura de amigos numa terra pouco amistosa.

A longa noite cheia de frios duradouros transformara-se numa manhã soturna. O sol vermelho e carregado brilhava sobre a linha do horizonte. Esmé já estava levantada e a sacudir as folhas e o orvalho

da capa, quando ouviu o vivo chocalhar de cavalos que caminhavam pela estrada. Embora débil e distante, era um som que conhecia bem: o de homens armados deslocando-se depressa e com algum objetivo. As suas armas tiniam a cada passo dos cavalos. Esme deslizou do caramanchão que fora a sua cama naquela noite, e que ficava ligeiramente abaixo da estrada, bem escondido no fundo de uma encosta, e subiu até à beira da estrada, sondando-a com o olhar. Como não viu ninguém e o som desapareceu por um momento, pensou se não teria sido imaginação sua. Mas, naquelas redondezas cheias de colinas, a estrada subia e rodeava os muitos outeiros ali existentes. Por isso, dali a pouco voltou ouvindo o mesmo som.

Esme retirou-se novamente para o refúgio coberto de folhas, onde foi buscar Riv, que conduziu ao longo de um caminho paralelo à estrada. Desceram para um vale e voltaram a subir até ao alto de um pequeno outeiro arborizado. Desse ponto, Esme poderia observar a estrada que passava mais abaixo, sem ter medo de ser vista.

Ficou à espera. O carrancudo Sol erguia-se devagar, lançando uma luz mal-humorada; o ar estava úmido e frio.

Embora não se visse nem uma nuvem, o céu dava a sensação de estar preparando uma tempestade. Pensando que dias assim não pressagiavam nada de bom, Esme esperou não ter nada para lamentar quando chegasse a noite.

Na manhã parada, ouviu novamente o mesmo tinido, desta vez mais perto e distinto. Pondo-se à escuta, pareceu ouvir o bater dos cascos dos cavalos, à medida que o grupo, que não era grande, ia se deslocando estrada fora. Depois, Esme viu o brilho avermelhado de uma lâmina ou elmo em que o sol bateu por um breve instante. Por fim, trepidando, surgiram dois cavaleiros, seguidos de perto por mais três.

Embora ainda observasse os seus movimentos durante algum tempo, Esme soube imediatamente que não tinha nada a temer

daqueles homens. Eles não pertenciam à horda destruidora com que se defrontara por duas vezes. Para mais, do seu poleiro secreto, conseguiu ver, ainda que indistintamente, o brasão do escudo de um dos cavaleiros, que pendia ao seu lado, no flanco do cavalo: o serpenteante dragão vermelho do Rei Dragão.

Quando o grupo de cavaleiros ficou a par do seu esconderijo, Esme puxou Riv cautelosamente e apressou-se descendo até à estrada, para ir ao seu encontro. Vendo-a deslocar-se rapidamente na sua direção, um dos cavaleiros disse qualquer coisa aos companheiros e saiu a galope, para interceptá-la.

Ao juntar-se a ela, não falou, limitando-se a observá-la prudentemente enquanto a conduzia para o local onde os outros tinham parado à sua espera.

Quando, por fim, os alcançaram, Houve um momento de silêncio. Os dois cavaleiros da frente entreolharam-se brevemente. Era óbvio que não sabiam o que pensar de uma dama que cavalgava sozinha pelos montes.

- Chamo-me Ronsard. Sou o comandante-chefe de Mensendor. Estou às suas ordens, senhora. - Tratava-se do cavaleiro cujo brasão Esme reconhecera.

A moça falou sem hesitar:

- Chamo-me Esme... - começou. Mas foi interrompida pelo segundo cavaleiro, um homem escuro que lhe parecia vagamente conhecido.

- Eu conheci uma Esme que, não passava de um projeto de moça e que era tímida como um veado jovem.

- É um nome muito vulgar - retorquiu ela, na defensiva. Quem seria aquele homem? Tinha certeza de que já o vira.

- É verdade. A Esme que conheci vivia em Elsendor e nunca gostou de cavalos, mas vejo que deve gostar para montar assim. Um sorriso dissimulado brincou nos cantos da boca do cavaleiro. Estaria rindo dela?

- O reino de Elsendor ainda é grande - respondeu ela. - Lembra-se da casa onde viu a moça que tem o meu nome?

- Lembro-me. - O cavaleiro riu-se. - Fiquei lá muitas vezes, gozando de uma hospitalidade real. - Demorou-se na palavra "real", acentuando-a muito.

Ronsard passou curiosamente o olhar de um para o outro:

- Não faz mal nenhum perdermos o nosso tempo conversando, mas não haverá por aí alguma piada escondida que esta cabeça bronca não consegue apreender?

- Senhor, se é uma piada, não é minha - respondeu ela, um tanto confusa. - Tenho uma missão importante que, penso, diz respeito a amigos seus.

- Então, senhora, sugiro que nos diga imediatamente o que quer de nós. Também fomos encarregados de uma missão importante.

- Ora, ora, Ronsard. Não seja tão apressado. Para você, esta dama é uma desconhecida, mas o seu pai não.

- Você... você conhece o meu pai? - Esmé observou-o com atenção. - As suas palavras confundem-me, senhor, mas há alguma coisa em si que não me é completamente estranha.

- Sim - disse Ronsard, começando a ficar impaciente. - Se pensa que sabe alguma coisa, diga lá o que é!

- Muito bem - suspirou Theido. - Até pode ser que esteja enganado. Talvez estou mesmo, pois nenhum dos filhos do rei Troen deixaria de conhecer aquele a quem chamavam tio.

Os olhos escuros da jovem esbugalharam-se de espanto e ela abanou a cabeça duvidosamente, agitando a trança esguia que tinha na nuca.

- Theido? - Uma alegre expressão de alívio inundou-lhe o rosto quando viu o desconhecido escuro atirar a cabeça para trás e rir às gargalhadas.

Ronsard fez estalar a língua e rodou os olhos:

- Mas que encontro este! É inacreditável!

- Pois pode acreditar, Ronsard. Permita-me apresentar-lhe a princesa Esme de Elsendor. Ela pode estar longe de casa, mas não está longe dos amigos.

- Theido! Eu também não acredito, senhor - disse ela para Ronsard. -Juro que ele era o último homem que eu esperava encontrar hoje.

- Bem posso dizer o mesmo de você, Esme. Sabe, Ronsard, passei muito tempo com o rei Troen quando o patife do Jaspin se apoderou das minhas terras. Fui feito fora-da-lei no meu país, mas a rainha Besmir recolheu-me, embora o seu marido andasse na guerra com Eskevar.

- E, no entanto, reconheceu-me? Eu mal me lembro de você.

- É muito parecida com a sua mãe e tão ousada como o seu pai. O nome Esme não é assim tão vulgar como nos queria nos fazer acreditar. Quando te vi, percebi logo que era você.

Os outros cavaleiros murmuravam, surpreendidos. Virando-se para eles, Ronsard perguntou:

- Qual é a admiração, senhores? Sabem bem que Theido é um nome bem conhecido de todas as famílias do reino, sejam elas de lavradores ou de príncipes.

Todos riram, incluindo Theido, que disse:

- Tenho muitos amigos, e é verdade que há poucos homens em Mensandor que nunca ouviram o meu nome, mas isso se deve mais ao meu pai do que a mim.

- Mas o melhor é nos colocarmos a caminho, junte-se a nós, senhora, e conte-nos a sua missão enquanto andamos. Nós vamos para Askelon.

- Por mim, convém-me...

- Parece-me que mencionou uns amigos nossos, não foi? Que notícias tem para nos dar? - O grupo recomeçou a jornada.

- Muito más, senhor. Quem me dera não ser eu a dá-las! Se é amigo de certo Quentin e do seu servo e amigo Toli, preparem-se

para o pior. - Esmé lançou um olhar temeroso aos seus dois companheiros, cujos rostos se carregaram de preocupação ao ouvi-la pronunciar aqueles nomes. - Vejo que não me enganei.

- Pois não. Conte-nos o que sabe.

- Nós andávamos a sua procura, senhores, e viajávamos de noite. Vimos um incêndio... eles disseram que era Illem... e corremos para ajudar. Mas encontramos um inimigo terrível, e Quentin e Toli foram apanhados. Eu consegui escapar.

Profundos sulcos apareceram em volta da boca de Theido. Ronsard avançou o queixo.

- Agrada-me a sua sorte - disse este último. - E mais ainda a franqueza das suas palavras.

- O meu pai disse-me muitas vezes que as notícias amargas não se adoçam na boca e que o melhor é contá-las depressa. Se soubesse que as minhas maneiras os chocariam, os teria poupado.

- Não, não nos poupe. Diga-nos só se ainda podemos ter esperanças.

- Ontem pensava que não, mas, por acaso, encontrei uma vidente ao pé de um lago. E ela deu-me razões para ter esperanças e para os procurar.

- Uma vidente, você diz? - Theido encolheu os ombros. - Bom, para a aflição em que estamos, qualquer ajudinha serve. Mas não devemos demorar demais. Os meus gracejos já fizeram com que nos atrasássemos muito. Vamos na direção de Illem. Teremos de esperar para ouvir o resto da sua história, senhora, que deve ser muito interessante.

- Vamos para Illem! - gritou Ronsard para os seus cavaleiros. Todos sacudiram as rédeas e esporearam os flancos dos cavalos, que partiram à galope pelas colinas, na direção do círculo queimado e enegrecido que outrora fora Illem.

CAPÍTULO XIX

A luz do crepúsculo demorava-se a dourar as árvores. Durwin estava de pé no grande torreão sobranceiro ao magnífico jardim do rei, naquele momento iluminado por mil lanternas. A música dos menestréis, uma delicada tapeçaria de melodia, que parecia tecida com as pétalas das flores estivai, flutuava sobre todas as coisas jovens nervosos escoltavam felizes meninas ao longo das veredas do jardim. Crianças brincavam entre os caramanchéis e o seu riso, límpido e cristalino, parecia música tocada em instrumentos de prata. Nobres senhores e finas damas de vestidos alegres deslocavam-se graciosamente por entre os pavilhões às riscas azuis e amarelas, onde se serviam acepipes. Cheirando o perfume das flores, que impregnava o ar, Durwin pensou que a celebração do Meio do Verão no castelo de Askelon era uma festa para os sentidos e de uma beleza rara.

- Porque está tão triste, bom eremita? - A voz era tão leve como a brisa que levantava docemente as folhas no jardim. Durwin virou-se e fez uma vênia à sua rainha.

- Senhora, os seus olhos são tão apurados como belos - suspirou ele.

- O que te preocupa num dia como o de hoje? Estamos na noite em que se sonha tudo o que há de bom... e você bem sabe que, às vezes, os sonhos podem tornar-se realidade.

- Será mesmo assim? Às vezes, o bem parece tão frágil contra o mal, a luz tão impotente contra as trevas... - A sua voz arrastou-se e o pensamento ficou por acabar.

- Isso não é do Durwin que eu conheço. Parece mesmo que esteve aconselhando-se com o rei.

- Ah! E estive. O espírito do homem é tão instável, tão dependente das suas emoções! Um cata-vento que gira conforme a direção dos ventos. - De repente, riu, recuperando alguma alegria. - Ora, ora que tolo sou! Para que serve um físico que recusa os seus próprios remédios?

Alinea deu-lhe suavemente o braço e encaminhou-o para os grandes degraus que desciam até ao jardim.

- Passeie um pouco comigo, meu bom amigo. Eu também preciso ouvir palavras que me consolem. - Uma sombra atravessou-lhe o rosto gracioso. Durwin sentiu-a como uma pontada.

- Se as palavras podem ajudar, Pode crer que as direi.

- Hoje tenho andado preocupada. A alma me pesa com uma sutil inquietude, que não percebo. Não tenho razões para isso. Muitas vezes, dou comigo pensando no Quentin.

- Se pudesse, a acalmaria, mas sei que as minhas palavras não o farão. Também eu tenho andado todo o dia pensando no Quentin... e em pouco mais. Quando você chegou perto de mim, embora ainda não o soubesse, estava pensando outra vez nele e no Toli.

- Acha que podem estar numa situação difícil? Parece tolice, bem sei...

- De modo nenhum, senhora, de modo nenhum. É natural que o Altíssimo junte os nossos corações com os dos nossos entes queridos tanto em tempo de aflição como em tempo de alegria. Embora sem saber o que é deles, tenho rezado todo o dia.

- Gostaria de ter o conhecimento do Altíssimo que você possui, para não me sentir tão vulnerável às tolices de um coração de mulher.

- Mas têm uma coisa igualmente preciosa: a capacidade de acreditar sem necessidade de razões ou de grandes sinais e portentos. A sua fé é forte.

- E a sua?

- A minha é forte, mas tem por trás anos de lutas íntimas e de esforços vãos. Cheguei à minha fé por um caminho muito serpenteante e rochoso, e não sei o que é melhor. Penso que deus dá a cada alma aquilo de que ela necessita, e a diferença reside aí.

- Apesar de tudo, gostaria de saber o que aprendeu na sua busca. Não faz mal saber.

- É verdade, senhora. Têm razão. De bom grado ensinarei o pouco que sei. Mas não se admire se, no seu coração, já souber a verdade. Acontece muitas vezes.

Quando desceram o último degrau e entraram no festivo mundo dos foliões do Meio do Verão, estavam silenciosos. Alinea virou-se e, com toda a seriedade, fitou o rosto largo e marcado pelo tempo de Durwin:

- O que podemos fazer por Quentin e por Toli?

- Nada que não tenha sido já feito: rezar. O que não é pouco.

- Deixe-me ir ter com você quando a celebração acabar. Rezaremos juntos. Se um só coração pode ter algum efeito, então dois podem acelerar a cura. E a segurança das suas orações guiará as minhas.

- Como quiser, minha rainha. Ficarei à sua espera.

Precisamente nesse momento, o som das trombetas ribombou do torreão que tinham acabado de deixar e eles viraram-se para verem os pajens do rei, de compridas trombetas na mão, pondo-se em sentido. O rei Eskevar debruçou-se na balaustrada de pedra, observando os festejos. À medida que todos os olhos se foram voltando para ele, o silêncio caiu lentamente sobre o jardim. Até as crianças que brincavam ficaram caladas ao sentirem que estava para acontecer alguma coisa de importante, que, no entanto, era para elas mais uma interrupção dos jogos do que uma ocasião solene.

Os mais velhos entreolharam-se interrogativamente, pois não era costume o rei dirigir-se assim aos seus convidados.todos ficaram à

espera de ouvir o que ele tinha a dizer.

- Cidadãos de Mensandor, meus amigos. Não os afastarei por muito tempo dos seus festejos. Em breve, eu próprio me juntarei a vós. Mas quero dizer-vos algumas coisas que têm andado no coração do seu rei.

Houve um murmúrio de preocupação, em parte devido a estas palavras e em parte por causa do aspecto do rei, a quem o vestuário festivo não conseguira disfarçar as feições macilentas.

- O que vou dizer pode causar alguma preocupação, mas quero que saibam que não é minha intenção inquietá-los nem provocar alarmes desnecessários.

- O que está ele fazendo - sussurrou Durwin.

- Não sei. - A rainha Alinea abanou a cabeça. Uma ruga de preocupação apareceu-lhe na testa. - Não falou nada comigo.

- Como seu rei - continuou Eskevar, com uma solenidade que desceu sobre o jardim como uma chuva de chumbo - seria muito injusto se, sabendo que o reino corre perigo, não avisasse imediatamente o meu povo de que a sua segurança está sendo ameaçada.

Elevou-se um clamor e uma voz gritou:

- Essa piada do Meio do Verão não tem graça nenhuma!

Uma outra disse:

- Deixe o rei falar! Quero ouvi-lo em paz!

- Não é nenhuma brincadeira- leais amigos. O meu coração não pode rejubilar quando do outro lado da bela Mensandor se reúnem os cruéis e irados ventos da guerra. - Ergueu a mão para silenciar o burburinho levantado por esta revelação. - Neste momento, os meus generais estão em campo, para me darem

notícias do inimigo, de modo a sabermos a sua força e podermos armar-nos contra ele. Pela nossa terra, lutaremos contra qualquer inimigo e venceremos!

A voz do rei adquirira um tom declamatório, que o fazia parecer um tanto louco, embora as suas palavras fossem de uma grande sanidade. Um silêncio pasmado caiu sobre os foliões do Meio do Verão. Eskevar pareceu voltar a si e percebeu o que fizera. A mão tremia-lhe ligeiramente quando disse:

- Agora retomem os festejos, pois podem ser os últimos que teremos durante muitos dias de trevas. - Girando nos calcanhares, afastou-se da balaustrada e desapareceu dentro do castelo, deixando os convidados tartamudeando de confusão e alarme.

- Qual é o significado disto? Oh, Durwin... - Alinea virou-se para o eremita com os olhos marejados de lágrimas. - Ele está ... ?

- Não, não. Não o alarme. Ele está tanto no seu juízo perfeito como eu ou você... ou talvez ainda mais. O grande coração dele sente mais esta terra do que o de qualquer outra pessoa. É como se fosse parte dele: quando a terra está ferida, ele sente a dor. Mas tenho certeza de que não estou dizendo nada que não já não saiba.

- Talvez, mas é bom ouvir outra pessoa dizê-lo. Há muito tempo que sei que ele é incapaz de se divertir quando existe alguma infelicidade que pode curar, mas nunca chegou a extremos destes.

- Reze para que me engane, senhora, mas pode acontecer que muito em breve consideremos o despropositado aviso de Eskevar um ato de uma alma corajosa e nobre. julgo que ele sente qualquer coisa que ainda não é aparente. E temo que não falte muito para partilharmos os seus presságios.

- Me dá licença, Durwin, mas tenho de ir ver se ele precisa de alguma coisa. Ele deve estar indignado consigo próprio por causa da sua explosão. Vai precisar de uma mão que lhe refresque o rosto.

Durwin fez uma vênia, e a bela Alinea afastou-se apressadamente, com um frufu, das saias de seda. Virando-se, viu que todos os olhos se tinham voltado para a rainha depois do estranho discurso de Eskevar. Durwin fez o sorriso mais aberto que

pôde, levantou as mãos e, com a jovialidade que foi capaz de arranjar, gritou:

- Amigos, voltemos à nossa celebração! Pode ser que venham aí muitos problemas, mas este é um bom dia e é possível que em breve precisemos desta alegria. Por isso, enchamos os nossos corações de felicidade e deixemos as tristezas para amanhã!

Durwin fez um floreado com a mão. Como se esperassem a sua deixa, os menestréis recomeçaram a tocar e a música foi aumentando de volume até encher o jardim. Sentindo que a interrupção das suas brincadeiras acabara, as crianças deram largas à sua alegria temporariamente reprimida, fazendo ouvir os seus risos em todos os cantos. Dali a pouco, o jardim estava transformado num cenário de alegria e divertimento.

Aquela nuvem agourenta passara tão rapidamente como fora inesperada ao aparecer.

A noite chegou como um sonho. Quentin tinha uma vaga lembrança de um dia que parecera estender-se eternamente, sem fim. Toli e ele tinham sido atirados para dentro de uma das carroças e deixados pensando no seu destino. Não havia um único momento daquele dia interminável que não o fizesse reviver o horror do que sofrera ao nascer do Sol.

A um sinal do chefe dos guerreiros, fora empurrado através da roda. No meio caminho do sangrento local, vira o carrasco afastar-se. Olhara em volta: o comandante caminhava pela multidão de soldados, que dispersavam; a roda estava a desfazendo-se. De repente, percebera que o comandante dera ordem para acabar com as execuções. Por qualquer razão que só mais tarde viria a conhecer, Toli e ele haviam sido poupados. No entanto, só ficara aliviado quando vira o gigantesco carrasco afastar-se, esfregando a cruel lâmina do seu machado com uns farrapos de roupa do morto.

Pouco depois da carroça ter se posto em movimento, com um ruído surdo, Quentin mergulhara num sono profundo, interrompido

apenas pelas persistentes cotoveladas de Toli, que insistia para que comesse. De fato, por sorte, tinham sido atirados para uma carroça que transportava provisões tiradas de Illem. Alargando um pouco as cordas, Toli conseguira chegar a alguns alimentos, e queria que Quentin comesse para poder recuperar uma parte da sua força e preparar-se para o que viesse a seguir.

Depois de uma refeição de grão seco, queijo de cabra e pão duro, Quentin adormecera novamente e só voltara a mexer-se ao pôr do Sol do Dia do Meio do Verão.

- Decidiu permanecer ainda algum tempo neste mundo? - perguntou-lhe Toli quando abriu os olhos. Estavam sentados entre um desordenado amontoado de alimentos, à meia-luz da carroça tapada.

- Paramos! - Quentin tentou endireitar-se, mas foi como se facas quentes se espetassem no ombro e no braço. Doía-lhe o corpo todo. - Au!

- Descanse enquanto pode, Kenta. Já paramos há algum tempo. Acho que estão montando o acampamento. Daqui a pouco, vêm buscar provisões.

- O que será de nós nesse momento? - Olhando para o seu servo, sempre expedito, abanou a cabeça. - Pensei que estava morto. Devia ter fugido enquanto podia.

O rosto de Toli iluminou-se com um sorriso:

- Bem sabe que era impossível. Não podia fugir sem o meu Kenta. Isso é ji'yanasb... impensável.

- Bem, amanhã podemos pagar os dois com as nossas vidas, mas ainda bem que Está aqui comigo, Toli. Esme, pelo menos, conseguiu escapar.

- Pois foi - retorquiu Toli sem entusiasmo. Quentin sentiu que tocara numa ferida aberta.

- Pensei... ahh! - Quentin contorceu o rosto numa careta de dor.

- Dói muito?

- A dor vai e vem. Parece-me que me tiraram os ossos, os meteram num saco e os misturaram e os recolocaram por ordem do que primeiro vinha à mão.

- Quando te vi amarrado à roda da carroça, tive medo de que tivesse morrido. - Tornou sorrindo, e Quentin perguntou-se como podia estar tão animado numa situação daquelas. - Mas estava mais sensato e cuidadoso do que normalmente. Se não fosse o miserável daquele guarda, eu o teria soltado e já estaríamos longe.

- Pagou o seu erro com a vida. - Quentin calou-se, pensando no hediondo espetáculo que testemunhara e no qual não participara por uma unha negra. - Talvez, era só um aviso e ele não tencionava nos matar... pelo menos, por enquanto.

- O importante é que agora temos tempo para fugir outra vez. Hoje à noite vamos ter uma oportunidade excelente.

- Hoje à noite?

Toli fez que sim com a cabeça.

- É o Meio do Verão... vão estar ocupados nas suas folias. As sentinelas estarão descontraídas e desatentas. Talvez tenhamos uma chance.

A cabeça de Quentin doeu ao lembrar-se da sua tentativa de fuga anterior. Pareceu-lhe recordar-se de qualquer coisa relacionada com o Meio do Verão, qualquer coisa que despertava nele uma breve sensação de prazer, mas que se desvaneceu mal ele se esforçou por a agarrar.

- O meio do Verão... Acha que estes.---- não sabia como havia de lhes chamar - que estes bárbaros também o festejam?

- Eu diria que é muito provável que sim. Os Jher também celebram o Dia do Longo Sol. É assim com quase todos os povos; este não deve ser diferente.

- Quem é esta gente? Porque é que veio para Mensandor?

Antes de poderem meditar melhor no assunto, apareceram dois soldados, que puxaram a grade da parte de trás da carroça. Os

prisioneiros foram sacudidos para fora do ninho e cada um deles arrastado para uma roda, à qual foi atado de braços estendidos e pernas abertas e amarradas até ao joelho. Imobilizados naquela posição, só conseguiam virar a cabeça e entreolhar-se com um ar indefeso.

Depois, os dois guardas foram postar-se ali perto, o que lhes permitia vigiarem atentamente os prisioneiros. Sentando-se num tronco de madeira, a pouca distância, ficaram olhando para eles com uma malevolência fria. Era óbvio que nenhum dos guardas estava muito contente com aquela tarefa que, possivelmente, considerando o que acontecera de manhã a um deles, era muito arriscada.

Dado que os soldados os vigiavam tão de perto, Quentin decidiu não fazer quaisquer movimentos para tentar libertar-se, por isso, ignorou os guardas e tentou compreender a intensa atividade que se desenrolava à sua volta.

O exército escolhera um prado plano, encimado por um renque comprido e baixo de choupos e faias, para acampar. Alguns soldados andavam ocupados arrastando as árvores caídas do renque e lançando-as para um grande monte no meio do campo. Já tinham sido acesas algumas fogueiras para cozinhar, e a fumaça prateada pairava no ar parado do fim da tarde. Outros levavam os cavalos até um regato que ficava fora do ângulo de visão. Quentin vislumbrou por duas vezes o comandante, que cavalgava pelo acampamento, dirigindo o trabalho dos seus homens, e que nem sequer lançou um olhar na direção dos seus prisioneiros.

A azáfama do acampamento foi diminuindo à medida que o cheiro da comida se elevava das fogueiras. Os soldados apertaram-se em volta das fogueiras e, a pouco a pouco, formaram grupos mais pequenos. Os homens sentaram-se no chão com trinchos de madeira e começaram a comer com as mãos. Quentin e Tolí ouviam-nos estalando os lábios e lambendo ruidosamente as

escudelas.

Quentin decidiu tentar contar os soldados. Havia vinte fogueiras espalhadas pelo prado e, segundo os seus cálculos, cada uma servia cem homens ou mais. Mas andavam outros por ali, tratando dos cavalos, apanhando lenha e cumprindo várias outras tarefas. Sendo assim, os soldados deviam ser, pelo menos, dois mil mas, possivelmente, eram muitos mais. Também reparou que o comandante tinha um corpo de segurança especial, constituído por cerca de cinquenta homens, todos ocupados perto da sua tenda circular e em forma de cúpula.

Estes soldados comiam à parte e não faziam nenhuma das tarefas inferiores dos outros.

Precisamente quando Quentin observava a tenda, saiu da sua abertura em forma de túnel um homem que se dirigiu para eles. Mesmo à distância, Quentin pôde ver que ele tinha qualquer coisa de diferente: era vagamente distinto dos outros soldados que apinhavam o largo campo. Havia alguma coisa no seu porte e na sua aparência que o fazia sobressair.

O homem, alto e envergando uma túnica larga de um azul muito escuro ornamentada com correntes de ouro, usava um invulgar chapéu mole e liso, de um tipo que Quentin nunca vira. Por baixo do chapéu aparecia um rosto orlado por uma barba curta e áspera. A barba era escura como breu, no que contrastava nitidamente com as suas feições claras e até um tanto amareladas. Com passos largos, dirigiu-se decidida e diretamente à carroça, à frente da qual parou de mãos nas ancas, fitando os prisioneiros com ar de poucos amigos.

Quentin fixou ousadamente os olhos pretos e impertinentes do emissário-chefe do comandante (pois foi assim que passou a considerá-lo), que falou rapidamente para os dois guardas, sem, no entanto, virar a cabeça nem deixar de observar os cativos.

Em resposta ao barbudo, os guardas resmungaram com maus modos. Este tornou a falar-lhes asperamente e lançou-lhes um olhar apressado por cima do ombro. Os soldados puseram-se

imediatamente em pé, de um salto, e, ainda resmungando, começaram a desamarrar os prisioneiros, soltando-os das rodas da carroça. Depois, o emissário deu meia volta e dirigiu-se novamente à tenda.

Quentin e Toli foram postos de pé aos trancos e empurrados atrás dele. Os guardas não pareciam nada contentes por terem esta tarefa a seu cargo. Quentin só gostaria de saber o que queriam deles. Enquanto marchavam pelo acampamento Toli derespondeu-lhe o olhar de interrogação. Quentin reparou que os soldados por quem passavam os seguiam com olhares onde se misturavam o medo e o temor.

Quando o emissário e os dois prisioneiros se aproximaram da tenda do comandante, dois soldados abriram e seguraram na aba da entrada. O homem alto inclinou-se e entrou sem uma palavra; Quentin e Toli foram empurrados lá para dentro. Contentes por terem se livrado dos seus fardos, os guardas foram jantar correndo.

Como teve de se inclinar muito, Quentin arfou de dor, tropeçou e vacilou hesitantemente. Tinha as mãos rígidas e entorpecidas por causa das cordas. Quando se recompôs, viu que o interior abobadado da tenda era escuro e semelhante ao céu noturno. Pequenas lanternas douradas, suspensa de correias douradas, ardiavam vivamente, e cada uma era como uma estrela acesa na abóbada celeste. O emissário da túnica virou-se para eles e levantou a mão, indicando-lhes, assim, que deviam permanecer onde estavam. Depois, deu meia volta e desapareceu por trás de uma cortina ricamente bordada.

- Nunca vi nenhum pavilhão de comandante como este - disse Quentin, observando aquela decoração estranha e um tanto fantástica. Para onde quer que se virasse, dava com os olhos no suave brilho do ouro e da prata.

- Isto é um palácio real ambulante. - Também Toli se mostrava surpreendido pelo contraste existente entre o temível chefe dos

guerreiros e os seus homens e a riqueza da sua tenda. Nesse momento, o emissário barbudo voltou a aparecer e fez-lhes sinal para avançarem, afastando o cortinado. Quentin deu um passo em frente e o mordomo-mor socou-o violentamente no pescoço, indicando-lhe que devia baixar a cabeça na presença do comandante.

Quentin entrou de olhos baixos no santuário interior. Durante algum tempo, ficaram de pé ao lado um do outro, em silêncio. Ninguém se mexia nem falava. Da sua frente e de um pouco acima chegava-lhes aos ouvidos a respiração lenta e regular do comandante, e até pareceu a Quentin sentir o seu olhar frio, enquanto meditava no destino que havia de lhes dar.

O chefe dos guerreiros proferiu uma ordem e o seu servo avançou e fez uma vênia. Depois, fez um discurso tonitruante na sua língua insondável. O mordomo-mor voltou a inclinar-se e disse suave e educadamente:

- O meu senhor decidiu que podem sentar-se na sua presença. Quer que comam com ele, mas só devem falar se ele os fizer alguma pergunta; nesse caso, devem responder sem hesitar. Se algum de vocês não responder imediatamente, ele saberá que está forjando uma mentira, mandará cortar-lhe a língua e obrigará o outro a comê-la, para que ele não se esqueça de não lhe seguir o exemplo.

Bateu as palmas e entraram dois servos com almofadas que pousaram aos pés dos prisioneiros.

CAPÍTULO XX

- Parece que acamparam aqui ontem à noite - disse Ronsard, afastando-se das cinzas frias que estivera examinando.

- E deviam ser perto de três mil homens, com carroças e cavalos. - Os olhos de Theido varreram o amplo prado onde o exército acampara. Tudo o que existia naquele momento eram os vestígios da sua passagem: a erva acamada onde os homens tinham dormido, os pedaços de solo chamuscados onde haviam ardido as fogueiras, os sulcos das carroças e as marcas das ferraduras dos cavalos. Mas o exército já se deslocara.

- Não vai ser difícil segui-los. Os sinais são muito claros - comentou Ronsard, lançando um olhar ao Sol, que caminhava para oeste. - Quanto acha que um exército desse tamanho pode percorrer num dia? Quatro léguas? Cinco?

- Talvez quatro léguas. Mais não. Não parecem estar com grande pressa. É estranho...

- O quê?

- Que uma força assim se desloque pela terra levando tudo à sua frente e que, no entanto... - Calou-se, à procura das palavras apropriadas. - Não parecem ter medo de que lhes vão ao encontro e lhes façam frente. - A voz pertencia a Esme, que, sentada na sua montaria, observava os dois cavaleiros e seguia a sua conversa.

- Sim, é isso - concordou Theido. - Se eu estivesse invadindo um país estrangeiro, havia de pensar na resistência que se faria sentir

mais cedo ou mais tarde. Há aqui uma arrogância que me gela até à espinha.

Um dos cavaleiros de Ronsard chamou-os do outro lado do prado.

- Encontrou alguma coisa - disse Ronsard. Dirigiram-se todos para o local onde o homem estava ajoelhado. Ao aproximarem-se, repararam na expressão de nojo que contorcia as feições do soldado.

- O que foi, Tarkio? O que encontrou?

- Eu... mataram alguém aqui, senhor. O soldado tinha razão. A mancha vermelho-escura do solo só podia ter sido feita de uma maneira.

Theido contemplou-a de lábios apertados, formando uma linha fina e descolorida.

- Podia ser um veado - sugeriu Esme, sem grande convicção. Também ela temia o pior.

- O que fizeram ao corpo? - A voz de Ronsard estava tensa.

Quando se desviou da feia nódoa da erva, Esme reparou no clarão escuro e irado que lhe fulminou o olhar.

- Parece-me que sei o que lhe fizeram - redargüiu Tarkio, num tom de voz vazio de qualquer expressão. Falou de uma maneira tão estranha que os outros o fitaram e, depois, lhe seguiram o olhar até às árvores que ficavam ali perto.

- Por Azrael!

- Os demônios!

- Desvie os teus olhos, senhora. Isto não é espetáculo próprio para uma mulher - disse Ronsard, lançando a Theido um olhar cheio de aflição. Por um momento, pairou entre eles uma pergunta que ninguém fez. - Tem de ser - pronunciou baixinho.

- Precisamos ter certeza.

- Eu vou com você - respondeu Theido calmamente. - Fica aqui com o Tarkio, Esme. Já vimos.

Theido desmontou e, juntamente com Ronsard, encaminhou-se para um grande carvalho de ramos largos, onde balouçava o cadáver do infeliz soldado. Não se assemelhava mais a um corpo humano do que à carcaça de algum animal pendurada para secar. Os pássaros tinham andado a picar-lhe a cara todo o dia e as suas entranhas não passavam de uns farrapos. As duas metades estavam penduradas lado a lado num ramo baixo e balançavam lentamente na corda que atava os pés e as mãos.

- Um deles? - perguntou Theido em voz rouca, com uma expressão de repulsa.

Ronsard assentiu.

- Este aqui não nasceu em Mensandor. - Desviando o olhar daquela visão macabra, continuou: - Estou satisfeito. Pode ser que Quentin e Toli ainda estejam vivos, embora eu não acredite muito nisso.

- Eu também não. Mas, pelo menos, temos uma esperança para continuarmos a nossa perseguição. - Theido olhou para o céu, que, naquele momento, brilhava com o tom dourado do Sol que se punha. - Ainda temos umas horas de luz. Podemos continuar.- E vamos cavalgar toda a noite. Devemos apanhá-los antes de amanhecer.

Sem mais palavras, regressaram ao local onde eram esperados por Esme e Tarkio, aos quais se haviam juntado os outros dois cavaleiros.

- Podes ficar descansada, senhora. Aquele miserável nunca foi nosso amigo. Provavelmente, era um deles. - Ronsard lançou um olhar interrogador aos dois cavaleiros, que, como Tarkio, tinham passado o local a pente fino, na tentativa de descobrirem sinais do destino dos cativos. Mas eles limitaram-se a abanar a cabeça, pois não tinham visto nada. - Então, vamos continuar. O caminho não é difícil. Da próxima vez que virmos água, paramos para os cavalos descansarem. O N'obren e o Kenby vão à frente e, depois, o Tarkio e

a Esme. Eu e o Theido seguiremos atrás. - Enquanto os outros montavam, virou-se para Theido: - Precisamos ter um plano antes de chegarmos ao acampamento.

Theido fez que sim com a cabeça.

- Vamos rezar para que nos lembremos de alguma coisa durante o caminho. Não sei o que mais podemos fazer.

Fixados em mastros compridos colocados de ambos os lados do palanque baixo de Gurd, dois crânios humanos fitaram Quentin com o seu olhar vazio. O próprio Gurd parecia um crânio, só que um pouco mais animado. Estava sentado imóvel, e a suave luz das lanternas enchia-lhe de sombras as depressões do rosto chupado. Só as cintilantes órbitas dos seus olhos pretos mostravam que dera pela sua presença.

Tal como os seus relutantes convidados, o guerreiro encontrava-se sentado numa almofada. Tinha o peito nu, pois envergava um colete curto, aberto até à cintura, muito ornamentado com brocados que formavam delicadas figuras, as quais Quentin nunca vira. Mas foi o peito do homem que atraiu a atenção de Quentin, pois até à luz bruxuleante das lanternas se via que era uma massa de cicatrizes compridas, denteadas e horríveis. Nem acidentes nem ferimentos de batalha poderiam tê-las causado com tal abundância; umas eram, obviamente, mais recentes, pois sobrepunham-se a outras, e havia algumas com muito pouco tempo. Com um sobressalto, Quentin percebeu que as feridas, aquelas mutilações horríveis, eram auto-inflingidas. O mordomo-mor, sentado à direita do comandante, entre os prisioneiros e o seu amo, bateu as palmas, e logo entraram dois escravos com grandes tigelas de comida. Um outro escravo pousou umas tigelas mais pequenas, que os outros começaram a encher com a comida das maiores. Quando acabaram, os escravos deixaram as tigelas em frente dos convivas e retiraram-se apressadamente.

O comandante pegou a sua e desatou imediatamente a comer, sem olhar para os seus convidados.

A comida, uma espécie de grão cozido com pedaços de carne e um molho espesso, muito condimentado, estava fumegando. Para o paladar pouco conhecedor de Quentin, pareciam alimentos exóticos, de outro mundo, que, uma vez engolidos, deixavam um travo quente na língua. Comeram com os dedos, encostando as tigelas aos lábios. Quentin conseguiu equilibrar a sua na parte interior do joelho e comeu com a mão esquerda, visto que não podia usar a direita, que pousara no regaço.

No meio da refeição, apareceu um escravo com um jarro e começou a encher umas latas douradas com um líquido cor de âmbar, que pousou em frente de cada um antes de partir. A bebida era uma espécie de vinho. Quentin reconheceu o seu travo ligeiramente metálico, mas nunca saboreara nada semelhante: era uma bebida aveludada, quase espessa e maravilhosamente doce. Bastava um gole para apagar o fogo deixado na língua pelos condimentos da comida.

O comandante comeu vorazmente duas tigelas sem levantar o olhar. Quando acabou, pousou a tigela, colocou as mãos sobre os joelhos, arrotou uma vez e disse qualquer coisa muito depressa.

- A refeição acabou - informou o mordomo-mor. Embora a tigela de Quentin ainda estivesse meio cheia, este colocou-a à sua frente e, imitando o dono da casa, pousou a mão no joelho.

- O meu senhor Gurd quer que saibam que só come na presença de quem respeita e que só partilha a sua comida com aqueles que admira. - O emissário fez-lhes um sinal de cabeça, indicando-lhes que se esperava deles uma resposta de natureza semelhante.

- Quem somos nós para ele nos respeitar ou admirar?

O emissário traduziu a pergunta de Quentin e o comandante soltou um rísinho abafado e proferiu uma resposta curta.

- O meu senhor Gurd diz que a sua coragem os enobreceu. Você, de pele clara, sobreviveu à prova da roda. Se fosse um covarde, teria morrido. Você - prosseguiu, dirigindo-se a Toli - arriscou a vida para salvar o seu amigo. Mesmo sendo uma loucura, é um feito valioso. O meu senhor Gurd admira a coragem. Vai ter pena de matá-los no devido momento, mas o seu sangue correrá por ele, como oferenda à sua imortalidade. Isso agrada-lhe.

Esta resposta confundiu e zangou Quentin, que abriu a boca para responder, mas que, ao sentir o braço tocado ao de leve por Toli, inquiriu:

- Porque invadem a nossa terra? Quem são vocês?

O mordomo-mor falou para o comandante, que sorriu ligeiramente, como uma serpente.

- Informe-me o meu senhor Gurd que se sentem honrados por ele os julgar dignos de estar ao seu serviço. - Em resposta ao olhar cortante e irado de Quentin, acrescentou: - Mais vale não zangá-lo, ou ainda os manda arrancar as tripas para lhe devolver a comida que comeu com ele.

- O que é que ele quer de nós? - indagou Toli.

- Só ele sabe.

Gurd pegou na sua taça e bebeu o líquido doce. Depois, fez um longo discurso para o emissário, que o traduziu assim:

- O meu senhor Gurd quer saber a que distância fica a grande cidade a que chamam Askelon, como são as suas fortificações e por quantos soldados é guardada.

- Porque ele pensa que eu sei responder a essas perguntas? respondeu Quentin. Depois de uma breve consulta ao seu amo, o homem replicou:

- O meu senhor Gurd sabe que têm cavalos e que, portanto, são homens importantes. Viu as suas armas e roupas e acredita que pertencem a uma alta linhagem. O fato de ter atacado sozinho os

seus soldados diz-lhe que conhecem bem os assuntos militares e que, de fato, até estão bem treinados.

Quentin hesitou. Os pensamentos de Toli eram insondáveis.

- Se está pensando se deve de responder ou não, deixe-me lembrá-los que, como os disse, para o meu senhor Gurd, as respostas onde haja alguma hesitação são mentiras. Para o acalmar, respondam-me imediatamente.

- Askelon fica longe daqui, a muitas léguas de distância. É verdade que é uma grande cidade. Não há nenhuma como ela. O castelo de Askelon nunca foi nem nunca será conquistado.

- E quantos soldados defendem esse lugar?

- Diz ao seu senhor Gurd que o exército do Rei Dragão é suficiente para qualquer eventualidade.

O chefe dos guerreiros observou atentamente esta troca de palavras, e não ficou muito satisfeito com a reação de Quentin, mas assentiu de bom grado quando o intérprete acabou de traduzir. Depois, sorriu para Quentin e Toli e dirigiu-se a eles na sua língua densa e incompreensível.

- O meu senhor Gurd está satisfeito com as suas respostas. Por isso, decidiu deixá-los viver até chegarmos a Askelon, onde serão sacrificados para que ele conquiste a cidade mais rapidamente. Ele quer garantir que o seu sangue correrá só para ele, o que é uma grande honra.

- É uma honra a que preferíamos renunciar - disse Quentin, numa voz perpassada por um tom sutilmente sarcástico -, mas talvez possamos vir a retribuir essa distinção.

O emissário sorriu dissimuladamente e traduziu as respostas de Quentin ao seu amo, que se inclinou ligeiramente e bocejou. Depois, acenou com a mão para o servo, o qual se levantou, dizendo:

- A audiência chegou ao fim. Façam uma vênia e recuem, não lhe virando as costas.

Recuando, retiraram-se todos da presença do chefe dos guerreiros, para o outro lado do cortinado, atravessaram a tenda e saíram novamente para fora. As sombras da noite adensavam-se e Quentin sentiu que a atmosfera do acampamento palpitava com uma excitação mal contida. Os soldados acotovelavam-se em vários grupos e por toda a parte se ouviam risos roucos. O sol estava mesmo a pôr-se e o céu adquirira um tom carmesim para as bandas do oeste. "Quando a luz desaparecer", pensou Quentin, - estes bárbaros vão entrar num frenesi louco." Como se lhe tivesse lido os pensamentos, o mordomo-mor disse:

- Vai haver uma grande celebração, porque é Hegnrutha a Noite dos Espíritos Animais.

- Fala bem a nossa língua, senhor - observou Quentin cautelosamente.

Os olhos escuros adquiriram uma expressão manhosa.

- Falo muito bem onze línguas.

- O que disse lá dentro? - perguntou Quentin, vendo os seus guardas apressando-se na sua direção para os levarem. O criado pessoal do comandante sorriu, pondo à mostra uma fila de dentes brancos, que pareciam brilhar à luz que se desvanecia.

- Disse-lhe que era uma honra que vocês retribuíssem de bom grado. Ele sentiu-se muito lisonjeado.

- Porque nos protege? - indagou Toli, enquanto os guardas voltavam a amarrar-lhes as mãos. - O que te interessa a nossa vida ou a nossa morte?

- Agora não tenho tempo para explicar. Irei ter com vocês esta noite, quando o caos tiver se instalado. - O emissário girou nos calcanhares e voltou a entrar na tenda. Quentin e Toli foram obrigados a marchar de volta às carroças, mas, desta vez, Quentin sentiu que se movimentavam rodeados de uma aura de respeito. Os olhares dos soldados pelos quais passavam eram temerosos e quase reverentes. Vendo-os, Quentin pensou que, provavelmente ao

contrário da maioria dos que entravam na tenda, eles tinham saído vivos.

CAPÍTULO XXI

Durwin permaneceu junto dos convivas o tempo suficiente para lhes apaziguar o medo causado pelo estranho comportamento do rei. Andara por ali, a todos saudando como se fosse o próprio rei, e a sua presença parecera acalmar os sentimentos de inquietação criados pelo discurso do rei. A música trinava e rodopiava, qual rio ondulante, afastando as preocupações do momento.

O chefe dos menestrelis deu início a um cotilhão e os pares começaram a escolher os melhores dançarinos presentes para o dirigirem. Como nem Eskevar nem Alinea tinham regressado, Durwin aproveitou para escapular discretamente.

Preocupava-o vagamente que alguma coisa mais grave pudesse ter transpirado. Assim, subiu depressa as escadas de pedra e encaminhou-se para a entrada da galeria do castelo, as grandes portas de madeira estavam escancaradas e filas de tochas acesas iluminavam o largo corredor. Alguns convivas curiosos passeavam pela galeria, maravilhando-se com o interior do castelo de Askelon. Sem querer parecer estar apressado, Durwin apressou o passo até aos aposentos do rei. Tinha poucas dúvidas de que Eskevar estaria aí. Quando Durwin irrompeu pelo corredor, Oswald estava à porta.

- Oswald, está tudo bem?

Oswald baixou ligeiramente a cabeça, à laia de vênica, e respondeu:

- Sim, senhor. O rei e a rainha estão lá dentro. Chegou um mensageiro.

As sobrancelhas de Durwin arquearam-se.

- Quem?

- Não sei. Não o vi chegar. A sentinela trouxe-o logo para cá.

- Muito bem, então vamos ver o que se passa.

Oswald abriu a porta e entrou. Quando se preparava para seguir o velho camareiro, Durwin sentiu que lhe tocavam de leve no braço.

- Bria, pensei que estava no jardim.

- Vim atrás de você. - A sua testa macia enrugou-se de preocupação. - O que é?

- Chegou um mensageiro. Espere só um pouco que eu já venho te dizer o que puder.

- Não. Quero ir com você. - Dizendo isto, atravessou a soleira da porta e arrastou Durwin com ela.

- Durwin! Ia mandar chamá-lo. - Eskevar estava sentado numa cadeira grande e esculpida. Alinea encontrava-se de pé, com a mão pousada no seu ombro. Ambos olhavam atentamente para o cavaleiro, esfarrapado, exausto e com as roupas e a armadura leve sujas da poeira da estrada. De pé, à sua frente, o soldado vacilava de cansaço.

- É Martran, um cavaleiro do Ronsard - indicou Eskevar com a mão aberta. - Ele ia mesmo agora comunicar-nos a sua mensagem.

O cavaleiro fez uma vênica e anunciou, com a voz rouca devido ao pó que engolira:

- O meu senhor Ronsard manda dizer: "Continuamos a nossa missão e lamentamos o atraso em voltarmos para Askelon. Regressaremos logo que tivermos obtido aquilo que procuramos ou pudermos ter respostas satisfatórias."

- É tudo, senhor cavaleiro? Pode falar à vontade.

- É tudo, meu senhor. É esta a minha mensagem.

Com os olhos cheios de tristeza e preocupação, Eskevar afagou o queixo com a mão.

- Porque é que ele te mandou com uma mensagem assim, meu bravo?

- Suponho que tinha medo de que a sua longa ausência os alarmasse. Theido sugeriu que eu voltasse com uma mensagem dizendo se podiam continuar a sua missão.

- Mas porquê... não viu nada digno de ser relatado?

- Não, Sua Majestade. Não vimos nada de anormal. Mas... - hesitou, como se não soubesse se a sua posição lhe permitiria dizer mais.

- Mas o quê, meu amigo? - perguntou Durwin, aproximando-se. - Fala sem medo. Nada do que possa dizer te fará incorrer no desagrado do seu rei. Mas pode ser um erro não nos dizer o que está pensando. Fale, por favor, e deixe-nos julgar.

- Muito bem, senhor. - O cavaleiro fez uma vênia dirigida a Durwin. - É isto: senti que alguma coisa estava preocupando os meus senhores. Eles andavam a procurar não sei o quê, mas não encontravam nada. Isto inquietava o meu senhor Theido, que andava furiosamente de um lado para o outro e queria cavalgar toda a noite. Mas o meu senhor Ronsard não o deixava. Falavam muitas vezes os dois sobre isso. "Mas, ao vir para cá, vi uma coisa que me confundiu. Acho que, se o meu senhor Theido a tivesse visto, haveria de ser ainda mais inflexível.

- O que foi que viu? - perguntou suavemente Eskevar, que observava o mensageiro com olhos de águia.

- Uma das aldeias que tínhamos atravessado uns dias antes estava vazia quando voltei a passar por ela. Achei estranho não ver ninguém, mas também não parei para investigar.

- Vazia?

- Sim, Sua Majestade. Completamente abandonada.

- E que mais? Não viu indícios de nada?

- Não. Parecia que tinha sido abandonada muito depressa, embora sem razões aparentes. Mas, como disse, não parei para investigar. Continuei o meu caminho.

- Estou vendo. Muito bem, Martran, pode ir descansar. Merece bem o seu descanso.

- Oswald, leve Martran para a cozinha, de-lhe de comer e arranje-lhe uma cama onde não possa ser incomodado. - Virando-se para o cavaleiro, acrescentou: - Não se afaste muito; posso querer fazer mais algumas perguntas. Agora vá e descansa.

Oswald acompanhou o cavaleiro, que cambaleava.

- Só mais uma coisa - observou Durwin, quando Oswald abria a porta. - Não nos disse se encontrou Quentin e o Toli na estrada. Mas deve ter passado por eles. Saíram daqui há quinze dias para irem procurá-los.

O cavaleiro abanou a cabeça.

- Não passei por ninguém, o que também achei estranho. Até chegar a Hinsby, tive as estradas por minha conta.

- Obrigado, Martran. Durma bem.

Durwin fitou o rei com um olhar cheio de interrogações.

- O que ele nos contou é mesmo muito esquisito. Não sei o que pensar.

- É como eu disse: passam-se coisas estranhas na terra. O mal cresce, mas nós não o vemos.

- Entretanto, o que aconteceu ao Quentin? - indagou Bria, mostrando-se preocupada.

- Não sabemos, senhora - respondeu Durwin. - Mas a terra é grande. Eles podem ter seguido por outro caminho. - O tom de voz não lhe saiu tão tranqüilizador como gostaria.

- De qualquer forma, em breve saberemos. Proponho-me a ir à sua procura - declarou Eskevar. O rei Dragão pôs-se em pé e deu uns passos em frente, como se quisesse partir imediatamente.

- Não diga isso, senhor! - suplicou Alinea. - Ainda não recuperou suficientemente as suas forças para se por em cima de uma sela.

- Se quer, ide, Sua Majestade. A escolha é sua. Mas, se for, arrisque-se a perder o regresso do seu enviado. E por onde iria começar a

procurá-los?

Eskevar lançou um olhar magoado ao eremita.

- Que hei de fazer? Não posso ficar aqui para sempre à espera, enquanto o inimigo se vai fortalecendo.

- Ninguém viu nenhum inimigo - comentou a rainha. Eskevar virou-se para ela e resmungou:

- Pensa que não existe? Mas existe! - Bateu no peito. - Sinto-o aqui. Ele vem aí... sinto-o.

- Mais uma razão para esperar. Recupere as forças. Se isso que diz for verdade, em breve terá a ação que quer procurar.

Frustrado, o rei Eskevar deixou-se cair outra vez na cadeira. O seu nobre semblante fervilhava de desespero. Enfiou as mãos pelo cabelo.

- Mensandor chama o seu protetor, que fica na cama tremendo de medo! Quem nos salvará da nossa fraqueza?

- Vão agora - disse Alinea, tomando Durwin e Bria de parte. - Eu trato dele. É o dever de uma esposa e rainha.

- Com sua licença, senhora, retiro-me para os meus aposentos. Se precisar de alguma coisa, mande me chamar.

Durwin pegou no braço de Bria e conduziu-a para fora do quarto.

- Nunca o vi assim - comentou Bria, com a voz embargada pelas lágrimas.

- Estes são tempos difíceis e ele não está muito habituado às dificuldades. Mas não se preocupe. Vi nele sinais de recuperação. Ele vai voltar a ser o Rei Dragão.

A grande mão fechou-se sobre o corpinho branco da ave e retirou-se da gaiola, no meio de um bater de asas minúsculas e de um trinado de surpresa. A pomba debateu-se debilmente, com a cabeça espreitando através do círculo formado pelo polegar e pelo

indicador gigantesco. Um olhinho de contornos vermelhos fitou aterrorizadamente o rosto distorcido do poderoso Nin.

Nin, o Imortal, sentiu na mão o rápido bater do coraçãozinho da pomba e o seu corpo quente e macio. Depois, apertou. A ave debateu-se e guinchou. Nin apertou mais. O bico amarelo escancarou-se e a pequena cabeça rolou para o lado. Nin, cujas frotas se estendiam por toda a largura de Gerfallon, abriu a mão lentamente. O monte de penas estremeceu e imobilizou-se.

Com um grito de satisfação, Nin, o Destruidor, atirou o pássaro morto para o outro lado da sala, onde caiu, perto da porta, com um baque suave. Um redemoinho de penugem branca flutuou docemente até ao chão, e desceu como flocos de neve em redor do corpo sem vida.

Nin continuava olhando para a sua obra quando ouviu o som da sineta do outro lado do corredor. A grotesca cabeça de Uzia espreitou da porta.

- Trago notícias, ó Imortal. - Os olhos do ministro vaguearam até o pequeno monte de penas brancas que jazia no chão à sua frente.

- Entre e fale. - A voz de Nin parecia um trovão.

Uzia avançou na ponta dos pés e prostrou-se perante o seu amo.

- Levante-se. É o seu deus que te ordena. Fale, UzIa, e que da sua boca saiam palavras de adoração ao Eterno.

- Quem se compara ao nosso Nin? Como hei de descrever a sua grandeza, mais brilhante do que os mais brilhantes feitos dos homens? A sua sabedoria é eterna. - UzIa pôs as mãos no rosto, como se quisesse proteger os olhos dos penetrantes raios do Sol.

- As suas palavras me agradam. Agora diga-me, que notícias me traz? Askelon já foi conquistada? Estou ficando impaciente com esta espera. Diga-me o que eu quero ouvir, UzIa.

- Talvez as minhas notícias sejam mais apropriadas em outro momento e lugar, muito nobre Nin. Não sei nada de Askelon, mas que seja como diz.

- Então o que é? Fala depressa... estou ficando cansado dos seus disparates.

- O comandante da sua frota em Elsendor mandou dizer que estamos vencendo. Os barcos do rei Troen foram destruídos e a batalha em terra já começou.

O grande rosto sem pêlos dividiu-se num amplo sorriso de satisfação, a carne das suas faces rolou para os lados como montanhas formando-se ao longo de um abismo profundo. Os seus olhos escuros e sinistros reduziram-se a pequenos buracos pretos e o seu queixo afundou-se nas pregas do pescoço.

- Muito bem! Quantos prisioneiros me foram sacrificados? - A sala abanou com a alegria da sua voz de trovão.

O olhar de UzIa adquiriu momentaneamente uma expressão de consternação.

- Não sei, Majestade Infinita. O comandante não disse, mas creio que podemos deduzir que foram muitos. É sempre assim.

- Pois, pois. Estou satisfeito. Vou fazer uma festa para comemorar!

- Posso atrever-me a lembrar à Luz Suprema do Universo que hoje é Hegnruffia? Hoje à noite há uma festa, que já está sendo preparada.

- Ah, é verdade! Veio mesmo a calhar. Então vá e diga-me quando estiver tudo pronto. E ordena aos escravos que preparem o meu banho de óleo. Quero ungir-me antes da celebração começar. Hoje à noite, os meus súbditos vão encher

os olhos com o meu esplendor. É esta a minha vontade. Ouça e obedece.

UzIa prostrou-se de novo e recuou para fora da sala. A sua voz quebradiça ouviu-se dali a pouco, reunindo os escravos para prepararem os perfumados óleos nos quais o seu soberano ia banhar-se.

Nin ergueu o seu rosto de lua cheia e deu uma gargalhada, as notas profundas saíram-lhe da garganta e vibraram em todos os cantos do enorme navio-palácio. Os que as ouviram estremeceram. Quem, de entre eles, seria chamado a divertir o Imortal durante a noite? Provavelmente, quem quer que tivesse essa honra na noite de Hegnrutba não voltaria a ver um outro dia.

CAPÍTULO XXII

A torre de chamas erguia-se bem alto na noite, derramando-se na vasta escuridão e maculando as estrelas com o seu brilho escarlate. Embora se encontrassem bem afastados do braseiro, Quentin e Toli, acorrentados às rodas da carroça, sentiam no rosto o calor da enorme fogueira. À medida que as chamas se lançavam para o céu, a pândega levantava vôo com as suas asas maldosas, tomando uma forma febril e inflamada.

O tumulto fora aumentando progressivamente ao longo do fim da tarde e, naquele momento, os bosques em redor ecoavam com os gritos desenfreados dos celebrantes. A tumultuosa massa contorcia-se em volta da fogueira numa roda cada vez mais frenética. A Quentin e Toli, que tudo observavam mudos de espanto, parecia que alguma coisa se apossara dos espíritos dos soldados, puxando-lhes cada corda como um menestrel enlouquecido tocando o seu instrumento num êxtase torturado.

Ao clarão da fogueira, Quentin viu alguma coisa movendo-se na escuridão, para lá do círculo do acampamento. Por entre os tremeluzentes lençóis de calor libertados pelo fogo, entreviu o que lhe pareceu um bicho colossal, uma silhueta escura surgida da escuridão que a rodeava e que se arrastava pesada e vagarosamente.

- Olhe ali... do outro lado - sussurrou para Toli. Não sabia bem a razão por que se dera ao trabalho de sussurrar, pois os guardas nem sequer fingiam estar vigiando-os. Continuavam sentados nos seus postos, tinham-se entregado às celebrações dos seus camaradas e estavam era mortinhos por se juntarem ao barulho.

- O que é? Não consigo ver bem.

- Espere, está aproximando-se. - Mal Quentin acabara de falar, a criatura emergiu do seu escuro cativeiro, surgindo no turvo círculo de luz. Com o clarão das chamas brilhando-lhe na hedionda pele preta, agigantou-se à luz bruxuleante.

Era uma criatura de uma beleza terrível, pavorosa e tremenda parecia um habitante do abandonado mundo subterrâneo de Heoth, uma coisa destilada de mil pesadelos. E surgiu cambaleando da floresta para o meio dos celebrantes, como se tivesse sido chamada das profundezas do seu mundo subterrâneo. para reinar sobre o revoltante Hegnruffia.

Ao princípio, Quentin pensou que estivesse viva mas, à medida que se aproximava viu que estava amarrada a cordas puxadas por cerca de cem homens, que se apinhavam aos seus pés. Por fim, chegou à beira da fogueira, onde ficou de mãos estendidas em perpétua bênção ou praga.

Tratava-se de uma estátua: era a enorme imagem esculpida de um animal com pernas e tronco de homem, cabeça de leão e barriga de chacal. Dois grandes chifres curvos saíam-lhe de ambos os lados da cabeça e tinha a boca aberta, num rugido de raiva.

- É o ídolo deles - disse Toli, com os olhos cheios da visão que tinha à sua frente. Quase gritou, pois, com a presença do gigantesco ídolo. O frenesi irrompera num clímax de exuberância e insanidade. A terra quase tremeu com o pandemônio. Os seus dois guardas deram um salto e começaram a dançar, agitando os braços e guinchando num abandono histérico.

Depois, os soldados atiraram mais lenha para a base da estátua e empurraram-na para as chamas. Enquanto Quentin e Toli observavam as línguas de fogo rodeando o monstruoso ídolo, uma sombra destacou-se da miríade de projeções vacilantes e encaminhou-se para eles ao longo do círculo do acampamento. Dali

a pouco, e sem sentir a presença de ninguém, Quentin ouviu um sussurro rouco:

- Vou soltar as suas mãos. Não se mexa.

Quentin obedeceu e sentiu as cordas caírem. O seu braço direito balançou, inerte, e ele pegou-lhe com a mão esquerda e segurou-o contra o peito. Sem esperar por mais instruções, rolou e escondeu-se debaixo da carroça. Juntaram os três as cabeças ao abrigo da caixa da carroça. Toli esfregou os pulsos e perguntou:

- Porque está fazendo isso?

Quando o emissário do comandante sorriu, viu-se um breve clarão branco na escuridão.

- Eles também me prenderam. Há muito que planejo fugir, mas, para sobreviver, preciso da ajuda dos que conhecem este país. Com os olhos cintilando à luz da fogueira, fitou-os: - Não podemos perder tempo. Temos de ir.

Se afastando das carroças, teriam pouca chance de serem descobertos. Naquela noite, ninguém estava de sentinela, mas havia grupinhos de foliões reunidos em volta de fogueiras menores, no perímetro do acampamento, e ouviam-se outros batendo os bosques num êxtase histérico. Os seus gritos rasgavam a noite, deixando a Quentin poucas dúvidas da realidade dos espíritos animais, aos quais a noite era dedicada.

As três figuras agachadas percorreram a orla do acampamento, correndo furtivamente através do jogo de luz e escuridão. Nas árvores que os rodeavam, as enormes sombras alongadas cabriolavam, numa imitação grotesca dos ritos selvagens, cuja intensidade não diminuía.

A travessia do perímetro exterior do acampamento foi um trabalho demorado, mas, por fim, conseguiram chegar ao bosque, onde as sombras os cobriram como uma capa.

- Escondi os nossos cavalos ali. - O mordomo-mor fez um gesto de cabeça na direção onde as sombras se adensavam ainda mais. -

Consegui recuperar a sua montaria - olhou para Quentin mas não encontrei a sua.

Toli riu e replicou:

- Aquele cavalo não era meu... tirei-o do meio dos que estavam amarrados. Apesar da escuridão, Quentin viu as sobrancelhas do seu guia arqueando-se de surpresa e os seus olhos brilhando de divertido descrédito.

- Eu bem tinha razão. A manha também faz parte das suas habilidades. Não me enganei na escolha dos meus parceiros.

O ar parecia mais fresco nos bosques. Embora por toda parte retinisses os uivos e os guinchos dos celebrantes de Hegnrutha, começaram a deslocar-se cada vez com mais confiança. Os bosques pareciam desolados e entregues às sombras sem lar que vagueavam na noite.

Quentin tremia interiormente e lutava para acompanhar os outros. Quando chegaram aos cavalos, que esperavam pacientemente numa pequena galeria coberta de giestas, Quentin arfava de fraqueza. O pouco de forças que ainda conseguira reunir chegara praticamente ao fim.

- Agora, sigam-me. Sei por onde se sai do bosque - disse o emissário. - Depois, eu os sigo.

- Muito bem - retorquiu Toli. - Vá em frente.

Montaram os dois rapidamente e guiaram os cavalos para norte e para longe do acampamento. Toli lançou um olhar por cima do ombro e viu Quentin pendurado na sela com uma mão, demasiadamente fraco para conseguir montar no cavalo.

- Espere! - gritou Toli, deslizando da sua montaria. - Meu amo, desculpe... Eu devia ter percebido...

- Não... eu estou bem. Ajude-me só a montar.

Ao luar que inundava docemente o bosque, Toli viu a camada de suor que luzia na testa de Quentin.

- Venha comigo. Podemos ir os dois no meu cavalo.

- Eu fico bem logo que sairmos daqui - insistiu Quentin.

- Rápido. Ajude-me a montar. Não há tempo para discussões.

Toli prendeu o pé do seu amo e içou-o. Bem via que o braço direito de Quentin lhe pendia inutilmente do ombro. Quentin agarrou as rédeas com a mão esquerda, puxou a direita para o colo e segurou-a por baixo da capa.

- Vamos embora - disse roucamente.

Toli saltou para a sua montaria e seguiram em frente. Pisando o tojo, os cavalos avançaram na direção da floresta. "Apesar da sua aventura, Blazer parece estar na mesma", pensou Quentin, aliviado por estar novamente na sua sela. Ao menos, com Blazer não precisava das duas mãos para montar, pois parecia que o cavalo adivinhava as ordens do seu amo. Quentin só tinha de se agüentar, e tentou desesperadamente consegui-lo.

Dali a pouco, estavam na floresta, onde os grossos troncos das árvores dividiam o luar prateado em raios espalhados a toda a volta. Como as vozes que se ouvem em sonhos, atrás deles os gritos dos foliões enfraqueciam, diminuindo rapidamente com a distância e com o adensamento da floresta.

"Isto é um sonho", pensou Quentin, seguindo os passos das silhuetas esquivas que voavam à sua frente por entre os jogos de luz e sombra, "um sonho horrível que vai acabar quando eu acordar". Mas a vergastada ocasional de um ramo e a frescura do ar da noite no seu rosto eram muito reais. Sabia que se tratava de um sonho que não se esvaneceria à luz do dia. O pesadelo era real e abatera-se em força sobre Mensandor.

CAPÍTULO XXIII

"É o momento de fazer alguma coisa", disse para si próprio o sumo sacerdote de Ariel, percorrendo a cela nua de um lado para o outro. "É hora de agir." A vela grossa pingava de cada vez que Biorkis passava, agitando o ar à sua volta. Uma pilha de rolos de pergaminho balançava precariamente na mesa, roçando como folhas outonais ao sabor da brisa.

"É tempo... é tempo". repetiu. Depois se precipitou para a porta da cela, entrou no corredor sombrio, atravessou correndo o templo vazio e passou por uma entrada lateral usada apenas pelos sacerdotes. Percorreu então o átrio banhado pelo luar, abriu um portão estreito fixado no muro e parou de um dos lados do planalto, contemplando o silencioso vale que se estendia a seus pés. Voltando-se, virou os seus velhos olhos de águia para o oriente. Tinha a Lua acima da sua cabeça, mas, a leste, uma estrela brilhava intensamente, com uma luz mais forte do que a de qualquer das suas irmãs. À sua volta parecia juntar-se uma película de luz, que fluía do centro da estrela. A porção da noite onde se encontrava a estrela brilhava com uma luminosidade pálida e, fosse para onde fosse que a vista vagueasse ao examinar aquela cúpula escura, voltava a ser atraída para a estrela: a Estrela do lobo.

- Sim! Sim, é tempo de agir! - gritou Biorkis, cuja voz ecoou no pátio vazio e na colunata do templo, do outro lado do muro. Depois, virou-se, passou a correr pelo amontoado de rochas, voltou a atravessar o pátio e entrou de novo no templo. Esbaforido, caminhou

com as suas pernas curtas e robustas até um dos muitos gongos do templo.

Pegou o instrumento para lhe bater e, ao cabo de uma última pausa para reflexão, malhou várias vezes no gongo, numa rápida sucessão.

- Isto deve fazê-los vir correndo - disse. E tinha razão.

Dali a pouco, o vestíbulo estava cheio de sacerdotes ensonados, que esfregavam os olhos e resmungavam por o seu sono ter sido interrompido.

- Amigos sacerdotes! - A voz de Biorkis estava muito alta para os seus ouvidos cheios de sono. Mas ele gritava de propósito para os despertar completamente. - Há duas noites que a minha cama fica vazia, bem Podem agüentar só este pouco. Quero falar. - Ouviu-os resmungar entre os sacerdotes.

- Para que é isto tudo, Biorkis?

- Porque nos arrancou das nossas devoções?

- As suas vésperas e cochilos não são importantes - atirou Biorkis ao seu insolente interlocutor. - É tempo de agir! Sabem da estrela que brilha lá fora e que cresce a cada noite que passa? Já sei o seu significado.

- E isso não podia esperar até amanhã? - Quem assim falou foi Pluell, o subsumo sacerdote e seu próprio assistente. Pelo menos, este tinha, tal como Biorkis em tempos, o privilégio de interrogar o sumo sacerdote.

- Penso que não. Já esperamos tempo demais. Enquanto contemplávamos às cegas o seu significado, a estrela crescia e, com ela, a força do mal que pressagia. Mensandor está cercada por forças de países distantes. O mundo que conhecemos treme à beira da destruição.

Ouviu-se um murmúrio entre os sacerdotes. Pluell inclinou-se para conferenciar com vários dos seus irmãos.

- Admira-me que esteja tão preocupado, Biorkis. Não é nada seu. Você sempre nos disse que era loucura pensarmos muito nos reis mortais e nas suas desprezíveis preocupações.

"Assusta-me ouvir-te falar assim. Não devíamos primeiro discutir isto um com o outro?"

Biorkis levantou a cabeça ao ouvir esta sugestão:

- Porque será que sinto na sua voz uma nota de ambição, Pluell? Porque não hão de os nossos irmãos ouvir o que tenho a dizer?

O subsumo sacerdote aproximou-se do seu superior e pousou-lhe uma mão no braço, como se quisesse puxá-lo de lado.

- Não é o momento de te dar esse ar infundado à frente dos nossos irmãos. Venha comigo. Está cansado, e a vigília tornou-o... digamos, um tanto irracional.

- Irracional? Nunca estive tão lúcido nesta minha vida tão longa e cheia de acontecimentos. Não percebo os teus modos. Por que me olha assim?

- É tarde, irmãos. Voltem para as suas celas e descansem. Certamente amanhã vamos ter uma discussão mais proveitosa.

Alguns sacerdotes fizeram menção de partir e outros hesitaram, sem saberem se haviam de ficar ou de ir, como lhes fora ordenado.

- O sumo sacerdote sou eu! - gritou Biorkis iradamente. - Ou já esqueceu? Fiquem todos onde estão e ouçam-me! Proponho que o rei Eskevar seja informado da nossa descoberta.

- Da sua descoberta, Biorkis. Com certeza não espera que a aprovemos. - A voz calma de Pluell não mostrava quaisquer sinais de sono ou de cansaço.

De repente, Biorkis percebeu o que se passava: Pluell dava largas à sua desmedida ambição, contida durante muito tempo. Estava jogando a sua cartada para arrebatá-lo o sumo sacerdócio. Biorkis tremeu de cólera quando a compreensão deste fato o atingiu como uma facada. "Que tolo tenho sido", pensou. "Enquanto fico acordado

à procura de uma resposta para o enigma daquela estrela, ele manobra para me tirar o poder."

- Não será assim, víbora! - gritou Biorkis. A sua inesperada explosão deu lugar aos olhares de interrogação dos sacerdotes ali reunidos. - Tira a sua mão de cima de mim! Ouçam-me, irmãos. Eu sou o sumo sacerdote e vocês me conhecem há muito tempo. Alguma vez propus uma insensatez ou a desonra do deus que servimos?

Por todo o lado houve olhares lamentosos e um grande barulho de pés batendo no chão. Ninguém se atrevia a falar. Pluell estava calado à direita de Biorkis, com os olhos franzidos de ódio.

- Porque há de a minha sugestão de uma mensagem para o rei causar tanta preocupação a alguns dos nossos irmãos? - Enquanto falava, o sumo sacerdote olhou em volta e percebeu que se encontravam ali pessoas que deviam pertencer à facção de Pluell. Sabia que estava em grande desvantagem, mas a cólera aqueceu-lhe o coração, clarificando-lhe o pensamento. - Que problema há em eu informar o rei? Será que há alguém que tem razões para guardar para si o conhecimento do que vai acontecer? Será que querem retirar ao Alto Templo o estatuto de servo dos súditos do reino?

Pluell soltou uma gargalhada, mas não havia alegria na sua voz:

- Vê como é, Biorkis? Não há nada que o impeça de comunicar com o rei, se quiser.

- Claro que não. Eu sou o sumo sacerdote. Os meus votos sagrados conferem-me a autoridade de ir a Askelon, pois assim o quero. E darei a mesma autoridade a quem quer que me sirva.

- Então porque não vai você próprio? - sibilou Pluell.

- Eu? Eu sou velho. Um jovem pode ir mais depressa. Vou pôr o meu selo numa carta que deve ser levada por quem eu escolher.

- Não me parece que encontre ninguém assim tão ansioso por quebrar os seus votos.

- Já disse que ninguém vai violar os seus votos. Porque insiste? - De repente, Biorkis sentiu-se fraco e doente. Embora Biorkis não tivesse percebido o momento em que isso acontecera, o fato era que o manhoso Pluell virara a discussão a seu favor. O sumo sacerdote sabia que estava condenado, mas não percebia como.

- Quem melhor do que um sumo sacerdote para falar com um rei? Que sejam os seus lábios a proferir as notícias.

- Muito bem - disse Biorkis; iradamente. - Eu vou. Quem vem comigo? - Passeou o olhar encolerizado pelo círculo de rostos confusos.

Ninguém se ofereceu.

- O quê? Ninguém quer acompanhar o sumo sacerdote nesta árdua jornada? Posso ordenar a cada um de vós que vá!

- Talvez agora seja melhor falarmos à parte - tornou a sugerir Pluell. Parecia brilhar de satisfação.

- Não tenho mais nada a dizer! - Biorkis ergueu o seu bastão e bateu com ele no chão de pedra.

- Como quiser, irmão. Então, não me resta senão informar os sacerdotes de Ariel das transgressões feitas pelo sumo sacerdote e aconselhar-me com eles.

- Que transgressões? Pode dizê-las... não tenho medo, Em toda a minha vida de sacerdote sempre fui fiel aos meus votos e ao meu deus.

- Obrigame a isso. Ouvi então, sacerdotes - disse Pluell fazendo um gesto de cabeça para um sacerdote que se aproximara e que lhe estendeu um rolo. Pluell pegou nele e desenrolou-o vagarosamente, para que todos vissem. Em voz estridente e acusadora, o subsumo sacerdote começou a ler uma lista de crimes imaginários que Biorkis alegadamente cometera contra o templo e os seus votos. Os sacerdotes pareciam divididos; alguns aprovavam as acusações, acenando com a cabeça, e outros tinham no rosto expressões de espanto e descrédito.

Quando acabou de ler, Pluell virou-se para Biorkis:

- O que tem a dizer sobre estas acusações?

- Que Azmel fique com as suas acusações! Não são verdadeiras. Quem quer que me conheça, sabe-o bem. Mas parece-me que não interessa nada o que eu possa dizer. Você já decidiu como é que isto vai acabar. Pode continuar.

Pluell virou-se para a assembléia e disse, nos seus modos afáveis e imperturbáveis:

- Ouviram com os seus próprios ouvidos que ele não tenciona negar as acusações. Portanto, só podemos fazer uma recomendação: que Biorkis seja banido do sacerdócio e que um novo sumo sacerdote assuma os seus deveres. Biorkis deve ser expulso. Há aqui alguém que esteja contra esta recomendação?

A sala ficou silenciosa como um túmulo. Ninguém mexeu um único músculo. O tempo passou. Por fim, Pluell virou-se para Biorkis e falou com um ar decidido e calmo, numa voz perpassada por uma falsa tristeza:

- Tenho pena de que tudo acabe assim. Teria sido melhor para você se tivesse ido embora sozinho enquanto podia. Eu o teria poupado desta indignidade.

- Não me poupe, falso amigo! Partirei imediatamente, mas, antes, ouçam-me, sacerdotes de Ariel. - Fitou-os um por um. Muitos deles eram bons amigos que, envergonhados pelo seu silêncio, desviaram os olhos do seu rosto escaldante. - O mal entrou esta noite neste templo. Se não o arrancarem e o expulsarem imediatamente, ele os destruirá um por um.

Em resposta a um sinal de Plueli, quatro guardas do templo avançaram com as suas tochas e agarraram nos braços de Biorkis.

- Vou-me embora - gritou o sumo sacerdote. - Mas não se esqueçam das minhas palavras. Uma sombra caiu sobre a terra. Em breve nenhum lugar será seguro... nem sequer o Grande Templo de Ariel. Não querem seguir-me e fazer o que tem de ser feito, pelo

menos olhem com atenção para aquele a quem escolheram. O povo do reino vai procurar a sua proteção e implorar ao deus que os defenda. E vocês não poderão fazê-lo, pois as suas preces não serão ouvidas.

- Levem-no! - gritou Pluell. - Está outra vez delirando.

Os guardas obedeceram; as grandes portas de madeira do templo já estavam abertas. O ar da noite soprou entre os sacerdotes reunidos, provocando-lhes um arrepio, como se quisesse lembrá-los das terríveis previsões de Biorkis.

Os guardas do templo desceram os longos degraus de pedra, carregando o seu anterior chefe no ar, e empurraram-no para o pátio. Biorkis deu alguns passos vacilantes e, depois, virou-se para os seus acusadores, que tinham se espalhado pelos degraus para o verem partir. O ancião de cabelo branco ergueu o seu bastão, que os guardas tinham se esquecido de lhe arrancar, e disse, numa voz cortante e dura como o aço:

- Aproxima-se o fim da idade em que vivemos. Salvem-se por vós próprios, pois os deuses não os ajudarão. Este templo não vai ficar de pé!

Com estas palavras, atirou o bastão para o chão, onde se quebrou em mil pedaços. Depois, virou-se e desapareceu coxeando na noite.

CAPÍTULO XXIV

- Se os olhos e os ouvidos não me enganam, o acampamento do inimigo é naquele bosque. - Ronsard inclinou-se sobre a maçaneta da sela e fitou a planície arborizada que se estendia lá em baixo e que, ao luar, parecia negra e sinistra.

- Pode apostar - replicou Theido. Também ele estava cansado e, para esticar os músculos doridos, arqueou as costas.

Os cavaleiros de Ronsard tinham desmontado e andavam de um lado para o outro, descontraindo as pernas. Só Esme se mantinha tão fresca como quando tinham recomeçado a caminhada, de manhã bem cedinho.

- Que rituais serão estes? - indagou Esme, ouvindo o terrível estridor que lhes chegava do bosque. Os gritos trespassavam a noite como os berros dos torturados e dos moribundos.

- É difícil dizer, senhora. Mas talvez seja melhor para nós. Assim, podemos aproximar-nos enquanto eles estão entretidos com a sua folia selvagem.

- Se Quentin e Toli estiverem ali, havemos de encontrá-los - disse Ronsard resolutamente. - Vamos? - Mexeu na espada embainhada; a lâmina deslizou com toda a facilidade, lançando um clarão prateado à luz da Lua. Depois, virou-se para Esme: - Senhora, seria um grande descanso para mim se ficasse aqui à nossa espera.

- Nada tema, senhor. Talvez precisem dos meus poucos serviços. O meu braço não é forte como o seu, mas a minha lâmina é cortante e mais rápida do que o dente da serpente.

- Como quiser. Não vou desencorajá-la. Parece-me bem que sabe tomar conta de si. Portanto, siga-me e faça o que eu disser. Ronsard abanou as rédeas e gritou aos cavaleiros: - Montem! Vamos aproximar-nos do bosque em fila. Que as lâminas e os escudos não se vejam. Vamos deixar os cavalos no bosque e seguimos a pé para o acampamento. Se correr tudo bem, pode ser que consigamos fugir sem nos detectarem.

- Meu senhor Ronsard - interrompeu um dos cavaleiros -, há alguém ali no bosque. Ali... Ao longo daquela ravina, para lá das árvores.

- Estou vendo - replicou Theido. - São três. Acha?... - Lançou a Ronsard um olhar cheio de esperança.

- Pelo menos, vale a pena descobrir quem são. - Ronsard observou as três figuras, que cavalgavam para fora do bosque a uma velocidade considerável e que não passavam de umas formas pálidas flutuando sobre o mar cinzento constituído pela erva que crescia mesmo acima da linha preta de um regato seco. - Acho que podemos encontrar-nos com eles ali. - Apontou com a mão enluvada para uma curva onde a ravina rodeava o sopé de um monte. - Vamos. Vejamos quem foge desta gente horrível durante a noite.

Só a sua força de vontade fazia com que Quentin se mantivesse agarrado à sela. Sentia-se esgotado e fraco. A sua força fora-se esvaindo durante a fuga. Por isso, deixara de guiar Blazer e concentrava-se apenas em manter-se direito na sela. Sabia que não ia poder continuar por muito mais tempo: dali a pouco, teria de parar para descansar. Mas pensava que teria de se agüentar até ao nascer do Sol, pois nessa altura já estariam suficientemente longe e a parada não os poria em perigo.

Portanto, agarrado à sela, deixava-se levar por Blazer, que seguia tilintando e balançando. Parecia que o seu cérebro entorpecido entrara num sonho no qual montes, céu e bosques se tornavam os

seus perseguidores, soltando atrás dele gritos de raiva e fúria. Ele fugia através de uma névoa cinzenta num cavalo que voava como o vento, mas não conseguia acabar com a perseguição. No seu sonho acordado, viu um exército surgindo nos montes e abatendo-se sobre o seu flanco. Com um barulho de trovão, os cavaleiros do sonho desceram para os interceptar: quando se aproximaram, viu-lhes o rosto ao luar e sentiu na cara o bafo quente dos cavalos. Parecia magia.

Mas havia qualquer coisa de esquisito no sonho. Para o espantar. Abanou a cabeça e tornou a olhar: o sonho continuava ali. Quentin fez um esforço para distinguir tudo com mais nitidez. Mas viu outra vez os cavaleiros, que desciam a encosta na sua direção.

- Toli! - gritou. cambaleando na sela e pondo o braço bom de lado. O jher lançou um olhar rápido por cima do ombro e deixou-se atrasar até ficar ao lado de Quentin. - Eles descobriram-nos! - berrou. Toli virou a cabeça na direção que Quentin apontava e o seu olhar espantado confirmou imediatamente que não se tratava de um sonho. Estavam sendo perseguidos. Então, lançou um assobio agudo, que fez o mordomo-mor dar meia volta, e todos os três viraram imediatamente os cavalos para o outeiro que tinham ao lado.

Apoiados nas poderosas patas, os cascos de Blazer martelaram a terra macia, levantando-a para o céu. O cavalo esticou o pescoço e começou a subir a encosta. Num esforço para manter o seu precário equilíbrio, Quentin deitou-se sobre o pescoço de Blazer. As patas dos cavalos dos desconhecidos troavam mais perto e pareceu-lhe ouvir um grito. Inclinando-se mais, olhou para trás e viu dois cavaleiros descendo a ravina baixa. Um outro saltou-a e continuou.

Durante este momento de desatenção. a montaria de Quentin deu um salto em frente e tropeçou numa pedra mais saliente, atirando o seu cavaleiro para o lado e debatendo-se para se manter de pé. Os dedos de Quentin, fechados com toda a força em volta da

maçaneta, soltaram-se. e ele sentiu-se a deslizar para trás, por sobre os quadris do animal. O seu braço ferido ergueu-se sem vida e a mão boa tentou agarrar-se à brida. Mas não foi suficientemente rápido. Mesmo antes de saber o que estava acontecendo, deu um trambolhão da sela e estatelou-se na encosta do outeiro.

O choque esvaziou-lhe o ar dos pulmões. De repente, a noite piscou com a luz de estrelas brilhantes, cujos raios cintilantes lhe atravessaram o cérebro. Rolou, sem fôlego, tentando fazer o ar entrar-lhe novamente nos pulmões.

Apoiando-se com esforço num joelho, puxou a capa, que se enrolara à volta do braço. Com um sobressalto, percebeu que não tinha nenhuma espada nem nenhum punhal com que se defender.

Ouvindo alguém gritar, olhou para o outeiro e viu Toli rodando o cavalo para ir em seu socorro. Mas já era tarde demais. Quando se virou outra vez, deu com os olhos no primeiro dos seus perseguidores. O cavalo recuou e o cavaleiro baixou o olhar para ele. À luz pálida da Lua, pareceu a Quentin reconhecer aquele rosto; havia nele alguma coisa de familiar, mas não tinha certeza. Abanou devagar a cabeça que quase estourava, e ouviu atrás de si a sua montaria relinchar.

- Está ferido? - inquiriu o cavaleiro, agigantando-se por cima de si. Quentin nem acreditava no que ouvia: uma língua que conhecia. O cavaleiro inclinou-se e fitou-o de perto. Sim, o rosto parecia-lhe conhecido, como um que vira num sonho há muito tempo. Mas era real e perscrutava-o atentamente, com olhos brilhando à luz suave.

- Quentin? Pelas barbas do deus, Quentin! - gritou o cavaleiro, saltando do cavalo.

Estonteado, Quentin abanou a cabeça e passou a mão pela frente dos olhos.

- Quem é?

Ouviu um grito atrás de si:

- Theido! É verdade? - A voz pertencia a Toli, que, dali a pouco estava ao seu lado, abanando-o.

- Theido? Como ? - Quentin não conseguiu falar mais. Caiu para trás. Cobriram-no pesados vapores de escuridão e foi perdendo rapidamente os sentidos. Ouviu muitos gritos e vozes e o som do galope dos cavalos. Debateu-se para continuar com os olhos abertos, mas as pálpebras pesavam-lhe como chumbo e já não tinha forças para lutar. Pareceu-lhe que ficara leve como uma pluma, pois sentiu-se levantar como por uma rajada e voou nas asas do vento, que lhe soprou aos ouvidos.

CAPÍTULO XXV

Ao sentir uma mão fresca tocando-lhe na testa, Quentin despertou do sono mais profundo que jamais conhecera. Em algum lugar por cima dele, ouviu uma voz dizer:

- Veja! Voltou a si. Heoth não o quis!

Abrindo os olhos, viu um círculo de rostos que lhe sorriam. A bonita testa de Esme, cheia de rugas de preocupação, rapidamente se desanuviou.

- Parece que não consigo ver-me livre de você - comentou Quentin, fazendo um esforço para se sentar. Ouviram-se risos a toda a volta e estenderam-se várias mãos para lhe dar umas palmadinhas nas costas.

- Nós sabíamos que não ia conseguir fugir por muito mais tempo - disse Ronsard. - Por Ariel, é bom vê-lo de novo.

- Ronsard, Theido... Ainda devo estar sonhando. Como é que nos encontrou?

- Isto não é nenhum sonho, jovem senhor. Se não fosse esta dama - Ronsard fez um gesto de cabeça na direção de Esme, sentada a seu lado -, teríamos passado por vocês, a caminho de Askelon, sem darmos por nada. E, se não tivéssemos encontrado, talvez não escapasse, porque está muito debilitado.

- Você voltou - disse Quentin.

- Tinha de proteger os meus protetores, não acha? - replicou Esme. O sorriso dela pareceu aquecê-lo por dentro. - Além disso, como já tinha perdido uma escolta, estava decidida a não perder outra. - De repente, os seus olhos escuros ficaram marejados de

lágrimas. - Desculpe-me por tê-lo abandonado. Quando te vi puxado do cavalo quis ir em seu socorro, mas só consegui pensar na minha missão. Desculpe.

Toli enfiou a cabeça no meio das que o rodeavam. O cheiro da comida que levava fez lembrar a Quentin a fome que tinha.

- Coma, Kenta. Nós já comemos. Podemos falar enquanto come. - Toli pousou-lhe à frente uma tigela fumegante e Quentin atirou-se a ela, cheio de apetite.

- O Myrmior esteve contando-nos a sua captura. Têm muito que lhe agradecer - disse Theido.

- Myrmior? - Quentin não conhecia aquele nome.

- Quer dizer que ele arriscou a vida para tirá-los do acampamento inimigo e que você nem sequer sabe o seu nome?

- Não havia tempo para conversa. Já bastava tentar manter-nos vivos. E mesmo assim...

- Mas eu tenho uma grande vontade de sobreviver. - A voz profunda e ressonante pertencia ao mordomo-mor. - Tenho muito prazer em conhecê-lo, meu senhor Quentin.

- Não sou o seu senhor, Myrmior.

- É mais do que isso - interveio Ronsard. - É o próprio filho do rei.

- O seu protegido - corrigiu Quentin.

- Protegido ou filho, vejo que escolhi bem a quem salvar. Daqui para a frente, estou às suas ordens, senhores. Me sentirei ofendido se não me permitir servi-los como quiserem. - Myrmior inclinou-se numa vênia e tocou na testa com as pontas dos dedos.

- Já serviu suficientemente o Rei Dragão. Poderá escolher a sua recompensa quando chegarmos a Askelon e o rei Eskevar souber que salvou os seus de uma morte certa.

- Isto também conveio a mim, que fui preso contra minha vontade pelos terríveis Ningaal. Mesmo assim, o risco era pequeno. Myrmior sorriu abertamente para Quentin e acrescentou: - Sejam quais forem os deuses que governam esta terra, o fato é que

abençoaram este aqui com os seus favores. Nunca vi um homem sobreviver à roda, e foi isso que me permitiu convencer Gurd a poupar-lhe a vida. Quanto a você - continuou, virando-se para Toli -, a sua tentativa quase custou a sua cabeça e a minha. Mas aqui o Myrmior é cheio de manhas. Consegui virar o bico ao prego, mas tive de superar a angústia de assistir à execução do guarda e de temer a proximidade da tua.

- Pelo menos, não foi tão grave como podia ter sido se eu fosse executado - retorquiu Toli.

- Como foi parar no meio dos... que nome lhes deu? Ningaal?

- O nome Ningaal significa o terror de Nin, o seu exército. A maneira como fui parar no meio deles não é segredo nenhum, mas trata-se de uma história que prefiro contar ao seu Rei Dragão.

- Aposto que tem muito que contar - interrompeu Ronsard - mas o Sol já vai bem alto e é prudente pormos o maior número possível de léguas entre nós e os Ningaal. O rei Dragão aguarda-nos em Askelon e não podemos esquecer as terríveis notícias que temos para lhe contar. Teremos muito para discutir quando nos sentarmos juntos. Por ora, devemos chegar ao rei o mais rapidamente possível.

- Também penso assim, bom amigo.

- É claro que o Quentin não pode montar. Se quiser, ficarei com ele e partiremos amanhã, quando ele estiver mais capaz de suportar a jornada - ofereceu-se Esme.

Ronsard coçou o queixo:

- Não me lembrei de que ele não ia ser capaz...

- Eu consigo montar. Não estou assim tão mal. - Para provar as suas palavras, Quentin debateu-se para se pôr em pé, vacilou hesitantemente, deu dois passos e cambaleou para a frente. Theido estendeu a mão para o amparar, mas ele caiu redondo no chão.

- É o seu braço, não é? Não consegue mexê-lo.

Quentin pôs-se de joelhos e embalou o braço ferido:

- Isto passa. Não é nada.

- É o suficiente. Porque é que não disse nada? - Theido inclinou-se para observar o braço machucado, que estava inchado, sem cor e quente.

- Bem, aqui não podemos fazer nada, mas o aspecto do braço não me agrada. Talvez, Toli e Esmé deviam ficar com você, mas tenho de confessar que ainda gosto menos dessa solução.

- Não fica ninguém e o meu amo também não precisa montar - disse Toli. - Ronsard, mande dois cavaleiros buscar dois vidoeiros novos para fazer uma maca.

- Excelente! - gritou Ronsard. - Eu já devia saber que havia de ter uma solução: uma padiola. Os meus cavaleiros irão buscar tudo aquilo que precisar.

Apesar dos protestos de Quentin, que se iam tornando mais fracos com o passar do tempo, a padiola foi construída ao estilo dos nômades jher. A maca, acabada, foi amarrada a Blazer e antes do Sol ter percorrido o espaço correspondente a uma hora, os viajantes tornaram a partir para Askelon. Esmé montava Mazer.

Quentin resmungava por ser transportado como simples bagagem, mas, de si para si, agradecia a Toli ter-lhe proporcionado uma maneira de descansar durante a viagem. É que, apesar do que dissera a Theido, o seu braço preocupava-o muito, pois não conseguia mexê-lo, de fato, até nem o sentia. Lembrava-se muito bem de ter sentido qualquer coisa partindo-se quando caíra no

matagal, na noite da fuga mal sucedida; nessa altura, deixara de conseguir mexer o braço ou de sentir fosse o que fosse desde o ombro às pontas dos dedos.

Os viajantes, cansados, deixaram para trás a floresta que haviam percorrido durante todo o dia. Quando saíram de debaixo dos ramos das árvores e entraram no caminho de terra batida que os levaria às portas de Askelon, o Sol declinava envolto numa neblina escarlate, por entre as nuvens em fogo.

- Esta noite vamos dormir em camas de verdade - disse Ronsard.
- E vamos jantar no salão do Rei Dragão.

- Oxalá fizéssemos isso com o coração mais leve - suspirou Theido. - Como lamento as notícias que lhe levamos! São um fardo que não desejo a ninguém.

- Creio que também nós teremos de carregá-lo - cismou Ronsard.

Os viajantes descreveram uma curva da estrada e chegaram à beira de um vale largo e pouco fundo. Do outro lado, ficava ao grande cume de rocha sobre o qual se erguia o castelo de Askelon, que o anoitecer transformava numa cidade de luz. A comprida sombra que se estendia através do vale ainda não chegara à rocha que suportava Askelon; o castelo surgia da sombra púrpura e luzia à luz cor de rubi. Parecia uma jóia com espiras e torres e graciosos torreões empoleirados nos seus altos muros.

- Como é lindo! - exclamou Esme, com a voz respeitosa e sem fôlego, devido à admiração. - Nunca sonhei...

- É o palácio de um deus! Há ali seres mortais? - comentou Myrmior. - Nem as lendas que o descrevem conseguem captar o seu brilho.

Quentin, pesadamente deitado na maca, estendeu o pescoço para ver os familiares contornos do seu amado Askelon, que nunca se cansava de ver e que conseguia sempre comovê-lo estranhamente.

- Sim, é maior do que as histórias que os homens contam dele. Que palavras conseguem descrevê-lo completamente? - observou, contemplando orgulhosamente a magnífica estrutura, que o azul cada vez mais escuro do céu crepuscular tornava rósea. Toli, que cavalgara sempre ao lado do seu amo, fitava impassivelmente a jóia cintilante que se erguia do outro lado do bonito vale.

- O que me diz, Toli? Estamos quase em casa.

Toli não olhou para Quentin quando finalmente falou, numa voz distante:

- Parece-me que agora está tão longe como quando começamos esta jornada.

Como de costume, Toli via qualquer coisa muito diferente dos outros. E Quentin já aprendera que não valia a pena tentar descobrir o que o Jher queria dizer com as suas afirmações místicas, Ronsard, que seguia à cabeça, espicou a montaria.

Os outros seguiram-no e todos começaram a descer a suave encosta. Os tufos de neblina da noite erguiam-se no vale. O ar, parado e silencioso, era como um doce suspiro sobre a terra. Ao contemplarem o vale, que as searas dos camponeses iam tornando verde, e ao percorrerem com o olhar a larga planície já envolta nas sombras da noite que se estendia para leste, nenhum deles poderia fazer uma descrição que desse uma imagem tão perfeita de paz.

De toda aquela imobilidade surgiu o pungente trinado de despedida de uma ave que esvoaçou para o ninho. Com ele, a tristeza abateu-se sobre o grupo de viajantes. Pareceu a Quentin que fora pronunciada alguma palavra final e que Askelon nunca mais voltaria sendo o mesmo.

CAPÍTULO XXVI

- Você chegou mesmo a tempo, meu rapaz. - De olhar carregado, Durwin examinava o braço inchado de Quentin. - Parece que o osso do braço se partiu e começou a soldar.

- Isso é bom, não é? - perguntou ansiosamente Bria, que, aninhada contra Quentin, segurava a sua mão esquerda, enquanto o eremita lhe apalpava o braço direito ferido.

Quentin tirara a túnica suja e enrolara à volta do peito um manto macio. Tinha o braço pousado numa almofada colocada numa mesa baixa que fora empurrada até à sua cama.

- Vou ficar bom, não vou, Durwin? - Quentin obrigou-se a formular a pergunta que mais temia fazer, mas Durwin ignorou-a e respondeu antes à de Bria.

- Parece-me que não é bom, senhora. Geralmente, é, mas desta vez não. Tal como está, o braço nunca ficará em condições.- Oh!

Durwin apressou-se a acalmá-los aos dois:

- Mas já tive casos assim. O braço vai ficar bom... - fez uma pausa, para avaliar o efeito das palavras que ia proferir a seguir - mas tenho de o partir outra vez e de ajustá-lo como deve ser.

Quentin estremeceu e formou-se uma lágrima no canto do olho de Bria.

- Dói-me te ver sofrer, meu amor - disse ela.

- A dor não é muita. Ao princípio, sim, mas agora não. Eu agüento bem.

Durwin. voltou a inclinar-se e a examinar-lhe o braço e o ombro.

- É isso que me preocupa, Quentin. Devia doer... e muito. Nunca soube que fosse de outro modo. Tenho medo de que aqui haja qualquer coisa mais grave do que um osso partido. O quê, não sei.

Ouviu-se bater à porta e Theido entrou no quarto.

- Então, Durwin? A asa do nosso jovem guerreiro vai voltar a voar? - Mas, ao ver a expressão preocupada de Durwin, acrescentou:

- Se falei demais, peço desculpa.

- Não, não, tem razão - redargüiu Durwin. - Estou sendo um velho tonto. Claro que o braço vai ficar bom. Vamos colocá-lo já no lugar.

- Já? - Quentin fechou os olhos.

- É melhor.

- Pelo menos, depois do jantar - sugeriu Theido. - A refeição está sendo servida no salão. É melhor fazer as coisas de barriga cheia, não acha?

- Não há mal nenhum. Tinha-me esquecido de que fez uma longa viagem. É verdade, vai haver uma excelente refeição para comemorar o seu regresso. Podemos esperar até depois de comermos.

- Então, vamos - disse Theido. - Eu, pelo menos, preciso de alegria hoje à noite. Vai haver pouca nos dias que estão para vir.

- Isso quer dizer o quê? - perguntou Durwin.

- Eskevar anunciou um conselho de guerra. Começa amanhã.

- Tão cedo?

Theido fez gravemente que sim com a cabeça e saiu. Durwin e Bria ajudaram Quentin a levantar-se, puseram-lhe o braço ferido no peito e envolveram-no com a capa. Depois, encaminharam-se juntos para o grande salão do Rei Dragão.

O salão, iluminado por uma centena de tochas douradas, era ainda maior e mais esplêndido do que Quentin se lembrava. Parecia-lhe que tinham passado muitos anos desde a última vez que estivera ali. Impregnado de uma majestade dramática que despertava a

emoção, era o seu lugar preferido em todo o castelo e intrigava-o profundamente desde a primeira vez que o vira, ainda em criança.

Os estalidos da fogueira ouviam-se na enorme lareira, e as chamas brilhavam nas filas de colunas de pedra preta dispostas a todo o comprimento do salão. Grandes mesas postas a partir do centro terminavam na plataforma onde se erguia a mesa do rei, sobre a qual pendia graciosamente um baldaquino azul debruado a prateado, com o brasão do rei.

O grande salão estava cheio de gente. Criados passavam apressadamente aqui e ali, transportando enormes pratos de carne, peixe, aves, veado, porco e dezenas de espetadas. Cavaleiros e senhores, alguns com os seus falcões nos braços, passeavam com as suas damas. Menestréis vagueavam por entre a multidão ou tocavam para grupos menores, quando lhes pediam. Donzelas com flores no cabelo flertavam recatadamente os jovens que passavam. O salão era uma turbulência de cor, uma sinuosa corrente de alegria.

Quentin sentiu o coração inchado ao observar o esplendor do salão do Rei Dragão.

Quando entraram os três, dois criados aproximaram-se rapidamente deles com uma bacia da forma de um dragão, que continha água quente perfumada com rosas. Quentin mergulhou nela a mão boa e Bria lavou-a e limpou-a com uma toalha de linho macio que um dos criados lhe estendeu. Depois de Durwin ter lavado as mãos, os dois jovens servos afastaram-se depressa para irem oferecer os seus serviços a outros convidados recém-chegados.

Mesmo quando se juntavam à corrente dos joviais convidados, as trombetas soaram do outro lado do salão.

- Chegamos a tempo - disse Durwin. - Vamos para os nossos lugares.

Com Quentin e Bria atrás de si, encaminhou-se imediatamente para a mesa alta. Toli e Esme juntaram-se quando subiam o estrado. Os servos davam corridinhas, enchendo as taças de ônix de vinho e

cerveja. Esme quase brilhava com o seu vestido coberto de jóias. Quentin pensou que, ao menos daquela vez, tinha o ar da princesa que de fato era.

- Isto é lindíssimo - arrulhou ela. - Bria, você foi muito amável em me emprestar um dos seus lindos vestidos. Depois de tantos dias passados a cavalo, é bom sentir-me mulher outra vez. - As duas jovens riram. Olhando-as, Quentin e Toli sorriram. - Toli tem andado a mostrar-me o castelo e estou muito impressionada. Já ouvi muitas histórias sobre a riqueza de Askelon, mas isto nem por sombras se lhes compara.

- É muito bem-vinda, Esme - disse Bria calorosamente. - Um dia destes, temos de conversar as duas. Parece-me que vamos ser muito boas amigas.

- Espero que seja assim. Cresci no meio dos meus irmãos, e na casa do meu pai falta um toque feminino. Quando acabar o que vim fazer, talvez me demore aqui com você.

- Isso me daria muito prazer.

- Parece que as nossas duas jovens são muito parecidas, não acha, Toli? Enquanto as senhoras cavaqueavam alegremente, Quentin aproximara-se do seu servo.

- As nossas jovens? - Toli corou subitamente.

- Bria e Esme, claro. Pensa que não vejo a maneira como olha para Esme? Já vi essa cara de bobo no dia em que a pescamos.

- Não é do braço que não está bom; é da cabeça. Não sabe o que está dizendo. Talvez, eu deva chamar Durwin para te levar. Esta atmosfera perturba-lhe o juízo.

- A minha cabeça está muito boa e os meus olhos não se enganam, meu bom amigo.

Toli corou outra vez. Ouviu-se o último toque das trombetas, e Bria disse:

- Sentemo-nos. Toli e Esme, têm de se sentar perto de nós. Eu trato disso.

Depois de uma certa agitação, sentaram-se todos juntos. Quentin olhou para o outro lado da mesa, para lá dos pratos de carne e pastéis, dos trinchos de peltre e prata, dos cestos de pão e das terrinas de legumes, e examinou os convivas que partilhavam a mesa principal. Sentado com Myrmior de um lado e Theido do outro, Ronsard viu o seu olhar e acenou-lhe, mas, dali a pouco, já estava outra vez na conversa com o cavaleiro magro e alto que tinha ao lado.

Durwin encontrava-se sentado à esquerda de Toli e à direita do rei, cuja cadeira delicadamente embutida permanecia vazia. Ao lado encontrava-se a cadeira da rainha, mais pequena mas igualmente elegante e também vazia.

Quentin espreitou por trás do baldaquino, esperando que o rei surgisse a qualquer momento. Mas nesse instante o silêncio caiu sobre o barulhento salão. As trombetas produziram um som floreado e o rei Eskevar e a rainha Alinea entraram e atravessaram lentamente o salão até à mesa principal, parando de vez em quando para saudarem os seus convidados.

Quentin sentiu-se muito aliviado ao ver que Eskevar, embora sério e magro, andava com uma certa vivacidade e com a cabeça bem direita; a coroa rodeava-lhe a cabeça com um penetrante aro de ouro vermelho. Pelo menos, a recente doença do rei dera-lhe um aspecto de força, determinação e invencibilidade. O casal real subiu para o estrado e, antes de ir ocupar o seu lugar, parou perto de Quentin, do outro lado da mesa.

- Alegra-me vê-lo outra vez a salvo debaixo do meu teto, meu filho. - O rei pousou as mãos nos ombros de Quentin. - Deixe-me repetir que lamento muito o que te aconteceu.

- É sempre uma grande alegria sentar-me à mesa com vocês, senhor. já falamos muito das provas que eu e o Toli tivemos de passar. E também sei que, daqui a pouco, o meu braço vai ficar como novo.

- Que boas novas, Quentin! - exclamou Alinea, sorrindo com um calor que os fez sentir a todos bem-vindos e à vontade.

- Venha ter comigo hoje à noite, depois dos jogos, para nos sentarmos e conversar - disse Eskevar. Quentin ia a falar, mas Alinea antecipou-se rapidamente.

- Meu senhor, esqueceu que os jovens têm coisas mais divertidas a fazer numa noite de Verão tão agradável do que sentarem-se num quarto para conversar.

- Claro! - Eskevar riu. - Desculpe. É verdade, tinha me esquecido. Temos tempo para conversar. Divirtam-se, meus jovens amigos. Nos veremos amanhã.

Quando se afastaram, Bria inclinou-se para Quentin e murmurou:

- É a sua primeira noite aqui e eu tinha medo de que fosse prisioneiro do meu pai. - Os seus olhos verdes mergulharam nos dele. - Oh, nunca mais volte a partir!

- Não há lugar onde eu mais quisesse estar do que aqui com você. Mas parece-me que, embora Eskevar não tenha planos para mim, Durwin os tem. Já se esqueceu?

- Meu pobre querido, desculpe-me. Sou muito egoísta. Quero tê-lo sempre para mim. Mas não podemos dar só uma voltinha pelo jardim? É tão bonito e eu tive tantas saudades suas!

Uma volta pelo jardim deu lugar a outra e depois a outra. Os dois jovens casais tinham partido juntos, mas Quentin não tardou a perder de vista Toli e Esme entre os caminhos sinuosos.

O ar estava brando, quente e cheio do perfume das plantas e das flores, cujos matizes claros brilhavam docemente ao luar. Tinham falado de nada, dito tolices e rido das suas brincadeiras íntimas, mas, naquele momento, passeavam em silêncio.

- Foi muito ruim? - perguntou Bria de repente, de uma maneira abstrata, que fez Quentin pensar no que ela queria dizer.

- Ser capturado? Foi. Espero nunca mais passar por aquilo.

- Há outro tipo de cativo que também é terrível.

- E qual é?

- Não saber. Quando alguém que amamos está longe e não podemos ir ter com ele nem estar com ele, quando não sabemos o que pode acontecer-lhe... eu estava preocupada com você. Sabia que tinha acontecido uma coisa horrível.

Continuaram a andar sem voltarem falando durante muito tempo. Bria soltou um suspiro profundo e Quentin murmurou:

- Tem mais alguma coisa, meu amor. O que é? Diga-me.

- Sinto-me envergonhada por o pensar - admitiu Bria relutantemente. - Sei que vai haver uma guerra...

- Quem te disse isso?

- Ninguém, e também não é preciso que ninguém me diga. Eu sei. Desde que voltou que só vejo o olhar carregado do Theido. Quanto a Ronsard, passa a vida mandando mensageiros para trás e para a frente. Como você também não o nega, deve ser verdade.

- É verdade. É muito possível que haja guerra. - concordou Quentin.

- É quase certo - corrigiu ela. - Não quero que vá. Como está ferido, ninguém te obrigará a ir. Podia ficar aqui comigo.

- Sabe tão bem como eu que isso não é possível.

- Sei-o bem demais. Há muito que as mulheres da minha família mandam os seus homens para a guerra... algumas até cavalgaram ao seu lado. É por isso que me sinto tão envergonhada, Não quero saber de nada disso... só que esteja em segurança.

- Ah, Bria! Conheço-te tão mal! tem uma vontade de ferro e um espírito que treme por tudo o que acontece nos céus. Não duvido que fosse capaz de lançar mil navios e de mandar legiões inteiras para a guerra... e, no entanto, treme só de pensar na partida de um simples soldado.

- É verdade, como me conhece mal, se pensa que, para mim, não é mais do que um soldado! - A voz saiu-lhe magoada e zangada.

Quentin, pouco satisfeito por ter feito um comentário tão desajeitado, ia fazer mais uma tentativa para acalmá-la, quando um berro de Durwin troou atrás deles.

- Está aí! Sabia que te encontraria aqui, no único lugar onde os namorados podem estar respeitosamente a sós. É natural que queira adiar o que te espera, mas quanto mais depressa melhor para você.

- Embora o seu remédio não me agrade lá muito, tem razão, Durwin. Vamos. - Virou-se para Bria com o intuito de lhe pedir licença para se retirar.

- Eu também vou. Pode precisar a mão de uma mulher. Além disso, se não tiver ninguém perto de você, Durwin, pode partir o braço que está bom.

- Por favor! - gritou Quentin, fingindo-se horrorizado. - É do meu braço que está falando. Cuidado com o que diz! -

Bria soltou uma gargalhada, Quentin ficou sério, e afastaram-se os três.

CAPÍTULO XXVII

- Quentin, Está dormindo? - Toli aproximou-se silenciosamente do leito alto e amplo no qual descansava o seu amo. Quentin abriu os olhos quando Toli chegou próximo de si.

- Não, só descansando. - Olharam os dois para o braço ligado de novo, com talas feitas de lascas de osso e envolto em tiras de linho lavado. À volta do braço, que tinha pousado no peito, haviam-lhe posto uma ligadura verde, para condizer com a capa.

- Chegou o momento?

- Chegou. O conselho vai começar daqui a pouco. Quer que vá no seu lugar?

- Não. Sinto-me muito melhor. Vamos os dois. Todos chegaram? - Quentin soergueu-se e passou as pernas para fora da cama. Toli pôs-lhe a mão por baixo do braço e ajudou-o.

- Os senhores das terras planas ainda não chegaram, mas é natural que venham atrasados. Têm uma longa jornada pela frente. Mas o rei Eskevar acha que é melhor não adiar nada. Os outros, ou já estão aqui ou vão chegar em breve. Já vi Rucid, Dilg, Benniot e Fincher, Wertwin, Ameronis e Lupollen.

- Chegam para ratificar qualquer decisão que o rei possa tomar. Mas acredito que não haverá oposição.

- Não esteja muito certo disso. Mensandor está em paz há muito tempo, e os homens amolecem. Alguns vão querer evitar o conflito a qualquer preço.

- Então, temos de os fazer ver que é impossível. - Quentin olhou tristemente para o amigo. - Toli, sabe muito bem que não gosto da

guerra. -Mas vi o suficiente para saber que teremos de enfrentá-la, quer queiramos quer não. Para esta terra permanecer livre, não temos escolha.

Saindo dos aposentos de Quentin, encaminharam-se para a abobadada câmara do Conselho, na torre norte, passando pelo átrio murado, onde, por vezes, o rei fazia vigílias, quando queria meditar em assuntos mais graves. O átrio, inundado de sol, estava limpo e fresco.

Ao entrarem, viram Theido e Ronsard, que discutiam apaixonadamente um com o outro e que lhes acenaram.

- Quentin! Parece que o Durwin. não o poupou. Como se sente?

- Muito bem. Ele queria dar-me uma poção para eu ficar na cama, mas recusei. O tempo já é um bom elixir.

- Conhece o senhor Wertwin? - Theido apresentou o homem que estava com eles.

- Tem umas histórias interessantes para contar no Conselho acrescentou Ronsard.

- Pois, as suas terras ficam a sul daqui, não é? - perguntou Quentin.

- É verdade. Para lá de Pelgrin, acima de Persch. - O homem sorriu calorosamente e Quentin reparou que lhe faltava um dente de baixo, o que, juntamente com o rosto de pele dura e batida pelas intempéries, lhe dava a vigorosa aparência de um tenaz combatente.

- Senhor, não leve a mal a minha pergunta, mas como conseguiu chegar tão cedo? Um mensageiro precisa de dois dias para chegar até lá.

- Normalmente, sim. Mas eu já estava a caminho... como dizia ainda agora ao Theido e ao Ronsard.

Quentin nem precisou perguntar a razão da viagem de Wertwin, mas reparou na sua oportunidade. Conversaram durante mais algum tempo, até que um pajem surgiu da entrada da torre,

atravessou o pátio e lhes pediu que entrassem e tomassem os seus lugares.

Seguiram em fila para dentro da torre e subiram um curto lance de escadas em espiral, até um andar superior. Uma luz difusa entrava pelas finas seteiras, iluminando a estreita passagem que dava para uma grande câmara redonda de soalho polido. As janelas, escancaradas para deixarem entrar a luz do Sol, davam à câmara um aspecto aberto e arejado, quase fazendo esquecer que a rodeavam paredes de cinco metros de espessura.

No meio da sala encontrava-se um círculo de cadeiras, uma para cada membro do Conselho. Mas havia outras. "Quem irá ocupá-las?", pensou Quentin. Por trás de cada cadeira via-se um estandarte com as armas e o brasão de cada participante.

Alguns membros do Conselho já estavam sentados e, por trás das suas cadeiras, encontrava-se um escudeiro ou um pajem, pronto a acudir à vontade do seu amo. Outros membros do Conselho tinham-se afastado e, de cabeças juntas, conversavam em voz baixa, por toda a sala se ouvia o zunzum das suas conversas.

Quentin encaminhou-se para a sua cadeira, marcada com o seu brasão: uma espada em chamas por cima do emblema de um pequeno dragão. Quando o viu, sorriu de si para consigo. Só via a sua divisa quando estava em Askelon. Ao lado da sua cadeira encontrava-se a de Toli, cujo emblema era um veado branco correndo num campo verde. Depois, identificou o de Ronsard: uma clava e um malho cruzados e erguidos por uma mão enluvada. O de Theido reconhecia-se logo: um falcão preto de asas abertas. Havia outros que Quentin nunca vira e várias cadeiras que nem sequer tinham estandarte.

O círculo era constituído por quinze cadeiras, mas havia mais, encostadas à parede, caso viessem a ser necessárias. Um a um, os membros restantes do Conselho tomaram os seus lugares e a sala ficou silenciosa. Todos esperavam a entrada do rei.

Passado pouco tempo, uma porta lateral que se abria para uma câmara privada girou nos seus gonzos de ferro e Durwin surgiu sem cerimônia, seguido pelo rei. "Tem um aspecto tão cansado!", pensou Quentin. "Não é rei para encorajar os seus nobres a pegarem em armas."

Eskevar encaminhou-se para a sua cadeira e Durwin sentou-se na que estava ao seu lado, e que não tinha nenhum estandarte.

O rei começou imediatamente:

- Meus nobres amigos, obrigado por terem vindo. - Olhou um a um todos os que se encontravam no círculo. - O coração pesa-me com o pensamento do que deve ser feito hoje. A guerra não me é estranha e não sou covarde. Alguns de vocês estiveram comigo em muitas campanhas gloriosas e em outras onde não houve glória para nenhum dos lados.

- Os homens prudentes não buscam a guerra, que não traz nada bom. Mas os homens de valor não a evitam quando são chamados a defender a sua pátria de inimigos traiçoeiros.

- É este o caso presente. Mensandor está sendo invadida. Neste momento, exércitos estrangeiros incendeiam as nossas cidades da costa meridional. As pessoas dali não têm senhores que as protejam; por isso fogem para os montes e para as montanhas.

Esta última afirmação provocou um burburinho de surpresa e indignação entre os nobres ali reunidos. Lupollen, cujas terras ficavam no norte, abaixo de Woodsend, elevou a voz acima das outras e perguntou:

- Que inimigo é esse? Não sei de invasão nenhuma.

Depois de todos terem voltado a acalmar-se, o rei respondeu:

- Como tinha certas suspeitas, mandei o comandante-chefe e o nobre Theido, um amigo em quem deposito toda a confiança, tentarem descobrir a origem das minhas preocupações. Eles vão dizer-vos o que descobriram.

Ronsard foi o primeiro a falar:

- Meus senhores: acompanhados por quatro cavaleiros, eu e Theido dirigimo-nos primeiro para sul. Não vimos nada de anormal até chegarmos ao desfiladeiro marítimo que fica abaixo de Persch, onde encontramos um grupo de aldeões que fugiam para norte pela calada da noite.

-Estes aldeões falaram-nos de um inimigo que se movimentava para norte, ao longo da costa. Também nos disseram que Halidom tinha sido completamente destruída. Por isso, resolvemos ir a Halidom ver com os nossos próprios olhos a veracidade desta história. Os aldeões pareciam aterrorizados e talvez estivessem exagerando.

- Halidom, estava mesmo destruída? - perguntou um dos senhores.

- Estava. De Halidom só existia um pouco de terra chamuscada.

- O quê? Deve estar brincando.

- De maneira nenhuma. - A voz pertencia a Theido. - É como ele disse. E não foi só Halidom. Illem também desapareceu.

- Mas não viu esse inimigo?

- Não vimos inimigo nenhum, mas apenas um sobrevivente da destruição, que morreu à nossa frente.

- Isto é ridículo. Quer que acreditemos... - vociferou Lupollen.

- Acredite no que quiser, senhor - cortou Ronsard. Só dizemos o que os nossos olhos viram.

- Devo dizer que estou consternado com estas novas, Sua Majestade - disse Ameronis. - Parece impossível! Há mais de dez anos que estamos em paz e há muito mais que um inimigo não ousa pôr os pés no solo de Mensandor. Estamos perante um grupo de assaltantes que aterroriza as aldeias? Isso pode ser atalhado imediatamente e não é preciso nenhum conselho de guerra para o ratificar.

- É verdade - concordou Rucid. -, é como quando os Vrothgar subiram o Plinn de Baixo e entraram nas Terras Selvagens. Logo que

tiveram quem se opusesse, partiram bem depressa.

Eskevar levantou as mãos pedindo silêncio.

- Por favor, meus compatriotas, se eu achasse que um resolutivo corpo de cavaleiros bastaria para deter esta ameaça, já o teria posto imediatamente em marcha. Mas tenho razões para acreditar que o perigo que ora enfrentamos é maior do que o representado por uma mão-cheia de bárbaros assaltando o nosso gado e as nossas searas. - Fez um aceno de cabeça para Wertwin.

- Nobres amigos, vim aqui hoje de minha livre vontade e encontrei o mensageiro do rei no caminho. Concordo com o rei Eskevar: isto merece ser considerado com muita seriedade. Há talvez mais de quinze dias que recebo nas minhas defesas um considerável número de refugiados. Alguns de perto, de Persch, e outros de longe, de Dom: aldeões, mercadores, camponeses. Chegaram pedindo refúgio e proteção contra um terrível inimigo que os atacou... na verdade, diga-se que poucos deles o viram.

Rucid desafiou-o em voz alta:

- Não é nada estranho que uns poucos de camponeses se agitem sem razão nenhuma. O fato de ninguém ter visto este inimigo temível e misterioso prova bem que, se existe, não passa de um bando de rufiões que pode ser esmagado de um só golpe. - Quando Rucid. acabou de falar, houve murmúrios de aprovação e um acenar de cabeças em sinal de assentimento.

- Eu vi este inimigo! - disse Quentin ousadamente. Todos os olhos se viraram para ele. - E posso dizer que não é um mero bando de rufiões ou de bárbaros em busca de carne e de cereal. Eu e Toli fomos capturados em Illem, na noite em que esta cidade foi saqueada e incendiada.

Esperou que as suas palavras assentassem.

- Estivemos presos durante dois dias, e só fugimos com a ajuda de um oficial do próprio inimigo. - Fez uma pausa, para medir cuidadosamente as suas palavras.- O que vimos naquele

acampamento chegou-nos para perceber que o exército de Nin não é nenhuma tribo de ladrões bárbaros nem um punhado de assaltantes em busca de pilhagens. Os Ningaal são um exército altamente treinado e disciplinado, que está marchando contra toda a Mensandor.

- Não acredito! - gritou Lupollen iradamente. - Se tal inimigo existisse, com certeza que o saberíamos.

- É, obviamente, de uma astúcia inacreditável! - invectivou Ameronis sarcástica e friamente.

- Acreditem! - A voz aguda e cortante pertencia a uma mulher. Todos os nobres se viraram ao mesmo tempo nas cadeiras, para verem quem se atrevia a invadir a câmara do Conselho do Rei.

Quentin viu Esme de pé em frente da porta da antecâmara. A jovem entrara sem ter sido detectada e ouvira o que fora dito.

- Quem é esta mulher, Sua Majestade? Mande-a embora! O conselho de Guerra não é lugar para mulheres. - Ouviram-se outros protestos de natureza semelhante.

- Meus senhores, ouçam-na. Fui eu que lhe pedi para vir até aqui e, agora, podemos ouvir a sua história. Continue, senhora, mas, primeiro, deixe-me informar esta assembléia de que está perante a princesa Esme, filha do rei Troen de Elsendor.

Esme, com toda a aparência da princesa que, de fato, era, com um fino aro de prata na testa e envolta num vestido escarlate-escuro, sem dúvida pertencente a Bria, aproximou-se da cadeira do rei e enfrentou o Conselho. O cabelo escuro caía-lhe em anéis até aos ombros e os seus olhos pretos cintilavam com uma chama intensa.

- Vim a Askelon por ordem do meu pai, para avisá-lo e pedir ajuda. O que hoje ouvi faz-me temer pelas nossas duas terras.

- Já esta Primavera ia adiantada quando um dos barcos do meu pai foi atacado no mar, mas conseguiu repelir o atacante e regressar ao porto. Troen mandou que descobrissem quem era este inimigo e ordenou ao comandante da sua embarcação pessoal que procurasse

e enfrentasse o pirata. O navio nunca mais voltou, mas a resposta veio na mesma: dois dias mais tarde, um barco de pesca avistou uma centena de barcos inimigos na nossa costa meridional. O meu pai mandou a frota ao seu encontro, os meus irmãos assumiram o comando dos nossos barcos. Eu fui mandada para cá com o aviso de que um grande e poderoso inimigo se levantara e se apoderaria das nossas terras. E também vim pedir ao rei Eskevar que nos ajude em tempo de necessidade.

Depois da narrativa de Esmé, ninguém disse nada. Por fim, o rei Eskevar perguntou:

- Então? Não têm nada a dizer relativamente a estas novas?

"Embora eles não acreditem na minha história, têm de acreditar na dela", pensou Quentin. Esmé falara com tanta força e determinação!

- Contado por você, senhora, parece um conto muito convincente. Mas queres dizer-nos que acredita que o suposto inimigo que temos dentro das nossas fronteiras é o mesmo que enfrentou a frota do seu pai? Acho isso muito pouco provável. - Com este discurso, Ameronis ganhou um acenar de cabeças, em sinal de assentimento.

Eskevar teve uma explosão de ira:

- Parece inclinado a repudiar quaisquer prova que te apresentemos. Porquê, Ameronis?

Ameronis replicou friamente:

- Há muitos anos que o reino está em paz. Não quero ver desfazer-se assim tão facilmente esta paz ganha à custa de tanto esforço. Eu, pelo menos, não vejo razão para reunir tropas e enfrentar um inimigo que ninguém viu e cujas intenções são inexplicáveis.

- Ah! Por fim, chegamos ao âmago da questão! - disse o Rei Dragão, com a testa e o rosto muito vermelhos. Os seus olhos, encovados e com olheiras devido à sua longa doença, brilhavam vivamente. Eskevar fez um sinal de cabeça para um dos pajens, que

desapareceu na antecâmara e reapareceu passado pouco tempo na companhia de um forasteiro alto. Este entrou, envolto num vestuário solto, azul, com correntes de ouro à volta do pescoço, e inclinou-se profundamente perante os senhores ali reunidos. A sua barba preta parecia-se com os espinhos de um ouriço-cacheiro e os seus olhos eram penetrantes e diretos.

- Apresento-lhes Myrmior, primeiro-ministro do grande-suserano de Khai-I-Quair. Foi ele que possibilitou a fuga do meu pupilo e do seu servo. Diga-nos o que tem a dizer, meu bravo Myrinior tornou a fazer uma vênia e tocou na testa com as pontas dos dedos.

- Não era minha intenção apresentar-me assim perante vós, mas, como o rei o quis, eu obedeço. - Falava suavemente, mas as suas palavras afiadas acertavam em cheio no orgulho dos senhores ali reunidos, que o fitavam iradamente.

- Fui capturado há quatro anos, quando a minha pátria foi dominada por Nin, a quem chamam o Destruidor. Depois de uma guerra longa e sangrenta, que durou cinco anos, o grande-suserano foi decapitado como um ladrão na praça pública. Eu, seu ministro, tornei-me escravo de um dos comandantes de Nin.

- Vi muito nestes anos de cativo. Vi cair nação após nação, os reinos dos poderosos foram esmagados; terras inteiras foram devastadas por Nin e pela sua horda. Cada vitória torna os Ningaal mais fortes e espicaça a fome insaciável do seu chefe por conquistas ainda maiores. O seu império já vai de Sanarrath a Pelagia e de Haldorland à Artasia. E não parará até governar o mundo, até todas as terras serem suas e todos os homens seus escravos.

- Agora, virou os olhos para oeste, para as nações dos reis poderosos. Se as conquistar, como conquistou todas as outras terras onde soltou os seus guerreiros, nunca mais ninguém o fará parar. Conseguirá realizar os intentos do seu coração maldoso: Nin será o deus perante o qual todos os homens se inclinam em adoração.

A voz de Myrinior fora-se elevando à medida que este discursava. Naquele momento, as suas últimas palavras soaram por toda a câmara do Conselho. Ninguém se mexia nem respirava. Todos os olhos estavam postos neste misterioso mensageiro do caos.

- Não se iludam, senhores de Mensandor. Não podem esconder-se nos seus castelos atrás dos seus muros. Assim como a cobra apanha a ratazana, assim ele os tirará para fora e os destruirá.

- Ouçam as minhas palavras e tenham cuidado! Ele virou-se para o seu reino e o quer para si. Não há nada que ele não possa fazer e nada a que não se atreva, pois a sua estrela está crescendo e não tardará que todos os homens conheçam o terror do seu nome.

CAPÍTULO XXVIII

- A culpa não é sua, Majestade. Fez tudo o que era possível fazer. Tentaremos de novo - disse Theido apaziguadamente. Estavam todos sentados, com um ar sombrio, em volta de uma grande mesa de carvalho, na câmara privada do rei. Eskevar fitava apaticamente as mãos, que tinha juntas à sua frente.

Encolerizara-se, zangara-se, ameaçara: em vão. O conselho de Guerra acabara num beco sem saída. Lupollen e Ameronis haviam-se mostrado abertamente contra o levantamento de um exército, Wertwin e Fincher tinham-nos

apoiado e os restantes haviam ficado indecisos.

- Eu devia ter esperado pelos outros. Fui demasiado apressado, demasiado apressado.

- Não - objetou Durwin. - Agiu bem. Os outros só devem chegar amanhã ou depois. E nós temos de fazer qualquer coisa imediatamente. Quem sabe o que pode trazer-nos um atraso de dois dias? Já houve reinos que caíram em menos tempo.

- Entretanto, Lupollen e Ameronis têm muito tempo para porem os outros ao seu lado. - Eskevar suspirou e a sala pareceu ficar mais escura.

- Virão todos para junto de nós quando virem o perigo - observou Ronsard.

- Mas não será tarde demais? - interveio Theido. - Por mim, acho que devíamos mandar os cavaleiros do rei fazerem frente aos invasores e deterem-nos até levantarmos um exército. Não podemos deixar que cheguem a Askelon sem oposição.

- Nobres senhores, posso fazer uma observação? - Era Myrmior, que estava sentado em silêncio desde que o conselho privado começara. O seu apaixonado apelo perante o Conselho fora em vão, por isso, tal como os outros, fechara-se num mau humor carrancudo.

- Só a força total pode detê-los. Os exércitos de Nin estão bem treinados e prontos para a batalha. E há muitos mais do que imaginam. O exército que aprisionou Quentin e Toli é apenas um dos quatro que estão neste momento dentro das fronteiras de Mensandor e que se movimentam, na direção de Askelon por caminhos diferentes.

- Mas porquê? - perguntou Ronsard. - Porque é que não vêm em massa?

- Nin aprendeu há muito tempo que, ao invadir uma terra estranha cujas forças desconhece, o melhor é movimentar-se em formações mais pequenas, que, assim, dividem a defesa. Um punhado de homens valorosos, dispondo de vantagem tática, podem fazer face a muitos... não é assim? - Um acenar de cabeças em volta da mesa confirmou estas palavras.

- Mas é quase impossível fazer uma defesa em quatro frentes ao mesmo tempo. E é isso que propõe fazer.

- E com muito poucos cavaleiros - comentou o rei amargamente. A nossa causa está perdida mesmo antes das trombetas terem sido tocadas ou as espadas desembainhadas.

- Não diga isso, Majestade. Podemos fazer muito com os homens que temos. Os outros vão apoiar-nos quando perceberem que a ameaça é real e não imaginada. - Ronsard deu um murro na mesa e olhou em volta, procurando apoios para o seu ponto de vista.

- Ronsard tem razão - disse Durwin lentamente. - Podemos fazer muita coisa. E quanto mais cedo começarmos, melhor. É do nosso interesse...

Precisamente nessa altura, ouviu-se uma pancada na porta do aposento. Entrou uma sentinela, que disse, depois de fazer uma

vênia:

- Majestade, está ai fora um sacerdote que quer falar imediatamente. Já lhe foi dito que está em conselho, mas ele não desiste.

- Ele identificou-se? - inquiriu o rei.

- Diz que se chama Biorkis - respondeu a sentinela.

- O sumo sacerdote? Aqui? - Quentin olhou para Toli, que se limitou a assentir misteriosamente.

- Que o sumo sacerdote entre. Vamos recebê-lo.

A porta foi aberta de par em par e, pouco tempo depois, Biorkis entrou, envergando as suas grosseiras vestes castanhas. Afivelara um sorriso triste no rosto enrugado e branco:

- Vejo que Ariel não abandonou o seu servo. Está tudo como eu queria.

Durwin deu um salto que fez com que o seu banco tombasse no chão com estrondo:

- Biorkis! Por fim renegou os seus votos? - O eremita precipitou-se para junto do seu velho amigo e abraçou-o. O sacerdote abanou a cabeça tristemente; a sua barba branca e entrançada balançou de um lado para o outro.

- Fui libertado dos meus votos, quer quisesse quer não. - As sobranceiras de Durwin arquearam-se. - Isto é - continuou o sacerdote - fui expulso do templo.

- Mas porquê? Só podia ser por uma ofensa muito grave... vinda de você, não posso imaginar qual seja.

Durwin empurrou-o para a mesa, e o antigo sumo sacerdote virou-se para os outros, fazendo uma saudação especial a Quentin.

- Foi por uma ofensa gravíssima, senhores. Fui culpado de entrar no caminho a uma grande ambição. As acusações foram apenas trivialidades; insisti em ver perigo onde não havia e em ler nas estrelas presságios que ameaçavam a segurança do templo.

Durwin assentiu compreensivamente:

- Nós hoje fomos derrotados mais ou menos pelas mesmas razões. Mas falaremos disso mais tarde. Sei que o que você veio dizer-nos não foi atenuado pelos seus problemas. Sumo sacerdote ou não, uma vez que tome uma decisão, o seu coração mantém-se inabalável.

- Lembra-se bem de mim, Durwin. Sempre soube ler no mais íntimo de um homem. É verdade, vim com uma mensagem, mas, ao ve-los aqui, acredito que cheguei tarde demais para que a minha mensagem seja de alguma utilidade.

- Mas diga-a - insistiu Eskevar -, e deixe-nos julgar o seu valor. O fato de te ter custado o seu lugar no templo é um dado bem importante, mas falaremos disso mais tarde. O que quer dizer-nos?

Biorkis; fez uma vênia na direção de todos eles. Durwin apanhou o banco, colocou-o em pé, ofereceu-o ao sacerdote e foi ele próprio buscar outro. Quando se sentou, Biorkis; espalmou as mãos em cima da mesa e começou:

- Senhores, na minha posição de sumo sacerdote, trabalhei incansavelmente no exame dos elementos, para descobrir o destino dos homens e das nações. Acredito que a religião deve servir assim o homem.

"Quando se apresenta um presságio, é cuidadosamente estudado, em ordem à determinação da sua importância e conseqüências. Digo isto por causa do seguinte: surgiu um presságio como nunca houve outro no nosso tempo. Trata-se de uma estrela, vulgarmente conhecida por Estrela do Lobo. Imutável desde o início dos tempos, começou agora a crescer com um brilho pouco habitual. Cresceu tão depressa que até é inacreditável para quem não a tiver seguido como eu."

- É a estrela de que falou, não é? - Eskevar virou-se para Myrmior, que se limitou a baixar a cabeça em sinal de assentimento.

- Vejo que sabem o que se passa. Portanto, não preciso dizer como o fato é curioso. Andei à procura nos registros do templo...

cada vez mais para trás no tempo, até onde vão os registros... há milhares de anos. - Biorkis sorriu e inclinou a cabeça branca na direção de Quentin. Fi-lo depois da sua visita daquela noite. A sua curiosidade sobre a estrela mostrou-me que o estudo podia revelar alguma coisa mais do que a simples novidade.

- Se bem me lembro, as suas previsões foram bastante lúgubres - retorquiu Quentin. - Disse que era o mal.

- Ah, pois foram! Agora sei que tinha razão. Os registros sagrados do templo mostram que já houve sinais assim. Aconteceu por duas vezes: há muito tempo, houve estrelas que cresceram no céu. E, embora a escrita antiga seja de difícil discernimento e o significado das palavras pouco claro, posso afirmar com toda a certeza que estes presságios anunciavam as piores catástrofes para a humanidade.

- O fim de uma era! - exclamou Durwin.

- O fim de uma era - concordou Biorkis. - No meio do caos e da morte. Uma destruição a que nem homem nem bicho conseguem sobreviver. São varridas nações da face da Terra e reinos desaparecem num abrir e fechar de olhos, para nunca mais voltarem. O planeta muda para sempre. Terras erguem-se dos mares e continentes inteiros ficam submersos. Tudo o que existia muda com o temível trovão provocado pelos céus a rasgarem-se. As estrelas caem e os mares elevam-se. Os rios ardem e a Terra esboroa-se.

"É assim o fim de uma era. Um fim que se aproxima."

As declarações de Biorkis fizeram com que Quentin se lembrasse vivamente da conversa que tivera com Toli nos aposentos de Durwin, quando tinham chegado a Askelon. A conversa prosseguia em volta da mesa; as vozes de Ronsard, Theido, Eskevar e Durwin soavam-lhe aos ouvidos, mas Quentin não lhes prestou atenção. Foram cada vez mais diminuindo de intensidade, até não as ouvir mais.

Pareceu-lhe então que entrava num sonho acordado: Estendia-se perante si um horizonte escuro e ilimitado. As trevas murmuravam e

retorciam-se como um bicho esfomeado à espreita da sua presa. Quentin viu uma figurinha brilhante subindo uma encosta rochosa e postando-se no alto de um monte. Era um cavaleiro de armadura. Ao olhar mais atentamente, viu que esta brilhava com um fogo frio, como se tivesse sido feita de um único diamante; o cavaleiro tinha um escudo que faiscava com uma cintilação fria, espalhando a luz como um prisma. O cavaleiro virou-se de frente para as trevas sussurrantes, pôs a mão no punho da espada, desembainhou-a e esta faiscou com uma ardente luz branca.

O cavaleiro levantou a espada e as trevas recuaram. Depois, com um poderosíssimo arremesso, atirou-a para o ar, onde ficou girando, soltando línguas de fogo que encheram o céu. Ao mesmo tempo, gritou, numa voz ressonante que pareceu ecoar nos ouvidos de Quentin:

A arderá com chamas de fogo.

As trevas morrerão,- conquistadas, fogem com asas do falcão.

A conversa à volta da mesa interrompeu-se. Todos os olhos se voltaram para Quentin, que, de pé, abanava a cabeça e pestanejava, como se acordasse de um sonho. A surpresa estampada em cada rosto e as bocas abertas de espanto fizeram-lhe saber que não se limitara a ouvir estas palavras: também as pronunciara em voz alta à frente de todas as pessoas. O som que ecoava nos seus ouvidos era a sua própria voz.

- O que é que ele disse? - sussurrou alguém, no meio do silêncio aterrado que se fizera na sala.

- Eu... eu peço desculpa, senhores - gaguejou Quentin. Toli examinou-o de olhos semi-cerrados. Por todo o lado se viam olhares de espanto.

- Onde ouviu isso? - Inquiriu Durwin, dando um salto.

- Não sei. Ouvi-o agora mesmo... num sonho. Parece que tive um sonho enquanto vocês falavam. Não sei porquê.

- Eu sei! - Biorkis quase gritou. - Isso é das Crônicas dos Reis do Norte.

- Pois é. A "Profecia do Rei Sacerdote". - Durwin agigantou-se sobre Quentin, olhando-o de cima. Os seus olhos faiscavam com uma ferocidade que nunca ninguém lhe vira. Quentin remexeu-se desconfortavelmente no banco, sentindo-se tolo e irrefletido.

- Diga-me que nunca leu em lugar nenhum nem nunca o ouviu, e eu acreditarei em você.

- É verdade, Durwin, nunca. Sejam de onde forem, como diz, estas palavras não significam nada para mim. Não as conheço.

- É possível que a tenha ouvido em Dekra - matutou Durwin - Mas acho que não. Se assim fosse, havias de lembrar-se delas.

- O que é isto? - perguntou Eskevar num tom de voz espantado. Theido e Ronsard limitavam-se a observar com surpresa o que estava acontecendo à sua frente; Myrmior, de olhos semi-cerrados, passava distraidamente a mão pelo queixo.

- Meu Deus, é um prodígio! Um sinal dos mais poderosos. - Biorkis fechou os olhos e começou a recitar a antiga profecia. A cabeça do velho sacerdote abanava com a cadência e a sua voz aumentou de volume até encher a sala.

"As estrelas vigiarão os atos dos homens e produzirão sinais e prodígios.

As cidades de outrora ainda se vêem: o destro trabalho de gigantes, a habilidade do trabalho em pedra.

O vento é o mais veloz dos mensageiros. As nuvens voarão livres para sempre.

O trovão fala com uma voz poderosa; os templos oscilam nas suas fundações. A rocha sagrada abrir-se-á em duas.

A espada batendo no escudo fará a guerra.

A águia subirá com asas de força; as suas crias serão honradas entre os homens.

A coragem estará no guerreiro. O anel terá uma jóia alta e grande.

O homem bom terá atos de glória no seu país. A serpente será trespassada nos seus aposentos.

O valor do cavaleiro será de ferro; o seu nome é cantado nos salões dos seus pais.

O lobo da floresta será covarde. O javali dos bosques é ousado na força das suas presas.

O rei terá um trono. O sacerdote usará uma coroa.

A espada arderá com chamas de fogo. As trevas morrerão conquistadas, fogem com asas de falcão.

Debaixo do monte, o dragão será antigo, majestoso, ousado e destemido.

Os deuses de altos lugares serão destronados, deles será a raiva da morte. O altíssimo não suportará mais a sua presença.

Ele chamou o seu servo de fora do templo; os seus desígnios serão exaltados.”

CAPÍTULO XXIX

Quando saíram da câmara do Conselho, tinham Bria e Esme à sua espera. Embora não estivesse muito bem-disposto, Quentin sorriu ao vê-las. As duas jovens haviam se tornado tão amigas que eram vistas juntas em todo o lado, e agradava a Quentin pensar que, embora fossem muito diferentes, também tinham muito em comum, especialmente no que dizia respeito à determinação de ferro em assuntos que as tocavam bem fundo.

"São a imagem viva da palavra "princesa"., refletiu.

Quentin ainda não falara desde que saíra da câmara. Sentia-se fraco e assustava-o o que pudesse dizer a seguir. A visão e a profecia tinham-no enervado, fazendo-o sentir que já não podia confiar que se comportaria normalmente. Toli conduzira-os para um local tranqüilo na cozinha, onde poderiam sentar-se, mordiscando umas maçãs, e estar sozinhos.

Passado algum tempo, Quentin recuperou algum do seu bom humor habitual e começou a falar do que acontecera. Falou da conversa havida em volta da mesa, do seu sonho, da profecia que proferira e da excitação de Durwin e de Biorkis depois de a terem ouvido. Foi então que Esme relatou a sua experiência com a filha de Orplie e a profecia que esta lhe fizera em troca da refeição que ela própria cozinhou.

Esme recitou a estranha profecia e Quentin até ficou chocado com a estranha semelhança que ela tinha com a que ele próprio dissera: ambas falavam de uma espada de poder que venceria os invasores de um só golpe. Quando Esme acabou a sua história, ficaram todos

calados durante muito tempo, não se atrevendo a quebrar o encantamento que descera sobre o pequeno grupo.

Quentin apreciou muito aquele tempo de silêncio, durante o qual pensou e repensou nas palavras, agarrando-as à medida que lhe surgiam no espírito. A visão que lhe fora dado ter, havia tanto tempo, na sua bênção dos Ariga no templo de Dekra parecia estar tomando forma, a revelar-se e a levá-lo com ela. A sua visão! Durante muito tempo, meditara nela e guardara-a no coração. Uma parte dele queria correr para ela e abraçar o que estivesse à sua frente, pois Quentin sabia que só assim ficaria em paz. Mas outra parte queria afastá-la, correr para longe da sua glória terrível e feroz. E Quentin sentia-se dividido entre as duas.

Quentin e Toli pararam na passagem que a noite escurecera e bateram. Ouviram um arrastar de pés do outro lado da pesada porta e esta abriu-se lentamente. O rosto largo e agradável de Ronsard derespondeu-lhes o sorriso.

- Entrem, amigos - disse. - Estamos à sua espera.

- Que chamado é este, que nos tira da cama? Ou antes, que não nos deixa deitar. Ronsard, Theido, que segredo é este? - Quentin entrou nos aposentos de Durwin, róseos à luz de grandes velas dispostas em volta da sala nos seus altos suportes.

- Muito em breve vai se arrepender dessas palavras tão desagradáveis, senhor - retorquiou Theido calmamente. Quentin falara brincando, mas, embora Theido sorrisse, ele bem via a inquietude dos modos do cavaleiro.

- Vocês vão embora! - exclamou Quentin, consternado. Passeando-lhes rapidamente o olhar pelo rosto, soube que adivinhara.

- Vamos - replicou Ronsard amavelmente. - Antes do nascer do Sol.

- Mas... não compreendo. Porquê tão depressa?

- Tem de ser - explicou Theido. - Vamos conduzir os cavaleiros do rei contra os Ningaal. Temos de ir já, antes que eles tenham tempo de reunir forças.

- Entre e sente-se. Ainda temos algum tempo para nos despedirmos como amigos - disse Durwin calorosamente.

Quentin avançou inexpressivamente para uma cadeira colocada em frente da lareira apagada. Toli instalou-se no braço da cadeira pousada ao seu lado. Embora os seus olhos tivessem endurecido, não se distinguia qualquer sentimento no rosto do Jher dos olhos escuros.

- Sei que é um choque para você, Quentin, mas é assim que tem de ser. - O tom de voz de Theido era calmo e confiante. - Sei que queria vir conosco, mas acho que não percebe que não pode ser. Com o braço assim, não agüentaria nem o primeiro embate.

Quentin sentiu-se lisonjeado ao pensar que Theido tinha a sua coragem em tão alta estima. Na verdade, não tinha vontade nenhuma de voltar a encontrar-se com os brutais Ningaal.

- Embora me sinta muito honrado, não é essa a causa das minhas apreensões. Não podem enfrentar os Ningaal só com o séquito do rei: seria um desastre! São muitos soldados e muito disciplinados. Eu os vi.

- Não nos atrevemos a esperar mais - disse Ronsard. - Cada dia a mais que passemos aqui pode vir a custar-nos muito caro. Mas não se preocupe muito; não vamos totalmente sozinhos. O Wertwin irá ao nosso encontro com as suas tropas... vai mobilizar cem vigorosos cavaleiros e dar armas a todos eles.

- O que são quatrocentos ou quinhentos contra os milhares do Gurd? E, se Myrmior disse a verdade, ele é apenas um de um total de quatro.

- Parece-me que podemos dizer que o Myrmior não mentiu - riu Ronsard. - Ele vai conosco, para nos ajudar a planejar a nossa estratégia contra os guerrilheiros de Nin.

- E não é pouco - acrescentou Theido. - Não tenho dúvida de que a sua ajuda será preciosa. - Inclinando-se para a frente, examinou o rosto de Quentin com os olhos escuros muito sérios.

- Temos de ir, Quentin. Temos de ganhar tempo até o rei Eskevar trazer os outros senhores para o nosso lado.

- Não esperávamos que os nossos pares se comportassem assim. Mas é a vida! No fim, verão que a guerra chegou e se juntarão a nós. Disso não tenho medo.

- Mas entretanto, enquanto eles se decidem, vocês serão todos mortos! - disse Quentin amargamente. - Isto não me agrada.

- Mas será assim - respondeu Ronsard, levantando-se, dirigindo-se a Quentin e pondo-lhe a mão no ombro. - Não temas por nós, pois nós não tememos. Um cavaleiro só pode morrer uma vez, e ou é com honra ou não vale a pena. Já vi batalhas que chegassem para não ter medo delas. Estou satisfeito.

- Não temos intenções de sermos imprudentes. Na verdade, não haverá dois homens mais cautelosos e prudentes do que nós. Mas temos de dar ao rei tempo para reunir os senhores, senão, a nossa causa estará perdida antes de começar. Pelo menos, Myrmior mostrou-nos isso.

- Além disso, também não me parece que vá ficar ocioso. Se bem percebi, Durwin tenciona empregar os teus esforços. Nem vai ter tempo para pensar em nós.

Quentin levantou-se da cadeira e agarrou o braço de Ronsard com a mão boa.

- Hei de pensar sempre em vós! Vocês dois foram mais do que meus companheiros. Quem me dera ir com vocês e estar sempre ao seu lado! Gostaria muito de poder voltar a estar com vocês no campo de batalha.

- E há de estar. Aposto que ainda teremos batalhas que cheguem para todos. - Theido pôs-se ao lado de um Quentin lacrimejante.

- Vou sentir muito a sua falta. - Quentin passou o braço em volta de Ronsard e deu-lhe umas palmadinhas nas costas. Depois, abraçou Theido, enterrando o rosto no ombro do cavaleiro. As lágrimas rolavam-lhe pelo rosto, mas eram lágrimas masculinas, e ele não tinha vergonha.

- A pancada que me faz ficar aqui foi mais dolorosa do que pensava. Vão e que o Altíssimo os proteja.

- E a você - disseram os dois cavaleiros em uníssono.

Encaminharam-se relutantemente para a porta. Toli, que seguia atrás de Quentin, apertou-lhes as mãos e desejou-lhes, na sua língua nativa, "espadas que cantam e escudos que nunca caem." Depois voltando-se para Durwin, indagou:

- Bom eremita, quer pedir ao Altíssimo pelos nossos irmãos?

- Claro que sim. Eu próprio ia sugeri-lo. - O eremita de Pelgrín avançou e levantou as mãos à frente dos dois cavaleiros. Ronsard pôs um joelho em terra e Theido ajoelhou-se ao seu lado.

- Deus Altíssimo, que guia os nossos passos e ouve as nossas preces - disse suavemente -, ouça-nos agora. Seja para estes nossos valentes companheiros a lâmina afiada, a força do seu braço e a proteção do seu escudo. Faça com que sejam poderosos perante o inimigo; faça com que sejam audazes e destemidos. Vá à sua frente para a batalha como uma lança, para afastar o mal das nossas costas. Sirva-lhes de conforto e de guia; anime-os quando estiverem cansados e lhes sirva de apoio quando já não conseguirem ficar em pé.

- Bani o medo dos seus corações e dê sabedoria para conduzirem os seus homens à vitória. Sede para eles a glória que brilhará por entre as trevas e trazei-os de volta para nós.

Os cavaleiros levantaram-se devagar.

- Esse seu deus, Durwin, consegue fazer assim tanto? - perguntou Ronsard suavemente.

- Consegue fazer tudo, meu amigo. Não hesite em o invocar se tiver necessidade. Ele responde sempre ao chamado dos seus servos.

- Então, daqui para a frente vou servir, a esse Deus Altíssimo. Riu para Quentin. - Vê, não é o único a dar ouvidos a este eremita tagarela. A minha alma também me preocupa.

- Então, vê lá se te preocupa em mantê-la intacta até voltarmos a nos ver, bravo cavaleiro. - Quentin avançou e estendeu-lhes a mão. - Adeus, meus amigos.

- Adeus, Quentin. Adeus.

CAPÍTULO XXX

Por muito triste que fosse a despedida de Theido e Ronsard, não foi nada comparada com a dor da partida de Quentin e Toli de Askelon. Depois do adeus dos cavaleiros, haviam passado dois dias reunindo provisões e preparando-se. Chegando o dia da partida, bem cedinho, antes do Sol ter se erguido acima dos compridos contornos escuros de Pelgrin, Toli conduziu os cavalos e os animais de carga para o pátio interior, passou a cortina interior e entrou no pátio exterior, onde o esperavam Durwin e Quentin.

Alínea, Bria e Esme tinham ido ali ao seu encontro. As mulheres punham-lhes gulodices nas mãos e trocavam beijos.

- Eskevar pediu-me para me despedir de vocês - disse Alínea. - Ele gostaria de vir em pessoa, mas um rei não diz adeus. Por isso, despeço-me por mim e por ele. Que viajem depressa e voltem sãos e salvos. Os nossos corações vão com vocês.

Depois, Bria e Quentin afastaram-se um pouco, para falarem dos sentimentos especiais que os uniam. Esme, que tinha flores no cabelo, pegou uma e deu-a a Toli, que a prendeu no cinturão e a pôs por cima do coração. As três mulheres acompanharam-nos até ao outro lado da ponte levadiça e ficaram ali. As suas lágrimas escorriam para o chão como chuva miudinha. De braços erguidos, acenaram-lhes até as ruas estreitas de Askelon os esconderem de vista.

A tristeza da partida ficou pesando na alma de Quentin. Durante a maior parte dos três dias que se seguiram, nas horas em que estava acordado, não deixou de pensar nela. Quentin falava pouco e andava

como se estivesse dormindo. Por isso, não reparou que Toli e, de certa forma, Durwin se comportavam exatamente da mesma maneira.

Na sua meditação solitária, Quentin pensava e voltava a pensar nos acontecimentos dos movimentados últimos dias passados em Askelon e, especialmente, na reunião havida nos aposentos de Durwin, que se arrastara por quase toda a noite.

Agora, parecia-lhe nebulosa e indistinta, como se observasse fios de fumaça curvando-se e erguendo-se no ar da noite. Mas, naquela altura, fora bem real. Aliás, era devido a esse acontecimento que estavam, naquele momento, apressadamente a caminho.

Enquanto atravessavam os caminhos escuros da floresta de Pelgrin, verdejantes devido ao Verão, que descera em força sobre cada um dos galhos das árvores, Quentin reviu mais uma vez os acontecimentos dessa noite.

Depois de Theido e Ronsard terem deixado os aposentos de Durwin, mas antes do som dos seus passos haver diminuído no corredor, Biorkis irrompera por ali dentro carregado de rolos, pergaminhos e mapas. Este desaparecera desde o conselho privado com Eskevar, no dia anterior. Quentin não o vira desde que ouvira o velho sacerdote recitar a antiga profecia que ainda lhe martelava nos ouvidos.

Como tinham vindo a descobrir, Biorkis fechara-se no ateneu do castelo, onde, sem parar nem para comer nem para dormir, desenterrara os estranhos materiais com que lhes aparecera.

- Encontrei aquilo de que precisamos, Durwin. Não foi fácil, a biblioteca do rei nem por sombras está tão organizada como a do templo... mas era de esperar. Nem uns olhos conhecedores conseguem distinguir alguns destes textos, que estão bastante incompletos. Mas onde os pergaminhos falharem nos ajudará a minha memória e, claro, a sua, Durwin."

O velho sacerdote afadigava-se num frenesi tão prodigioso à volta dos seus textos que Quentin rira alto.

- Não me diga que vamos ter de agüentar uma das suas intermináveis lições! Poupe-nos!

Biorkis inclinara a cabeça para um lado:

- Não lhe faria mal nenhum, senhor. Provavelmente, esqueceu tudo o que te ensinei.

- Depois do conselho do rei, eu e o Biorkis pusemos as nossas cabeças a funcionar - explicara Durwin. - Penso que se interessará saber o que descobrimos. - Embora Durwin não tivesse dito, Quentin percebera, pelo brilho que iluminara os olhos do eremita e pela atmosfera de excitação que, de repente, percorrera a sala, que o assunto daquela reunião tinha a ver com a profecia e com a estranha maneira como a proferira no dia anterior.

- É verdade, está tudo aqui. Ou, pelo menos, o suficiente para agirmos, embora gostaria de ter acesso aos meus livros que ficaram no templo. - Biorkis suspirara tristemente.

- E eu aos meus, que deixei em casa - acrescentara Durwin.

- No entanto, li-os tantas vezes que me atrevo dizendo que os sei de cor.

- Isso quer dizer que vocês acreditam que essa tal "Profecia do Rei Sacerdote" tem alguma coisa a ver conosco? - indagara Quentin, indicando-se a si próprio e a Toli.

- Conosco, não, senhor - retorquira Biorkis jovialmente. - Com você!

Quentin quase conseguira afastar de si a tremenda sensação de responsabilidade originada pelo pensamento de que podia ter sido escolhido para alguma grande missão. Quase se sentia novamente ele próprio... quase, mas não inteiramente, pois a inexprimível noção de ter sido apanhado na rápida corrente da

História, de estar sendo empurrado por uma mão invisível para um destino desconhecido e de que tudo isto tinha a ver com a sua

visão da espada em chamas não deixava de assaltá-lo, escondendo-se por trás dos seus pensamentos como uma sombra ou pairando como um sonho.

- Como sabe, existem muitos sinais que nos permitem avaliar estas coisas - continuara o sacerdote. - Digamos que passei um dia e uma noite vasculhando tudo o que é conhecido da profecia e dos acontecimentos envolventes e que não tenho nenhuma razão para duvidar que os sinais apontam para você.

- E também há boas razões para acreditarmos que é chegado o tempo da profecia ser cumprida - acrescentara Durwin. Nessa altura, Toli erguera a voz:

- Embora nunca tenha sabido da profecia antes de a ouvir na câmara do rei, posso dizer que também os Jher têm uma lenda que fala de um rei de raça branca que surgirá para introduzir a idade da luz. Será chamado Lotheneil, o Fazedor do Caminho, porque guiará o espírito dos homens para Winoek, o Deus altíssimo. - Toli fitara o amo com um olhar sabedor e cruzara os braços, como se o assunto estivesse resolvido.

- Não julgue isto má vontade da minha parte - respondera Quentin - mas têm de me mostrar em que é que isto me diz respeito. Não sei nada da profecia...

- E, no entanto, citou-a palavra por palavra, ou quase. No original, é mais ou menos assim:

A espada arderá com chamas de fogo

As trevas morrerão; derribadas, voarão nas asas do falco.

- Teria ficado muito surpreendido se a tivesses dito no dialeto antigo. Mesmo assim, fiquei muito impressionado. Não há quatro homens em Mensandor que saibam e consigam citar esta obscura profecia. Que dois deles estivessem na mesma sala na altura em que foi proferida... bem, é espantoso. Incrível.

- Eu não disse a profecia toda... só parte. - Quentin remexia-se na sua cadeira de costas altas e Toli encontrava-se empoleirado ao seu lado, como uma ave de rapina. - Pode ter sido coincidência.

- Quentin - ralhara brandamente Durwin -, sabe tão bem como eu que, para os servos do Altíssimo, não existem coincidências. E a citação de uma linha que seja de uma profecia equivale à invocação do todo. Os anciões de Dekra devem tê-lo ensinado isto.

Era verdade; ouvira muitas vezes os anciões referindo vários acontecimentos dos textos sagrados, citando uma parte e implicando o resto. Sabia que Durwin conseguiria detectar qualquer tentativa da sua parte para se distanciar dos acontecimentos que se formavam de todos os lados. Parecia-lhe que uma teia de circunstâncias se apertava cada vez mais à sua volta. Em breve seria apanhado por um destino que não previra e que não tinha certeza de conseguir cumprir.

Mas, além da sua relutância pessoal, que lhe pesava nas costas como uma pedra, também sentia que, se o que Biorkis e Durwin diziam era verdade, tinha a responsabilidade de seguir em frente, fosse para onde fosse. Se, de fato, tinha algum papel na salvação do reino, devia aceitá-lo e fazer o que fosse necessário, independentemente dos seus sentimentos.

Fora este Quentin mais racional que respondera:

- Muito bem. Vamos ver onde é que os seus boatos nos levam. Parece que não há outro remédio.

- Parece que está começando a pensar, não, Quentin? Isso é bom. Muito bom. - Biorkis cofiara a comprida barba branca e entrançada. - Vou dizer o que descobri.

As horas seguintes tinham parecido o tremeluzir da chama de uma vela. Um pestanejar, um acenar de cabeça... e haviam passado. Logo que o seu antigo professor começara a falar, Quentin sentira-se enfeitiçado, petrificado pelo indizível mistério da história de estranhos acontecimentos havia muito esquecidos, que se tinham

passado várias eras atrás. Apenas alguns sábios ainda se lembravam dela e, naquele momento, reviviam-na na sua presença. Ele escutava atentamente, sem perder nenhuma palavra, como um homem sequioso abre a boca ressequida para a chuva, não deixando escapar nem uma gota.

Biorkis e Durwin, com o rosto corado de excitação, tinham-lhe falado da espada, uma espada diferente das outras, com poderes sagrados, de minas secretas por baixo de montanhas escondidas em terras meio esquecidas, da bigorna de ouro usada para forjar a poderosa arma, da ânsia com que as pessoas tinham esperado, geração após geração, acreditando que veriam a espada e aquele que a empunharia, e das canções e orações que, em tempos de trevas e de desespero, suplicavam que a mão digna de empunhar a espada se erguesse e fizesse justiça.

O nome que os antigos haviam dado à espada era Zhaligkeer, a Brilhante. Quentin pronunciara este nome antigo para si próprio. O fato de o saber ligava-o àqueles que tinham vivido e morrido à espera de verem a espada. Quantos homens teriam murmurado este nome numa hora de aflição? E quantos teriam desesperado de a verem e se haveriam afastado?

Quando a história chegara ao fim, Quentin levantara-se, espreguiçara-se e começara a andar de um lado para o outro da sala, em passos rápidos e inquietos:

- Então, sugerem que vamos procurar a espada, que está escondida numa caverna dos altos Fiskills?

Biorkis abanara a cabeça com um ar cansado:

- Procurá-la, não. A espada não existe. Tem de ser feita. A Zhaligkeer tem de ser forjada a partir da mão que a empunhará.

Quentin suspirara:

- Perdoem, mas não compreendo. Vocês não me falaram de bigornas de ouro, minas secretas e por aí fora? Pensei que fazia tudo parte da lenda.

- E faz - retorquira Durwin. - Mas acreditamos que as lendas indicam a maneira como a espada deve ser feita, e não como foi feita. Penso que nunca ninguém fez a espada.

- Porque não? Não percebo qual seria a hesitação. O que é que impedia alguém de tentar?

Durwin inclinara a cabeça para um lado e sorria presunçosamente.

- Nada... e tudo. Sem dúvida que muitos tentaram, aplicando a profecia a si próprios e ao tempo em que viviam. Mas para que a espada se torne Zhaligkeer, a Brilhante, são necessárias duas coisas: o metal das minas secretas e a mão daquele que é mencionado na profecia. Mesmo que o metal tenha sido encontrado, o que é natural que alguns hajam conseguido, ficou faltando aquilo que faria da espada a Zhaligkeer: a mão do escolhido. Sabe, o que dá poder à espada não é só a lâmina; é também a mão do Altíssimo.

- Se, como diz, há muito que os homens procuram a Brilhante, porque é que nunca ouvi falar dela até agora

- Isso não tem nada de anormal, senhor! - rira Biorkis. - É sempre assim. Quando tudo corre bem, os homens não pensam na mão que os ajuda. Só quando os tempos vão maus é que clamam por justiça. Em Mensandor, os anos trouxeram ao povo paz e prosperidade. Os homens esqueceram-se dos velhos tempos em que os pais lutavam pelas terras. Esqueceram-se da espada. Se não fossem uns poucos, a profecia teria se perdido completamente.

Quentin passara a mão boa pelo cabelo. Tinha os olhos ardendo. Sentia-se cansado. A noite já ia avançada e precisava dormir.

- Não sei como se fazem espadas nem o caminho para as minas secretas do alto dos Fiskills. E mesmo que já tivesse a espada, não sei o que faria com ela, pois não tenho mão para empunhá-la.

Durwin atravessara o aposento e pousara-lhe a mão firme no ombro:

- Está cansado. Devia ir descansar, como ali o Toli. - Durwin fizera um aceno de cabeça na direção do Jher, que se enroscara num assento vazio e dormia a sono solto. - Vá para a cama. Já falamos o suficiente para uma noite. Amanhã conversaremos mais. Acredite que ainda temos muito a discutir antes de partirmos.

Quentin acreditara. Tinha mil perguntas esvoaçando-lhe em volta da cabeça como corvos sobre um campo acabado de semear, mas sentia-se exausto e só pensava em dormir.

- Mais alguém sabe da... da... - Faltavam-lhe as palavras. Já não conseguia pensar.

- Não, por enquanto não, embora Ronsard e Theido saibam que não ficaremos parados. Mencionei ao rei Eskevar as minhas suspeitas relativamente a estes acontecimentos, mas ele não sabe nada da espada. Ninguém, além de nós quatro sabe nada daquilo que falamos esta noite.

- Boa noite, Quentin. Vá para a cama. Voltaremos a falar amanhã de manhã.

Como se obedecesse a um sinal, Toli acordara e deslizara até à porta, levando o seu amo consigo. Dali a pouco, Quentin afundava-se no seu leito. Atirara-se para cima da cama sem se dar ao trabalho de se despir, e parecera-lhe que mergulhara num mar quente e silencioso. Adormecera quando as ondas se haviam fechado sobre ele.

O dia seguinte fora um amontoado de mapas e pergaminhos, tão velhos e cheios de pó que ninguém se atrevia a respirar em cima deles, e de estonteantes conversas. Sentindo que se aproximava rapidamente o momento de viajar, Toli começara a escolher animais e provisões para a jornada. Quentin vira várias vezes Durwin e Toli de cabeças encostadas, verificando um ou outro pormenor do plano de Toli.

Quentin perguntava-se porque não era consultado sobre os preparativos, mas, ao mesmo tempo, sentia-se satisfeito por não ter

de pensar neles. Já tinha tantas coisas com que se ocupar, que quase sentia a cabeça a estalar. Além disso, sentia falta de Bria. Só a via rapidamente durante as refeições que tinha de engolir apressadamente.

Sabia bem que ela percebera que ele ia partir. Diziam-lhe os seus olhares silenciosos, os seus sorrisos amargos e os seus gestos furtivos. Mas ela não lhe falava em nada nem tentava retê-lo perto de si. Uma característica da sua maneira de ser que ela, na medida humanamente possível, pusesse os seus sentimentos de lado e tentasse tornar-lhe os últimos dias mais fáceis. E Quentin amava-a ainda mais por isso.

Quando, por fim, reunira coragem suficiente para lhe dar a terrível notícia da sua partida, Bria pousara-lhe os dedos nos lábios, dizendo:

- Não fale. Sei que tem de me deixar. Soube-o logo que te vi sair da câmara do Conselho. tem muito a fazer, grandes missões a cumprir e eu não te prenderei com promessas. Vai, meu amor. E, quando regressar, me encontrará à sua espera. As mulheres da minha posição estão habituadas a esperar. Não se preocupe comigo, meu querido. Passarei melhor este tempo se te souber em paz.

Apesar do braço partido, Quentin cingira-a a si durante muito tempo, pensando se alguma vez voltaria a vê-la. Com a pressa que tinham, dispunham de pouco tempo para meditação ou para a tristeza... isso viria depois. Naquele momento, havia muito a fazer. Em dois dias, tinham conseguido fazer aquilo que normalmente levaria uma semana.

Haviam passado muitas horas reunidos em conselho com o rei que, embora com alguma hesitação, imediatamente aprovara o seu plano. Com as colinas e os campos transformados em esconderijo dos Ningaal, que ninguém sabia onde estavam exatamente, Eskevar sentia uma certa relutância em deixá-los partir sem uma escolta armada.

Mas, por fim, haviam conseguido convencê-lo de que isso só iria dificultar a sua missão. Era melhor passarem pelo mundo sem serem anunciados e sem terem de movimentar muitos homens e cavalos em segredo.

Quentin, Toli e Durwin iriam. Biorkis, demasiadamente velho para agüentar os rigores da jornada, ficaria em Askelon para ajudar e aconselhar no que fosse preciso. Se houvesse batalha, as suas aptidões de físico seriam necessárias para socorrer os feridos. Além disso, e embora não o dissesse a ninguém, Durwin receava que Eskevar, ainda não completamente recuperado da sua misteriosa doença, precisasse ser vigiado por alguém competente durante a sua ausência. Se não fosse isso, Durwin teria partido com o coração mais leve.

Os caminhos escuros e frescos de Pelgrin, encimados por galhos frondosos, que só não impediam a passagem dos raios de sol mais determinados, foram acalmando o espírito de Quentin.

O pesar abandonou-o pouco a pouco e foi substituído pelo entusiasmo da sua missão. Embora ainda lhe fosse difícil aceitar que tinha um papel crucial a desempenhar (afinal de contas, sentia-se o mesmo Quentin de sempre), deixou-se

embalar, numa espécie de êxtase, pela história da poderosa Zhaligkeer, a Espada do Fogo Sagrado.

CAPÍTULO XXXI

- Onde vamos arranjar um mestre armeiro que nos ajude a forjar a espada? Não me lembro de ter falado nisso. Ou está à espera de que o façamos sem nenhuma orientação? - Quentin descansava com as costas encostadas a um tronco musgoso, numa clareira verde situada no coração de Pelgrin. Toli andava atarefado espreitando os fardos dos animais de carga, para arranjar alguma coisa para comerem. Já cavalgavam desde o nascer do Sol e aquela era a primeira vez que paravam.

- Parece-me que sei onde poderemos encontrar alguém competente - retorquiui Durwin, com as mãos por trás da cabeça e os olhos virados para o céu. - O nome Inchkeith te faz lembrar alguma coisa?

- Inchkeith! Diz-se que nunca houve armeiro mais hábil. Foi ele que fez a armadura do primeiro Rei Dragão e que concebeu as vestes que o rei Eskevar levou para a guerra contra o Goliah. Todas as pessoas conhecem esse nome! Mas ele ainda é vivo?

- E bem vivo! Mas você o imagina mais velho do que realmente é. Foi o pai dele, Inchkeith, o Vermelho, quem fez a armadura do primeiro Rei Dragão e de vários reis antes dele. Há muito que descansa no seu túmulo. Mas o filho continuou o trabalho começado pelo pai e tornou o nome ainda mais conhecido. Não admira que as lendas abundem sempre que haja homens a apertar caneleiras e gorjais. Diz-se que as armaduras feitas pelo Inchkeith são as melhores do mundo.

Durwin sorriu e pestanejou em resposta ao olhar de completo espanto de Quentin:

- Então, que diz? Acha que serve para fazer a espada?

- Feita pelo mestre Inchkeith, até uma físga serviria! Claro que sim!

Comeram a refeição e falaram do caminho a percorrer. Toli esteve quase sempre calado, e Quentin suspeitou que ele estava concentrado na reativação da sua adormecida habilidade de caminhante, havia muito que o astucioso jher não tinha oportunidade de praticar as lendárias aptidões do seu povo. As pequenas jornadas de e para Askelon não contavam, pois a estrada era boa. Mas para onde iam precisariam da sua destreza quase animal, porque não existiam estradas, nem caminhos, nem sequer caminhos. Havia mil anos que os homens não punham os pés naqueles lugares tão altos.

Quentin pensava em tudo isto quando percebeu que, da mesma maneira que não sabia como ia fazer a espada, também não tinha um conhecimento exato do lugar para onde se dirigiam.

- Durwin, onde ficam as minas? Como vamos encontrá-las?

- Trouxe comigo uns mapas, tirados tal e qual dos pergaminhos antigos. Posso mostrá-los agora. Estão ali. - O eremita foi até um dos animais de carga e regressou com um comprido rolo de couro.

"É por aqui que vamos - disse, desenrolando-o. - Este mapa é muito antigo e a terra está mudada: desapareceram rios dos seus cursos e houve montes que ficaram planos, florestas que se extinguíram e cidades que foram construídas e destruídas. Mas servirá para nos guiar.

Quentin apalpou a pele curtida na qual o mapa estava pintado.

- Não parece assim tão antigo como diz. Durwin. Tem ar de ter sido feito ontem.

- E foi! - Durwin soltou uma gargalhada. - Não me atrevi a trazer o original. Ou antes, os originais, porque este mapa foi feito a partir

de fragmentos que eu e o Biorkis encontramos ao longo dos anos. Estava fora de questão trazer esses fragmentos, devido à sua idade, pois se desfariam logo que soprasse a primeira brisa.

- Não, este mapa foi feito por mim e por Biorkis, e ainda é melhor exatamente por causa disso. Ele tinha informações que eu não possuía e vice-versa. Foi uma sorte ter aparecido. Mesmo que não faça mais nada, já ajudou muito.

- Durwin - ironizou Quentin -, não sabe que sorte e coincidência são palavras que não existem para os servos do Altíssimo?

O eremita riu e levantou as mãos:

- É verdade! Rendo-me! O aluno deu uma lição no professor.

- Vê que nem sempre sou tapado? - Quentin tornou a olhar para o mapa, que pouco mais parecia do que um esboço. - Seja como for, isto não nos indica quase nada. Nem sequer vejo minas assinaladas aqui.

- Pois é. Mas não temos mais nada... além do enigma.

- Enigma? - inquiriu Toli, indo pôr-se ao pé deles olhando para o mapa.

- Não falei do enigma? Não? Então falo agora. Houve tanto que fazer em tão pouco tempo que não me admira que os sinta pouco preparados para iniciar esta jornada. Pensei que tinha falado do enigma. É assim:

Em cima de dentes, por baixo de patas, vai com cuidado.

Onde as montanhas dormem, mantém-te vigilante e verás melhor o caminho.

Quando ouvir risos entre as nuvens, uma cortina de vidro verás.

Não cuides de nada, ou nunca passarás.

A cortina e o trovão dividirás e o caminho estreito procurarás;

O dia pela noite darás e a luz reterás.

E assim o dia ganharás.

- Parece muito fácil - disse Quentin. - Onde o descobriu?

- Veremos. Tenho certeza de que vai parecer bastante mais difícil quando chegar o momento de desvendarmos o seu significado. Quanto ao lugar onde o descobri, já devia saber.

- Como?

- Foi em Dekra que descobri o pouco que sei disto. Yeseph traduziu-me o enigma.

- Ele nunca me disse nada.

- Porque haveria de dizer? Foi há muitos anos, quando eu, ainda rapaz, não largava os livros, feito um rato de biblioteca. Dei com o enigma por acaso, num livro que mencionava as minas dos Ariga.

- São as minas que procuramos?

Durwin assentiu:

- A espada tem de ser feita de lanthanil.

- A pedra que brilha - acrescentou Toli. - O meu povo já ouviu falar dela. Diz-se que, antigamente, os Ariga davam aos Jher presentes de pedra brilhante, em reconhecimento pela sua amizade no tempo da morte branca. Quem tocasse na pedra ficava curado e sem ferimentos. Chamavam-lhes khoen ravish, pedras que curam.

- Pelo menos disso também ouvi falar. Mas pensei que, tal como muitos conhecimentos dos Ariga, também o lanthanil tinha desaparecido do mundo.

- Julgo que não, mas vamos ver - retorquiu Durwin - O altíssimo nos mostrará se tenho razão. Não nos esqueçamos de que é ele que nos guia. Não precisamos nos afligir muito com aquilo que não podemos prever. Sem dúvida que já nos bastam as coisas que temos à frente dos olhos.

Theido e Ronsard, seguidos por trezentos cavaleiros montados, dirigiam-se para sul o mais depressa que os seus corcéis conseguiam cavalgar. Queriam encontrar-se com Wertwin no terceiro dia e, depois, ir ao encontro do inimigo antes deste poder deslocar-se muito mais e fortalecer-se com os despojos de Mensandor.

Ao meio-dia do terceiro dia chegaram ao local de encontro. Enquanto esperavam que o exército de Wertwin chegasse, os cavaleiros desmontaram e espalharam-se pelo campo de erva. Os escudeiros foram dar de beber aos cavalos e cuidar das armaduras dos seus amos; alguns puseram-se a polir couraças e a pintar divisas apagadas pelo tempo e outros a tirar as pedras para afiarem lâminas que havia muito não eram usadas, nas suas carroças, os ferreiros alisavam as mossas dos elmos e dos braçais sobre as suas bigornas.

O dia era preenchido pelo ruído de um exército cuidando do seu armamento. Theido e Ronsard tinham ido pôr-se à sombra de uma árvore, onde esperavam o seu camarada. À medida que a tarde se ia aproximando, Ronsard adormeceu e Theido começou a passear para trás e para diante.

- Ele ainda não chegou? - perguntou um Ronsard sonolento, levantando-se e espreguiçando-se.

- Não, e estou aqui pensando se não será melhor mandarmos um batedor ver o que lhe aconteceu. Ele devia estar aqui à nossa espera e, em vez disso, somos nós que esperamos e ele não aparece.

- Vou mandar Tarkio um pouco à frente, para ver se consegue descobrir o que aconteceu ao nosso atrasado amigo. Talvez nada. Não é fácil mobilizar uma força de cavaleiros num único dia. Talvez, começou tarde.

- Esperemos que tenha sido isso - respondeu Theido, que nem precisou de mencionar a outra explicação que lhe veio à idéia, pois ambos sabiam qual era e nenhum deles queria falar ou acreditar nela.

Ronsard mandou um escudeiro chamar o cavaleiro e ficaram os dois à espera que o mensageiro estivesse pronto.

- Está abrindo um caminho na erva. Os seus passos puseram a terra a descoberto.

- Isto me agrada cada vez menos, Ronsard. Aconteceu alguma coisa. Sinto-o aqui. - Deu com o punho no estômago liso.

Ronsard contemplou o seu sombrio amigo.

- Quando se trata de batalhas, os seus instintos são apurados. O que pensa que devemos fazer?

Antes de Theido poder responder, ouviram uma trombeta de batalha no bosque. Os seus toques de alarme pareciam rodeá-los. Virando-se e olhando para o outro lado do campo, viram um cavaleiro surgindo do bosque. Um dos seus o fêz parar, ouve um agitar de armas. Depois, o cavaleiro olhou para eles e esporeou a montaria. Dali a um momento, galopava na direção de Theido e de Ronsard.

- Nobres cavaleiros, senhores! Venho da parte do meu senhor Wertwin - anunciou o soldado ofegando, saltando da sela. - Quando vínhamos para cá, o inimigo cortou-nos o caminho... - Engoliu em seco; o suor escorria-lhe do pescoço para dentro da túnica. Tinha a armadura amassada e manchada de sangue.

- Muito longe daqui? - perguntou Ronsard.

- A cerca de uma légua, senhor - arquejou o cavaleiro.

- Para que lado pendia a sorte quando te mandaram vir ter conosco?

O cavaleiro abanou lentamente a cabeça; a sua expressão era grave:

- As esperanças são poucas. O inimigo é forte e numeroso. O meu senhor foi rodeado por três lados e ficou de costas para o lago situado no início da floresta.

- Não há tempo a perder! - gritou Ronsard. - Toque a trombeta! Partamos imediatamente! - Precipitando-se para o cavalo, desatou a berrar ordens aos homens que tinham se reunido para saberem a razão de toda aquela agitação.

Num abrir e fechar de olhos, o campo transformou-se numa confusão de cavaleiros afivelando as armaduras e subindo para as selas. Mas do caos surgiu uma hoste temível e a postos para a luta. Theido e Ronsard tomaram os seus lugares, cada um à cabeça de

uma coluna, e o exército partiu a galope, deixando os armeiros e os escudeiros a carregarem as carroças. Mais tarde os seguiriam.

O clamor da batalha ouvia-se muito antes de se ver, As forças do rei desceram a encosta arborizada e penetraram na depressão larga e cheia de erva, salpicada de montículos verdes, que constituía o lado mais alto da bacia do lago. Uma vez abaixo do nível das árvores, viram que, realmente, o inimigo cercara as tropas de Wertwin e tentava empurrá-las para o lago.

Theido e Ronsard desdobraram o exército ao longo da orla da bacia e, quando os cavaleiros ficaram em posição, mandaram atacar. Depois, desceram rapidamente do bosque, rodearam o campo e lançaram-se sobre o grosso das forças inimigas. Os espantados Ningaal viraram-se, deram de caras com uma carga inesperada e encontraram-se frente a frente com um inimigo descansado. Ronsard tinha algumas esperanças de que, ao verem os numerosos cavaleiros do rei descendo sobre eles, os soldados da horda fugissem em debandada para o bosque, onde seriam abatidos como coelhos. Mas os homens do comandante Gurd estavam acostumados à batalha: atirando-se de cabeça, agüentaram a carga de frente. Houve muitos que perderam a vida neste primeiro ataque. Mas, com uma ousadia aparentemente imune ao medo, os que sobreviveram à chacina limitaram-se a passar por cima dos corpos dos seus camaradas e continuaram a lutar.

Theido abriu à força uma passagem para a borda do lago e foi dando golpes a torto e a direito até ao lugar onde Wertwin lutava, no coração da batalha. Quando Theido chegou, viu que as patas traseiras do cavalo do bravo comandante já estavam dentro de água. Vários valorosos cavaleiros haviam caído das selas e, incapazes de se levantarem, tinham-se afogado em águas pouco profundas.

Havia baixas por todo o lado. Tanto o sangue de amigos como de inimigos manchava de um vermelho ferrugento os seixos cinzentos.

Ronsard conduziu o seu contingente para a retaguarda, entalando o inimigo entre as suas forças e as de Theido. À custa de muita força (Os cavaleiros estavam montados e o inimigo a pé), Ronsard juntou-se rapidamente a Theido, conseguindo dividir os Ningaal em duas metades isoladas.

- Eles são mais do que nós! - gritou Ronsard quando se aproximou o suficiente para o seu camarada o ouvir.

- Os nossos cavalos e armaduras equilibram a balança - retorquiu Theido.

As espadas dos cavaleiros faiscavam ao sol e os seus escudos suportavam o embate de poderosos golpes. Montados, os cavaleiros eram quase invulneráveis, fortalezas vivas de aço, cujas armaduras só não agüentavam os golpes mais diretos. A pé, no entanto, o peso das armaduras tornava-lhes os movimentos lentos, pondo-os em desvantagem em relação aos Ningaal, mais mal protegidos mas muito mais ágeis. A sorte da batalha pendia ora para um lado ora para o outro.

O ruído do aço entrechocando-se e os gritos dos feridos e dos moribundos enchiam o ar. Tendo provado o sabor do sangue no vento, aves necrófagas voluteavam no céu. A um sinal desconhecido, os Ningaal soltaram um grito terrível e lançaram-se, de repente, para o outeiro que Theido e Ronsard haviam conseguido conquistar. Esta tática permitiu-lhes reunir as duas metades que tinham sido divididas.

- Não vamos aguentá-los por muito tempo - disse Ronsard de dentes cerrados; a espada assobiava-lhe em volta da cabeça. - Ou atacamos agora ou ficamos outra vez encurralados entre eles e o lago.

- Pois é, tem alguma sugestão? - resmungou Theido, rodando na sela e desferindo golpes de espada à esquerda e à direita.

- Carregamos à beira da água e depois voltamos para os bosques! - berrou Ronsard.

- Retiramos? - perguntou Wertwin. - Prefiro morrer com os meus homens.

- Digamos que vamos lutar em um terreno mais favorável – gritou Theido. - Se ficarmos aqui muito mais tempo, seremos novamente empurrados para o lago. Eles são muito fortes para nós. - Virando-se, gritou as suas ordens ao corneteiro, que, obedientemente, fez soar a trombeta.

Os cavaleiros do Rei Dragão reuniram-se e abriram caminho ao longo da linha de água do lago azul; os que estavam espalhados por mais longe pararam de lutar e seguiram-nos. juntaram-se vários cavalos sem cavaleiro e cavaleiros a pé, que não queriam ficar para trás.

Quando chegaram ao bosque, onde o terreno começava a subir, Ronsard parou e mandou os seus homens virarem-se novamente de frente para o inimigo. Os cavaleiros de Theido e de Wertwin passaram por eles e foram embrenhar-se no bosque.

Ronsard gritou aos seus cavaleiros que se preparassem para desmontar logo a seguir ao primeiro embate. Ali mesmo, no espaço apertado do bosque, decidira que seria melhor os seus homens combaterem a pé, tirando proveito da maior elevação do terreno.

Mas os Ningaal não os seguiram até ao bosque.

- O que é isto? Eles estão se retirando! - gritou Ronsard, incrédulo.

Theido pôs-se a seu lado num abrir e fechar de olhos:

- Não compreendo. Ainda falta muito para o Sol se pôr e eles já estão se retirando...

- Vamos atrás deles! - sugeriu Wertwin.

Mas Ronsard, cauteloso, retorquiu:

- Deixe-os ir. Não creio que seja por medo que não nos seguem. Ali em baixo, lutaram de igual para igual. Eles não estão fugindo. Pode ser uma armadilha.

- Mas nós os esmagaríamos! - protestou Wertwin.

- Nem pensar, senhor! - objetou Theido. - Ainda há pouco estávamos em dificuldades. E isso não mudou só porque eles optaram por retirar. Ronsard tem razão: não é por fraqueza que eles se retiram do campo de batalha.

Theido passeou o olhar pelo campo verde, onde agora jaziam os corpos dos mortos e dos moribundos. No alto do outeiro que tinham acabado de deixar, viu uma figura solitária montada num robusto cavalo preto. A figura levantou a viseira do elmo emplumado e virou o rosto para o bosque, na direção de Theido, Wertwin e Ronsard. Depois, saudou-os, erguendo bem alto a cruel espada de lâmina curva.

- É o comandante - disse Theido.

- Está nos desafiando! - acrescentou Wertwin.

- Talvez seja uma saudação... ou um aviso - replicou Ronsard sombriamente.

O guerreiro baixou a espada, virou-se e seguiu atrás do seu exército, que se deslocava ao longo do outro lado do lago, deixando o campo entregue às aves e aos gemidos dos feridos e dos moribundos.

- Que um grupo de soldados vá recolher os nossos feridos e retirar as armaduras dos nossos mortos. Hoje não vai haver mais nenhum ataque - disse Theido. - Depois, voltemos ao acampamento para nos reunirmos em conselho. Gostaria de saber o que Myrmior tem a dizer sobre o que aconteceu hoje aqui. Pode ser que ele tenha muito a contar.

CAPÍTULO XXXII

Os senhores de Mensandor, reunidos em conselho, encontravam-se sentados nas suas cadeiras de espaldar, sob os seus estandartes azuis, dourados e vermelhos. Com as mãos finas e nodosas apertadas como garras em volta dos braços do trono, colocado em cima do palanque, Eskevar lançava um olhar colérico ao Conselho.

- O inimigo fortalece-se a cada dia que passa. Quanto tempo mais esperarão, senhores? Quanto tempo? Até aos seus castelos arderem? Até o sangue das suas mulheres e filhos tingir a terra de vermelho?

- E para quê? Pensam que ao esconder-se dentro das suas portas salvarão o seu precioso ouro? Pois digo que não! O inimigo vem aí! Aproxima-se. É hora de agir!

As palavras do Rei Dragão ecoaram com uma força e um vigor surpreendentes para um homem que, de tão alquebrado pela doença, não parecia ele nem sombra dele. Os senhores ali reunidos, naquele momento na totalidade (exceto, Wertwin, que já tomara a sua decisão e estava com Theido e Ronsard), permaneceram em silêncio. Ninguém queria ser o primeiro a ir contra o rei.

- Duvidam que seja necessário? - perguntou Eskevar num tom de voz mais suave. - Eu vos digo, mandei a minha escolta pessoal, os meus trezentos homens, contra os Ningaal. São conduzidos por Theido e pelo comandante-chefe Ronsard, aos quais se juntou o Wertwin com o seu exército de cem homens. São cavaleiros galantes e corajosos... mas não chegam. Se queremos esmagar os Ningaal e expulsá-los das nossas costas, temos de apoiá-los com dez vezes mais cavaleiros

e homens armados.

Num tom de voz calmo, Ameronis disse:

- Esse é precisamente o ponto que gostaríamos de ver melhor explicado, Majestade. Esse inimigo... esse Nin, ou lá como se chama... não sabemos nada dele. Como podemos ter certeza de que ele é tão forte e que tem tantos homens? Parece-me que seria mais prudente mandarmos uma força de batedores saber estes e outros pormenores antes de embarcarmos numa guerra total contra um inimigo imaginário, de força desconhecida.

- Como fala bem, Ameronis! Como teve muito tempo para ordenar os pensamentos, imagino que já sabe muito bem o que há dizer. - O rei fez uma pausa, para que o seu sarcasmo atingisse o alvo.

- Ameronis opõem a pegar em armas! - gritou Eskevar de repente
- Quem mais desafia o seu rei?

Vendo que Eskevar desmascarara a sutil oposição de Ameronis, a assembléia ficou chocada e, nesse momento, vários senhores que tinham concordado em constituir uma coligação de nobres contra a formação e o financiamento de um exército começaram a hesitar. Era perigoso desafiar assim um rei, especialmente um rei tão poderoso como Eskevar. No fim, talvez não pagasse o ouro que poderiam poupar.

Mas Ameronis recuperou rapidamente:

- Compreendeu-me mal, Majestade. Não me oponho a uma ação claramente necessária. Quando chegar o momento de ir para a batalha, estarei à frente dos meus cavaleiros e ao seu lado.

Lupollen, vizinho e amigo de Ameronis e o seu mais fiel aliado no Conselho, falou a seguir:

- Se o inimigo é tão poderoso como diz, Majestade, não é estranho que nunca tenhamos ouvido falar dele? É isso que me confunde.

Ouviu-se um murmúrio de assentimento. Eskevar lançou um olhar cortante a Lupollen e retorquiu:

- A você também conheço, senhor. O fato do rei ter mandado os seus cavaleiros para a batalha deveria bastar como prova àqueles que são leais à Coroa. Porque duvida do seu rei?

A seguir aos comentários de Eskevar, fez-se silêncio, o rei fitou à vez cada um dos seus senhores, como se quisesse gravar na memória a posição exata de cada queixo e a expressão estampada em cada rosto.

- Disse tudo o que podia, senhores de Mensandor. E, quando o julguei mais vantajoso, deixei que outros falassem. - Referia-se a Esme, que, mais uma vez, pedira ajuda ao Conselho nesse dia. - Não tenho mais nada a dizer. É com vocês. Se quisermos que Mensandor sobreviva, não podemos ficar de braços cruzados.

Descendo do estrado, Eskevar penetrou no círculo das cadeiras do Conselho. Depois, num gesto pouco característico do Rei Dragão (o que não deixou de produzir efeito), estendeu as mãos e implorou:

- Não esperem muito. Entrego o assunto nas suas mãos.

Deixou o Conselho de Guerra num silêncio total. Ninguém se atreveu a falar até ele estar bem longe. Só então começou um duro debate: Ameronis, Lupollen e os seus amigos opunham-se ao chamamento às armas do rei, e Benniot, Fincher e vários outros apoiavam-no com igual firmeza.

A discussão foi amarga, acalorada e longa: durou todo o dia. Eskevar regressou aos seus aposentos para meditar sombriamente na teimosa cegueira dos seus independentes e auto-suficientes senhores.

Cada légua que percorriam aproximava-os do sopé dos Fiskills, que passaram de um violeta nebuloso a azul, acima do verde mosqueado dos montes arborizados. O grupo partira para leste, em direção ao grandioso coração da acidentada cordilheira montanhosa.

Naquela região de Mensandor, os Fiskills pareciam erguer-se abruptamente das colinas ondulantes que subiam suavemente até ao seu sopé. Eram uma muralha, como fora a intenção de Celbercor, uma fortaleza construída nas alturas, que só não desencorajava os mais tolos ou os mais determinados. Foi esta fortaleza que Quentin, Toli e Durwin ousaram assaltar. A terra elevava-se a cada dia que passava.

Quentin imaginava que sentia o vento ficar mais frio e o ar fresco nas alturas soprando sobre eles em momentos inesperados. Na paz do campo, com as suas aldeias pequenas e bem tratadas, tornava-se cada vez mais difícil acreditar nos ameaçadores acontecimentos que, em Askelon, tinham sido fonte de tantas preocupações. Até a experiência de Quentin no acampamento dos Ningaal parecia que acontecera a uma outra pessoa e que ele só ouvira falar disso. Se não fosse o seu braço ferido, pendurado ao peito, não acreditaria em nada.

Só à noite era espicaçado pela lembrança, que lhe chegava sob a forma da estrela, ligeiramente maior a cada noite que passava e que, por nesse momento, parecia ofuscar o brilho de qualquer outra estrela, em seu quadrante. Sólida e brilhante, lançava um halo de raios leitosos a partir do seu centro quente e branco. "Agora, todos a devem ver", pensava Quentin à noite, enrolado na sua capa. "Com certeza que todos sentem o mal que pressagia."

Mas, com a chegada da manhã, a Estrela do Lobo desaparecia, assim como todas as outras luzes menores do céu. O feitiço da cintilante estrela quebrava-se com o nascer do dia.

- Falta muito para chegarmos a casa do Inchkeith? - perguntou Quentin uma manhã, quando se preparavam para partir.

- Se tivermos sorte, esta noite dormiremos em colchões de penas - respondeu Durwin.

- Então estamos assim tão perto? - Quentin não fazia idéia onde ficava a casa do lendário armeiro, mas parecia-lhe que as rochosas

terras altas que, naquele momento, atravessavam não eram lugar onde se encontrasse um mestre da sua arte.

Durwin subiu a pé a encosta do pequeno monte onde haviam acampado. Quentin seguiu-o, semicerrando os olhos quando a luz da alvorada carmesim lhe bateu em cheio no rosto.

- Está vendo aquele cume rochoso do outro lado do vale?

Quentin fez que sim com a cabeça ao ver a muralha escarpada cinzenta que lançava uma sombra preta sobre a cortina verde do vale coberto de pinheiros.

- Ele vive do outro lado do cume?

- Do outro lado, não... vive no cume! - riu Durwin. - Ou antes, quase, como vai ver. O Inchkeith é um homem estranho, com maneiras estranhas. Mas é dele que precisamos.

- Você o conhece, Durwin? Até bem pouco, nunca te tinha ouvido falar nele. - Embora não fosse nada improvável que Durwin mantivesse relações com um homem assim, Quentin observou o eremita seu amigo com uma certa desconfiança.

- Há muita coisa de que nunca me ouviu falar, meu jovem. Na minha cabeça só cabe metade do que sei de cada vez! - Piscou o olho e soltou uma gargalhada, que fez a sua voz ecoar na límpida manhã.

Toli assobiou lá de baixo. Quando se lhe juntaram, estava tudo pronto.

- Para dormirmos hoje à noite em colchões de penas e não em agulhas de pinheiro, é melhor partirmos. Vejam como as sombras já se alongam. - Os olhos escuros de Toli faiscavam de bom humor, pois ele encontrava-se mais uma vez no seu elemento natural. A cada dia que passava, parecia voltar mais a ser a pessoa calma e enigmática que era quando Quentin o conhecera, anos atrás. "Com as peles de veado e a faca de osso", pensou Quentin, "voltaria a ser um príncipe jher."

- Aposto que preferiria as agulhas de pinheiro, Toli. Mas vamos embora! Como você diz, o dia está fugindo! - Com alguma

dificuldade, mas sem ajuda, Quentin saltou para a sela de Blazer e virou o rosto para o calor do Sol nascente.

Lá para o meio-dia, passavam por cima deles imensos bancos de nuvens empurrados do norte, cinzentos como fumaça, em baixo, e brancos como algodão, em cima. A massa em turbilhão crescia e ondulava, formando um teto alcatroado no cume, que os fortes ventos achatavam.

- Vai chover - disse Toli.

- Acha que o tempo ainda se agüenta assim até chegarmos ao nosso destino?

- É possível - replicou Toli, olhando de esguelha para o céu.

- Mas já está ficando mais fresco. O trovão sussurra no vento. Não sei se choverá já.

Quentin não ouvia nenhum trovão, mas, a partir do momento em que Toli o mencionara, pareceu-lhe reparar que a suave brisa que levantava as folhas das árvores estava, de fato, mais fria.

- Então, é melhor não ficarmos parados conversando! - gritou Durwin. - Se pudermos manter-nos secos, tanto melhor. Se não comermos agora, desferraremos depois com um jantar quente.

- Concordo plenamente! - exclamou Quentin, esporeando Blazer

- Vamos embora!

Durwin incitou o seu cavalo castanho e Toli seguiu-o com os dois animais de carga; Quentin foi atrás deles, sempre de olho nas nuvens que se juntavam lá em cima. Nessa manhã, tinham andado bem, pois só haviam parado para renovar a água dos odres num regato impetuoso, no coração do vale. Sempre que Quentin erguia o olhar parecia-lhe que a grande muralha de pedra cinzenta, indistinto baluarte entre os recortados ramos dos pinheiros, se aproximava cada vez mais depressa.

Por fim, Quentin ouviu o chapinhar que a água de um ribeiro fazia ao passar sobre as pedras. O grupo deixou o abrigo dos pinheiros e chegou a um canal rochoso, escavado por um rio pouco

profundo, que fazia espuma ao ressaltar sobre as pedras pretas e redondas como pães. Apesar da sua impetuosidade, a água mal chegava aos topetes dos cavalos, mas o rio era da largura do pátio interno de um castelo. Durwin percorreu a margem barrenta e virou para nascente paralelamente ao cume.

Ao longo da margem, as peças de água espelhavam as imensas nuvens negro-azuladas. O vento estava mais frio e Quentin sentia na terra o cheiro da chuva. O ribeiro descrevia uma curva ladeada por pinheiros altos, muito finos de agulhas compridas, que sussurravam ao vento que se levantava.

- A chuva vem aí! - gritou Durwin.

- Espero que ainda não falte muito - retorquiu Quentin, pondo-se ao seu lado. - Talvez, devíamos abrigar-nos e esperar que o primeiro aguaceiro passasse.

- Se não me engano, não temos muito que andar. Olha ali à frente. - O eremita apontou para os penhascos cinzentos que tinham novamente à frente. - Está vendo o ponto em que a água sai da base da parede do cume? É mesmo em frente.

- Parece uma parede toda inteira - observou Quentin.

- Vai ver, vai ver.

- Se não andarmos, Inchkeith, o armeiro, vai receber três viajantes encharcados - comentou Toli. Quando acabou de falar, as primeiras gotas de chuva, muito grossas, começaram a cair nas poças e no caminho, levantando pequenas nuvens de poeira.

Com um vigor renovado, esporearam as montarias. As pesadas gotas pingavam à sua volta e faziam-lhes manchas escuras na roupa.

Ao aproximarem-se do local indicado por Durwin, Quentin viu na parede rochosa uma dobra em que ainda não reparara. No ponto em que o ribeiro aparecia à superfície, o lado esquerdo do penhasco curvava abruptamente e o direito sobrepunha-se. Vista de longe, a parede parecia contínua, Mas, de fato, ao seguirem o rio em direção à vasta base rochosa, abriu-se à sua frente.

Ao encontrar-se com a cumeeira, o terreno elevava-se ligeiramente, os pinheiros cresciam mesmo até à face da parede cinzenta. Os cascos dos cavalos martelaram num talude de pedra e atravessaram o penhasco. Assim, chegaram a uma paisagem de tirar a respiração. Apesar das gotas de chuva que caíam à sua volta, Quentin, maravilhado, parou para admirar a vista. Um vasto campo ondulante e muito verde estendia-se de cada lado do ribeiro, agora mais estreito e profundo.

Rodeando o prado e encimando-o por todos os lados, erguiam-se suaves muralhas de pedra muito lisa, azuis, sob o céu negro. Do outro lado do prado, que Quentin calculou ter uma légua de largura e meia légua de comprimento, erguia-se uma enorme casa de pedra branca, luzindo como as velas brancas de um barco num mar cor de esmeralda.

- Aquela é a casa do Inchkeith - indicou Durwin. - Chegamos mesmo a tempo.

O barulho de um trovão atravessou o cume e fez ouvir a sua voz ribombante por todo o prado. A erva alta começou a baixar-se e a elevar-se como as ondas de Gerfallon ao sabor do vento.

Com a chuva, agora mais violenta, picando-lhes o rosto, galoparam pelo lindo prado. Quentin sentiu um arrepio de excitação quando um relâmpago cruzou os céus, imprimindo neles uma faiscante linha em ziguezague. O trovão que se seguiu encheu o desfiladeiro azul e ribombou através do vale, atrás deles.

A casa de Inchkeith tinha o tamanho de um castelo pequeno, e esta impressão era reforçada por uma única torre imponente, que servia de portão de entrada para um pátio grande, com pavimento de pedra. Em volta da casa principal viam-se várias estruturas mais pequenas da mesma pedra branca. O ribeiro, de curso profundo e calmo através do prado, formava uma graciosa cascata ao cair da superfície nua da rocha, por trás da habitação do mestre armeiro. Do

outro lado, no lugar em que a água descia para o prado, uma grande roda girava lentamente na rápida corrente.

Quando os viajantes se detiveram em frente da torre, não se via ninguém. Uma grade de ferro finamente trabalhado barrava-lhes o caminho para o pátio.

- Não há nenhum guarda, porque ele não espera viajantes e tem poucas visitas - observou Durwin.

O eremita deslizou do seu cavalo e encaminhou-se para a arcada. De um nicho de pedra pendia uma corda entrelaçada. Durwin agarrou-a e puxou-a duas vezes, muito depressa. Ouviu-se uma sineta repicando no pátio.

- Isto deve chegar para virem correndo ver quem é - disse Durwin. A chuva caía com mais força; dali a pouco, estariam encharcados até aos ossos. Do outro lado do prado, de onde tinham vindo, grandes lençóis brancos e cintilantes de chuva dirigiam-se para eles, empurrados pelo vento como se fossem velas. A água formava poças em volta das patas dos cavalos e escorria pelas paredes da mansão.

- Quem quer entrar na casa do meu amo? - Quentin não vira o jovem franzino sair de uma porta e atravessar o pátio correndo. Naquele momento, com a capa por cima da cabeça, espreitava através das grades trabalhadas.

- Diga ao seu amo que o santo eremita de Pelgrin, Durwin, e os seus amigos Quentin e Toli estão aqui ao serviço do rei, para lhe falar. Diga-lhe que lhe pedimos respeitosamente a hospitalidade devida aos viajantes. E diga-lhe tudo isto depressa, para não ficarmos num estado lastimável. - Durwin limpou o fio de água que lhe escorria pelo nariz.

O jovem pareceu pesar cuidadosamente a sua decisão:

- Vocês não parecem indisciplinados. Entrem e abriguem-se da chuva enquanto eu vou falar com o amo. - Dizendo isto, desapareceu num recanto ao lado da grade; dali a momentos, a pesada porta de

ferro começou a subir suavemente, sem um único estalido ou rangido. Era óbvio que fora feita com a maior habilidade.

Os molhados viajantes apressaram-se a abrigarem-se debaixo do arco do portão à espera que o jovem servo voltasse. Quentin e Toli desmontaram e ficaram pingando no escuro túnel da arcada. Quentin estava impressionado com a simplicidade de tudo o que via ao seu redor. Nem postes nem portais possuíam um pouco que fosse de ornamentação. Em volta do pátio não havia nada que parecesse deslocado e o próprio pátio estava impecável. A mansão de Inchkeith era toda feita de linhas direitas e ângulos bem desenhados; via-se que fora construída com todo o rigor. Não havia fendas nem buracos em lugar nenhum.

No conjunto, o efeito fazia lembrar a Quentin a arquitetura de Dekra, embora nem por sombras derivasse dela. Mas impressionava-o a aparência perfeita de tudo o que os seus olhos encontravam, pois revelava mãos que não deixavam nada por fazer e um espírito que se preocupava com todos os pormenores. Quentin ouviu um grito e viu o jovem servo acenando-lhes de dentro da entrada abobadada do salão da mansão. Correndo pelo canto do pátio, juntaram-se todos por baixo do pórtico.

- Venham comigo. Não se preocupem com os cavalos. Mandarei alguém tratar deles. O meu amo convida-os a acompanhá-lo à mesa, no grande salão, se assim o desejarem.

- Claro que sim! - quase gritou Quentin. Tinha fome e frio e estava molhado. Naquele momento, uma refeição quente parecia-lhe a coisa mais deliciosa do mundo. - Vamos!

O jovem magricela, de ossos compridos, conduziu-os ao longo da curta passagem que dava para a entrada do salão, empurrou a porta de gonzos de ferro e mandou-os entrar. O salão era amplo e gracioso, mas obedecia ao mesmo estilo simples, quase severo, do exterior. Admirado, Quentin olhou em volta. Vários servos atarefavam-se de um lado para o outro, preparando tudo para a

refeição. Em frente de uma única mesa comprida, com bancos corridos de ambos os lados, encontrava-se uma lareira larga, na qual ardiam vivamente vários troncos dispostos com perfeição. A chaminé devia ter uma excelente tiragem, pois Quentin reparou com satisfação que não se viam vestígios de fuligem nas paredes ou no teto do salão. Estava tudo tão limpo como se nunca tivesse sido usado, mas, ao mesmo tempo, quente e acolhedor.

O aspecto da morada de Inchkeith desenhou no espírito de Quentin a imagem de um senhor (assim passou a considerá-lo) severo, rigoroso e de porte real, de um homem irascível, com uma vontade tão forte como a porta de ferro que tinha à entrada e uma capacidade de julgamento precisa e sem falhas, de uma pessoa que nunca aceitaria de ânimo leve a imperfeição ou a desonra. De um homem poderoso, forte e gracioso. De um homem de uma perfeição inflexível e fervorosa, obedecido por todos os que o rodeavam com uma eficiência silenciosa e uma cortesia sem falhas.

- Durwin! Meu velho resmungão! - troou atrás deles uma voz clamorosa. - Bem-vindos! Bem-vindos, bons amigos! Bem-vindos à Mansão Branca!

Quentin virou-se, esperando ver o homem que imaginara, a imagem que desenhara tão cuidadosamente no seu espírito ruiu completamente quando o jovem deu com os olhos no senhor da Mansão Branca.

CAPÍTULO XXXIII

- Devia ter-me deixado acompanhá-los - disse Myrmior.- Eu podia te-los ajudado contra eles.

- Não. - Ronsard abanou a cabeça severamente. - é um aliado demasiadamente precioso. Ajudas-nos mais com o seu conhecimento dos Ningaal do que com o seu braço forte. Se tivesse sido morto hoje, como o foram muitos homens bons, não teríamos ninguém para nos ajudar a preparar-nos contra eles.

- Como quiser, meu senhor Ronsard. Obedecerei. Mas queria que soubesse que não tive medo e que, quando chegar a hora de erguer a minha espada contra os meus antigos algozes, o farei com toda coragem.

- Nós não duvidamos do seu valor, bravo Myrmior. Claro que, no momento certo, irá conosco. Mas Ronsard tem razão: vale mais para nós como guia para os pensamentos e o coração dos Ningaal do que como guerreiro. Homens decididos temos muitos, mas você é único.

Wertwin, sentado ali perto, não falava. Estava pesaroso com a perda de tantos homens bons, como fora ele que agüentara o embate da batalha, via-se agora privado de quase metade das suas tropas.

Depois do ousado salvamento do exército de Wertwin pelas forças de Theido e de Ronsard, tinham voltado todos ao campo, para aí acamparem durante a noite. Enquanto estavam sentados trocando opiniões, o ferreiro e o físico reparavam armas e homens, e ouviam-se por todo o acampamento as pancadas do martelo na bigorna e os gemidos dos feridos. Para a vigília da noite, haviam-se colocado sentinelas nos seus postos e acendido fogueiras. Theido, Ronsard,

Myrmior e Wertwin voltaram mais uma vez a sua atenção para os brutais acontecimentos daquele dia.

- Não podemos voltar a ir contra eles como fomos hoje - observou Ronsard sombriamente. - Eles são muito fortes e disciplinados.

- Disciplinados! - resmungou Myrmior. - O que acontece é que têm mais medo do seu chefe do que de vocês. Só podem matá-los, mas ele tem poder sobre as suas almas!

- Ele é assim tão poderoso? No meu tempo, ouvi coisas assim - respondeu Theido.

Myrmior encolheu os ombros:

- Se é verdade ou não, não sei, mas é o que os Ningaal acreditam por isso, tanto para eles como para vocês, vai tudo dar no mesmo. Eles preferem lutar até à morte a renderem-se. E acreditam que cada inimigo que matarem é mais um degrau que sobem na longa escadaria da imortalidade.

- Seja o que for que lhes dá tanta ferocidade, é indomável. Não estou vendo como vamos enfrentar um inimigo assim. Embora as suas armas sejam ligeiras e os nossos homens estejam bem protegidos, eles esmagam-nos em número. Só hoje perdemos setenta e cinco bravos cavaleiros.

- Não se esqueçam de que só viram uma fração do total. Fora das suas fronteiras, há mais três comandantes com os seus exércitos. Quando se reunirem novamente, nada os deterá - anunciou Myrmior sombriamente. Wertwin lançou-lhe um olhar zangado e praguejou:

- Por Azrael! Que quer que façamos, meu selvagem? Caímos sobre as nossas espadas e acabou? Se sabe tanto, porque não nos orienta? Em vez disso, atormentas-nos com as suas mentiras!

Myrmior ouviu esta explosão em silêncio. A sua expressão só mostrava compreensão pela difícil situação do comandante:

- Só disse o que disse para que não criem falsas esperanças e não pensem que podem vencer os Ningaal no campo de batalha -

retorquiu calmamente. - Eles não podem ser vencidos assim. Pelo menos, não com as tropas de que dispomos.

Fez uma pausa. O silêncio caiu sobre a tenda. Lá fora, o crepúsculo adensava-se e, com a chegada da noite, o céu ia ficando negro-azulado. Ouviam-se as pancadas do martelo no aço e os estalidos de uma fogueira ali perto. As sombras dos homens projetavam-se nos lados da tenda, fazendo parecer que estavam rodeados pelos fantasmas dos seus camaradas caídos em combate.

- Durante o meu longo cativeiro, não me deixei arrastar pelo ócio. Aprendi muito da maneira como os homens fazem a guerra. Estudei os que foram vencidos pelos Ningaal e observei as coisas que dão mais esperanças de vitória, que, no entanto, são muito poucas.

- Então Diga-nos - implorou Ronsard. - O que podemos fazer? É bom não esquecer que daqui a pouco teremos mais homens. O conselho ainda está reunido e penso que dentro em breve teremos ajuda - acrescentou Theido com esperança.

- Não devemos contar com isso - objetou Myrmior. - O que vou propor agora servirá para esperarmos tanto por muito como por pouco tempo.

- Isso mesmo. Então, diga lá. Estamos prontos ouvindo a sua sugestão.

- Os soldados do seu país conhecem bem o manejo do arco e da flecha? - perguntou Myrmior.

- Claro que sim! - riu Ronsard. - É uma coisa útil, embora não seja arma em que se confie no campo de batalha, por ser muito imprecisa e não ter chance contra o aço da armadura de um cavaleiro.

- É mais apropriada para aborrecer as criaturas da floresta e para atacar de uma distância segura. Não é arma para um cavaleiro - concordou Theido. - Não pode manejar-se o arco da sela de um cavalo a galope.

Wertwin só resmungou:

- Arcos e flechas! Hum!

- Pelo menos, têm essas armas - interveio Myrmior rapidamente.
- Não condenem o meu plano antes de o ouvirem por inteiro. Não proponho que levemos arqueiros para o campo de batalha, mas também não proponho que voltemos lá. Vou ser muito franco: hoje, tiveram muita sorte. Os seus deuses lhes sorriram. Em todo o tempo que estive com o guerreiro Gurd, nunca o vi mostrar piedade nem abandonar o campo de batalha se houvesse a mínima chance de vitória.

- O que ele fez hoje é raro, mas não inverossímil. Ele lhes deu a oportunidade de se reagruparem e prepararem para outra batalha, porque, mais do que a própria batalha, ele adora um opositor à sua altura. Para ele, não tem valor nenhum matar um inimigo fraco e indefeso. Isso é só uma chacina, e não se conquista grande imortalidade tirando a vida dos fracos.

- Os senhores enfrentaram o seu exército, e ele os respeita por isso. Quando se retiraram, reconheceu-os como inimigos ardilosos, cuja morte lhe traria muita honra. Ele quis que se reagrupassem para saborear a satisfação pela sua derrota.

- Tal como o viticultor que, cheio de cuidados, prova o fruto das suas vinhas, assim o chefe guerreiro os experimentou, encontrando um oponente digno da sua arte.

- E o que é que isso tem a ver com arcos e flechas? - perguntou Wertwin com um ar carrancudo. Tinha o coração apertado e o humor sombrio carregava-lhe as feições.

- São a arma que vai nos permitir arrebatat essa saborosa vitória da pança desse guerreiro.

- Derrotá-los com brinquedos de criança? Ah!

- Espere - interveio Theido. - Deixe-o falar. Parece-me que estou começando a perceber.

Myrmior fez uma vênia na direção de Theido:

- É muito astuto, senhor. Proponho que não voltemos ao campo de batalha para combater os Ningaal... pelo menos, não por

enquanto, não por bastante tempo. Em vez disso, não lhes daremos sossego de noite, assaltando-lhes o acampamento e atirando-lhes uma chuva de flechas cada vez que eles tentarem perseguir-nos.

- Se nos recusarmos a enfrentá-los, Gurd arderá de raiva. E, se tivermos sorte, a sua raiva o consumirá.

- Que honra há nisso? - gritou Wertwin. - Atacar na calada da noite, como reles ladrões, disparando flechas às sombras! É um disparate, um absurdo! Não tomarei parte nisso!

- Esta guerra não será ganha com a sua honra. Os seus homens morreram hoje com honra, e agora jazem nos seus túmulos. Em que é que isso pode ajudar? Ouçam-me bem, senhores: apeguem-se à honra e perderão a sua terra!

- Myrmior tem razão - replicou Ronsard lentamente, lançando a Wertwin um olhar zangado. - Não há honra nenhuma em perdermos a nossa terra. Mesmo que morramos como heróis, quem se lembrará? Quem cantará os nossos louvores na casa dos nossos pais?

- É melhor tratarmos primeiro desta questão, e só depois do nosso bom nome. Por mim, gostaria de viver até ver Mensandor livre desta ameaça... consiga-se isso como se conseguir.

- Concordo - retorquiu Theido pensativamente -, mas preocupe-me uma coisa: o que sugere é bom para este chefe guerreiro e o seu contingente. Mas... e os outros? Vamos permitir que os seus iguais assolem os campos sem oposição?

Myrmior abanou lentamente a cabeça e coçou o queixo barbudo com a mão pálida.

- Essa é a parte mais difícil do plano, senhores. Se o seu conselho mandasse depressa as tropas de que precisamos, tudo estaria resolvido, mas, assim, só vejo uma solução: proceder da mesma maneira contra todos os comandantes... um de cada vez. Penso que o plano dará resultado, pois não são necessários muitos homens para o porem em prática. Mas precisamos de arqueiros.

- A maioria dos nossos cavaleiros está bem treinada no arco, embora haja poucos prontos a admiti-lo. Podemos arranjar arqueiros mandando uma mensagem para Askelon... o que temos de fazer para obtermos os arcos e as flechas.

- Então, façamos isso imediatamente. Entretanto, nos retiraremos e nos manteremos um pouco à frente dos Ningaal, até termos armas para iniciarmos os nossos ataques.

- O quê? Não vamos fazer nada para travar o avanço dos Ningaal? Vamos ficar parados a vê-los marchar livremente pelos nossos campos?

- Há semanas que eles o fazem, Wertwin - respondeu Ronsard. - Se temos de os suportar um pouco mais para conseguirmos os nossos objetivos, que assim seja. Isso, pelo menos, temos de arriscar. Além disso - acrescentou, com um sorriso malicioso -, ficarão pensando no que estamos preparando.

- É verdade - concordou Myrmior -, a ira do Gurd aumentará! O que vamos tentar fazer é atormentá-los tanto que eles se encolerizem o suficiente para cometerem qualquer erro, qualquer erro de estratégia que possamos aproveitar em nosso favor. E, entretanto, provocaremos baixas pouco a pouco, como a água batendo na pedra e erodindo-a com o tempo.

Theido levantou-se e espreguiçou-se; fora um longo dia.

- O seu plano é bom, Myrmior. Vou mandar imediatamente um mensageiro a Askelon. Amanhã começaremos a instruir os nossos cavaleiros nesta nova maneira de combater. Só espero ter tempo suficiente para realizar a mudança.

- Terá de ser assim, quer queiramos quer não - retorquiu Myrmior. - Acreditem, meus bravos senhores. Não há outro caminho.

Wertwin fitou os seus camaradas com um ar carregado e, resmungando, saiu da tenda em grandes passadas.

- Não lhe dêem muita atenção - amenizou Ronsard. - O seu coração acabará por sarar e, daqui a pouco, estará firmemente ao nosso lado. - Depois, também ele se pôs em pé e se espreguiçou. - Obrigado, Myrmior. Deu-nos conselhos sábios e ponderados. Creio que, tal como Wertwin, não teria acreditado em você se não tivesse visto hoje o inimigo frente a frente e sentido a sua astúcia e a sua força. Agora sei que tem razão e, assim como Theido, só rezo para que não seja tarde demais.

- Sem dúvida que é um ministro fiel ao seu monarca - acrescentou Theido. - Ele deve ter tido os seus serviços em alta estima, mas não mais do que nós os temos agora. Ainda antes de tudo isto acabar, teremos razões para recompensar devidamente o seu engenho e lealdade. Talvez um dia possa voltar ao seu país na qualidade de rei.

Myrmior voltou para eles uns olhos grandes e tristes.

- Nunca mais poderei regressar. A terra que conheci e a amei desapareceu. Escolhi ficar aqui, como o devia ter feito há muito tempo no meu país. Nessa altura, tive medo, mas isso acabou. Convivi diariamente com a morte mais horrível que se possa imaginar e nunca mais voltarei a sentir-me aterrorizado.

Os três homens ficaram olhando longamente uns para os outros. Ninguém falou. Um caloroso laço de amizade uniu os dois cavaleiros ao homem de Khas-I-Quaír. Para o mostrarem, puseram-lhe as mãos nos ombros.

- Boa noite, senhores. - Ronsard bocejou e esfregou os olhos. - Amanhã, voltarei a pegar na arma da minha juventude. Por isso, tenho de descansar.

Theido e Myrmior soltaram uma gargalhada e foram dormir para as suas tendas.

CAPÍTULO XXXIV

Estarrecido, Quentin fitava o seu hospedeiro de boca aberta. Esperava um comandante guerreiro ou, pelo menos, um cavaleiro para quem a batalha e as necessidades dos soldados e das suas armas não tivessem segredos, mas a pessoa que atravessava o salão na sua direção era exatamente o oposto da imagem mental de Quentin.

Inchkeith, o lendário armeiro, era um homem pequeno, de cara fina e enrugada. Os tendões, semelhantes a cordas, sobressaíam-lhe do pescoço, como que a impedirem que a cabeça quase imóvel lhe caísse dos ombros fortes. Era baixo e apresentava uma inclinação pouco natural, o que, como Quentin viu imediatamente, se devia ao fato da coluna vertebral do mestre armeiro estar curvada de uma forma grotesca. Caminhava sobre as pernas magras, dando uma espécie de saltinhos, e nem por sombras tinha o andar lento e digno do homem que Quentin imaginara. Mas as suas mãos eram as de um artista: largas, generosas e destros. Eram mãos fortes, de movimentos seguros, graciosas, e que nem por um momento estavam quietas. Estas mãos notáveis encontravam-se ligadas a uns braços poderosos e a uns ombros bem musculosos, que pareciam de um jovem. Para Quentin, alguém pregara uma partida cruel ao ancião de pernas magras, colocando-lhe o peito e o braço forte de um lavrador ou de um soldado no corpo franzino e deformado de um moço de cozinha.

- Há muito tempo que não tenho o prazer da sua companhia, Durwin. Mas agora Está aqui e alegra-me muito vê-lo. - Inchkeith

tinha uma voz profunda, que contrastava estranhamente com o seu aspecto mirrado. Com dois saltinhos, encontrou-se nos braços de Durwin e os dois homens abraçaram-se como irmãos que havia muito não se viam

- É bom voltar a vê-lo, Inchkeith. Não mudou nada. Trouxe comigo uns amigos que gostaria de lhe apresentar.

- Estou vendo! Estou vendo! Bons senhores, sejam muito bem-vindos agora e sempre à Mansão Branca. Espero que se sintam à vontade para ficar o tempo que quiserem. Nunca temos muitos hóspedes por aqui e, assim, vamos celebrar a sua vinda. - O mestre armeiro fez-lhes uma vênia grotesca e piscou-lhes o olho. Quentin não se conteve e riu-se alto.

- Mestre Inchkeith, honra-nos com a sua amável hospitalidade.

- Estes são Quentin e o seu companheiro Toli - indicou Durwin.

- Ah, Durwin, vejo que viaja em boa companhia. - Para mostrar o respeito que sentia, Inchkeith virou os olhos para cima e ergueu as mãos à altura do rosto. - Vocês dois são bem conhecidos por aqui. Dentro destas paredes cantam-se muitas vezes os seus feitos, assim como os grandes feitos de todos os bravos.

Em resposta a este cumprimento, Quentin corou e fez uma vênia:

- As histórias não contam tudo. Fiz apenas o que qualquer homem teria feito, e sem grande bravura.

- Está bem, mas quem o fez foi você e não outro qualquer. Inchkeith apontou o indicador para o ar. - A diferença está aí! - Nesse momento, abriu-se uma porta de um dos lados do salão e entraram vários jovens marchando como se fossem soldados treinando.

- Venham! - gritou Inchkeith, afastando-se a mancar. - Precisam conhecer os meus filhos. Tenho certeza de que eles também querem dar-lhes as boas-vindas.

Os viajantes seguiram-no, Quentin e Toli, de sorriso aberto, sentiam-se irresistivelmente atraídos para aquele homem tão

original, tão diferente da ordem exata e escrupulosa que o rodeava. Os filhos eram sete, todos rapazes bem constituídos e de boas maneiras. Só falavam quando o pai lhes fazia alguma pergunta ou lhes indicava o momento de responderem a alguma questão. Quentin e Toli cumprimentaram-nos um a um, reparando que eles eram todos imagens vivas uns dos outros, cabelos e olhos castanhos e suaves, lábios carnudos, faces castanhas e testas altas e fortes. E todos tinham pernas bem firmes e direitas; nenhum deles herdara a deformidade do pai.

- São o meu exército, o meu prazer, o meu orgulho - disse o seu pai, com o rosto aberto num sorriso, enquanto eles se sentavam no banco com as costas retas e as mãos pousadas no colo.

- E agora, o meu ouro e as minhas jóias! - Inchkeith virou-se e acenou com a mão. Como se obedecesse a um sinal, uma mulher alta e elegante, vindo do lado mais próximo do salão, entrou seguida de cinco lindas moças. - A minha senhora e as minhas filhas.

As jovens aproximaram-se, sufocando o riso com as mãos, ao moverem-se todas juntas, os seus simples vestidos de musselina produziram um agradável roçar. Mas quando foram apresentadas a Quentin, cada uma, à vez, estendeu a mão, como uma senhora bem-nascida, e fez uma vênia. E, embora sentindo-se um pouco tolo, ele beijou-lhes a mão, obtendo a risonha aprovação da mãe. Toli sentiu-se obrigado a seguir o exemplo do seu amo.

- Sejam muito bem-vindos à nossa casa, meus senhores - disse a mulher de Inchkeith. - Se precisarem de alguma coisa, estamos prontos a servi-los.

- É muito amável...

- Chamo-me Camilla - informou ela, estendendo a mão para Quentin, que a beijou, fazendo ela uma vênia. Reparando que a mulher era muitos anos mais nova do que o marido, Quentin pensou se todos os filhos ali reunidos seriam dela. Era possível: todos eles

possuíam a sua cor escura; mas, nesse caso, ela conseguira manter uma aparência muito jovem.

- Obrigado pela sua amabilidade, senhora. Ainda mal chegamos, e já me sinto bem-vindo.

- Então, não nos demoremos mais - observou Inchkeith com satisfação, esfregando as mãos uma na outra, como se quisesse aquecê-las. - Sentem-se, bons amigos, e partilhem o nosso pão conosco.

Inchkeith pegou no braço de Durwin e levou-o consigo para a cabeceira da mesa, deixando Toli e Quentin entregues aos cuidados das jovens, que os instalaram em frente dos rapazes, sentando-se em seguida. Todos começaram imediatamente a falar, fazendo perguntas sobre o que se passava na corte, qual era a última moda em Askelon e que novas do mundo havia.

Mostraram-se tão curiosos que Quentin mal conseguiu responder a todas as perguntas, para muitas das quais não tinha resposta, pois teve de admitir que não sabia mais do que eles sobre os seus interesses. Apesar do isolamento em que, aparentemente, viviam, as suas perguntas revelavam um sólido conhecimento do mundo. Em resumo, devido a um interrogatório tão cerrado, Quentin mal teve tempo de levar a comida à boca. Antes do fim da refeição, Quentin já pensava que aquela era, de longe, a família mais notável que jamais conhecera.

Quando todos acabaram de comer a carne, o pão, o caldo e a fruta, os filhos de Inchkeith saíram todos marchando, e as filhas, juntamente com a mãe, começaram a ajudar os servos a levantar os trinchos e as bandejas. Quentin e Toli

aproximaram-se da cabeceira da mesa, onde Inchkeith e Durwin se encontravam sentados conversando. Inchkeith puxara de um cachimbo comprido e estava a acendê-lo.

- Embora me agrade muito a sua visita, sei que você não veio só para ver o velho Inchkeith. - Temos assuntos a tratar, não é?

- É - assentiu Durwin. - Realmente, temos um assunto a discutir com você.

O artesão aspirou profundamente o cachimbo e as suas faces meteram-se para dentro. Depois de terem ido novamente ao lugar quando ele soltou uma longa e fina baforada de fumo, continuou: - Excelente, Mas talvez o seu assunto não seja tão urgente que não possa esperar até eu os mostrar alguns dos meus últimos trabalhos.

- Com certeza que sim - retorquiu Quentin. - Gostaria muito de ver as suas obras.

- Convenceu-me, senhor! - riu Inchkeith, levantando-se da mesa. - Sigam-me e, atrevo-me a dizer, vai ver coisas muito do seu agrado.

Saíram do salão iluminado por uma porta lateral e entraram imediatamente numa divisão baixa e escura, onde se perfilavam em sentido muitas armaduras polidas e vazias, que esperavam que os seus cavaleiros lhes dessem vida. Viram tantas espadas, broquéis, elmos e couraças que lhes pareceu encontrarem-se na sala de armas de um rei.

Atravessando esta divisão de traves baixas, penetraram em outra mais pequena e mais escura, que continha lanças de todas as formas e feitios e um sem número de alabardas. As armas de setas compridas encontravam-se atadas em feixes, como molhos de espigas acabadas de ceifar, prontas a serem debulhadas. Na semi-obscuridade, Quentin viu, ao passar, as luzidias pontas de aço das lanças e as lâminas muito afiadas das alabardas.

- Ah! Aqui estamos! Cuidado... Pronto. Este é o meu verdadeiro lar, a minha oficina! - gritou Inchkeith, elevando a voz acima do retinir que passou a ouvir-se.

Tinham descido para uma divisão quente, devido ao calor da forja, e ruidosa, por causa do barulho do aço batendo no aço. O compartimento, do tamanho do salão, ou ainda maior, estava numa grande atividade, com os filhos de Inchkeith e vários servos afadigando-se na tarefa de transformar o aço e o ferro

em armas. De uma ponta à outra da sala oblonga viam-se mesas e dispositivos esquisitos, capazes de desafiar qualquer tentativa de descrição. Rodeado por curiosos instrumentos, a cada mesa trabalhava um homem, aqui fixando a lâmina ao punho, ali cobrindo de pele o escudo de madeira e mais além colocando a couraça numa armadura truncada.

Quentin estava maravilhado, pois nunca vira nada assim.

Inchkeith conduziu-os através daquele labirinto, parando ao lado de cada mesa para comentar o trabalho do homem que aí trabalhava. E, fosse onde fosse que os olhos pousassem, davam sempre com um brilhante exemplo da arte do armeiro. Quentin duvidou de que houvesse no mundo alguma coisa que se comparasse à oficina de Inchkeith.

Quentin olhou para cima da mesa e, entre uma variedade de estranhos instrumentos, cuja utilidade só vagamente conhecia, viu uma espada comprida e larga, de aspecto muito sólido. O punho era de ouro, com jóias incrustadas e a bainha de prata gravada, representando cenas da captura de um urso. Toda ela era uma obra excelente, que demonstrava uma grande mestria.

- Gosta? - perguntou Inchkeith, seguindo o olhar de Quentin.

- Se gosto? É uma espada como não há outra, senhor. Um tesouro.

- Tome-a . Pode examiná-la mais de perto.

Com a mão esquerda, e lamentando não poder usar a direita, desembainhou a espada e ouviu o raspar frio do aço deslizando na bainha.

Fora concebida para ser usada com as duas mãos; no entanto, não era muito mais pesada do que a sua congênere mais curta e apresentava um equilíbrio soberbo. Mesmo com a mão esquerda, Quentin sentiu a elevação da lâmina e a maneira pouco esforçada como esta seguia o movimento da mão. Quentin passou a arma a

Toli, que a fez assobiar no ar, e viu a luz de admiração que saltou aos olhos escuros do Jher.

- A lâmina é de aço especial que comecei a fazer e que até corta o ferro. Esta foi feita para o rei Selric, de Drin. Ainda não está acabada. - Falava como se tratasse de um peixe entre mil que tinha na rede. Depois, pousou cuidadosamente a espada e virou-se para eles, com os olhos cintilando. - Agora, vou mostrar-lhes a minha obra-prima.

Inchkeith saltitou da mesa até uma porta baixa e abobadada, que ficava num recanto da parede. Ao passar pelo fundo da mesa, pegou numa lanterna e acendeu-a com uma vela. Depois de ajustá-la, levantou o pesado ferrolho que trancava a porta.

- Por aqui - disse, desaparecendo pela ombreira escura. Seguindo o seu curvado guia, entraram os três numa pequena câmara redonda. Os seus olhos ainda demoraram um momento a ajustar-se à escuridão e à luz difusa da lanterna. Quando, por fim, conseguiu ver bem, uma exclamação escapou dos lábios de Quentin. Tinha perante si a armadura mais elegante que podia imaginar. Mas não foi só isso que lhe tirou a respiração.

À frente dos seus olhos encontrava-se a armadura da sua visão. Era real. Existia mesmo e faiscava à luz da lanterna como se tivesse sido feita a partir de um único diamante.

Muito polida e brilhante como a água, cintilava perante os seus olhos ofuscados e incrédulos. Como se o objeto lhe tivesse acenado do seu suporte, Quentin aproximou-se, sem prestar atenção aos outros. A armadura, de brilho claro e prateado à luz da lanterna, não possuía qualquer ornamento. Todas as suas superfícies, com o brilho puro e límpido de uma gema, refletiam uma luz radiosa. O elmo era magnífico: tinha uma viseira simples, com uma ranhura, e era todo liso da testa à nuca. Incompreensivelmente, dos ombros pendia uma capa feita da cota de malha mais requintada que Quentin alguma vez vira. Não resistiu a tocar-lhe, apalpou-a com a ponta de um dedo, e a cota ondulou como prata líquida, cintilando e dançando à

luz bruxuleante. Os minúsculos aros da malha estremeceram com o seu toque e suspiraram como neve a cair sobre o solo gelado.

- É leve como a penugem de um ganso - disse-lhe uma voz ao ouvido. Inchkeith espreitava por cima do ombro de Quentin, com a face iluminada de prazer pelo indescritível espanto de Quentin.

- Para quem é? - conseguiu Quentin soletrar com esforço.

- Ah, o mais espantoso é isso! - A voz do artesão não passava de um suspiro. - Para ninguém... pelo menos, por enquanto. Copiei-a de um sonho que tive. Vi-a e soube que tinha de fazê-la. Acredito que o seu proprietário virá reclamá-la um dia. Até lá... - Deixou a frase por acabar.

- Reparei que não tinha espada - observou Quentin de repente. - Porque não?

Inchkeith, o mestre armeiro, inclinou a cabeça para um lado e franziu as sobrancelhas:

- Tocou no ponto certo, senhor. Como não vi nenhuma espada no sonho, não fiz nenhuma.

- Então, ande, mestre Inchkeith. - interveio Durwin. - É hora de conversarmos.

CAPÍTULO XXXV

Eskevar percorria a antecâmara com passos compridos e impacientes. Tinha as mãos atrás das costas e os olhos postos no chão.

- Os loucos! Os loucos! - murmurou para si próprio. - Vão destruir o reino.

Havia dois dias que estava na sua torre a andar, preocupado, de um lado para o outro. Durante esse tempo, comera e dormira muito pouco, e as suas feições, mais angulosas e marcadas do que nunca, mostravam os efeitos da sua aflição. Já houvera muitas ocasiões em que se angustiara com a teimosia dos seus nobres, mas, naquele momento, via claramente que o destino da nação estava nas suas mãos e que eles pareciam indiferentes à ameaça.

Lamentava e tornava a lamentar o poder, ou a falta dele, que não o deixava tomar medidas mais drásticas. Outrora, teria mandado os seus vassalos para a batalha com um simples aceno de mão; e eles teriam de obedecer, sob pena de perderem as terras e os privilégios. E em tempos ainda mais recuados, no reinado do primeiro Rei Dragão, a terra era governada pela vontade do todo poderoso monarca; nessa altura, não houvera senhores a questionar as ordens do rei.

Mas, antes disso, fora o tempo dos reis do Norte, quando qualquer homem podia ser rei, dependendo da força da sua espada, e o reino estava dividido em vários territórios de déspotas conflituosos, que se consideravam muito importantes e que se vangloriavam dos seus principados, prejudicando-os por uma

batalha ou pela oportunidade de aumentarem as suas terras, destronando os monarcas dos arredores.

Depois, os reis do Norte tinham-se unido, formado uma aliança e estabelecido a ordem em grande parte do reino, pois todos agiam em harmonia e para o interesse comum. Ninguém ousava opor-se, porque rejeitar ou desafiar um era recusar e declarar guerra a todos. Os mesquinhos reis do Sul não tinham conseguido fazer-lhes frente. Por fim, depois de muitos anos, o poder havia-se consolidado no Norte e aí tinha ficado.

Eskevar cismava em tudo isto enquanto andava de um lado para o outro do aposento ou se sentava para meditar na grande cadeira esculpida. De uma vez, parou à janela, escancarada para aquele esplendoroso dia de Verão, e suspirou ao contemplar as familiares colinas verdes e o azul-esverdeado mais escuro da floresta e a preguiçosa curva do Herwydd, que descrevia um arco prateado e se dirigia sem pressa para sul, em direção ao seu imutável destino.

- Os problemas dos reis e dos reinos não lhe dizem respeito, grande rio. Talvez, não têm mesmo nenhuma importância.

O mensageiro que bateu à porta, e entrou encontrou-o ainda à janela, contemplando a distância.

- Sua Majestade, querem falar com o senhor.

Eskevar pareceu não ouvir; por isso, o pajem repetiu a mensagem. Quando, por fim, o rei se virou para o perplexo jovem, tinha um sorriso triste no rosto cansado.

- Que entrem para a antecâmara. Vou já recebê-los.

"Já chegaram a uma conclusão", pensou Eskevar. "Qual será?"

Lá fora, a chuva caía incessantemente; o som do seu chapinhar no pátio era entremeado pelo ruído dos trovões, que marchavam nos céus a lutar contra os picos das montanhas. Quentin imaginou que as montanhas eram gigantes, e o trovão a voz com que lhe gritavam.

Chamavam-no, desafiando-o a ir arrebatá-los o seu segredo... se tivesse coragem para isso.

Havia muito que ninguém falava. Toli estava enroscado como um gato numa enorme cadeira estofada, colocada perto da lareira. Durwin encontrava-se sentado com as mãos em cima da barriga e a cabeça baixa. Quentin achava-se afundado na cadeira, com o queixo apoiado na palma da mão. Só Inchkeith parecia ainda alerta e ativo. Inclinado para a frente, com as mãos agarrando o comprido cachimbo, soltava baforadas de fumo que lhe pairavam em volta da cabeça e olhava periodicamente para os seus convidados.

- Eu a farei! - exclamou por fim, dando um salto. - Pelas barbas do deus. A farei!.

O inesperado desta explosão fez Quentin dar um salto e Durwin endireitar-se bruscamente.

- O que foi? - Durwin abanou a cabeça grisalha. - Oh, Inchkeith, assustou-me. Devo ter adormecido. O dia foi longo. Desculpe.

- Podem ter certeza de que pensei cuidadosamente no assunto - disse o mestre armeiro. - Irei com vocês procurar o lanthanil e farei a espada. Como posso recusar? - O deformado artesão sorriu e Quentin viu a sua inquieta energia brotando desse sorriso. - É a oportunidade de uma vida... de muitas vidas. Se não estão enganados e as minas existem mesmo, pago o que for preciso para trabalhar o lanthanil. Vocês põem à minha disposição o maior sonho do artesão. Sim, por todos os deuses que possam existir, eu a farei.

- Sabia que podíamos contar com você, Inchkeith. Tenho certeza de que encontraremos as minas. A profecia está sendo realizada. - Durwin indicou Quentin com a mão.

- Pouco me interessa a profecia ou se aqui Quentin é o Rei Sacerdote de que fala. Mas interessa-me muito que o nosso reino não seja tomado pelos bárbaros. Por Orphe!, claro que sim. E se a espada que vou fazer representar um golpe para eles, se puder mudar a

sorte da batalha, então farei uma arma como nunca nenhum homem viu. Eu farei a Zhaligkeer!

Quentin ouvia os dois homens conversando e não dizia nada. Escutara toda a noite e falara pouco. A inquietude apoderara-se novamente dele, mas, desta vez, sabia qual era a causa: o seu braço.

Durwin parecia ter esquecido que Quentin, o escolhido para desempenhar o papel principal quando chegasse o momento de erguer a espada contra o inimigo, tinha o braço partido ou até pior. No seu íntimo, Quentin desconfiava que era mesmo pior, que o seu braço ferido não tinha apenas um osso partido. Havia muito que não sentia nada no braço, que parecia entorpecido, morto.

Nunca falara a ninguém das suas suspeitas. Nem sequer Durwin percebera que ele não sentira nada na noite em que lhe pusera o osso no lugar e lhe ligara o braço, pois ele fizera caretas e gemera (sobretudo por causa do nervoso e do medo), como se lhe tivesse doído muito. Tinha qualquer coisa de muito grave no braço, naquele momento, com a noite preenchida por espadas e profecias, sentia-se obrigado a encará-lo.

Enquanto cismava nesta infelicidade, ocorreu-lhe o pensamento de que, afinal de contas, talvez não fosse o temível Rei Sacerdote das lendas. Talvez o Altíssimo nunca o tivesse designado, e sim a outro, ainda desconhecido.

Por muito estranho que fosse, esta idéia aliviou Quentin. Sim, claro era isso. Sem braço para o fazer, não era possível empunhar a lendária espada. A verdade da profecia indicava um outro. Talvez Eskevar, que afinal de contas, era rei. E a profecia da velha adivinha dizia que a espada devia ser empunhada por um rei. Era isso. Quando, por fim, se levantaram para irem se deitar, Durwin aproximou-se de Quentin e disse:

- Esteve muito calado toda a noite, meu rapaz. Porquê?
- Não temos problemas que cheguem, Durwin?

- Isso é verdade. Mas parece-me que está preocupado com outra coisa qualquer. - Inchkeith acercou-se deles com uma luz que brilhava vivamente numa lanterna de contornos delicados. Durwin aceitou-a e comentou: - Nós encontraremos o caminho, senhor. Obrigado. Não se preocupe mais conosco.

- As preocupações só agora começaram, senhor! - riu Inchkeith. - Mas há muito que escolhi o meu campo. Descansem bem, senhores. Amanhã, estarei pronto para os acompanhar na sua jornada.

- Muito bem. Partiremos o mais cedo possível. Mas não antes de comermos mais uma vez à sua mesa.

- Para variarmos das sementes e das bagas de Toli - gracejou Quentin. - Mas não devemos ficar tempo demais.

- Estranho, nunca te vi recusar a minha comida - observou sarcasticamente Toli, que acordara e fora para junto deles. - A chuva parará antes da manhã, mas o regato subirá durante a noite. Logo bem cedo, irei ver se podemos passá-lo.

- Não é preciso. De manhã já se poderá passar. É sempre assim. Não tenha medo. Amanhã partiremos secos, pelo menos. E não se preocupe com os cavalos. Terei tudo pronto. Os meus filhos tratarão disso. Agora, boa noite.

Pegando a vela que estava em cima da mesa, Inchkeith saltitou pelo salão escurecido, a esfera de luz seguia à sua frente como uma estrela que o guiasse.

- Um homem extraordinário - disse Durwin.

- É verdade, extraordinário - concordou Quentin. E todos se arrastaram até às suas camas, onde adormeceram embalados pelo longínquo som da chuva batendo nas pedras da Mansão Branca.

CAPÍTULO XXXVI

O enorme navio-palácio de Nin, o Destruidor, Divindade Imortal, Imperador Supremo, Conquistador dos Continentes, Rei dos Reis, balouçava suavemente nas ondas, que subiam e desciam como a respiração ritmada de um gigantesco animal marinho, chapinhando contra as traves largas dos lados e sussurrando ao longo da poderosa quilha.

O barco, de casco quadrado, tinha três gigantescos mastros e dois grandes lemes no meio. Era, verdadeiramente, um palácio marítimo, feito com madeiras caras e cheio de ornamentos exóticos vindos dos vários países que Nin subjagara. O convés era de teca e pau rosa das ilhas Haphasian. Os adornos de latão que, por toda a parte, brilhavam como ouro vermelho, tinham vindo da Deluria e das Beldenlands Orientais. Sedas e lustrosos samitos da Pelagia esvoaçavam em delicados biombos colocados no convés e nos aposentos em forma de favo. As cordas grossas e as amplas velas azuis haviam sido feitas em Katah, com as matérias-primas de Khas-I-Quair.

O próprio barco fora feito nos estaleiros de Tarkus, sob a direção do mestre Syphrian. Os seus construtores tinham previsto todas as necessidades e desejos do principal habitante do barco, realizando-os das maneiras mais engenhosas. A bordo do barco, -não faltava nada para satisfazer os muitos e vorazes apetites de Nin.

O barco flutuava bem assentado na água. Qualquer onda pequena o embalava docemente, mas nem a pior das tempestades conseguiria virá-lo. E, se deslocava muito lentamente, como o seu

proprietário, que mal havia nisso? O tempo não significava nada para o imortal Nin.

O Imperador dos Imperadores estava deitado num leito com almofadas de seda, escutando a respiração regular do mar e balouçando com a mínima inclinação do convés. O seu corpo volumoso elevava-se e balançava perigosamente para um lado e para o outro, o movimento estava a enjoá-lo e a irritá-lo. A cada movimento do barco a sua cabeça enorme, de boi, rolava apaticamente. Os seus olhos fitavam o vazio num sofrimento crescente. Por um supremo esforço de vontade, Nin soergueu-se, apoiando-se num cotovelo, pegou num macete que se encontrava pendurado numa correia dourada que tinha perto da cabeça, fez um movimento de rotação para trás com o pulso e o macete bateu num gongo de bronze martelado. Enquanto as vibrações se repercutiam por todo o aposento, deixou-se cair outra vez nas almofadas, com um gemido, pondo a mão enorme na testa, num gesto de imenso sofrimento.

Dali a pouco, ouviu-se uma voz tímida, abafada pela posição prostrada do seu dono:

- Chamou-me, ó Poderoso? Que ordena que faça?

Com esforço, Nin virou a cabeça e fitou a forma patética do seu ministro:

- Uzla, meu cão! Porque demorou? Há horas que estou à sua espera. Vou mandar esfolá-lo vivo para saber o que é andar depressa. - Os grandes olhos fecharam-se sonolentemente.

- Permitti-me, Sua Onipotência, lamentar o meu atraso e a cegueira que me impediu de prever o seu chamado. No entanto, encontrava-me mesmo aqui, e estou pronto a obedecer às suas ordens.

- Porco arrogante! - trovejou Nin, voltando à vida. - Só por me ter dirigido a palavra assim devia mandá-lo limpar o convés com a sua língua podre.

- Às suas ordens, ó Generoso Mestre. Obedecerei. - Uzla fez menção de sair para ir começar a lamber o convés do navio-palácio.

- Sou eu que te digo quando deve ir e quando deve vir. Não te chamei aqui? Ouça.

- Sim, ó Imortal. - A voz de Uzla tremia devidamente.

- Os meus comandantes não mandaram nenhuma mensagem?

- Lamento informar Sua Alteza que não. Mas, como provavelmente deve saber, talvez venha alguma mensagem a caminho.

- Nin não espera que as mensagens cheguem! Nin sabe tudo! Louco!

- É a minha fraqueza, ó Grandiosidade. Me faríeis um grande favor se me mandasse arrancar a língua.

Nin apoiou-se novamente no cotovelo e ficou a oscilar, como uma montanha pronta a ruir ao mínimo toque.

- Chamo os seus carregadores, Supremo Conquistador? Eles o ajudam a levantar.

- Estou ficando cansado de esperar, Uzla. - Os olhos sonolentos semicerraram-se dissimuladamente. - Não quero ficar mais aqui.

- Deve querer estar em outro lado, ó Amo do Tempo e do Espaço. Comunico os seus desejos ao seu comandante?

- Já fui paciente demais com este país despovoado. A conquista está demorando muito. - Com a mão papuda coçou impacientemente o queixo lustroso. - Vamos subir a costa para norte e preparar-nos para entrar em Askelon, a minha nova cidade. Tenho dito. Ouça e obedece.

- Assim será, meu amo. Vou dizer ao comandante para içar imediatamente as velas.

- Sinto-me um ladrão vulgar - resmungou Wertwin, em voz baixa. - Preferia muito mais comandar o assalto montado ao acampamento.

- Já falamos nisso, senhor - explicou Theido pacientemente. - Para isso, Ronsard é melhor do que qualquer de nós. A sua experiência nas guerras com o Goliah podem ajudá-lo.

- Eu também estive nas guerras com o Goliah - lamentou-se Wertwin.

- Está bem, mas ainda antes do fim da noite e da nossa campanha daremos graças pela ousadia do Ronsard. Por mim, digo francamente que não me agradaria nada atacar o acampamento dos Ningaal.

- Humpft!! - resmungou Wertwin, arrastando-se para o posto que lhe fora atribuído, numa depressão cheia de arbustos, onde os seus homens, agora armados com arcos e flechas, estavam escondidos.

O exército do Rei Dragão tinha andado a treinar com as novas armas, recuperando habilidades um tanto enferrujadas. Naquele momento, estava pronto a experimentá-las em combate com os Ningaal e, com uma astúcia e um cuidado extremos, deslocara-se para muito perto do acampamento inimigo. Os arqueiros encontravam-se escondidos atrás das árvores e dos arbustos e no meio dos tojos e das giestas. Apesar dos resmungos que tinham acompanhado o anúncio da mudança de tática, havia no ar uma sensação de entusiasmo enquanto os homens se preparavam para a emboscada.

- Theido, os seus arqueiros já estão em posição? - murmurou Ronsard, inclinando-se na sela para melhor ser ouvido. Era muito tarde, para ocidente, a Lua já ia baixa no céu, só ligeiramente acima do horizonte. O rosto do cavaleiro brilhava tênue e as suas feições mal se distinguiam.

- Estão. - Por um breve instante, os dois homens olharam um para o outro. Theido estendeu a mão e apertou o braço do seu amigo. - Não corra riscos desnecessários. As coisas já são arriscadas que chegue.

- Não se preocupe. Desta vez, pelo menos, a surpresa está do nosso lado.

- Que o Deus Altíssimo vá com você, meu amigo.

Ronsard inclinou ligeiramente a cabeça:

- Acha que ele se importa com coisas como esta?

- Acho que sim. Porque pergunta?

- É que nunca orei a nenhum deus antes de uma batalha. Não considerava próprio invocar a ajuda dos poderes celestes em questões terrenas. Se o assunto é humano, deve ser resolvido pela mão do homem.

- O altíssimo preocupa-se com o bem-estar dos seus servos. Só a sua mão nos apóia em tudo o que fazemos.

Ronsard endireitou-se na sela, puxou as rédeas e fez o cavalo dar meia volta.

- Tenho muito que aprender sobre esse novo deus, Theido. Espero ter tempo para isso!

O cavaleiro regressou ao local onde o esperavam os seus homens, já montados e ansiosos por entrarem em ação. Ronsard olhou em volta, para ver se tudo estava a postos. A fim de poderem ter os movimentos mais livres e ágeis, ordenara aos seus cavaleiros que, das armaduras, envergassem apenas a cota de malha e a couraça. Além disso, cada um deles tinha uma espada e, nos antebraços, um pequeno escudo em forma de lágrima.

No fim da inspeção, Ronsard assentiu com a cabeça:

- Pela honra! Pela glória! Por Mensador!

Dizendo isto, deu meia volta e conduziu os seus homens para dentro da mata arborizada onde os Ningaal estavam acampados. Theido observou o amigo a desaparecer no bosque escuro e pareceu-lhe, que ele erguia a mão direita num gesto de saudação. Os quinze homens montados a cavalo, os melhores de Ronsard, deslizaram para a escuridão. Ao vê-los passar, Theido rezou por eles e, depois também ele assumiu a sua posição, de espada em riste.

Esperou. De repente, a noite ficou muito quieta. No entanto, não ouvia nada, exceto os suspiros do vento por entre as árvores e o piar de um noitibó que voava por entre as nuvens dispersas.

Por fim, ouviu um grito de espanto, logo interrompido. Passado um pouco, mais gritos e o frio retinir do aço no aço. Depois, os sons tornaram-se confusos: cavalos relinchando e homens soltando gritos de batalha. Dali a pouco, ouviu o som dos cascos dos cavalos no bosque, mas fazendo muito mais barulho do que quando tinham entrado.

- Lá vêm eles! - gritou Theido aos arqueiros, erguendo a espada acima da cabeça. Da escuridão surgiu um cavaleiro, que galopava inclinado na sela e que, em vez de parar ao chegar junto dos arqueiros escondidos, continuou descendo o vale pequeno.

- Preparem os arcos! - berrou Theido. Num abrir e fechar de olhos, ouviu-se o sussurro das pontas das flechas roçando nos arcos. Do bosque surgiram mais cavaleiros a galope e ouvia-se o inconfundível som da perseguição.

- Agüentem-se! - gritou Theido, quando o último cavaleiro passou que nem uma seta a um passo do local onde estava agachado à espera. Depois, mordeu o lábio: não vira Ronsard sair do bosque.

Continuaram à espera, com os arcos retesados. Subitamente Ronsard apareceu na abertura do bosque por onde entrara alguns momentos antes, parou e acenou com a espada. Os gritos dos seus perseguidores enchiam o bosque e ecoavam no pequeno vale. Theido via as tochas tremeluzindo por entre o bosque.

- Vá! Vá embora! - murmurou Theido.

Quando o primeiro Ningaal surgiu correndo atrás de si, Ronsard fez meia volta, galopou para a clareira e desceu o vale.

- Disparem! - gritou Theido. Nesse instante, a noite encheu-se de projéteis escuros.

A primeira fileira de soldados de Ningaal caiu para a frente e tombou para o chão sem um ai. Os seus camaradas surgiram logo

atrás e hesitaram, sem saberem o que acontecera aos da frente. Nesse momento de incerteza, a morte caiu sobre eles na forma de flechas que riscavam os ares em direção aos seus alvos. Gerou-se a confusão entre o inimigo, que recuou para o escuro do bosque, no meio de pragas e de gritos de terror. Quando mais forças vindas do acampamento se juntaram à primeira, pareceu a Theido ouvir os gritos roucos e autoritários do próprio chefe dos guerreiros.

Os Ningaal surgiram da floresta quase imediatamente, mas, desta vez, quase colados ao chão e com os escudos redondos erguidos à sua frente, o que os tomava alvos muito difíceis para os arqueiros de Theido.

- Preparem-se! - ordenou Theido. Os Ningaal deslocavam-se agora mais rapidamente.

- Disparem! - gritou Theido. Em resposta às suas palavras, ouviu-se o arranhar das pontas das flechas embatendo contra os escudos dos Ningaal. Algumas delas atingiram o alvo, e a noite foi rasgada por gritos e pragas.

- Retirar! - gritou Theido ao ver o chefe dos guerreiros galopar para a clareira, rodeado pela sua guarda pessoal. O cavaleiro e os arqueiros não ficaram à espera que ele se aproximasse para o saudarem. Em vez disso, deram um salto e correram aos gritos para o pequeno vale, tal como Ronsard e os seus cavaleiros tinham feito. Acreditando que tinham posto o exército do rei em fuga, os Ningaal soltaram um grito que atroou os ares e lançaram-se atrás dos arqueiros em fuga, pisando os corpos dos seus camaradas.

Theido guiou os seus homens pela encosta abaixo, entrou no vale, atravessou o pequeno regato que lá existia, subiu a um outeiro e desapareceu. Os triunfantes Ningaal, berrando a dar graças ao seu deus destruidor, lançaram-se em sua perseguição, sem quererem saber da escuridão que os rodeava. Sem pararem para refletir, precipitaram-se vale adentro.

Quando Theido e os seus homens desapareceram do outro lado do outeiro, já os primeiros Ningaal, berrando e praguejando, passavam o regato a vau. Outras centenas de companheiros saíram do bosque e seguiram-nos, para se juntarem no vale, onde foram momentaneamente detidos pelo obstáculo que o ribeiro constituía. Nesse momento, a morte voltou a silvar, riscando os céus, pois os arqueiros de Werwin, escondidos dos lados do estreito vale, atiraram as suas setas contra eles.

Os Ningaal guincharam de dor e de medo, como animais aterrorizados mortalmente feridos por assaltantes invisíveis. As flechas choviam sobre eles de todos os lados. Os Ningaal que saíam a correr do bosque caíam por cima dos seus camaradas e cortavam o caminho aos que tentavam fugir daquela emboscada mortal. E os que desciam o vale não voltavam a levantar-se. Dali a pouco, todos os que se haviam precipitado para o vale jaziam imóveis. Não vieram mais Ningaal do bosque. Ninguém se mexia.

- Vamos fugir enquanto podemos - sussurrou Theido. - Se não ficarmos aqui, a vitória será nossa. Mas eles vão voltar não demorará nada.

Sem falar, Ronsard fez um sinal, e os cavaleiros e os arqueiros começaram a desaparecer na noite, tão rápida e silenciosamente como as nuvens que passavam à frente da Lua.

As forças de Wertwín juntaram-se e todos saíram do campo de batalha, deixando-o entregue aos Ningaal mortos. Nessa noite, o comandante Gurd perdeu quinhentos homens e o Rei Dragão nem um único.

CAPÍTULO XXXVII

O céu lavado pela chuva parecia uma cúpula azul, alta e ilimitada. O ar estava fresco e cheirava a bálsamo, a pinheiro e a terra molhada. A erva ainda retinha algumas gotas de chuva, que cintilavam como diamantes à luz da manhã.

O grupo comera uma excelente refeição à mesa de Inchkeíth e, graças aos filhos do mestre armeiro, partira sem erguer uma mão, exceto para beber as taças cheias com a saborosa cidra aquecida de Camilla. Quentin, bem alimentado e descansado, esquecera as suas apreensões da noite anterior e convencera-se de que o seu braço estava melhor e que ia sarar completamente. Ainda assim, não percebia como queriam que empunhasse uma espada antes de os seus ossos soldarem. Por isso, o fato de esperarem que fosse o misterioso e lendário Rei Sacerdote parecia-lhe remoto, quase ridículo. A luz de um brilhante novo dia, sentiu-se envergonhado e embaraçado por haver tido a audácia de julgar que o seu papel era imperioso para o cumprimento da profecia.

Claro que fora uma presunção encorajada por Bíorkis, Durwin e, tanto quanto supunha, pelo próprio Toli. Mas ele permitira que o levassem a pensar que a profecia talvez o indicasse a si. Tudo aquilo era uma tolice, um disparate. Naquele momento, percebia-o bem. Assim o disse a si próprio e assim acreditou.

À primeira luz da manhã, os cavalos tinham matraqueado no pátio da Mansão Branca. Através da fenda aberta na parede da cumeeira, os dourados raios do Sol penetravam como lâminas na sombra violeta do desfiladeiro. Enquanto passavam pelo portão e

entravam no largo prado, com os cavalos galopando branda e alegremente, pareceu a Quentin que se deslocavam num trilho de luz, dourado, verde e cintilante. Tudo o que via, as árvores, as pedras, os picos das montanhas, parecia limpo, novo e vibrante de vida. Era como se o mundo tivesse sido criado de novo durante a noite e o velho houvesse sido deitado fora, como patética e pálida paródia do verdadeiro. Quentin imaginou estar vendo tudo pela primeira vez e que, no princípio dos tempos, o mundo tinha aquele aspecto. Ouvindo um som estranho atrás de si, virou-se e, à luz dourada, viu o rosto radiante de Durwin, que ria com a boca aberta e a cabeça atirada para trás. Depois, de repente, também ele estava rindo. Toli começou a cantar, dirigindo-os a todos numa canção a que chamava Pella Ofia Sear ou Canção da Estrela da Manhã.

Ao cantarem, as suas vozes subiram a superfície de rocha nua da parede da cumeeira e ecoaram num sussurro. Quando se aproximaram da fenda, notaram que a água do regato corria com um vigor renovado, saltando no seu leito rochoso e lançando para o ar uma chuva muito brilhante. o ribeiro, ao qual Inchkeith dera o nome de Corredor de Pedra, formava uma estrada de prata que corria a saudar o dia. Cavalgando por entre os abetos perfumados, seguiram o Corredor de Pedra durante muito tempo. Depois, com o Sol já mais alto, atravessaram-no e seguiram em direção ao árido sopé dos Fiskills.

- A que distância ficam as minas perdidas? - perguntou Quentin, depois de terem cavalgado algum tempo em silêncio.

Durwin, que seguia à frente, lançou-lhe um olhar por cima do ombro e soltou uma gargalhada:

- Se alguém o soubesse, meu amigo. não haveria necessidade de irmos lá, porque, por esta altura, já o lanthanil teria desaparecido todo.

- Sabe muito bem o que quero dizer, velho feiticeiro! - gritou-lhe Quentin.

- Pois é! Que impaciente! Julgo que antes de dez sóis se porem chegaremos à entrada das minas perdidas dos Ariga. Isto é, se as montanhas não se tiverem alterado muito desde que os mapas foram desenhados. De qualquer modo, não vai ser nada fácil encontrá-las.

- Temos o enigma - lembrou Quentin.

- É verdade, mas sabe tão bem como eu que os enigmas escondem tanto como revelam. Veremos quando chegar a hora. O altíssimo terá de nos mostrar tudo muito claramente.

Inchkeith, que estava ouvindo-os, virou-se para eles e disse:

- Sabe, Durwin, quando nos conhecemos, falou muito dessas suas minas perdidas. Fez imensas perguntas sobre o lanthanil - queria saber se eu já o vira ou o trabalhara. Lembra-se?

- Muito bem. Também me lembro da sua resposta, e você, se duvidar, não. Olhou para mim cheio de piedade e disse: "Acha que se eu alguma vez tivesse tocado no metal dos deuses ainda usaria a capa de um corcunda?"

- Reconheço que as minhas perguntas eram tolas, mas não se esqueça que tinha acabado de saber da existência do lanthanil e que não sabia nada das suas propriedades.

Inchkeith deu um sorriso estranho:

- Nós, os artesãos, temos as nossas lendas sobre o lanthanil, mas não sei o que há nelas de verdade.

- Já ouvi os anciões falarem do lanthanil uma ou outra vez disse Quentin. - Para os Ariga, valia mais do que ouro ou prata. Os artesãos que o trabalhavam eram tratados quase como sacerdotes. Mas nunca ouvi ninguém referir-se como uma cura.

- Kboen Navish - lembrou-lhe Toli. Quentin virou-se e viu que Toli se atrasara para se pôr a par com ele e que, naquele momento, ouvia a conversa com toda a atenção.

- É verdade, as Pedras Que Curam.

Durwin pôs um ar zombeteiro e perguntou:

- Não adivinha a resposta? - Quentin franziu pensativamente o sobrolho e, por fim, encolheu os ombros. - Pense um pouco - continuou o eremita. - Os Ariga não precisavam de curas para nenhuma doença. Viviam em perfeita saúde, nunca

caíam doentes e jamais se soube de qualquer caso de ferimentos. Se a história de Toli é verdadeira, eles deviam saber das propriedades curativas da pedra, mas não as mencionam como tal, e isto porque não precisavam delas para si próprios.

- Quanto ao fato de os artesãos serem sacerdotes... de certa maneira, eram. Os artesãos Ariga tinham jeito para todas as artes: digamos que eram poetas. Trabalhavam o metal, a madeira e a pedra como os nossos poetas trabalham as palavras. E, para os Ariga, era quase a mesma coisa. Digo "quase" porque os Ariga maravilhavam-se com o que era bem feito, pois até no mais pequeno dos utensílios viam o rosto do Altíssimo. Por isso, os artesãos eram sacerdotes porque permitiam que as pessoas vissem o seu deus nas coisas que as rodeavam. E respeitavam-nos muito.

Não falaram mais durante muito tempo. Enquanto cavalgava, Quentin pensou em Dekra, e percebeu que tinha saudades dos amigos que lá deixara. O que eles estariam fazendo? Também sentiriam falta dele? O que diria Yeseph se soubesse que o seu protegido andava em busca das minas perdidas dos Ariga? O que diria ele se soubesse que Quentin ia ter um papel importante quando chegasse o momento de forjarem a Zhaligkeer?

Eskevar encontrava-se sentado, de ombros caídos, na sua cadeira em forma de trono. A sua expressão doentia mostrava abertamente o seu desagrado. Os senhores de Mensandor, reunidos à sua frente, cerravam os punhos e carregavam determinadamente o sobrolho.

- E os outros, senhores? - perguntou Eskevar, sem tentar moderar a malícia que lhe perpassava a voz. - Eles tencionam ficar sentados

junto do campo de batalha, juntando-se ao lado que fizer a chacina do dia?

- Não sabemos o que os outros senhores tencionam fazer, Sua Majestade - retorquiu Benniot moderadamente. - Quanto a nós, viemos aqui pôr à sua disposição as nossas espadas e as dos nossos cavaleiros. Combateremos ao lado do Rei Dragão.

- Até à morte, se for necessário - acrescentou Rudd. - Por Azrael, o meu rei não combaterá sozinho enquanto eu tiver uma espada. Os meus homens são seus, Majestade.

- Os meus também! - exclamou outro nobre. Os restantes presentes também declararam a sua lealdade.

- Muito bem, senhores - disse, por fim, Eskevar, que, apesar de apreciar muito a decisão dos nobres que lhe eram leais, estava irritado com os que, passados dois dias de acaloradas discussões, e que eram um grupo considerável, chefiado por Ameronis e Lupollen permaneciam inabaláveis na sua decisão de não participarem naquilo que consideravam a guerra do rei.

- Vamos imediatamente reunir e armar as nossas tropas. Depois, marcharemos o mais cedo possível. - Enquanto falava, Fincher pousou a mão no punho da sua espada curta. - Será um prazer voltar a combater ao lado do Rei Dragão.

- Não será prazer nenhum, senhores! Que ninguém se iluda! replicou Eskevar lenta e cuidadosamente. - Parece-me que este será o teste definitivo ao nosso poder e à nossa força. Se falharmos, o mundo escurecerá e a liberdade morrerá.

- Então, deixe-nos ir depressa, Majestade. Regressaremos daqui a três dias - interpôs Rucid. - E marcharemos com vocês ao encontro de Theido, Ronsard e de Wertwin.

- Vão, vão imediatamente. E lembrem-se, senhores, não poupem nada. Se falharmos, não nos deixarão fortunas que valha a pena reclamar. Falarei novamente com os outros, para ver se as minhas palavras ainda podem levá-los a mudar a sua decisão. Temo bem

que, ainda antes de esta guerra acabar, vamos precisar de todos os braços fortes. - Agora, vão. Esperarei aqui pelos senhores, pronto para marchar imediatamente.

Ouviu-se um roçar de vestuários brocados quando os nobres fizeram uma vênia em simultâneo e saíram, cada um para, juntamente com o seu séquito, ir até às suas terras preparar-se para a guerra.

Depois de partirem, Eskevar chamou Oswald e disse:

- Vá procurar o armeiro. Quero falar com ele.

Oswald hesitou e franziu as sobrancelhas, fazendo com que as suas velhas feições se enrugassem numa teia de sulcos e de linhas profundas.

- Não me olhes assim! Já te disse para ir imediatamente procurar o armeiro!

Sem responder, o mordomo-mor fez uma vênia e saiu. Dali a pouco, bateram à porta dos aposentos do rei. Oswald entrou, seguido por um homem trigueiro, com músculos que se avolumavam e tremiam de cada vez que ele se mexia.

- Tilbert, Majestade. - Oswald apresentou-o e saiu sem olhar para o rei.

- Tilbert - disse Eskevar. O homem assentiu com a cabeça e permaneceu em sentido, com o rosto sério e alerta. - Prepare a minha armadura e as minhas armas. Vou precisar delas daqui a três dias. E prepara-se a você e aos instrumentos que achar melhor, porque vai precisar deles.

Nesse momento, a porta abriu-se e a rainha Alinea entrou. Tilbert fez-lhe uma vênia.

- Senhor - cumprimentou a rainha, com uma vênia. Parecia ligeiramente sem ar. - Porque este homem está aqui? - Indicou Tilberri que fez um ar confuso.

- Estou falando com ele.

- E não é difícil adivinhar sobre o quê. Meu marido, não deve estar pensando em ir para a guerra!

O rei mexeu-se e despediu Tilbert, fazendo um gesto rápido com a mão. O armeiro curvou-se pela cintura e fez menção de sair.

- Espere! - ordenou a rainha, virando-se novamente para o rei e fitando-o com os olhos em fogo. - Como o Durwin não está aqui, pensa que pode fazer o que quiser, não é? Ainda está muito fraco, Eskevar! Pense na sua saúde!

- Agora, pode ir, Tilbert - disse Eskevar. O homem saiu silenciosamente do aposento. Alinea foi até à cadeira do rei e caiu de joelhos ao lado de Eskevar, apertando a mão direita dele nas suas.

- Imploro-te, meu rei. Não vá! Será a sua morte!

Eskevar lançou-lhe um olhar furioso; sentia-se ofendido.

- O patife do Oswald foi lhe dizer.

- Que interessa isso? Meu querido, estiveste doente e ainda não recuperou totalmente as forças. Pelo menos, espere até se sentir mais forte.

Eskevar pousou-lhe a mão na linda cabeça e passou-lhe os dedos pelo cabelo.

- Senhora, Oxalá eu pudesse ficar! Mas não posso, assim como não posso esperar nem mais um dia depois de ter reunido o exército.

- Mas porquê? Deixe os seus senhores servirem-te. Theido e Ronsard lhe diriam o mesmo se estivessem aqui. Eles já estão no campo de batalha; deixe-os assumirem o comando. - A voz da rainha tremia, pois ela estava à beira das lágrimas.

- Não pode ser - retorquiu ele docemente. - A maior parte do Conselho ainda se opõe ao meu chamamento às armas. Não estão convencidos de que há razões suficientes para irem para a guerra e supõem que isto não passa de um capricho e de um delírio do seu monarca. Não percebe? Eles julgam que eu estou doente e perturbado. Pensam que eu quero lutar contra meras sombras. Por isso, tenho de sair à cabeça do meu exército para convencê-los de

que estou de perfeito juízo e em condições de comandar. Talvez nesse momento se juntem a nós. Espero que sim, ou será tarde demais.

- Mas não há outra maneira? - As lágrimas corriam livremente pelas faces de Alinea, caindo em manchas escuras no seu vestido azul.

- Tenho de ir. É a nossa única esperança - respondeu suavemente o Rei Dragão.

- Meu Deus! - chorou Alinea. - É um dia maldito aquele que te tira assim de mim.

- É verdade, minha rainha. Bem verdade.

CAPÍTULO XXXVIII

Mal o Sol deslizava para trás do horizonte celeste, a ocidente, via-se a Estrela do Lobo cintilando com a sua luz fria e brilhante. Era a primeira a ver-se e a última a desaparecer. Mesmo que não tivessem reparado nela antes, os habitantes de Mensandor fitavam-na agora com olhares circunspetos. Os arautos da destruição iam de cidade em cidade, espalhando rumores de morte e devastação e fazendo profecias sobre o fim do mundo. Os fracos de espírito acreditavam nestes boatos e refugiavam-se nos templos, abrigando-se em solo sagrado, onde os deuses os protegeriam.

Os cidadãos mais intrépidos não arredavam pé e ficavam à espera, observando tudo. Mas todos escutavam o vento e faziam pausas nas suas tarefas diárias, erguendo os olhos para o horizonte distante, como se esperassem a qualquer momento a aproximação de algo que não se atreviam a dizer em voz alta.

Tendo enfraquecido o exército do comandante Gurd, Theido e Ronsard tinham virado a sua atenção para o exército de Luhak, que avançava rapidamente para norte. Um dia em que o inimigo viajara dez léguas praticamente sem descansar e acampara já muito tarde, as forças, o rei tinham voltado a fazer o seu ataque-surpresa da meia-noite. Mais uma vez, haviam apanhado o inimigo desprevenido, matando muitos homens.

Na tentativa seguinte, no entanto, um sinal mais confuso quase derrotara o exército do Rei Dragão. As tropas do comandante Luhak esperavam numa ravina arborizada e os cavaleiros de Ronsard tinham ido ao seu encontro. Mas antes de Ronsard se ter retirado, os

arqueiros haviam atacado, matando muitos homens bons. Os homens do rei tinham retirado do campo de batalha, deixando os Ningaal

exultantes.

Quanto a Quentin e ao seu grupo, subiam os quatro os sopés desertos das recortadas montanhas, escalando-as até às suas desoladas alturas. Apesar de terem animais seguros e de disporem do conhecimento de Durwin dos lugares por onde se passava melhor, a caminhada estava sendo lenta e difícil. De uma vez, haviam-se perdido e passado três árduos dias atravessando e voltando a atravessar o mesmo trilho, até que tinham desistido, acampando no mesmo lugar onde haviam acampado três noites atrás. Um dos animais de carga perdera uma ferradura ao passar sobre as rochas e tivera de ser solto. Para não sobrecarregarem os outros animais, haviam abandonado muitas provisões.

As sombras da escuridão adensavam-se sobre a terra. Mensandor parecia um país oscilando à beira do precipício. De dia, as estradas enchiam-se de viajantes correndo daqui para ali, na tentativa de encontrarem abrigo. Os pátios dos templos estavam juncados de camponeses em busca de refúgio. O caminho que levava ao Grande Templo, acima de Narramoor, transformara-se numa cidade de tendas, que o ocupava completamente, desde a base até à parte de cima do planalto.

Ao longo do caminho estreito, as pessoas acotovelavam-se nas suas tendas, esperando o que lhes tinham dito que ia chegar, o deus destruidor, que saciaria a sede com o seu sangue. E, à noite, os habitantes de Mensandor viam a estrela ficar mais brilhante e tremiam de medo da iminente destruição assim proclamada.

Apesar dos esforços de Theido e de Ronsard, que, corajosa e valentemente continuavam a dar luta ao inimigo, os Ningaal iam seguindo sempre para norte, aproximando-se de Askelon. Os cavaleiros do rei estavam nitidamente em desvantagem e não

tardara muito que o inimigo passasse a ter cuidado com os truques dos engenhosos defensores. O resultado disto, era cada vez mais difícil fazer os Ningaal caírem em armadilhas ou emboscadas.

Continuando firmemente a abrir caminho, o inimigo acabara por conseguir o que o exército do Rei Dragão mais temia, os quatro comandantes haviam reunido as suas forças. Os soldados de Boghaz e de Amut tinham-se juntado ao que ainda restava das tropas de Gurd e ao regimento, quase intacto, de Luhak, à entrada da floresta de Pelgrin.

Não havia memória de invasores que tivessem chegado tão longe. Nunca nenhum inimigo desafiara os cavaleiros do Rei Dragão como os Ningaal, cujas forças combinadas humilhavam os decididos defensores do reino.

Seguindo a inspirada estratégia de Myrmior, o exército do Rei Dragão refugiara-se na floresta para empreender uma guerra de emboscadas e retiradas por entre caminhos que conhecia tão bem. Isto aumentara a raiva do inimigo, e esta raiva levava-o a cometer erros e a perder homens. Apesar de tudo, a caminhada para Askelon continuava lentamente e com segurança e uma precisão mecânica. Parecia que nada poderia parar o astuto invasor.

- Não podemos continuar assim - disse Theido com um ar fatigado. Estava no fim de outro longo dia de correrias por entre os carvalhos de Pelgrin. Os cavaleiros achavam-se sentados na tenda de Ronsard, com o rosto cor de cinza devido à bruxuleante luz das tochas. Apesar de termos menos baixas do que esperávamos, graças a Myrmior, estamos cedendo muito terreno. Julgo que é hora de mandar dizer ao rei que se prepare para o cerco. Embora eu esperasse que não chegássemos a isto, creio que é melhor que no castelo estejam a postos para o nosso regresso.

- Se tivéssemos mais homens, parece-me que, com o tempo, conseguiríamos derrotar os Ningaal - observou Ronsard. - Não podíamos mandar o Wertwin suplicar aos outros senhores que

pegassem em armas? Ou é agora ou nunca. O fato é que já não podem deixar de reconhecer que o perigo é real.

- Concordo com você, senhor, mas não tenho esperança de que alguém consiga persuadir esses chacais a juntarem-se a nós. Já tiveram muitas oportunidades e nunca o fizeram. E agora estamos apenas a dez léguas de Askelon!

- Mesmo assim, deixe-me ir falar com o Ameronis e com os outros - pediu Wertwin. - Eles não são covardes e, quando perceberem a nossa necessidade, se mostrarão razoáveis. Eu os trago até nós.

- Então, vá, senhor. Faça o que puder. Mas vá depressa. Não temos muito tempo a perder. Recuamos um pouco a cada dia que passa.

O nobre levantou-se e, embora estivesse muito cansado e até cambaleasse, disse:

- Partirei esta noite com apenas dois homens. Os outros ficarão sob o comando do Ronsard. - Com uma vênha rápida, saiu. Os outros voltaram uma vez mais ao seu exercício noturno, conduzido por Myrmior, que escutava atentamente a narrativa do ataque do dia, concentrando-se depois na criação de uma nova estratégia para o dia seguinte. Myrmior parecia ter um sexto sentido, que o ajudava a prever as movimentações do inimigo, e uma grande habilidade para imaginar manobras de diversão e de surpresa, que permitiam aos homens do rei assustar e atormentar os Ningaal.

- Pelo que me contou, vejo que os Ningaal cerraram as suas fileiras e marcham agora com os seus mais intrépidos guerreiros à cabeça - observou Myrmior, contemplando o mapa que tinha à frente. Isso é bom; significa que os nossos ataques começam a preocupá-los. Mas também quer dizer que, daqui para a frente, será muito mais difícil encurralá-los e impossível fazer-lhes qualquer emboscada.

- Como se já não fosse difícil - comentou Ronsard. - Creio que o tempo de desafiarmos a força do inimigo chegou ao fim. E, no entanto, não nos atrevemos a enfrentá-lo cara a cara. Se ao menos soubéssemos que em breve teríamos mais tropas...

- Não sei o que havemos de fazer - replicou Theido. - Mas tem razão. Não podemos carregar contra eles nem enfrentá-los como estamos acostumados a fazer. Por enquanto, submeto-me aos conselhos do Myrmior.

- É muita honra, senhores. Não tenho segredos e digo-vos livremente o que sei, para que percebam como a nossa posição é perigosa. A situação é muito grave, meus amigos. Não estou vendo nenhuma fraqueza que possamos explorar. Desta vez, eles precaveram-se contra todas as nossas artimanhas.

Myrmior tornou olhando para o mapa, com a cabeça inclinada para baixo e os olhos vermelhos das noites sem dormir, estudando e ponderando as movimentações do inimigo, que lhe eram relatadas pelos companheiros.

- A que distância estamos do rio? - perguntou, apontando o mapa com um dedo.

- Deixe ver - retorquiu Theido. - Isso é um afluente do Arvin e fica duas ou três léguas a oeste. Não é tão grande como parece no mapa, garanto-lhe.

- Mesmo assim, descobri um plano que talvez nos faça ganhar mais algum tempo. - Myrmior sorriu triunfantemente. - Um plano muito sutil.

CAPÍTULO XXXIX

O vento frio que soprava por entre as afiadas saliências rochosas chicoteava o rosto de Quentin, já ensurdecido pelos uivos que produzia ao passar pelos picos nus e ao descer, silvando, para lugares infinitos e desérticos. Quentin, com a capa virada para cima, de modo a tapar as orelhas, só desejava ter levado roupa mais quente. Embora só tivessem passado quatro dias desde que tinham atingido a parte mais alta dos Fiskifls, parecia-lhe que havia séculos não sentia o calor do sol nem via o verde das colinas estivais. Via sempre o mesmo para onde quer que voltasse o olhar: uma imensidão de picos cinzentos e brancos nitidamente recortados no céu azul-claro.

Os dias eram muito semelhantes uns aos outros: frios e sempre ventosos. À noite, acampavam sob o céu estrelado, em rebordos, fendas ou fissuras abrigadas do vento, mas as rochas eram frias e duras. De manhã, acordavam com a luz penetrante e branca de um sol que não aquecia o dia, exceto quando, por acaso, descobriam algum local abrigado do vento, onde podiam parar e comer alguma coisa antes de prosseguirem viagem. Nesses momentos, Quentin sentia-se invadido por um pouco de calor, que, como as chamas bruxuleantes de uma fogueira, lhe provocava formigueiros na pele.

Mas as pausas eram raras e nunca duravam o suficiente, pois Durwin, cada vez mais silencioso e obstinado, impunha um ritmo impiedoso ao longo do caminho feito de rochas escarpadas. Os viajantes, ao princípio cheios de vontade e de boa disposição, arrastavam-se agora lugubrememente, cada um perdido nos seus

próprios pensamentos, com o rosto tão cinzento e desanimado como a rocha nua que os rodeava.

Os pensamentos de Quentin voltavam-se para Theido e Ronsard e para as batalhas que imaginava estivessem a travar lá longe. Desejava encontrar-se a seu lado, em vez de andar a chafurdar ali, perdido num mundo rochoso, de luz branca e penetrantes céus azuis, freqüentemente toldados por farrapos de nuvens cinzentas, que se rasgavam nos picos e deixavam cair uns chuviscos gelados, que apagavam qualquer centelha de esperança de verem o fim de uma jornada aparentemente interminável.

À noite, ficava acordado a observar a medonha estrela lançando os seus terríveis raios através do ar rarefeito das alturas. A sua luz já iluminava todo aquele quadrante e com exceção da própria Lua, era o objeto mais brilhante do céu.

Quentin começava mesmo a acreditar que a estrela ia crescer cada vez mais, consumindo o céu e a Terra, e que acabaria por tocar no mundo, provocando a conflagração que iria preparar a Terra para a nova idade. Estes e outros pensamentos davam a Quentin uma sensação de desespero como nunca tivera. E, à medida que a busca entre as rochas prosseguia dia após dia, começava pensando que a destruição acabaria por chegar e que já era muito tarde para evitar o inevitável.

Uma manhã, Quentin foi sacudido dos seus sinistros devaneios por Toli, que se adiantara para verificar o caminho, que ameaçava ficar mais estreito e fazer com que os cavalos escorregassem.

Ouvindo um grito, levantou a cabeça e viu Toli, que, corado de excitação e do cansaço da corrida, voava por cima das pedras do caminho.

- Lindo! - berrou Toli, quando chegou ao alcance dos seus ouvidos. - Venham ver! Um vale... - Parou para recuperar o fôlego. - É maravilhoso! Venham!

O rosto de Durwin iluminou-se instantaneamente:

- É? Creio que, por fim, encontramos o que procurávamos!

E Durwin começou a subir o caminho atrás de Toli, que saltitava, ligeiro como uma cabra das montanhas, por cima das lascas de pedra lisa, apontando e acenando freneticamente.

Quentin virou-se e fitou Inchkeith.

- Bem, parece-me que uma paisagem mais suave seria bem-vinda para estes olhos em fogo... - disse o curvado armeiro - mesmo que não seja o fim da nossa viagem.

- Então, contemplemos a paisagem! - respondeu Quentin em tom sarcástico. - Quero ver o que arrancou tantos louvores ao sempre calado Toli.

Ignorando o comentário de Quentin, Inchkeith virou-se e lançou-se por cima das pedras, em perseguição de Toli, que, naquele momento, desaparecia do outro lado do cume. Quentin ficou maravilhado com a força e a agilidade do deformado armeiro, que, apesar do corpo defeituoso e do andar saltitante, conseguiu agüentar-se mesmo nas passagens mais difíceis.

Sombriamente. Quentin começou a subir com dificuldade o íngreme caminho, que não era mais do que uma estreita fenda aberta na rocha por um riacho que transportava a neve derretida da Primavera. Quando se aproximou do alto, já não viu nenhum dos outros. Depois de chegar, ainda deu uns passos pela encosta oposta abaixo antes de se lembrar de levantar os olhos. O panorama que tinha perante si estarreceu-o tanto que teve de se sentar.

Através de um vasto e ilimitado precipício de névoa prateada, viu uma depressão enorme, orlada a toda a volta por picos cheios de neve, semelhantes a dentes brancos. E a depressão, com bordos que encurvavam suavemente, tinha uma vegetação cintilante, macia e musgosa, da cor das esmeraldas ao serem batidas pela luz do Sol. Escavando o meio do lindo vale, corria um rio que ondulava graciosamente, brilhando como prata derretida, e que enchia uma bacia, formando um lago do feitio da ponta de uma lança. O lago, de

um azul profundo e cristalino, refletia os picos cobertos de branco que orlavam o insondável céu azul.

Mas Quentin só assimilou tudo isto um pouco depois. No seu primeiro olhar de êxtase, só viu o temível esplendor das imensas quedas de água, espumantes e magníficas, que alimentavam o rio e formavam o lago.

- São as cataratas de Shermydd Vellyn - diria Durwin mais tarde - As cataratas do Espelho do Senhor do Céu. O lago é o espelho, claro, e Senhor do Céu é outro nome que os Ariga davam a...

- Whist Orren, já sei - replicaria Quentin, num tom de voz maravilhado - já ouvi falar em Shermydd Vellyn. -Mas nunca pensei...

- Pois, é difícil acreditar que uma beleza assim ainda exista no mundo dos homens - interviria Toli em voz baixa, como se tivesse medo de quebrar o encanto.

- Ainda é mais difícil acreditar que do outro lado destas montanhas abandonadas há homens lutando e morrendo - observaria Inchkeith. Dos três, seria o que parecia menos afetado pela paisagem.

Mas tudo isto viria depois. Naquele momento, Quentin sentia-se subjugado pela mais espetacular paisagem de beleza natural que alguma vez lhe fora dado contemplar. A água das cataratas saía de alguma nascente escondida na vertente da montanha e mergulhava no lago depois de percorrer três grandes ressaltos. Era esta a origem da névoa prateada que flutuava como gaze, emprestando ao ar rarefeito o seu brilho cintilante, como se houvesse um arco-íris sempre ao alcance

da mão.

Contemplando tudo isto, Quentin acreditou que os Ariga tinham outrora sentado onde ele estava naquele momento e haviam observado o mesmo que ele. Nesse instante, pareceu-lhe que a imensa barreira do tempo que o separava da feliz época em que os

Ariga tinham caminhado sobre a terra, fora empurrada para o lado. Inexplicavelmente, aquietou-se no seu peito a constante ânsia que sentia nem que fosse por um só vislumbre, desse tempo desaparecido. Por fim, ali estava, intacto, o que restava de outrora.

Quentin desatou então a correr pelo íngreme declive abaixo, em direção ao lago cristalino, rindo e gritando de alegria.

Alinea despediu-se chorando de Eskevar, que partia ao encontro dos exércitos reunidos dos seus nobres. Por muito que quisesse mostrar-lhe uma expressão corajosa, o certo é que não conseguiu. Em toda a sua vida de rainha, nunca se despedira dele com lágrimas nos olhos, independentemente do que pudesse ter chorado de medo e solidão depois dele partir, não queria que ele levasse consigo uma última recordação de uma mulher chorosa.

Mas, desta vez, não conseguiu reprimir os seus sentimentos. As lágrimas brotaram-lhe do coração e correram-lhe pelas faces brancas, cintilando à luz da manhã.

Eskevar, habituado ao rosto intrépido que a mulher sempre mantivera, pareceu confundido com o que considerava ser uma súbita mudança.

- Senhora, não fique triste. Voltarei logo que puder. Isto não é nada que nunca tenhamos vivido antes, meu amor.

- Temo que seja, senhor. - Com um pedaço de renda, enxugou os cantos dos olhos cor de esmeralda. O rei tirou-lhe o lençinho e enfiou-o dentro da couraça.

- Guardarei isto junto do coração, para não me esquecer das lágrimas que derramará durante a minha ausência. Assim, não me esquecerei de me apressar para enxugar os seus olhos o mais cedo possível. Erguendo a mão enluvada, afagou-lhe o cabelo castanho-alourado e fitou-a intensamente nos olhos. - É a última vez, Alinea. Prometo que nunca mais te deixarei.

Ela contemplou-o, de pé, no pátio interior do castelo, mesmo em frente da porta de guerra, e pareceu-lhe que os anos não tinham passado e que, através das lágrimas, voltava a ver o jovem Rei Dragão fitando-a de olhos brilhantes e em fogo, ansioso por partir em defesa do reino.

- Vai, senhor. Mas não diga que é a última vez, pois sei bem que tem sempre de estar onde a maldade ameaça o seu reino. Vá e não tenha pena de me deixar. Prometa-me só que regressará depressa, mal tenha conseguido restaurar a paz na terra.

Quando acabou de falar, Alinea lançou-lhe os braços em volta do pescoço e beijou-o. Ele cingiu-a a si, apertando a sua carne macia contra a armadura de aço.

- Adeus minha rainha.

Ela virou-se e atravessou correndo a pequena porta abobadada aberta na parede. Eskevar ficou a vê-la desaparecer e, depois, voltou-se para a sentinela, que, de olhos desviados, segurava as rédeas da sua montaria. O rei subiu os três degraus de pedra e içou-se para a sela. A sentinela correu para o portão de ferro e empurrou-o. Do outro lado, estavam à espera o armeiro e os escudeiros do rei.

Sem proferir uma só palavra, o rei conduziu-os através da casa das sentinelas, passou por cima da prancha e começou a descer a comprida ladeira serpenteante e murada que constituía a entrada das traseiras de Askelon. Depois, atravessaram o fosso seco e seguiram pela planície ao encontro dos senhores de Mensandor e dos seus exércitos reunidos, que esperavam pelo rei no meio de esvoaçantes estandartes e do brilho do aço.

- Vem além o Rei Dragão! - gritou Rudd, que perscrutava a planície com os olhos semicerrados por causa do sol. - Toquem a trombeta!

O cornetim chegou a trombeta de batalha aos lábios e lançou para o ar um toque longo e límpido. Imediatamente se ergueu um grito:

- O rei Dragão! Vem aí! O rei Dragão cavalga conosco! - Os cavaleiros reunidos na planície martelaram com as espadas nos escudos, numa saudação barulhenta, e gritaram de alegria.

- É bom que ele venha - disse Benniot, inclinando-se ao ouvido de Rudd. - Os rumores de que estava morrendo quase tiraram a vontade de lutar dos meus homens.

- E dos meus - acrescentou Fincher. - Mas, agora, podem ver com os seus próprios olhos que ele não se esconde no alto da sua torre nem jaz na cama. Pelos deuses, como é bom voltar a vê-lo montado num cavalo!

Os três nobres observaram o seu rei, que atravessava a planície a galope, na sua direção. Atrás dele, os escudeiros transportavam um esvoaçante estandarte com a inconfundível divisa do rei: o terrível e serpenteante dragão vermelho. Na parte de cima do elmo trazia uma coroa de ouro, que brilhava ao sol como uma fita de luz à volta da sua cabeça.

Eskevar cavalgou para o meio do seu exército, por entre as aclamações dos cavaleiros e dos soldados. A sua recepção foi tão ruidosa que levou algum tempo para acalmá-los para conseguir fazer-se ouvir. Mas, por fim, o exército, constituído por mais de dois mil homens, ficou silencioso e aguardou ansiosamente as suas palavras.

- Leais súditos, homens de Mensandor! - Mais aclamações. Vamos marchar hoje ao encontro de um inimigo forte e mortal, as mensagens dos que já o estão combatendo indicam que ele chegou aos limites da floresta de Pelgrin, apenas dez léguas a leste daqui. - A multidão foi perpassada por uma onda de murmúrios de surpresa e incredulidade. - O inimigo deixou atrás de si um rasto de destruição, devastou as nossas cidades e as nossas aldeias e matou os inocentes. Ouviram-se gritos de cólera e de vingança.

Eskevar passeou o olhar pelos rostos voltados para cima dos soldados reunidos à sua frente.

-Muitos deles estavam ajoelhados, apertando o punho da espada com a mão direita.

Então, desembainhou a espada e ergueu-a bem alto:

- Por Mensandor! - gritou em voz forte.

- Por Mensandor! - responderam muitas vozes ao mesmo tempo.

- Pela honra! Pela glória! - berrou o Rei Dragão.

- Pelo rei e pelo reino! - responderam os soldados.

Com a espada apontada para leste, Eskevar esporeou o cavalo por entre os exércitos reunidos. À sua frente abriu-se um caminho, ladeado por espadas e lanças erguidas e cercado com escudos e esvoaçantes estandartes coloridos. O rei Dragão passou por entre esta exibição de armamento, no meio das aclamações dos soldados. O caminho fechou-se atrás dele e os cavaleiros e os soldados de infantaria pegaram as armas e seguiram o seu rei para a batalha.

CAPÍTULO XL

- Só por isto, os trabalhos que passamos valeram bem a pena disse Quentin alegremente, sentado num local cheio de erva e agitando os pés descalços na água fria e límpida de Shennyeld Vellyn. - Não há recompensa como esta. - Sentia que o cansaço da dura jornada e a fadiga dos dias aparentemente infundáveis passados na sela e, ultimamente, a pé, conduzindo os cavalos, iam desaparecendo, levados por aquelas águas calmantes. Sentia-se reviver.

- É verdade! Mas, embora me pareça que, por fim, estamos num lugar onde podemos começar a procurar as minas, o certo é que ainda não as encontramos. - O eremita achava-se mais uma vez debruçado nos mapas e apontamentos, procurando a chave ou qualquer sinal que o iluminasse e o pusesse no caminho da descoberta das minas.

Toli, alegre e transbordante de animação, quase inebriado pela beleza que o rodeava, aproximou-se deles a passos largos:

- Soltei os cavalos para pastarem à vontade. Veja como correm! Na verdade, os cavalos cabriolavam como potros no ar balsâmico da grande depressão do vale. Galopavam, saltavam e empinavam-se por cima da erva macia e espessa, verde como os primeiros e delicados rebentos da Primavera.

- Vamos ter um trabalhão para tentar apanhá-los outra vez - resmungou Inchkeith. Quentin e Toli entreolharam-se. Inchkeith resmungava sombriamente desde que tinham descoberto o vale encantado. O seu mau humor fora piorando na proporção da boa

disposição dos outros, cuja alegria parecia ter asas. Naquele momento, estava bastante azedo.

- Não se preocupe com isso, mestre Inchkeith. Logo que Toli assobiar, virão correndo. Ele tem poder sobre eles. - Inchkeith desviou o olhar e não disse nada.

- Agora, ouçam outra vez o enigma - disse Durwin. - E pensem! Em cima de dentes, por baixo de patas, vai com cuidado.

Onde as montanhas dormem, mantém-te vigilante e verás melhor o caminho.

Quando ouvir risos entre as nuvens, uma cortina de vidro verás. Não cuides de nada, ou nunca passarás.

A cortina e o trovão dividirás e o caminho estreito procurarás; O dia pela noite darás e a luz reterás.

E assim o dia ganharás.

Durwin olhou-os um a um, pestanejando sem perceber.

- Bem - suspirou, exasperado. - Tal como eu pensava. Agora não é assim tão simples, não? Agora que chegou o momento de resolvermos o mistério...

- Quanto a mim, é tempo perdido! - cortou Inchkeith abruptamente. - É uma loucura andarmos por estes rochedos desolados em busca de um sonho. Olhem para nós, balbuciando como crianças sobre enigmas e disparates tais. Ali em baixo... - abriu o braço num gesto de cólera e frustração - ali em baixo há homens morrendo. O sangue de homens bons é derramado e encharca o chão, enquanto nós brincamos de adivinhar entre as nuvens!

Quentin escutava de testa franzida e olhos semicerrados de certa forma chocado pela denúncia que o armeiro fazia da sua missão.

Durwin falou por fim, quebrando o silêncio que se fizera depois da rancorosa explosão de Inchkeith.

- Será que os serviríamos melhor se pegássemos nas espadas e nos lançássemos na luta? Acha que as nossas espadas são assim tão

importantes?

- E é importante resolver enigmas e quebrar os ossos nestas malditas montanhas? Para quê?

- Pensava que estava conosco, Inchkeith - interveio Quentin. - Pensei que acreditava, como nós, na importância da nossa jornada. Você acreditava! Tenho certeza que sim!

- Talvez tenha acreditado. Mas tive tempo para pensar. Foi um erro ter vindo. O meu lugar não é aqui. Eu devia voltar para a forja e a bigorna. Está sendo travada uma guerra, pelos deuses!

Então Durwin, falando docemente, como se dirigisse a uma criança, disse uma frase surpreendente:

- Não tenha medo, Inchkeith. Aos outros foi destinado combater... e morrer. Mas o nosso destino é procurar a espada e levá-la ao rei. E ainda que haja só uma chance remota da espada ser Zhaligkeer, creio que não temos melhor maneira de despendermos os nossos esforços do que procurá-la, independentemente do mundo inteiro se afogar em sangue. Não tenha medo.

Estas palavras penetraram profundamente no coração de Quentin. Sim, era isso. Inchkeith tinha medo de fracassar, de nunca encontrar as minas perdidas. E talvez tivesse ainda mais medo de conseguir e de forjar a lendária espada... medo de acreditar que a profecia podia ser cumprida. Era melhor não saber. No fundo do coração, Quentin também se sentia assim.

Ao princípio, empolgado pela perspectiva de grandes feitos e pela promessa de glória, Quentin, cada vez mais relutante, acabara por considerar que a sua missão era pouco meritória no que lhe dizia respeito. Sonhar com a possibilidade de ser o desejado Rei Sacerdote era uma coisa, mas era outra bem diferente partir em busca dos meios que transformassem o sonho em realidade.

A aura de fantasia mística evaporara-se no caminho, levada pelo vento uivante e pelas noites passadas sem dormir, em cima das rochas frias e nuas, sob o brilho colérico de estrelas distantes e pouco

amigáveis. E verdade era que ia ficando com mais medo à medida que se aproximava a realização dessa promessa.

Não tenha medo.

Embora estas palavras tivessem sido dirigidas a Inchkeith, provocavam em Quentin um estranho redemoinho de emoções. Teve vontade de gritar para Durwin: Porque não hei de ter medo? Tenho boas razões para isso. Nunca pedi para ser esse novo rei, sobre cujos ombros pesa a responsabilidade da paz no mundo. Nunca o quis.

Mas Quentin não disse nada. Virando o rosto, contemplou a água cintilante do Espelho do Senhor do Céu. Nessa noite, acamparam ao lado do lago. A leste, os picos cobertos de branco lançavam uma luz rósea sobre a depressão verde, agora imersa em sombras azuis muito escuras. A Estrela do Lobo, que brilhava com ferocidade no céu, refletia-se nas profundezas cristalinas de Shermydd Vellyn.

Quentin achava-se sentado sozinho, silencioso e pensativo. Só se mexia quando os passos leves de Durwin, assinalavam a presença do eremita.

- Pronto! - disse Durwin, e a sua voz pareceu ressoar na água. - Por fim, chegou. Quentin lançou-lhe um olhar de interrogação. Pegando na túnica, Durwin acorrou-se ao seu lado.

- Chegou ao local escuro e estreito por onde devem passar todos os servos do Altíssimo.

Quentin deu um piparote num seixo, que caiu no lago:

- Não sei onde cheguei.

- É claro que sabe! E é isso que o preocupa. É um bichinho que te rói desde que partimos de Askelon. Estava preocupando-o na noite que passamos na casa do Inchkeith. Percebi claramente naquele momento. Até falei nisso, mas você fugiu da minha pergunta.

- Não é possível estarmos todos enganados quanto à profecia? Na minha opinião, não sou eu o escolhido. Se fosse, não o saberia?

- Talvez estejamos enganados. É possível que tenhamos lido mal os sinais. Mas não interessa muito se é ou não o escolhido.

Quentin inclinou a cabeça abruptamente; não estava esperando que o eremita dissesse aquilo.

- Não - continuou Durwin. - O que interessa é saber se, apesar da sua descrença, Está disposto a seguir o Altíssimo.

- Não... não sei o que quer dizer.

- Claro que sabe. De uma forma ou de outra, passou a sua vida a servir os deuses. Aprendeu depressa a esperar dos deuses antigos apenas aquilo que eles são capazes de dar, um ou dois sinais insignificantes, um pequeno favor que se pede vagamente. Depois, conheceu Whist Orren, o Deus Altíssimo, o Deus único e Verdadeiro. Serviu-o lealmente durante muitos anos e aprendeu muito sobre os seus desígnios. Mas agora é a primeira vez que tem de confiar realmente nele e de se entregar nas suas mãos... e está com medo.

Quentin fez menção de protestar, mas Durwin levantou as mãos.

- Sim. medo! Agora, tem de pôr a sua fé à prova. E que prova... minas perdidas, espadas chamejantes e o cumprimento de profecias.

- Porque é que eu havia de ter medo?

- Não é muito difícil adivinhar a razão. Acontece o mesmo com todos os homens. Tem medo de pôr a sua fé à prova, porque isso significa pôr o Altíssimo à prova. Bem no fundo do seu coração, receia que ele fracasse. E, se assim for, ficará irremediavelmente sozinho. tanto nesta vida como para além dela e não te restará mais nada em que possa acreditar.

Quentin abanou a cabeça.

- Não, Durwin. O meu medo não é esse.

- Então diga-me qual é.

Quentin encheu os pulmões de ar, olhou para o eremita e desviou rapidamente a vista:

- Tenho medo de ser o Rei Sacerdote. Não sei porquê, mas a simples menção de espadas e minas enche-me de pavor. Olhe para o meu braço! Como posso empunhar a Brillhante com um braço morto como madeira para queimar?

- Ao fim e ao cabo, é a mesma coisa, não é? Tem medo de aceitar uma coisa que o Altíssimo destinou para você.

- É a mesma coisa como?

- Claro que é. O fato de aceitar a coroa de Rei Sacerdote significa confiar inteiramente no Altíssimo. Quer dizer que tem de confiar que ele sabe o que é melhor para você e que te conhece melhor do que te conheces a si próprio. Significa confiar nele para além da confiança, mesmo quando o caminho é pouco claro... especialmente quando o caminho é pouco claro. Quando confiamos assim, necessariamente testamos a capacidade do deus de nos conservar junto a si, E não te agrada... assim como a nenhum de nós... exigir isso dos teus deuses. Se confiarmos só um pouco, ficaremos só um pouco desapontados, não é?

- Se eu não acreditar, mas, de qualquer modo, o seguir, isso não é escarnecer do Altíssimo e desafiar a sua vontade?

- Pelo contrário, meu amigo. Segui-lo sem ver o que está no fim do caminho... sem acreditar, como diz... é, na verdade, a maior prova de confiança.

- Apenas uma confiança cega - objetou Quentin. As palavras do eremita faziam sentido, mas ele ainda achava que não podia aceitá-las sem lutar.

- Confiança cega, não. Nem por sombra. Os que confiam nos deuses sem poder da terra e do céu... esses é que confiam cegamente. Quentin, olhe para mim - ordenou o eremita docemente. - Não pode servir o Altíssimo sem confiar inteiramente nele, pois haverá sempre um momento em que ele te porá à prova. Para ele, é tudo ou nada. Não pode haver meio-termo. É uma das exigências que faz aos seus seguidores.

Por um instante, ambos os homens se calaram. A grande depressão do vale adensara-se num crepúsculo cor de violeta. A ocidente, os picos ainda mostravam um débil brilho de chama, mas também isso estava a desvanecer-se rapidamente.

- Vê as coisas assim: porque havia de ter medo de pôr o Altíssimo à prova? - prosseguiu Durwin. - Se é ele que o pede! Você vê o seu braço ferido como uma prova contra a sua vontade. Aquele que criou os ossos não consegue também curá-los? E o que o impede de decidir elevar um acólito órfão à coroa do reino?

Quentin sorriu com aquelas palavras.

- Quer então dizer que devo levar para diante tudo isto, independentemente dos meus sentimentos.

- Exatamente. Não procure esconder nem disfarçar as suas dúvidas e os seus temores. Deixe-os e aceite-os. Afinal de contas, fazem parte de você.

Quentin ficou pensando durante muito tempo. Depois, perguntou:

- O que quis dizer quando aconselhou Inchkeith a não ter medo?

Durwin sorriu:

- Mais ou menos o que estou te dizendo agora. Não devemos temer pelo Altíssimo, que sabe muito bem tomar conta de si. Só devemos preocupar-nos conosco e com o fato de permanecermos fiéis ao seu chamado. Sei que é muito em que pensar só de uma vez. Eu levei muitos anos para compreender isto e, agora, te peço para o entender em poucos momentos...

- Inchkeith não conhece o altíssimo, mas não é um ignorante. E ainda tem medo de acreditar que possa existir uma coisa tão boa e tão poderosa. Como te disse, é aqui que muitos homens desistem. Mas, se ultrapassar os seus receios e as suas dúvidas e seguir em frente... ah!, podem acontecer coisas estranhas e maravilhosas. Sim, os órfãos podem vir a ser reis, das espadas podem brotar chamas e os grandes inimigos podem ser derrotados de um só golpe.

De tão perdido que estava nos seus próprios pensamentos. Quentin não ouviu Durwin retirar-se. Mas, depois de ter erguido o olhar para o céu naquele momento pululante de estrelas luminosas, soube que estava sozinho. Os pensamentos incomodavam-no e

fervilhavam dentro dele. E, em vez de acalmarem o seu espírito perturbado, as palavras de Durwin só tinham aumentado a confusão... pelo menos, era o que parecia. Quentin deitou-se e embrulhou-se na capa para observar melhor a cintilação das estrelas e meditar nas palavras do eremita. Ficou pensando durante muito tempo. Depois, caiu lentamente num sono perturbado. E, deitado no espelhado Shennydd Vellyn, teve um sonho cheio de pormenores estranhos e maravilhosos.

CAPÍTULO XLI

O lamacento afluente que Myrmior indicara no mapa ficava no caminho dos Ningaal, que teriam de atravessá-lo para avançarem mais. Como Theido dissera, não era lá muito grande, mas era fundo e ao passar por uma das partes mais densas de Pelgrin, tinha as margens íngremes cheias de raízes. Pouco se falava nele, mas o seu nome era Deorkenrill, devido ao ar escuro e sinistro que o rodeava. As suas águas cinzentas e túrgidas deslizavam silenciosamente, seguindo um curso serpenteante. atravessavam lamaçais malcheirosos e poças estagnadas e nauseabundas e, por fim, desaguavam no poderoso Arvin, muitas léguas a norte.

Apesar da sua insalubridade, foi junto dele que Myrmior propôs que o exército do Rei Dragão fizesse uma parada final, para tentar travar o inexorável avanço dos invasores em direção a Askelon.

O plano era simples, concebido para dividir o grosso dos Ningaal em grupos mais pequenos, que, depois, poderiam ser mais eficazmente combatidos pelos defensores. Mas, tal como a maioria dos estratagemas de guerra, o plano de Myrmior também comportava o seu elemento de risco. Os fatigados defensores fechavam os olhos ao perigo e pensavam que valia a pena correrem todos os riscos, pois aquela era, provavelmente, a sua última esperança de travarem os Ningaal antes destes chegarem às planícies de Askelon.

Numa extensão de várias léguas para norte e para sul, só havia um local apropriado para um exército atravessar o Deorkenrill: uma

depressão situada no fundo de um pequeno outeiro onde o regato se abria um pouco, formando um vau natural.

- Isto é melhor do que eu esperava - observou Myrmior ao vê-lo. - Parece que foi feito especialmente para nós.

- Bem, não é lugar que eu escolheria para combater - comentou Theido passeando o olhar pelo bosque, onde o crepúsculo se adensava. - Esperemos que os Ningaal pensem o mesmo e não suspeitem de nenhuma emboscada aqui.

- Na verdade, eles andam cada vez mais desconfiados. Agora, os seus batedores vão bem à frente do corpo principal e já não é fácil evitá-los - fez notar Ronsard. - Mas Theido tem razão. Isto não é lugar para combater. Olhe em volta lama, árvores, trepadeiras. Mal se consegue desembainhar a espada.

- Senhores é exatamente por isso que este lugar é o melhor para nós. Quer eles desconfiem quer não, têm de atravessar esta água. E eu proponho que lhe dificultemos ao máximo. Mas temos de deitar mãos à obra. Há muito a fazer antes da primeira luz da manhã. Vamos trabalhar toda a noite.

- Muito bem - disse Theido com um ar decidido. - já dissemos o que tínhamos a dizer e não sabemos de nenhum plano melhor.. Estamos às suas ordens. O que quer que façamos?

Myrmior olhou em volta, à luz do crepúsculo enevoadado. Dos vales pantanosos situados ao longo das margens do Deorkenrill elevava-se um vapor malcheiroso, que deslizava devagar por entre os troncos cinzentos das árvores.

- Ali! - exclamou, apontando para a clareira que o inimigo teria de atravessar para chegar ao rio. - Começaremos por abrir um canal até à clareira, que encheremos hoje à noite e esvaziaremos de manhã. Nesse momento, a lama já deve estar bem espessa. E mandem alguns homens começarem a carregar água para a outra margem. Quero que ela também fique lamacenta e escorregadia.

Assim, deram início aos trabalhos. Embora não estivessem preparadas para escavar e transportar água, as forças do Rei Dragão serviram-se do que tinham à mão para realizarem estas tarefas. Os cavaleiros, mais à vontade na garupa do cavalo do que em terra firme, chapinhavam incansavelmente na lama e na água fedorenta, cavando com as suas nobres espadas ou de mãos nuas, abrindo um canal para levar água à clareira.

Trabalhavam à luz bruxuleante das tochas, ouvindo os gritos perdidos dos mochos e de outras criaturas atraídas por aquela invulgar atividade.

Outros trepavam às árvores mais altas que cresciam nas duas margens e construíam plataformas de ramos e galhos, de onde os arqueiros faziam chover as suas flechas sobre o inimigo.

Enrolando trepadeiras, faziam-se cordas que se esticavam de uma árvore até à outra. E, para grande surpresa de Myrmior, os homens do rei cortaram três das maiores árvores que havia na margem junto à clareira, deixando-as muito perto de caírem e, por meio de cordas, ataram os seus ramos superiores às árvores vizinhas, para que não tombassem logo. Depois, disfarçaram as marcas do machado, enchendo-as de lama e folhas.

Esta atividade prosseguiu pela noite fora. Quando o céu, que se entrevia irregularmente por entre as árvores, começou a clarear, Theido, Ronsard e Myrmior foram à outra margem observar a sua obra.

- Só falta esvaziar outra vez a clareira. E precisaremos de carvão em brasa para atar às flechas - disse Myrmior, muito satisfeito com o que estava vendo.

- Depois, ficamos à espera. Ainda devemos ter algumas horas para os homens descansarem antes dos primeiros Ningaal passarem por aqui - observou Ronsard.

- Concordo. Trabalhamos bem. Rezemos para que tenha valido a pena - replicou Theido numa voz cansada e rouca, devido às horas

que passara gritando ordens. - Vamos fazer o que ainda falta e distribuir os homens pelos seus postos.

Dizendo estas palavras, os senhores afastaram-se imediatamente, para irem acabar as suas tarefas. Depois, quando a luz fraca da manhã começou a filtrar-se no vale sombrio, instalou-se o silêncio. Estava tudo pronto e não havia nada que indicasse que as coisas não se encontravam como deviam, que não eram o que pareciam. Havia um exército invisível à espreita por entre os fetos, em cima das árvores e por trás dos outeiros cobertos de erva.

Os primeiros Ningaal que atravessaram a clareira foram os batedores. Sem perceberem o exército que esperava de ambos os lados, passaram o rio a vau e prosseguiram no seu caminho. Depois, passaram várias fileiras de cavaleiros. Como Myrmior esperava, os cavalos transformaram a clareira num lodaçal e fizeram da outra margem, já escorregadia com a lama que os homens de Ronsard

tinham produzido uma traiçoeira armadilha. Mas também eles passaram sem serem incomodados.

A tensão infiltrava-se no ar. Theido não entendia como era que o inimigo também não a sentia. Quanto a ele tinha um nó no estômago e os nervos esticados como as cordas de um arco.

Embora não visse os seus homens do lugar onde estava escondido entre os fetos, sabia que eles deviam sentir o mesmo. Forçando-se a permanecer calmo, continuou à espera.

O sol caminhava para o zênite quando os primeiros soldados começaram a atravessar o vau. Centenas de homens dispostos em fileiras chapinhavam com água pela cintura e resvalavam ao subirem com dificuldade a outra margem. Theido via-os chegarem à clareira e notou, com satisfação, que os soldados iam andando mais lentamente à medida que o atoleiro ficava mais profundo e lhes prendia os pés.

Ouviu um som e um grito rápido e, de repente, apareceu um cavaleiro junto do vau. Tratava-se de um comandante montado no

seu corcel preto, e via-se bem que não estava satisfeito com o tempo que os seus soldados levavam para atravessar o rio.

Mesmo sem entender patavina da sua rude língua, Theido percebeu que ele ordenava aos seus homens que se mexessem mais depressa, o que era exatamente o que ele faria se estivesse no seu lugar. O comandante endireitou-se na sela e olhou longamente a montante e a jusante do Deorkenrill.

Theido susteve a respiração. Teria ele percebido alguma coisa? A sua armadilha teria sido descoberta?

Mas o sinistro senhor fez o cavalo dar meia volta e tornou a gritar para as dezenas de homens que avançavam com dificuldade por aquele pantanal. Depois, entrou no regato, atravessou-o e desapareceu do outro lado.

Os soldados de Nin começaram a passar aos cem de cada vez, cambaleavam, cheios de lama, até ao vau, passavam-no e lançavam-se na subida da outra margem como peixes saltando fora de água.

Apareceu outro comandante, rodeado por vinte cavaleiros. Tal como o anterior, ficou vendo os homens atravessando o rio e, depois, seguiu atrás deles.

A floresta estremeceu com o som de qualquer coisa muito pesada esmagando o matagal. "As carroças!", pensou Theido. "Preparem-se!"

Era das carroças que estavam à espera. Ao que Myrmior sabia sobre as movimentações dos Ningaal, estes costumavam viajar com as armas e os mantimentos nas carroças seguindo à frente metade dos homens e o resto atrás. Os defensores iam atacar a segunda metade da hoste dos Ningaal.

Espreitando cuidadosamente através dos fetos da altura de um homem, Theido viu os primeiros vagões atolados quase até aos eixos na clareira, que fora transformada num lodaçal pelas centenas de pés e de cascos que haviam passado anteriormente.

Em volta de cada roda, cerca de vinte soldados gemiam, esforçando-se por empurrar a carroça, e os quatro cavalos que a puxavam inclinavam-se para a frente de cada vez que ouviam o estalido do chicote do condutor.

A mão de Theido procurou o punho da espada. Ele sabia que, naquele momento, mil flechas estavam sendo assestadas nos arcos, em preparação para o sinal que não tardaria muito. Cada arqueiro aprontou a sua latinha com carvões em brasa e as suas flechas com as pontas envoltas em tecido embebido em palbab, ou seja, líquido inflamável. Ao ver o gesto inconsciente de Theido, Myrmior pousou-lhe a mão no braço e murmurou:

- Ainda não. Dê aos outros tempo para se porem a postos e aos que passaram agora para se distanciarem da emboscada.

Theido tirou a mão do punho da espada, passou-a pelo rosto suado e soltou a respiração por entre os dentes cerrados.

À custa do esforço de muitos homens, os Ningaal tinham conseguido içar as carroças e transportá-las para junto do vau, mas, naquele momento, começaram a entrar na clareira outras, que imediatamente se afundaram no atoleiro. Dali a pouco, a clareira estava juncada de carroças atoladas e de centenas de soldados amontoados à sua volta, esforçando-se para tirá-las dali.

- Agora! - sussurrou Myrmior com a voz esganiçada. - Agora! Em silêncio, Theido desembainhou a espada e saiu calmamente do meio dos fetos. Sabendo que todos os olhos estavam postos nele, ergueu a espada e baixou-a de repente. O ar foi atravessado por um som semelhante ao produzido por um enorme bando de pássaros quando levantam vôo das copas das árvores. O vale úmido e frio, permanentemente mergulhado na semiobscuridade, iluminou-se instantaneamente com as flechas em chamas, que, como estrelas cadentes, descreviam um arco antes de atingirem o seu objetivo.

Os Ningaal, que não tinham desconfiado de nada, soltaram um confuso grito de alarme quando as setas em fogo chegaram aos seus

alvos: as carroças. Num abrir e fechar de olhos, os vagões estavam ardendo e os confundidos soldados cegos de terror. Mas os arqueiros do Rei Dragão, sem darem trégua ao inimigo, começaram a disparar as suas setas contra eles. Os Ningaal tombavam no lugar onde estavam, sem verem os seus atacantes nem ouvirem o assobio da seta que os abatia.

No entanto, a zaragata mal começara quando surgiram os dois comandantes que faltavam. Um deles, rodeado pela sua guarda pessoal, saiu do bosque a galope. Ouviram-se gritos e ordens e, dali a momentos, o caos desfez-se, apesar de a maioria dos Ningaal continuar sem as armas, arrumadas em várias carroças a arder.

Mas também isso foi resolvido. Em resposta a uma ordem do comandante, um grupo de soldados precipitou-se para uma das carroças, saltou para o meio das chamas e começou a atirar armas aos seus camaradas. Quando um dos homens era consumido pelo fogo, um outro saltava tomava o seu lugar.

O outro comandante, com a sua guarda pessoal montada, apontou a espada para o outro lado do rio, e os seus guerreiros atravessaram o vau a galope, em direção ao local onde Theido e Myrmior esperavam juntamente com uma dezena de cavaleiros. As flechas apanharam dois homens a meio do regato, arrebatando-os das selas. Um outro cavaleiro conseguiu passar, e Theido deu por si a desviar-se de espadeiradas selvagens, que cortavam os fetos e faziam voar a vegetação.

Então, ergueu a espada, para aparar os golpes, e agarrou na banda do cavalo do inimigo, puxando-lhe a cabeça para baixo. O animal caiu de joelhos e Theido atirou-se para cima do adversário, arrancando-o da sela. Antes do guerreiro conseguir desembaraçar-se da sua montaria caída, o punhal do cavaleiro fez o seu trabalho.

No bosque sombrio ecoavam sons de batalha. Os homens lançavam gritos de guerra e entravam furiosamente na refrega. As espadas golpeavam escudos e elmos e os machados giravam,

desfazendo o que quer que tentasse travar as mortais lâminas. Theido afastou-se do cavalo sem cavaleiro e viu uma dezena de soldados com machados patinando na sua direção. Alguns deles gritavam empunhando os machados, cujos cabos ainda fumegavam.

Quando o primeiro guerreiro levantou o machado, Theido acertou-lhe na garganta. Mas ainda não retirara a lâmina e já um segundo estava sobre ele. Ao ver o brilho da lâmina que girava no ar, ergueu o escudo, esperando que o golpe iminente lhe esmagasse o braço.

Mas o golpe não chegou a ser desferido, Theido desviou-se para o lado e viu o rosto familiar de Ronsard, sombriamente determinado. O sangue escorria da sua espada e o homem ferido que tinha aos pés contorcia-se, agonizante. Por trás de Ronsard, surgiram vários cavaleiros do bosque, onde tinham estado escondidos.

- Quero um comandante para mim! - gritou Ronsard, saltando para a sela que o cavaleiro que jazia aos pés de Theido acabara de deixar vaga.

Enquanto voava através do Deorkenrill, o comandante-chefe abateu dois Ningaal que carregavam contra ele naquele momento, já boiavam na água dezenas de cadáveres inimigos.

Com um domínio perfeito, o comandante, que usava um elmo de pele branca e um penacho feito com a cauda de um cavalo, fez a sua montaria dar meia-volta, para receber de frente a carga de Ronsard. A espada do último faiscou uma e outra vez, mas sem grande resultado, pois o chefe guerreiro foi aparando e desviando cada golpe que ele desferia. Nenhum deles conseguia ficar em vantagem e, dali a pouco, Ronsard estava rodeado por soldados inimigos. Por isso, como não queria ser derrubado da sela e esfaqueado através de alguma fenda na armadura, foi forçado a desistir do combate e a correr novamente para a outra margem.

Os arqueiros disparavam as suas setas, que caíam como uma chuva mortal sobre o campo de batalha. Quando as revoadas de setas cruzavam os ares, tombavam dezenas de Ningaal. As aziagas águas do Deorkenrffl tingiram-se de vermelho com o sangue dos mortos. E do outro lado, na margem escorregadia transformada em armadilha mortal, os que tinham tombado jaziam como troncos cortados. No atoleiro da clareira os vivos corriam em frente, pisando os corpos dos seus camaradas.

O combate fora tão bem planejado que era em vão que os Ningaal se esforçavam por ficar em vantagem. Myrmior corria ao longo da outra margem, gritando ordens, reforçando a posição dos defensores onde era necessário e chamando a atenção dos arqueiros para os novos e ameaçadores alvos que iam surgindo do bosque mergulhado na semiobscuridade. Se tivesse havido mais tempo ou se as forças do Rei Dragão fossem mais, os corajosos defensores teriam tido o seu dia de vitória. Mas não seria assim.

De repente, ouviu-se por trás da posição dos defensores um grito terrível, que ecoou como um trovão no pequeno vale. Ao escutá-lo, até o mais corajoso dos cavaleiros sentiu o sangue gelar-se nas veias. Tratava-se do uivo enfurecido dos Ningaal que já tinham passado o Deorkenrill e que agora voltavam, atraídos pelo fragor da batalha. Dali a momentos, os homens do Rei Dragão estavam rodeados e teriam sido instantaneamente esmagados se Myrmior, sempre alerta para o inesperado, não tivesse planejado um último truque.

O mordomo-mor barbudo, sem querer saber do perigo que corria, subiu a uma pequena colina situada na outra margem e ficou lá a agitar as mãos. Ao princípio, pareceu que não ia haver qualquer reação ao seu sinal, pois ninguém deu atenção ao comandante, que assim se expunha tão inesperadamente, mesmo

no meio da luta. Mas, então ouviu-se um ruído tal que parecia que a terra estava rasgando-se, rompendo-se por dentro. O silêncio

abateu-se sobre os espantados invasores, que pararam à escuta, olhando em volta.

Houve um outro rugido, e mais outro, que cruzaram o bosque como um trovão fantasmagórico, acentuado por estalidos, estremeções e rangidos horríveis, parecia que algum animal pré-histórico estava triturando os ossos da sua enorme presa.

Depois, o próprio céu pareceu inclinar-se e balouçar. A primeira árvore caiu em cheio em cima de um grupo de soldados Ningaal, demasiadamente espantados para fugirem. Os seus camaradas desviaram-se para o lado gritando, mas foram apanhados pela segunda árvore, que caiu perpendicularmente à primeira e calou muitas vozes quando os seus ramos esmagaram e pregaram ao chão os que lhe ficaram por baixo. Parecia que a floresta estava a abater-se sobre os apavorados Ningaal.

Muitos deles largaram as armas, voltaram a atravessar o rio correndo e fugiram para a floresta, onde foram abatidos pelas flechas. A terceira árvore tombou sobre o vau, cortando a retirada aos que procuravam fugir pelo lugar por onde tinham chegado. Uma corte de defensores lançou-se em perseguição dos Ningaal em fuga, que corriam aos gritos pelo bosque, e matou muitos homens. No entanto, o terror inspirado por esta última armadilha foi de curta duração. Dali a instantes, a vontade de ferro dos comandantes invasores restabeleceu a ordem entre os seus homens. Com uma eficiência terrível, estes comandantes aproximaram-se rapidamente dos tenazes cavaleiros, abrindo caminho por entre as suas vacilantes defesas, e a sorte da batalha virou-se contra as forças do Rei Dragão. Mesmo assim, e apesar de se encontrarem em desvantagem numérica e de se acharem exaustos, os leais cavaleiros agüentaram-se durante todo o meio do dia.

Várias equipes de soldados Ningaal, alguns com machados e outros com escudos em cima da cabeça, começaram a cortar as árvores onde se encontravam os arqueiros, lançando a morte aos que

estavam em baixo. Assim protegidos, os Ningaal conseguiam abater as árvores, mas não logravam deter completamente os arqueiros que fugiam no último momento, balançando-se nas cordas que haviam escondido entre as trepadeiras. Mas, por fim, a ameaça vinda das copas das árvores acabou por ser aquietada. e os terríveis chefes dos guerreiros voltaram a sua atenção para os cavaleiros de armadura, que se reagrupavam na outra margem.

- É hora de fugirmos - ofegou Ronsard, que sangrava de uma dúzia de ferimentos ligeiros e tinha o rosto sujo, coberto de sangue e cinzento devido à exaustão. - já fizemos o que podíamos.

Theido fez um gesto de assentimento:

- Vá meu bom amigo. Leve os seus homens daqui para fora. Eu ficarei aqui para cobrir a sua retirada e te seguirei logo que esteja a salvo.

Myrmior apareceu, muito pálido e segurando o braço. Tinha uma mancha vermelha na manga.

- Infelizmente, é muito tarde, senhores. Acabei mesmo agora de fazer um último reconhecimento da nossa posição. Estamos cercados por todos os lados. Não há fuga possível.

- Temos a retirada completamente cortada? – perguntou Ronsard. As forças pareceram abandoná-lo e a espada tombou-lhe para o lado.

- Era o que eu temia. Eles são muitos. - Theido desviou o rosto severo e ordenou em voz forte que os defensores do reino se reunissem e preparassem para cobrar bem cara a sua morte.

Dali a pouco, o que restava da exausta força de combate reunia-se, arrastando-se, em volta da colina onde Theido se encontrava, com a espada erguida. Os Ningaal recuaram, reorganizando-se para a chacina final. Por um breve momento, deixou de se ouvir o clamor da batalha.

- Corajosos cavaleiros de Mensandor, lutaram como bravos - disse Theido. - Não deixaram ficar mal a honra do seu rei e do seu

país. Os seus feitos serão cantados enquanto os feitos de valor foram lembrados. - os cavaleiros, entre os quais havia alguns ajoelhados à sua volta, ergueram o rosto.

Theido continuou calmamente:

- Que o momento da morte não os arrebate a honra que agora merecem. Custa pouco. Depois, virá o descanso e o sono e nunca mais conhecerão a dor. Não tenham medo e permaneçam ousados até ao fim.

- Pela glória - gritou um cavaleiro.

- Pela honra - berraram vários outros.

- Pelo rei e pelo reino! - gritou um coro de vozes chefiado por Ronsard, que se colocou à cabeça dos seus guerreiros.

Os cavaleiros puseram-se em pé, baixaram as viseiras e viraram-se para enfrentar o inimigo pela última vez. Observando-os de todos os lados, os Ningaal fizeram uma pausa. Depois, os quatro comandantes ergueram as espadas curvas e, com um grito feroz, os Ningaal voltam a lançar-se para a refrega.

- O melhor é que acabe depressa - disse Ronsard, com os atacantes formigando à sua volta. - Não tenho remorsos de nada.

- Nem eu, meu amigo - retorquiu Theido -, mas pesa-me no coração que o nosso país vá cair nas mãos destes bárbaros. Fiz o que pude.

- Adeus, bom amigo - respondeu Ronsard. - Esta é a estrada escura de que me falou? Como isso parece distante!

- Pode muito bem ser. Mas... espere! - Virando-se, subiu mesmo ao alto da colina. - Cornetim! - gritou. - Toque a trombeta! Toque até não poder mais! Ouviu já te disse para tocar!

Com o rosto brilhante e novamente animado, virou-se outra vez:

- Continuem a lutar, senhores! - gritou, descendo a correr para o meio da batalha. - Aguentem-se!

Ronsard lançou-se de cabeça atrás dele e os dois homens, com as espadas silvando no ar, foram avançando, como se, sozinhos,

quisessem expulsar os invasores. Animados pelo exemplo dos seus destemidos chefes, os cavaleiros que os rodeavam encostaram os escudos uns aos outros e seguiram em frente. Se a morte viesse naquele momento, os encontraria corajosos até ao fim.

CAPÍTULO XLII

Quentin levantou-se e ficou contemplando o outro lado da superfície polida do Espelho do Senhor do Céu. O lindo vale encontrava-se envolto no manto da noite e a Lua caminhava baixo no céu, por trás dos picos ocidentais dos Fiskills, inundando os seus cumes nevados de um brilho branco, que se refletia no insondável lago. A miríade de estrelas que ardiam como fogo de prata na cúpula negra do céu também aí se refletia com uma nitidez espantosa. Ao sutil luar, a erva verde-viva do vale parecia cinzenta e as saltitantes quedas de água escorriam como luz líquida, lançando no ar da noite o seu fantasmagórico chuveiro encaracolado e turbilhonante.

Na distância, Quentin ouvia a água das cataratas caindo entre as rochas, produzindo um som semelhante a risos transportados pelo vento. Era o único som que quebrava o silêncio do vale. Toli, Durwin e Inchkeith dormiam embrulhados nas suas capas, estavam tão quietos e calados que pareciam pedras ou torrões de terra.

Quentin nunca soube o tempo que ficou contemplando a paisagem. Parecia que ali, no vale, o tempo não tinha nenhum significado especial. De repente, Quentin percebeu um outro som, ou antes, teve a impressão de ouvir um som que já se sentia há algum tempo. Talvez fosse o que o acordara. Era um tinido fino e agudo, como o produzido pelas agulhas ao caírem num chão de pedra. Ou, se fosse possível ouvi-lo, o som do gelo a formar-se no Inverno. Parecia vir lá de cima.

Virando o rosto para o céu, viu a Estrela do Lobo, que brilhava diretamente por cima dele e enchia o céu de uma luz em fogo, tão

viva que lançava sombras na terra. Como a luz lhe provocou arrepios, Quentin embrulhou-se melhor na capa.

Não conseguia desviar os olhos da estrela, que, parecia mover-se, estender-se, ficar mais fina e empurrar as outras estrelas para a sua dança, girava e brilhava na escuridão do céu como um ser vivo. As estrelas fundiram-se num único raio de luz, frio e duro como gelo. Era um raio fino e esguio, que ia de oriente a ocidente, de uma ponta à outra da noite. Quentin percebeu que o tinido não passava da música das estrelas e que o faiscante raio de luz era a lâmina de uma temível espada.

Num súbito lampejo, Quentin percebeu que estava vendo a Zhaligkeer.

A espada, com o punho feito de cintilantes estrelas douradas, incrustado de majestosas jóias, rubis, ametistas, topázios e esmeraldas, começou a erguer-se lentamente, inclinando-se para cima, como uma espada levantada em triunfo. Depois, a ponta mergulhou, deslizou e começou a cair através do vazio do céu, girando e iluminando a escuridão com clarões de fogo.

A Brilhante lançou-se para a terra num arco de fogo branco. O brilho daquele mergulho ofuscou Quentin, que, no entanto, continuou olhando sem hesitar. A espada parou acima dos picos, do outro lado do vale, onde as cataratas de Shennydd Veflyn jorravam da vertente da montanha. Pairando ali por um instante, acabou por deslizar lentamente para baixo, como uma espada sendo embainhada. Depois, permaneceu assim por um breve momento, enquanto o seu brilho diminuía rapidamente e se desvanecia na névoa.

Quando Quentin caiu em si, estava olhando para as quedas de água e a noite adensava-se à sua volta. As montanhas haviam adormecido e só se ouvia o riso da água caindo. Mas tinha a imagem da espada gravada a fogo no cérebro. E, sem sombra de uma dúvida, soube onde poderia encontrá-la.

- Durwin! Acorde! - sussurrou Quentin em voz rouca. - Acorde, por favor, antes que seja tarde demais - Abanou o ombro do eremita adormecido e, depois, pôs-se a olhar mais uma vez para o redemoinho de névoa.

- O que foi? - indagou Toli, levantando-se silenciosamente.

- O que aconteceu?

- Vi a Zhaligkeer. Sei onde está. Olhe para as cataratas! Vê?

Durwin balbuciou qualquer coisa e levantou a cabeça.

- Ah, é Você, Quentin - disse, ainda estremunhado. - Pensei que sabia que dá azar perturbar o sono de um eremita.

- Vi a espada, a Zhaligkeer! Sei onde vamos encontrá-la.

- Não estou vendo nada - observou Toli, ainda olhando para as quedas de água.

Quentin deu meia volta e apontou com a mão esquerda:

- Está ali. Eu... - No seu rosto estampou-se uma expressão de profundo desapontamento. - Não, já desapareceu. Mas estava ali! Eu a vi!

Quentin afastou-se apressadamente a passos largos.

- Acorde o Inchkeith, Toli - suspirou o sonolento eremita. - Vamos atrás dele, já que não temos outro remédio.

- Inchkeith já está acordado - disse o armeiro. - O que se passa aqui?

- O meu amo teve uma visão - explicou Toli, enquanto corriam todos atrás de Quentin. - Diz que viu a Brilhante e que sabe onde ela está.

Quentin conduzia-os pela margem coberta de erva do lago, em direção às cataratas. A Lua estava escondida por trás das montanhas, a ocidente, mas a luz anormalmente brilhante da Estrela do Lobo iluminava-lhes o caminho. Quentin não despregava os olhos das cataratas, como se tivesse medo de não se lembrar do que vira se desviasse o rosto nem que fosse só por um momento. Os outros seguiam-no aos saltos. Toli corria para trás e para a frente, ora

pondo-se ao lado do seu amo, ora indo dizer aos outros para se apressarem. Depois de andarem uma hora quase sem respirarem, chegaram junto da base das cataratas. Quentin já estava ao pé das gigantescas quedas de água quando Durwin e Inchkeith, ofegantes, se aproximaram dele.

O rugido das cataratas já não se assemelhava a risos. Era, antes, um poderoso troar que os inundava e lhes fazia estremecer os ossos. Quentin virou-se para eles. Tinha o rosto todo salpicado e brilhante, e a névoa formada pelas minúsculas gotas de água enrolava-se em volta dos ombros. Os salpicos colavam-se à capa e cintilavam como pérolas a luz das estrelas.

- Ali! - disse, apontando com a mão boa. - A entrada das minas é por ali.

Durwin coçou o queixo. Inchkeith franziu as sobrancelhas:

- Impossível! Que sugere que façamos? Que nademos pelas cataratas acima como salmões?

Toli não disse nada, limitando-se a olhar para a água que rodopiava e observando Quentin com um ar manhoso. Durwin fitou Quentin atentamente:

- Não duvido do que viu. Vamos ver se é uma boa solução para o enigma. Vamos ver... - Pondo um dedo no ar, começou a falar:

"Quando, as montanhas adormecerem, mantém-te vigilante e verás melhor o caminho.

- E eu vi! A espada caiu do céu e desapareceu dentro das cataratas.

- Pensei que não estava ouvindo, mas isso é bom. E parece que se encaixa. "Quando, ouvir risos entre as nuvens ... "

- Eu ouvi. O som das cataratas parecia risos.

- E que risos! - gritou Inchkeith. - Não ouço nada do que diz por causa do barulho!

Quentin ignorou o comentário:

- "Entre as nuvens ... " Não vês como os salpicos formam nuvens?
O que mais poderia ser?

- Hum... Sim - concordou Durwin. - "Uma cortina de vidro verás."

- A água é uma cortina! - gritou Quentin, com o rosto brilhante e entusiasmado banhado pela luz branca. "Não cuides de mãos nem de cabelo ... " - prosseguiu, estendendo a mão. - Está molhada! - Passou a mão pelo cabelo. - E tenho o cabelo pingando, assim como a capa. Estou todo molhado.

- Pois é!

- Todos nós estamos molhados até aos ossos. Somos bem tolos! - resmungou Inchkeith.

- "O trovão dividirás e o caminho estreito procurarás" - prosseguiu Durwin. - Entrar na queda de água? Acha?

- Claro! É isso! É o que estou tentando dizer.

"O dia pela noite trocarás e a luz reterás. E assim o dia ganharás" recitou Durwin olhando em volta. - Bem, é de noite. Mas também pode querer dizer que a entrada só se pode ver no escuro ou que entrar na mina no escuro pode...

- Estou vendo! - gritou uma voz fraca por cima deles.

- É o Toli! - disse Quentin. - Onde é que ele está? Procuraram os três em volta mas não viram o destemido jher por lado nenhum. Toli desaparecera enquanto eles davam voltas à cabeça tentando descobrir a chave do enigma.

- Estou aqui! - gritou novamente.

Olharam todos para as quedas de água. De repente, Toli apareceu, surgindo detrás da água que caía como se de uma cintilante cortina. Parecia estar de pé sobre a rocha nua da superfície do penhasco ou caminhar no meio da névoa de salpicos.

- Subam até aqui. Não se preocupem com a água - disse, desaparecendo outra vez. Quentin já estava correndo atrás dele. Durwin e Inchkeith trocaram olhares duvidosos.

- Parece que não poderemos passar uma noite tranqüila - suspirou Durwin.

- E seca - resmungou Inchkeith. - Vamos tomar banho e acabar depressa com isto.

Seguindo atrás de Quentin, rodearam a aresta rochosa do lago que ficava na base das cataratas, onde a água caía em turbilhão, indo depois derramar-se no regato que alimentava o lago, no meio do vale. As rochas estavam molhadas e escorregadias, o que tornava difícil e árduo o caminho dos dois homens mais velhos. Quentin quase saltava por cima das rochas e, dali a pouco, estava mesmo ao pé da torrente.

Durwin viu-o sorrir, olhar para eles por cima do ombro e entrar na água em turbilhão. Depois, ouviram a sua voz gritando:

- Façam como eu fiz. Esperarei aqui por vocês.

- Primeiro Você, bom eremita - disse Inchkeith. - O justo é que eu siga atrás de você. Afinal, a expedição é sua.

- Pois é! - retorquiu Durwin, respirando fundo e entrando na cortina de água que caía.

CAPÍTULO XLIIII

- Coragem, homens! - gritou Theido. - Continuem lutando. A libertação não tarda! - A trombeta lançou uma nota de coragem, que se fez ouvir acima do clamor da batalha e dos gritos dos combatentes.

Depois, do alto da colina que tinham atrás de si, uma voz berrou:

- É o Rei Dragão! Veio! O rei Dragão chegou! Estamos salvos!

O cornetim, com o rosto sujo brilhando de entusiasmo e os olhos abertos de espanto, ergueu outra vez a trombeta e começou a soprar, produzindo fortes e firmes toques de esperança.

Os que se encontravam no sopé da colina, ouviram as suas palavras e voltaram os olhos para o bosque banhado por uma luz difusa. Por entre os defensores sitiados passou um murmúrio semelhante a uma centelha acesa na ponta de um rastilho.

- O rei Dragão vem aí! Estamos salvos! O rei Dragão!

Também Theido levantou os olhos para o bosque. Muito indistintamente, como num sonho, viu o brilho de panos dourados e escarlates faiscando por entre os troncos e ramos sombrios das árvores, como luz a dançar. De repente, viu tudo, preto no branco: o feroz dragão a contorcer-se, o brasão do rei, flutuava velozmente na sua direção, voando por entre as árvores.

Houve outros que também o viram.

- O dragão! O rei! - gritaram. O bosque escuro estremeceu com o som das trombetas e o barulho dos cascos dos cavalos, que corriam pela floresta. Surpreendidos por este acontecimento inesperado, os Ningaal recuaram, interrompendo o ataque. Um dos comandantes

forçou as suas tropas a virarem-se e a enfrentarem a nova frente de batalha. Por um momento, os Ningaal ficaram divididos.

- Ataquem, bravos cavaleiros! - gritou Ronsard. - Ataquem! Agora!

Feridos, cansados e muito reduzidos, os cavaleiros puseram a espada em riste e avançaram com firme determinação. Incapazes de responderem simultaneamente a um ataque vindo dos dois lados, os Ningaal debandaram como folhas apanhadas numa tempestade. E os valentes defensores viram-se rodeados não pelo inimigo, mas pelos seus camaradas de armas. Enquanto as forças dos senhores de Mensandor carregavam contra os confusos Ningaal, os cavaleiros, ensangüentados, ergueram as espadas com os braços exaustos e saudaram o seu rei.

Theido e Ronsard, cansados e sangrando, encostaram-se às respectivas espadas.

- Graças aos deuses, estão vivos! - Levantando os olhos, viram Eskevar, que, do alto do seu grande corcel branco tinha um sorriso de orelha a orelha.

- Pois é, tínhamos desistido até da esperança - retorquiui Ronsard.
- Mas aqui Theido não pensava assim. - O cavaleiro virou-se para o amigo. - Mais um pressentimento?

- Não... bem, de certo modo, sim. Ao princípio, pensei que o som da trombeta talvez desse coragem aos nossos homens. Além disso, se, por acaso, alguém estivesse passando aqui por perto, ouviria o toque e viria em nosso auxílio. Não sei é de onde me veio tal idéia.

- Seja como for, o seu clarim guiou-nos diretamente até vocês - respondeu Eskevar, observando-o com um ar conhecedor. Depois, virou a cabeça, e Theido voltou a ver o homem que o rei fora: entusiasmado, forte e rápido a chegar ao grosso da batalha. - Retirem com os seus homens pelo bosque. Quanto a nós, vamos acabar depressa com isto.

- Majestade! - A voz pertencia a Myrmior, que corria, vindo do meio dos combates. Theido e Ronsard não o viam desde que tinham estado todos juntos na encosta da colina. Mais uma vez, trazia novas pouco reconfortantes. - Sem arqueiros que os travem, os Ningaal estão juntando-se aos magotes do outro lado do rio. Não pense que os esmagará com facilidade. E estão tentando ficar em vantagem de ambos os lados.

- O quê? - Eskevar fez girar a sua montaria, afastou-se alguns passos e regressou dali a pouco: - Pelos deuses! Estes chefes guerreiros são lobos bem astutos!

- A não ser que tenha trazido mais homens dos que os que vejo por aqui, sugiro-vos que nos retiremos enquanto temos força e meios para fazê-lo.

Eskevar lançou um olhar colérico ao ofegante mordomo-mor. A penetrante luz da tarde batendo obliquamente por entre as árvores, só servia para realçar a obscuridade do campo de batalha, que, na sua maior parte, estava envolto em sombras cada vez mais densas. Era claro que não lhe agradava a idéia de retirar logo ao primeiro contato com o inimigo, pois isso ia contra o seu espírito de lutador. Mas a razão prevaleceu sobre o coração.

- Seja como diz, Theido e Ronsard, passem com os seus homens por trás de nós e vão embora para Askelon, - O rei gritou esta última ordem por cima do ombro, pois o seu cavalo já dera um salto em frente.

Theido e Ronsard reuniram os vestígios esfarrapados do seu outrora poderoso exército e abandonaram o campo de batalha. Os gritos e o barulho foram-se desvanecendo a medida que foram atravessando a floresta pelo caminho que Eskevar e os seus cavaleiros haviam tomado. Embora estivessem exaustos e já nem conseguissem levantar a espada, os cavaleiros iam pondo teimosamente um pé à frente do outro, arrastando-se dali para fora.

Depois de terem andado cerca de meia légua, a floresta começou a ficar menos cerrada e chegaram junto a um regato de água fresca, onde pararam, ajoelhando-se para beber. Vários cavaleiros puseram-se de joelhos e não conseguiram levantar-se outra vez. Outros permaneceram de pé, cambaleando, com medo de se inclinarem, não fossem também ver-se em apuros para suportar o peso da armadura e sucumbir de exaustão.

- Temos de nos apressar - disse Ronsard, lançando um olhar preocupado à sua volta. Alguns soldados tinham atravessado o regato patinando e achavam-se deitados do outro lado, com a respiração ofegante. - Se demorarmos muito mais, eles nos enterrarão aqui.

- Se tivéssemos cavalos, talvez nos safássemos - observou Theido. - Quando Eskevar fizer soar a retirada, eles passarão por nós. Um cavaleiro a pé não é cavaleiro. Esta armadura não foi feita para marchas.

- Não me agrada a idéia de ser deixado para trás. Mas, olha, Theido. - Ronsard apontou para uma clareira que ficava do outro lado do regato, por onde passava com estrondo uma fila de carroças. - Basta falar, e pronto. Hoje está nos seus dias, meu amigo.

- Parece-me que sim.

Dali a pouco, os físicos de Eskevar já estavam correndo entre eles, removendo gorgéis, couraças, caneleiras, braçadeiras e cotas de malha, para tratarem os ferimentos dos cavaleiros. Alguns escudeiros recolheram as armas e levaram-nas para as carroças e outros foram ajudar a tirar as armaduras aos cavaleiros que, uma vez desembaraçados do fardo, atravessaram o regato em direção ao Prado.

O sol já caminhava para ocidente quando Theido e Ronsard entraram no campo, pois tinham esperado até que todos os seus homens fossem tratados e houvessem saído da floresta a pé ou transportados nas carroças. Mesmo na altura em que saíram do

bosque, elevou-se uma aclamação entre os soldados. Olhando em volta, viram vários homens conduzindo cavalos. Inacreditavelmente, eram as suas montarias. Os animais, separados dos seus cavaleiros durante a luta, tinham tomado o caminho de casa e haviam sido apanhados pelos escudeiros. Muitos dos cavaleiros encontraram os seus cavalos e outros ficaram com os dos amigos caídos em combate.

- Montem, homens! - gritou Ronsard jovialmente. - Para Askelon!

Dando meia volta, cavalgaram para oeste, atravessando novamente a floresta. Os primeiros soldados do exército de Eskevar em retirada, de rostos sombrios e fechados, juntaram-se a eles. Em breve, surgiam do bosque dezenas de cavaleiros. Theido identificou as divisas e as cores dos vários senhores, a dupla águia prateada e azul de Benniot, a luva cinzenta de Fincher agarrando relâmpagos brancos num campo vermelho, o touro vermelho em fundo preto de Rudd, o carvalho verde acima de clavas cruzadas num campo amarelo de Dilg.

- Não estou vendo o Ameronis ou o Lupollen e o seu grupo - disse Theido.

- Nem eu, Talvez Wertwin ainda consiga convencê-los. De qualquer modo, esperemos que sim.

Theido virou-se na sela:

- Onde é que Myrmior se meteu? Quero agradecer-lhe pela coragem e astúcia que demonstrou hoje no campo de batalha.

- Se é que o conheço bem, será o último a aparecer. - Virando-se na sela, Ronsard espreitou um grupo que surgia do bosque. - Ali. Theido lá vem o rei Eskevar e... sim, Myrmior e os senhores estão com ele.

Quando chegaram perto dos dois cavaleiros, Theido perguntou:

- O inimigo vem atrás de nós?

- Vem - respondeu Rucid de rosto fechado. Era óbvio que a idéia de se retirar lhe agradava tanto como aos outros. - Mas estão quase

todos a pé. Se continuarmos em frente. não tardaremos a deixá-los para trás.

- Com um brilho desafiador nos olhos, fitou os que o rodeavam. - Sugiro que nos reunamos no bosque e que esperemos por eles. Podíamos...

- Podíamos fazer o disparate de nos deixarmos cortar às tiras durante a noite - interrompeu Myrmior com uma expressão selvagem. Os seus olhos escuros brilhavam como fogo. Estava zangado e, depois de olhar colericamente para os cavaleiros que tinha à volta afastou-se a cavalo.

- O que ele diz é verdade - suspirou Eskevar. - Desde o princípio que subestimamos este inimigo. É melhor não fazermos o mesmo duas vezes num só dia. A retirada para Askelon é a única cura para a nossa doença, senhores. Como vamos ter pouco tempo para nos prepararmos para o cerco, o melhor é aproveitá-lo bem.

O regresso a Askelon foi sombrio e silencioso. Já estava escuro quando o exército chegou à planície que se estendia abaixo do castelo e embora a Lua ainda não tivesse aparecido, a aziaga Estrela do Lobo ardia com um brilho muito vivo, banhando a terra com a sua luz fria. Nessa noite, o exército do Rei Dragão arrepiou-se com essa luz gelada. Todos a observaram tristemente e até homens fortes tremeram interiormente de medo, pois sabiam que chegara o dia do mal.

CAPÍTULO XLIV

Atravessar as quedas de água era como passar por uma cortina de vidro. Na extremidade por onde tinham entrado, a água não caía com a mesma força que tinha no meio das cataratas. Uma vez lá dentro, os exploradores encontraram uns degraus de pedra escavados numa superfície rochosa, que os levaram para longe da face vertical da parede da montanha. E, embora estivessem molhados, escorregadios e cobertos de limo preto, eram compridos, largos e tão cuidadosamente esculpidos que, com cuidado, nunca ninguém ali cairia. Os degraus, construídos por baixo de um teto suspenso de rocha, subiam para uma plataforma que formava uma espécie de torreão natural. Foi aí que Durwin e Inchkeith, depois de subirem pesadamente as escadas, encontraram Quentin e Toli à sua espera.

- É a mina perdida, o segredo dos Ariga! - exclamou Quentin, com a voz ecoando junto da grande abertura do túnel. - Olhem! - Muito entusiasmado, apontou com a mão esquerda para a parede. Apesar da escuridão quase total, Inchkeith viu esculpidas na pedra estranhas figuras, que brilhavam com uma luz fraca e dourada. No entanto, não conseguiu perceber o que eram, pareciam letras de uma escrita que não conhecia. Mas o fato de as observar fê-lo pensar em homens e montanhas, cataratas em turbilhão, rios e árvores, e na plenitude da terra.

Durwin foi até à parede e examinou as inscrições em baixo-relevo, com um aspecto tão recente que parecia que o escriba acabara

de pousar o seu cinzel. As linhas, deixadas intactas pelo tempo e pela idade, eram direitas e bem definidas.

Durwin começou a ler:

- "Estas São As -Minas Dos Ariga. Amigos Da Terra E De Todos os Seres Vivos." - O eremita virou-se para os outros. sorrindo: - Parece que não há dúvida que encontramos o que procurávamos. Vamos mais para frente ou esperamos até de manhã para trazermos as provisões e as ferramentas?

Era uma pergunta desnecessária. A penetrante expressão de viva ansiedade estampada no rosto de Quentin e o entusiasmo calmo de Toli responderam por eles.

- Muito bem. Podemos começar já, mas primeiro precisamos de luz. Como alguém terá de ir buscar as tochas. também podemos trazer já para cá as outras coisas.

O rosto de Quentin mostrou uma certa desilusão:

- Eu e o Toli vamos lá. Você e Inchkeith podem ficar aqui. Voltaremos num instante.

Partiram antes de Durwin conseguir sugerir qualquer outro plano descendo dois a dois os escorregadios de graus das cataratas.

- A noite não está perdida. Ainda podemos dormir um bom sono. - riu Durwin. - Eles vão levar, pelo menos, duas horas para ir e vir do acampamento com as nossas coisas. Vamos descansar enquanto podemos. Julgo que, depois, não dormiremos durante muito tempo.

Instalaram-se os dois de encontro à parede que não tinha as inscrições, e Durwin adormeceu quase imediatamente. Inchkeith aconchegou-se melhor no casaco e inspirou o ar frio das profundezas da terra, que se erguia do poço da mina mergulhado em algum lugar na escuridão. - Mas o sono abandonara-o por completo; estava bem desperto e não conseguia despregar os olhos da belíssima inscrição que brilhava suavemente na parede em frente. Apesar de ser um simples sinal indicativo da entrada de uma mina (uma coisa tão

vulgar!), parecia a Inchkeith que nunca vira nada tão inexplicavelmente belo.

Um grito fez os dois homens levantarem-se de um salto. Durwin esfregou os olhos:

- Já? Pois é! Sinto-me como se só tivesse passado pelas brasas. Como é que eles conseguiram tão depressa?

Mas, com cuidadosa dignidade, ele e Inchkeith apressaram-se a descer as escadas, atravessaram a fina cortina de água e saíram para a noite, que já se desfazia numa aurora cor de pérola. O rápido chuveiro de água fria acabou de despertar Durwin:

- Brrr! Que acordar mais abrupto! - disse atabalhoadamente, descendo as rochas com cuidado, como um animal acabado de sair do seu período de hibernação.

Quentin estava tirando os alforjes de um cavalo e Toli guiava o outro, completamente carregado de sacos e ferramentas.

- Eu já devia saber que os pés deles iriam ter asas esta noite. Bem, vamos lá. Temos muito que fazer.

Inchkeith limitou-se a assentir com a cabeça. Desde que entrara na mina que andava estranhamente calado. Dali a uma hora, já tinham transportado para cima todas as provisões e ferramentas de que iriam necessitar. Apesar de só ter um braço em condições, Quentin estava tão ansioso por começar a busca que transportara a maior parte da bagagem, fazendo mais viagens do que os outros. Não fazia idéia do que ia encontrar nas profundezas das minas, mas entusiasmava-o muito voltar a estar num lugar por onde os Ariga tinham passado e ver novamente as obras produzidas pelas suas mãos, há muito desaparecidas. Estar ali fazia-o pensar em Dekra.

Depois de empilharem a bagagem toda na boca da mina, começaram a dividir as coisas que cada um levaria. Apesar da sua deformidade, Inchkeith insistiu em transportar tanto como os outros. Durwin tentou explicar-lhe que ele ia precisar da sua força para forjar a espada e que, portanto, devia poupar as suas energias

enquanto pudesse, pois o caminho já ia ser demasiado difícil, mas Inchkeith nem quis ouvi-lo. No fim da discussão, pegou os seus instrumentos e disse:

- Pelo menos, levo as minhas ferramentas. Ninguém toca nas ferramentas de um mestre a não ser o próprio mestre. - A bigorna, os foles e os instrumentos mais pesados ficariam à entrada da mina. Por fim, o grupo estava pronto para partir.

- Agora, só mais uma coisa antes de começarmos - anunciou Durwin. - Enquanto acendo as tochas, quero que cada um de vocês volte lá fora e olhe para o vale à luz da madrugada. A não ser que esteja muito enganado, não voltaremos a ver a luz do dia durante muito tempo. Quero que encham os seus corações com uma recordação agradável, que os permita suportar a escuridão que vai coroar o nosso caminho.

Então, saíram todos a contemplar a depressão verde viva do pacífico vale. A luz da manhã emprestava à névoa de salpicos um radioso tom dourado e as montanhas pareciam coroadas com chamas de um vermelho de ouro. Shennyd Vellvri suave e imperturbável. espelhava o azul ilimitado de um límpido céu matinal, perpassado por rendilhados farrapos de nuvens brancas.

O ar rarefeito da montanha, doce e fresco, tinha um cheiro muito diferente do ar úmido da mina. - Mas, apesar de achar muito sensata a sugestão de Durwin, Quentin estava ansioso para partir e, portanto, embora contemplasse atentamente o que o rodeava, tinha a cabeça tão cheia de aventuras que pouco viu. Quando por fim se viraram para voltar para dentro da mina. Toli foi o último a arrancar-se à beleza que o seu olhar abarcava.

Um a um, subiram as rochas em desalinho, molhados pelos salpicos da água que caía. Um a um, aproximaram-se do troar das cataratas. E, um a um, dividiram a cintilante cortina e penetraram na escuridão das lendárias minas.

Esme e Bria achavam-se na alta barbacã sobranceira aos portões do castelo e à cidade, cujos edifícios se amontoavam, como um rebanho de tímidas ovelhas, à sombra do seu grande protetor. Nesta manhã clara, ainda recém-nascida e acabada de sair dos braços da noite, as ruas estreitas eram rios de cor em movimento, correndo como uma enchente em direção aos portões.

Na planície, até aos escuros limites de Pelgrin, viam-se filas de viajantes serpenteando para a cidade, onde iam juntar-se às daqueles que caminhavam para o castelo.

- De onde virão? - perguntou Esme em voz suave e atemorizada.

- Ali em baixo devem estar aldeias inteiras.

- É verdade - replicou Bria. - As notícias espalham-se como o vento, não é? Os senhores só anteontem regressaram da batalha. Veja bem. Alguns deles caminharam toda a noite para chegarem aqui. - Mas é natural. No seu lugar, faria o mesmo. - Pronunciou as últimas palavras com um desespero tão grande que Esme se virou e lhe pousou as mãos nos ombros.

- Bria, Você e eu somos amigas, não é?

- Claro que sim. Porque ...?

- Então tenho de te dizer uma coisa... como amiga. - Esme perscrutou o rosto da sua companheira e fitou-a bem nos olhos. Bria ficou espantada com a firmeza com que aquela beldade de cabelo escuro se lhe dirigia.

- Fale à vontade - retorquiou Bria.

- Nós já somos mulheres. Mulheres reais. Deixemo-nos de complacências de moças. Você viu com os seus próprios olhos. Não devem faltar muitos dias para o cerco. Não podemos pensar em nós. Primeiro temos de nos preocupar com os outros. Tem de ser assim. Temos de ser fortes pelos homens que combatem, pelas pessoas que procuram em nós esperança e por fim, mas só por fim, por nós próprias. Pelo reino tem de ser assim. A nossa coragem deve ser uma

chama que possa inflamar os corações dos que nos rodeiam. É o dever da mulher em tempo de guerra.

Envergonhada. Bria baixou os olhos verdes:

- As suas palavras tocam-me bem fundo, boa amiga. O que diz é verdade. Tenho andado orgulhosamente triste nestas últimas semanas... desde que Quentin se foi. Tenho sido egoísta. Tenho andado desesperada pelo destino que nos levou os nossos entes queridos. sem perceber que há outros que têm mais razões do que eu para estarem aflitos. - Levantando novamente os olhos, fitou a amiga.

- Mas isso acabou. Esme, acabou. Falou-me claramente, como amiga. Vou deixar de infantilidades e de tolices. Serei forte, para dar força aos que me rodeiam e não tentarei consolar-me quando há coisas mais importantes para fazer. Serei forte. Esme. Bria lançou os braços ao pescoço de Esme e as duas jovens abraçaram-se.

- Anda. vamos ver o que podemos fazer para acomodar os aldeões que procuram refúgio dentro destas paredes - sugeriu Bria.

Afastando-se da barbacã, começaram a caminhar ao longo das ameias viradas a sul.

- Sinto-me tão tola. Esme! Desculpe.

- Não se censure. Não falei para te criticar, pois o seu coração é muito mais sensível do que o meu.

- Se fosse assim, devia ser eu a consolar-te, Esme. Está longe de casa, e sem novas nem dos combates que lá se desenrolam nem da sua família. Deve andar muito preocupada.

- É verdade, mas o plano do meu pai foi mandar-me para cá afastando-me, assim, da ameaça da guerra. Honro-o mantendo-me no caminho que traçou para mim, mas tenho certeza de que nem lhe passou pela cabeça que a poderosa Askelon ia acabar por ser cercada.

Esme lançou a Bria um olhar cauteloso e, depois, corou e desviou o rosto.

- O que foi? Fala à vontade. O que aconteceu?

- Bem, para te dizer a verdade, não tenho pensado tanto na minha família como em outra pessoa - disse Esme lentamente.

- Toli?

- Sim, Toli. - Observou Esme atentamente. - Porquê? Tem algum mal?

- Não, não. Longe disso, Esme. Só me admira um pouco, mais nada. Toli é sempre tão calado, tão invisível... Quase nem reparo nele. Mas a verdade é que ele e Quentín são inseparáveis, e, como eu só tenho olhos para o Quentín, não devia ficar surpreendida por outra pessoa ver no Toli aquilo que eu vejo.

- Acredita que o que estava mais longe de mim era apaixonar-me assim tão facilmente. Eu andava em missão, mandada pelo meu pai, e nesses dias de viagem... Bria, devia ter visto a maneira como me protegeu quando encontramos os Ningaal. E, depois, quando o vi vivo, entreguei-lhe o meu coração. E sei que ele também gosta de mim.

A conversa levava-as até ao grande cortinado que separava o pátio interior do exterior. Por algum tempo, ficaram olhando para baixo, para o pátio exterior, cheio de pessoas que andavam de um lado para o outro, construindo tendas e alojamentos temporários. Também se via gado, porcos e galinhas, que alimentariam os sitiados caso o cerco se prolongasse. O guarda do pátio e os seus homens corriam de um lado para o outro, guiando o afluxo de gente para um lado e outro, tentando manter os caminhos desimpedidos para os soldados que necessitassem de os atravessar.

- O castelo pode abrigar estas pessoas todas? - perguntou Esme.

- Eu nunca vi nada assim. Diz-se que, na Guerra do inverno, ficaram aqui sitiadas cem mil pessoas durante todo o Inverno. Mas isso foi há muito, muito tempo.

Os mugidos das vacas e os grunhidos dos porcos, misturados com os berros e os gritos dos camponeses e dos aldeãos, originavam

um barulho ensurdecedor. Contemplando a população assustada, as princesas esqueceram os seus cuidados, pois, no meio da patética confusão dos refugiados, ouviram crianças chorando.

- Tem certeza que quer ir lá abaixo? - indagou Esme.

- Tenho. Talvez possamos fazer pouco por eles, mas, pelo menos faremos esse pouco.

Com estas palavras, entraram na torre virada a sul e começaram a descer as escadas em espiral, em direção ao ruidoso caos do pátio exterior.

CAPÍTULO XLV

Quentin nunca experimentara uma escuridão como aquela. Muito mais espessa do que a mais negra das noites, era palpável, primitiva, insistente. Quase viva, escondia-se por trás de cada esquina e em todos os lados, à espera de asfixiar os intrusos no seu abraço de veludo. As tochas que transportavam pareciam frágeis e ridículas. Não passavam de simples brinquedos contra um inimigo incansável, de uma astúcia estúpida e selvagem. No entanto, apesar de parecerem estar sempre à beira de se apagarem completamente, deixando-os mergulhados num vazio tão negro como a morte, as bruxuleantes tochas conseguiam, mesmo assim, afastar um pouco esta terrível escuridão. Cada um deles tinha uma tocha, exceto Inchkeith, que ia avançando teimosamente, sobrecarregado pelas suas ferramentas de escavar, como lhes chamava. Durwin seguia à frente, tendo como guia o seu fraco conhecimento da maneira como os Ariga faziam a extração mineira. Quentin, de braço ao peito, mas, no entanto, carregando um grande saco, caminhava atrás de Durwin. Inchkeith saltitava atrás de Quentin e Toli seguia na retaguarda, rangendo os dentes a cada passo que dava em direção ao negro coração da montanha.

Depois de terem caminhado na escuridão ao longo de um corredor baixo e largo, de pedra sólida, durante o que lhes pareceu dias a fio, Durwin parou e disse:

- Sem dúvida que vocês, rapazes, podem continuar a andar até o próprio Heoth os fazer parar, mas penso que é hora de

descansarmos. E também não seria má idéia comermos alguma coisa.

- Não pare por minha causa, eremita - observou Inchkeith.

Apesar das suas palavras, Quentin reparou que ele pousara a sua carga.

- Só quero sentar-me por mim e por mais ninguém, senhor. Os pés dizem-me que é hora de descansar um pouco e a minha barriga concorda.

Quando comeram, Quentin percebeu que, afinal de contas, estava cheio de fome. Enquanto mastigava, pensava se seria dia ou noite lá fora. Mas, na sua cabeça, imaginava as coisas exatamente como as vira pela última vez. Durwin tivera razão, ao ir para aquele buraco escuro, era bom as pessoas transportarem com elas um pouco de sol.

Toli comeu pouco e falou ainda menos. Fora ficando sério, refugiando-se em si próprio e, se é que era possível, tornara-se ainda mais calado do que o habitual. Quentin fingiu não reparar no comportamento do amigo, pois isso só serviria para lhe tornar as coisas ainda mais dolorosas.

Aliás, sabia precisamente o que incomodava Toli: o jher não gostava dos limites asfixiantes da mina. Toli, nascido entre um povo que vagueia à vontade pela terra, seguindo as criaturas selvagens, tivera um ato de suprema coragem ao

entrar naquele lugar odioso, que, para ele, era pior do que o túmulo.

Mas havia qualquer coisa da sua inquietude que também incomodava Quentin. Só que, nele, assumia a forma de uma certa confusão. Os Ariga, cujas obras eram uma canção visível e palpável, tinham construído um poço de mina perfeitamente detestável. Não esperava que as amplas galerias de cores vivas de Dekra tivessem sido reproduzidas debaixo da terra, mas pensava encontrar ali as marcas do notável bom gosto que, normalmente, se manifestavam

até nos artigos mais mundanos da sua vida quotidiana. Mas tudo o que via era um túnel preto de pedra que rebrilhava nos lugares onde a água escorria pelas paredes.

- Se não me engano, ainda estamos no poço da entrada. Creio que em breve chegaremos ao primeiro nível. Mas não sei quantos níveis existem nem em qual deles está o lanthanil - disse Durwin. Vamos vasculhar todos os níveis e todas as galerias até o encontrarmos. No entanto, desconfio que está bem fundo e que vamos ter de descer até ao nível mais baixo. Ouvindo estas palavras, Toli fez um esgar estranho, como se estivesse comendo um fruto muito amargo. Tratando-se de outra pessoa, Quentin até teria rido, mas sabia como aquela experiência estava torturando o seu amigo. Por isso, virando-se para Durwin, desviou a conversa:

- Já que mencionou o lanthanil, fale-nos mais dele, pois só sei o pouco que me disse e o que me lembro de Dekra, que está tão envolto em lendas que chega a ser inacreditável.

- Não tenha tanta certeza disso. É verdade que as histórias que os homens contam sobre estas coisas vão sempre crescendo e ficando mais exageradas, mas a Pedra da Luz (é o que a palavra significa, mais ou menos) é uma substância fantástica, com muitas propriedades exóticas e poderosas.

- Se quer acreditar nas histórias que por aí se contam, então ouvi esta - começou Inchkeith, fitando a escuridão. - Há muitos anos, o meu pai, ainda rapazinho, foi correr mundo com o pai dele, em busca dos segredos das armas e armaduras e da maneira como se forjam e se formam metais raros e como se encastoam as pedras preciosas... enfim, da arte dos armeiros.

- Em Pelagia, encontraram um mercador que vendia armas, e ficaram amigos quando o mercador viu uma amostra do trabalho do meu avô. Ao perceber que estava falando com um grande artesão, o mercador levou-os para as traseiras da sua loja, pois, nesse país, havia tendas com o exterior coberto de toldos, e no interior, onde

viviam e trabalhavam os mercadores e os artesãos, guardavam-se os melhores artigos. Ser convidado lá para dentro era uma honra considerável.

- O tal mercador, homem muito conhecido e respeitado (não me lembro se alguma vez ouvi o seu nome), levou-os para dentro e conduziu-os a um quartinho muito pequeno da sua grande casa. Depois de tirar a tranca da porta, convidou-os a entrarem. O meu pai dizia que estava muito escuro e lembrava-se de que as paredes do quarto eram extremamente grossas e a porta muito pesada, pois rangia nos seus gonzos de ferro como uma ponte levadiça.

- O mercador fechou a porta, tirou um cofrezinho de um esconderijo e pousou-o na mesa. O cofre, muito pequeno, tinha correntes e estava fechado à chave. Depois de abri-lo, tirou de lá de dentro um objeto embrulhado em tecido. O meu pai dizia que não era grande e que não parecia ser muito pesado, pois o homem pegou nele com facilidade, mas muito reverentemente.

- Sem falar, o mercador desenrolou o tecido, pondo à mostra um cálice de uma beleza incomparável. Mas o mais interessante... e foi a coisa que o meu pai recordou mais nitidamente até à sua morte... era a maneira como brilhava na escuridão, como se o iluminasse um brilho interior. O meu pai dizia que era tão belo que chorara só de olhar para ele... mas também não passava de um rapazinho.

- Então, estendeu a mão para tocar na brilhante taça, mas o mercador afastou-a, dizendo que estava encantada e que tocar-lhe com as mãos nuas lhe diminuiria o poder. Também afirmou que era muito antiga e que o seu poder, ainda grande, não passava da sombra do que outrora fora. Ao que parecia, os cordiais bebidos por aquele cálice curavam imediatamente e todas as enfermidades saravam quando lhe tocava.

- Então, o pai do meu pai fez uma coisa muito pouco habitual nele. Apesar do orgulho que tinha no seu trabalho, prometeu ao mercador o seu melhor punhal se este o deixasse, a ele e ao filho,

tocar no cálice. O meu pai reparou que, ao fazer o pedido, se estampou uma expressão estranha no rosto do meu avô. O punhal era de um trabalho finíssimo. Tinha o cabo de ouro com rubis incrustados. Valia muito. Mesmo assim, o mercador hesitou. Mas, por fim, cedeu e deixou-os tocar no cálice. O meu pai lembrava-se como a luz que saltou do belíssimo cálice iluminou o rosto do seu pai, parecendo dar-lhe um novo poder de criação e uma maior compreensão da sua arte... claro que o meu pai só entendeu tudo isto bastante mais tarde. Quando o pai lhe passou o cálice, ele teve medo de lhe tocar, mas o pai insistiu e ele obedeceu. Dizia que nunca sentira tal força e integridade e que, depois, nunca mais na vida voltara a sentir a mesma emoção. Embora não passasse de um rapazinho, mesmo assim soube que nunca mais teria a mesma sensação nem veria beleza que se lhe comparasse. Por isso guardou tudo no seu coração.

- O meu pai passou o resto da vida tentando atingir na sua arte a beleza que viu naquela taça. E ele viveu muito para além do tempo normal de vida de um homem. Dizia sempre que isso se devia ao cálice e que até cem punhais de ouro seriam uma soma mesquinha para pagar a dívida daquele toque.

O tom de voz de Inchkeith baixara, até não passar de um sussurro. Também Quentin, Toli e Durwin estavam extasiados, escutando com espanto a história do armeiro. Ninguém falou durante muito tempo. Por fim, Quentin quebrou o silêncio.

- O que aconteceu ao seu avô? Em que é que isso o afetou?

Inchkeith demorou a responder. Quando por fim, abriu a boca para falar, fitou-os com os olhos cheios de tristeza.

- Não teve um fim feliz. Também ele prosperou e viveu muito, mas obcecava-o a idéia de encontrar outro cálice ou qualquer objeto feito com o misterioso metal. Como não conseguiu, tentou fazer um, mas foi sempre uma desilusão. Nem sequer o fato de as suas obras se terem tornado as mais apreciadas do reino lhe trouxe alguma

satisfação. Morreu amargurado e alquebrado, consumido pelo desespero. Houve quem dissesse que, no fim, foi o desespero que o matou.

- E com o seu pai não se passou a mesma coisa?

- De certa forma. Depois de ter tido o cálice nas mãos, também ele nunca se satisfez com o seu trabalho. Mas é preciso não esquecer que ele era um rapazinho. Creio que o seu coração ainda era inocente e desconhecia a vida e o mundo. Em vez de o conduzir à amargura, o cálice inflamou-o com um ardente desejo de procurar essa beleza. É verdade que morreu sem a encontrar, mas não foi por causa disso que partiu infeliz.

- A sua história é muito comovente - comentou Durwin.- Agora percebo porque é que o Altíssimo te escolheu para nos acompanhar nesta jornada. Parece que a sua família tem algum papel a desempenhar aqui. - Olhando em volta, disse:

- Bem, já descansamos e conversamos o suficiente. Vamos continuar a nossa busca. Em frente!

Lentamente quase dolorosamente, voltaram a pôr as suas cargas ao ombro, pegaram nas tochas e retomaram a lenta e vagarosa descida da mina.

Se os pátios exteriores estavam cheios de cidadãos frenéticos e assustados, os interiores encontravam-se atulhados de soldados. preparando-se febrilmente para o cerco iminente. Na base da torre virada a sul formara-se uma fila compacta de soldados, que surgiam das masmorras com braçadas de lanças e molhos de setas. Outros grupos mais pequenos encontravam-se debruçados a trabalhar no chão objetos de madeira, corda e ferro: estavam montando as máquinas de guerra. Outros ainda faziam feixes de palha e cosiam pesados pedaços de tecido e de pele uns aos outros. Os cavalos eram conduzidos para os estábulos situados em volta do pátio, onde os escudeiros, sentados nas pedras de

amolar, afiavam espadas, lanças e alabardas. As provisões, vindas da cidade em carroças, eram empilhadas nas cozinhas e nas despensa pelos cozinheiros e seus ajudantes. Os cães perseguiram bandos de gansos e galinhas, que fugiam a cacarejar, e as crianças, pouco inibidas pelo perigo e excitadas por aquela roda-viva, corriam e brincavam, desviando-se das pernas dos adultos e encenando batalhas a fingir.

Eskevar percorria as ameias como uma sombra. Parecia estar em todo o lado ao mesmo tempo. Os seus comandantes viam-no a observá-los enquanto treinavam as tropas; o guarda das masmorras encontrava-o a inteirar-se do nível da água do reservatório e a mergulhar ele mesmo a vareta que servia para o medir: e os escudeiros aprendiam a afiar melhor as lâminas com uma personagem que usava na mão o sinete real. Ao fim do dia, parecia que não havia ninguém dentro daquelas paredes que não o tivesse visto.

- Sua Majestade, devo protestar! - disse Biorkis, dando estalidos com a língua. - Se Durwin estivesse aqui, diria ele mesmo, mas, assim, digo eu no seu lugar. Se não quer ouvir-me ao menos, ouça a ele: têm de descansar. Ainda, só recuperou metade das forças e a sua incursão na batalha cansou-o. Repito que descanse. Deixe os seus comandantes prepararem o que é necessário.

Eskevar fitou-o com um olhar sinistro.

- Não deve fazer idéia do perigo que corremos. Se não for o rei, quem vigiará todos os preparativos?

Biorkis, avisado por Durwin do obstinado orgulho do seu paciente, não se deixou demover:

- Que bem fará ao seu povo se o cansaço os fizer cair de cama e os não deixar nem levantar a cabeça, quanto mais empunhar uma espada ou gritar uma ordem? Descanse agora, enquanto pode.

O rei carregou ferozmente o cenho:

- Pois lhe digo que me sinto muito bem! Não tem nada a ver com as minhas forças. - Mas, enquanto falava, cambaleou um pouco.

- Como disse, Majestade? Todos os homens e crianças do reino, que querem ver o seu rei libertá-los do abraço mortal do inimigo, têm a ver com isso. Precisa descansar. Reuni forças, para que o dia que se aproxima não o encontre enfraquecido.

- Enfraquecido?! Veja como fala com o seu rei, pelos deuses! - interveio Eskevar violentamente. -No seu rosto estampara-se uma fúria tal que Biorkis achou melhor deixar as coisas como estavam. - Há muito que fazer e alguém tem de ver se fica bem feito - resmungou Eskevar, afastando-se novamente. E, embora se postasse perto dos seus aposentos à espera que regressasse, Biorkis não tornou a ver o rei naquele dia.

CAPÍTULO XLVI

Era estranho acordar na vasta escuridão da mina. Quando Quentin abriu os olhos, ficou sem saber se os abrira mesmo. A sensação de cegueira era tão grande que o coração lhe bateu fortemente no peito até ele se lembrar onde estava e como chegara ali. Só para se certificar, pestanejou várias vezes, mas não notou diferença nenhuma. Por isso, e como não lhe agradava andar aos encontrões para acender uma tocha, deixou-se ficar deitado no chão de pedra dura e irregular. A julgar pelos sons de respiração profunda e ritmada que quebravam o esmagador silêncio daquele lugar, os outros ainda estavam dormindo. Portanto, esperaria.

Tinham feito mais duas longas marchas até a fadiga se apoderar deles. Nessa altura, Durwin decidira que deviam dormir antes de continuarem. Haviam chegado ao primeiro nível pouco depois de terem parado a primeira vez para descansar e comer.

O corredor baixo acabava num declive muito íngreme, que dava para uma divisão que tinham calculado de tamanho interminável, devido aos ecos que as paredes de pedra lhes devolviam de cada vez que falavam. Mas não possuíam luz que desse para verem as dimensões da divisão, pois a luz da tocha não conseguia iluminá-la toda.

Depois, tinham atravessado a grande divisão, passando por enormes colunas de pedra avermelhada, esculpidas na rocha existente no coração da montanha, que se erguiam do chão como árvores monstruosas elevando-se do solo, cujas extremidades superiores se perdiam na escuridão de breu. Quentin contara vinte

pilares destes até ao outro lado da divisão, que então se afunilava formando um grande arco, por baixo do qual tinham passado. O arco tinha as marcas inconfundíveis dos canteiros Ariga. Quentin teria gostado de ficar para admirá-lo mas haviam-no passado rapidamente.

O corredor seguinte era mais difícil de seguir do que o primeiro. Era mais largo e mais alto, o que permitia uma maior liberdade de movimentos mas tinha muitas aberturas e galerias que, muitas vezes, se abriam abruptamente, descrevendo ângulos apertados. Bifurcava-se em vários lugares, dividindo-se em dois corredores, um à esquerda e outro à direita.

Por vezes, passavam por uma abertura na qual Quentin só reparava quando sentia uma brisa gelada no rosto e o cheiro úmido da pedra e do ar estagnado. De uma vez, tinham atravessado uma ponte de pedra, que descrevia um arco de um lado ao outro de uma fenda muito larga, que dividia o chão com um corte abrupto. -Na ponte, Quentin sentira uma corrente de ar quente e supusera que a fenda era o tubo de escape de alguma fogueira eternamente em chamas.

De cada vez que o corredor se bifurcava, Durwin escolhia sempre seguir pelo caminho que descia. Embora reconhecendo que não sabia exatamente o que procuravam, acreditava que o valioso minério se encontrava nas profundezas da mina.

Tinham descansado numa curiosa divisão abobadada, do outro lado da ponte de pedra. Ao princípio, haviam cavaqueado uns com os outros, mas, fosse pela fadiga, fosse pela penosa opressão da profunda escuridão, a conversa parecera secar como um fio de água no deserto, desaparecendo lentamente sem deixar vestígios de ter sequer existido.

Apesar de cansados e doloridos devido ao peso da carga que transportavam, tinham decidido continuar em frente. Mal haviam deixado a divisão abobadada, o caminho começara a inclinar-se cada

vez mais. Como a descida ia sendo mais acentuada, o peso que transportavam aos ombros impelira-os para baixo a um passo mais rápido do que, de outro modo, teriam tido forças ou vontade para andar. O resultado disto fora que haviam chegado ao segundo nível num abrir e fechar de olhos.

Quentin sabia que tinham estado a andar havia várias horas quando entraram na enorme caverna que constituía a divisão central do segundo nível, mas o tempo deixara de passar da maneira normal. As horas passavam e os minutos prolongavam-se incrivelmente, até parecer que o tempo só tinha significado se fosse medido em passos ou segundo os túneis pelos quais iam passando.

Eles estavam andando em silêncio, cada um envolto nos seus próprios pensamentos como numa capa que os tapasse da cabeça aos pés, quando Quentin sentira qualquer coisa no cotovelo, fazendo-o assustar-se tanto que quase deixara cair a tocha.

- Toli! Que susto! Não tinha ouvido se chegar a mim.

- Desculpe, Kenta. Não queria alarmá-lo - dissera, olhando para Quentin com os seus olhos grandes e brilhantes, profundos como lagos insondáveis. Por um instante, Quentin recordara o momento (parecia que havia muito tempo) em que encontrara na floresta um jovem jher, envergando peles de veado e fitando-o com os olhos doces e assustadiços de uma criatura selvagem.

O olhar de Toli naquele momento era exatamente o mesmo. Com um súbito arrepio, Quentin imaginara que Toli regressara novamente ao seu antigo estado mais primitivo. Fitar aqueles grandes olhos escuros que cintilavam à luz bruxuleante da tocha era como fitar os olhos de um animal selvagem e assustado.

- O que é, Toli? Aconteceu alguma coisa? - Quentin falara num sussurro.

Toli olhara em volta de uma maneira esquisita, com os olhos muito abertos. Quando voltara a falar, fizera-o em voz tremula, num tom estranho que Quentin nunca ouvira o amigo usar. Toli parecia

pairar no ar, pronto a voar; Quentin receara que ele se lançasse, de repente, para a escuridão e que nunca mais o vissem.

- O meu povo não gosta de lugares escuros - dissera Toli. Nunca vivemos em cavernas. Antes, quando os homens viviam em buracos e cavernas, o meu povo vivia na floresta e construía as casas com muita luz.

A julgar pela maneira como falava, parecia que Toli estava fazendo uma confissão muito pessoal. Quentin não sabia o que havia de pensar.

- Entre nós, ainda há quem fale do tempo em que os homens viviam nas cavernas - continuara Toli. - Alguns até estiveram dentro de cavernas que encontraram na floresta, mas eu não.

De repente, Quentin percebera o que Toli estava tentando dizer-lhe.

E compreendera que o jher precisara de muita força para o seguir até àquele lugar escuro. Para Toli não se tratava de uma mina; era um tabu ancestral que ele, por amor ao seu amo, pusera de lado. Mas a escuridão e os infindáveis caminhos de pedra, que cada vez mais os levavam para as entranhas da terra, tinham acabado por quebrar o verniz de civilização que adquirira ao viver com o seu Kenta. Toli voltara sendo o príncipe jher selvagem como as criaturas livres das Terras Selvagens.

- Isto acaba depressa. Toli. Não tenha medo. Daqui a pouco voltará a ver a terra viva. - Naquele momento, Quentin sentira o vazio das suas palavras mas essa sensação fora ainda mais funda quando Toli virara para ele um olhar vítreo de incompreensão, e parecera não o reconhecer. Quentin tivera a sensação de estar olhando para um estranho com um rosto tão familiar como o seu. O Toli que conhecia desaparecera.

- DeInur Ivi, Toli - murmurara Quentin, enquanto ia avançando penosamente. Repetindo as palavras uma e outra vez à luz da tocha,

vasculhara a memória em busca de alguma frase jher que pudesse ser-lhe útil, e encontrara aquela: Delnur Iví. Agüente-se... agüente-se.

Sempre na escuridão, Quentin virou-se para o outro lado e ficou espantado ao ver uma luz fraca que, do vazio sem forma, ressaltava na sua direção. Parecia flutuar ou nadar e piscava como um animal das cavernas, que tropeçara no seu caminho e que agora os espreitava. A luz era cada vez mais intensa.

Quentin sentou-se, pensando se havia de acordar os outros para os avisar. Então, ouviu os passos arrastados de alguém que caminhava pelo corredor, em direção à divisão onde se tinham aconchegado para dormir. Mas, mal pensou que podia haver perigo, deixou de ter essa sensação e ficou à espera.

Por fim, a luz irrompeu pela entrada abobadada, enchendo a divisão (pelo menos, foi o que pareceu aos olhos privados de luz de Quentin) de um brilho semelhante ao do Sol.

- Pois é! Está acordado, Quentin? Venha comigo, quero mostrar-lhe uma coisa.

- Mas os outros...

- Deixe-os dormir. Não é longe. Ande.

Quentin pôs-se em pé muito direito e percebeu imediatamente como tinha os pés doloridos. Mas lá foi caminhando atrás de Durwin, que levantou a tocha bem alto, para ambos poderem ver o caminho. Enfiando pelo túnel principal por onde tinham seguido na sua última caminhada chegaram a uma pequena entrada abobadada aberta de um dos lados do corredor. Chegando ali, Durwin parou e disse:

- Andei muito tempo por esta galeria, para trás e para a frente. Só vi isto quando, há pouco, voltei para ir dormir. E decidi experimentá-la. Siga-me. Espicaçado pela curiosidade, Quentin inclinou-se para passar pela entrada. E encontraram-se imediatamente dentro dos limites desconfortavelmente apertados de um túnel baixo e estreito, que parecia o buraco de uma minhoca. e

que serpenteava e curvava num espaço que mal tinha o momento de um homem.

O túnel, muito íngreme, inclinava-se rapidamente para baixo, de um modo que Quentin até achava pouco seguro, parecia-lhe que, de repente, a galeria passaria à posição vertical, fazendo-o cair num poço sem fundo. Mas, aparentemente, Durwin não tinha medo e avançava o mais depressa que as suas pernas o levavam. Por isso, Quentin guardou os seus receios para si próprio e seguiu-o obedientemente.

Chegaram a um lugar estreito, o fim do túnel. Mas Quentin viu Durwin virar-se de lado e desaparecer por uma fenda muito apertada. Endireitando os ombros e sustentando a respiração, também ele passou pela estreita abertura. Logo que apareceu do outro lado, sentiu Durwin agarrando-o pelos ombros. Depois, o eremita baixou a tocha para ele poder ver que estava de pé numa plataforma muito estreita.

Durwin sorriu-lhe à luz da tocha, com um brilho de feroz alegria no rosto.

- O que é, Durwin? - perguntou Quentin, sentindo um arrepio percorrer-lhe a espinha. Ao ouvir a sua voz afastando-se, percebeu que devia ter à frente um abismo imenso.

- O que é? O que é? - riu o eremita. - Eu te mostro. - A voz de Durwin parecia oca e metálica ao vibrar no espaço escuro que tinham à frente. Quentin encostou-se mais à parede rochosa.

O eremita pegou na tocha e arremessou-a com força para o outro lado da escuridão.

- Não! Espere! - gritou Quentin. O eco do seu grito veio devolvido de uma grande distância. A tocha girava e rodava enquanto ia caindo, mergulhando através de superfícies lisas que refletiam o clarão da sua luz. Por fim, extinguiu-se com uma pancada que produziu um som semelhante ao do gelo fendendo-se num lago cujas águas acabaram de solidificar.

- Vê - ordenou Durwin, sustentando a respiração.

Quentin não via nada e estava preocupado com a tocha. Como iam eles encontrar o caminho de volta? Mas então aconteceu uma coisa estranha e maravilhosa.

De repente, pareceu-lhe que estava vendo as estrelas do céu despontando uma a uma na escuridão que os rodeava. Ao princípio, as estrelas não passavam de lasquinhas de luz que, depois, começaram a crescer.

- O que ... ? - começou Quentin. Mas não acabou o que ia dizer.

Acima dele, o teto abobadado da enorme câmara começara a reluzir com uma doce luminosidade cor de âmbar, tingida de cor-de-rosa, como um nascer do Sol no Inverno. Os cintilantes riscos verdes que se viam do outro lado pareciam luz líquida escorrendo pelas paredes. Lá em baixo, no fundo da caverna, brilhava uma luz fantasmagórica aqui e ali, em manchas irregulares, dispostas em camadas azuis e douradas. Embora o tempo parecesse passar com a lentidão do nascer do dia, dali a momentos a vasta câmara irradiava luz de todos os lados, e Quentin sentiu-se arrebatado por uma alegria incrédula.

- Durwin - sussurrou.

- É verdade, Quentin. Encontramos o lanthanil.

CAPÍTULO XLVII

As sentinelas viram-nos chegar à luz cruel da Estrela do Lobo. Embora fosse a sexta hora da noite, o brilho frio da horrível estrela iluminava a planície com uma luz tão viva como a do dia.

A estrela crescera até encher toda a parte oriental do céu, ofuscando todas as luzes mais pequenas. E, à luz da sua estrela selvagem, os Ningaal chegaram a Askelon. Um mensageiro foi chamar o rei, que ordenara que o informassem mal o inimigo aparecesse, fosse qual fosse a hora a que isso se desse. O soldado ainda mal deixara as ameias quando regressou com Eskevar, sombrio e majestoso, envergando a sua capa forrada de preto, com o broche e a corrente do dragão dourado cintilando à luz que caía a jorros. Ao esvoaçar atrás de si, a capa com capuz que vestia fazia contorcer-se a figura prateada do dragão que tinha bordado

nas costas. O rei calçava botas altas, vermelhas, e trazia a espada à cintura, os que o viram perceberam logo que, nessa noite, em vez de dormir, estivera à espera e a postos para enfrentar o inimigo.

Ainda estavam afastados quando Eskevar desafiou a noite pouco natural com um olhar colérico.

- Venham para Askelon, horda de bárbaros! - vociferou Eskevar. Venham ao encontro da sua morte!

Os nobres que se tinham reunido à sua volta trocaram olhares preocupados, pois o rosto febril de Eskevar ardia como o focinho de um lobo feroz. O rei inclinou a cabeça para eles e disse:

- Rudd, olhe. Você também, Dilg. E Você, Fincher. O dragão dorme enquanto o inimigo se aproxima. Está debaixo da colina,

dormindo no seu salão de pedra, mas não será por muito tempo, pois acordará e defenderá o seu lar. Nunca a mão do invasor tocou nestas paredes, nem nunca tocará. O dragão impedirá. Sim, o dragão!

Com medo de interromperem os devaneios do rei, os senhores assentiram em silêncio. Eskevar agarrou-se à ameia de pedra como se levantasse as muralhas de mãos nuas.

- Olhe como eles chegam - prosseguiu lentamente, com toda a clareza. - Sinto os seus odiosos pés sobre a terra. Sinto o mal que trazem profundamente dentro de mim. Mas o coração do dragão está comigo e é de ferro. Não tenho medo.

A estas palavras do Rei Dragão, os senhores contraíram-se. - Nem os que o tinham servido nas guerras contra o Goliah o haviam visto assim. Os olhos saltavam-lhe das órbitas e tinha os músculos da boca muito tensos; à luz da estrela, a sua testa alta e nobre mostrava-se lisa e firme.

- É um prodígio, não é, senhores? Olhem bem. Olhem bem. Vejam com que vontade se lançam na chacina. Vejam a marcha maldita para a sua destruição. Mas não tenham piedade deles, senhores. Merecem o que vão ter. Serão todos liquidados.

- Está uma noite fria, Majestade - disse Rucid. Falou com hesitação, pois havia vários soldados reunidos à sua volta, murmurando sobre o comportamento do rei. Se se andasse por aí a dizer que o rei perdera a razão, seria natural que os

soldados não combatessem como deviam quando chegasse o momento de o fazerem. - Talvez seja melhor esperarmos todos lá dentro. Além disso, gostaria de falar com vocês sobre as nossas defesas.

Eskevar virou-se para eles, como se fosse a primeira vez que os visse.

- Há? O que diz? - Passou a mão insegura pela testa molhada de gotas de suor. Rudd pegou-lhe no cotovelo e sentiu o rei ser

percorrido por um arrepio, que o fez estremecer.

- Sim, vinde conosco dizer-nos quais são as suas ordens - insistiu Dilg, pegando no outro braço do rei. Com Eskevar no meio, afastaram-se das ameias. Os outros senhores seguiram-nos depois de dispersarem a multidão que ali se juntara. dizendo:

- Ide para os seus postos. Vamos reunir em conselho com o rei.

- E apressaram-se a ir atrás de Eskevar e da sua escolta, de modo a não levantarem suspeitas entre os que os viam passar.

Quando chegaram ao torreão virado a oeste, encontraram a rainha Alinea, que saiu ao seu encontro da densa sombra do umbral da porta.

- Minha rainha... - começou Rudd, mas ela percebeu imediatamente os olhares acanhados dos nobres.

- Eskevar, andava à sua procura. Não vá falar com os seus comandantes. Deixe-os ir para junto dos seus homens. Ou, se quiser, permita-lhes que se reúnam na câmara do Conselho. Quero falar com você, meu marido. Sinto-me tão só!

- Concordo, Majestade. Conversaremos em breve. Mande-nos para junto dos nossos homens, para que as nossas palavras lhes inculquem coragem.

Eskevar nem ouvia o que estava sendo dito. Só olhava para a sua esposa. que lhe deu o braço e o conduziu para dentro da torre.

- Sim, vão para junto dos seus homens. Digam-lhes que temos de estar a postos. Temos de estar a postos. - O rei afastou-se, com o rosto branco à luz crua da estrela. Por um lado satisfeitos por terem sido aliviados da responsabilidade de

olharem pelo rei, mas, por outro, profundamente preocupados com o seu estado invulgar, os senhores de Mensandor apressaram-se a regressar aos seus postos para garantirem aos homens que o rei estava de boa saúde e que se poria à sua cabeça na altura própria.

Mas, no seu íntimo, não tinham assim tanta certeza.

Encontravam-se no chão de uma abóbada imensa, situada no coração das montanhas. Com os olhos muito abertos, como uma criança, Quentin pestanejava, sem acreditar no que via. Não tinha palavras que descrevessem os pensamentos que a magnificência daquela câmara lhe suscitavam. Também Toli estava ao seu lado mudo de espanto com o esplendor daquele tesouro subterrâneo.

Inchkeith, gritando de alegria e cabriolando como um rapaz, apressara-se a descer a plataforma comprida e sinuosa por onde tinham entrado para a abóbada. Aliás, continuava a correr de um lado para o outro, examinando este e aquele tipo

de depósito do minério. Durwin, pelo contrário, parecia quase tranqüilo e ponderado, mas Quentin sabia que ele estava tão excitado como os outros. O seu júbilo assumia a forma da palavra: Durwin ainda não parara de falar desde que tinham entrado na abóbada pela segunda vez, levando Toli e Inchkeith.

Virando-se para o eremita, que falava sobre os vários instrumentos que os Ariga usavam para explorar o lanthanil, Quentin perguntou:

- O que é que disse de uma espécie de avalanche na entrada principal?

- O quê? Ah, sim. Encontrei a entrada principal desta câmara, deste castelo, sem dificuldade nenhuma. O nosso caminho vinha para cá ter direitinho. Mas estava bloqueada por um monte de pedras. - Virando-se, procurou a entrada, descobriu-a e apontou para uma parede do outro lado. - Está vendo aquelas rochas soltas? A entrada fica ali.

Quentin viu um amontoado de pedras e pedregulhos, alguns do tamanho de casas, que dava a idéia de que o túnel se desmoronara.

- O que aconteceu ali? - perguntou.

- Claro que não sei ao certo, mas desconfio que foram os próprios Ariga que bloquearam a entrada. Eles eram mineiros demasiadamente experientes para deixarem que uma catástrofe

destas acontecesse acidentalmente. Creio que o fizeram de propósito. Deve ter havido um momento em que decidiram fechar esta parte da mina.

- Esta parte? Mas se é aqui que está o lanthanil...

- Pois é! Pode ter certeza de que tiveram uma boa razão para fazê-lo. Não sei qual foi ela, assim como não sei porque é que os Ariga desapareceram nem para onde foram. Mas a verdade é que a deixaram... para nós a descobriremos.

- Mas teríamos levado anos a limpar aquela confusão da entrada... O que te fez pensar que existia outro caminho para dentro?

- Não me parece que eles tivessem decidido impedir a entrada a todas as pessoas... só aos curiosos, aos caçadores de fortunas e aos profanadores.

- Se fosse eu, nunca teria pensado naquele buraco da parede. Por mim, parecia-me a queda para uma morte certa. Como te lembrou dele?

Durwin sorriu e encolheu os ombros.

- Não sei. Mas se acreditares que estava escrito que iríamos encontrar a mina, então a encontraríamos de qualquer maneira. Se o altíssimo assim o quisesse, as montanhas teriam se aberto à nossa frente!

Toli, que andava raspando nos montes de pedra que se erguiam do chão, deslizou de volta ao lugar onde Quentin e Durwin se achavam a conversar:

- Venham comigo - disse, puxando-os. - Encontrei uma coisa! Afastou-se correndo, com Quentin e Durwin atrás. Quando deram a volta ao monte de pedra, Toli apontou para um local que brilhava à luz viva da caverna.

- O que é? - indagou Quentin, debruçando-se para ver melhor.

- Creio que é uma bigorna - respondeu Toli.

- Uma bigorna como nunca vi outra igual.

- Porque é de ouro! E olhe para isto. - O jher baixou-se e começou apanhando objetos do chão, onde estavam alinhados como se esperassem que o mestre regressasse para retomar o seu trabalho.

- Deixe ver. - Inchkeith deu um passo em frente e tirou de Toli dois objetos esquisitos, que virou e revirou nas mãos e aos quais tomou o peso.

- O que são? Ferramentas?

- Exatamente - replicou Inchkeith, com o rosto brilhando de entusiasmo. - Mas são as ferramentas de um grande mestre artesão! E também são de ouro. Imagine alguém dar tão pouca importância ao ouro que até fazia ferramentas dele! São muito antigas e de linhas pouco habituais, mas percebe-se bem para que servem. E olhem... um martelo.

- Isso, pelo menos, sei o que é. Mas deve ser muito pesado e pouco duro. - Quentin tirou o martelo a Inchkeith e sopesou-o. O martelo de ouro não era tão pesado como supunha; de fato, só pesava ligeiramente mais do que um martelo de ferro.

- O lanthanil pode ser trabalhado com qualquer tipo de ferramentas, porque é maravilhosamente maleável - explicou o armeiro. Mas o ouro não diminui o seu poder. O ouro é a única substância que não propaga o poder do metal. E sem dúvida que os Ariga usaram uma liga secreta para fortalecer o ouro do martelo e da bigorna.

- Portanto, foi um disparate ter trazido aquilo. - Inchkeith indicou a bagagem que se encontrava amontoada no chão, a uns passos de distância. - Entre estes objetos que estão aqui - continuou, chocalhando as ferramentas que tinha na mão - e aquela forja, temos tudo o que precisamos.

- Forja? - Quentin olhou em volta. - Não estou vendo forja nenhuma.

- Ali, na parede. Bem, não tem nada a ver com as nossas forjas; parece mais com um santuário. Mas eu sei para que serve. Pode

acreditar que é uma forja.

Quentin sentia-se pequeno e insignificante naquela câmara grandiosa. Mais uma vez, voltou os olhos para a enorme cúpula de luz cor de âmbar e verde, para as paredes raiadas de veios azuis e violeta e para o solo inundado de vermelho-dourado e cor-de-rosa. Tinha a sensação de ser um ladrão que penetrara na câmara de um tesouro real, que a qualquer momento seria apanhado e expulso.

- Então, pronto. Já temos as ferramentas e a bigorna. A forja está aqui perto. Portanto, só nos falta o minério para podermos começar disse Durwin.

Estas palavras arrancaram Quentin do seu devaneio. Estava tão extasiado com a beleza da abóbada dos Ariga que até se esquecera da razão que os levara ali:

- Começar?

- Sim. - Durwin soltou uma gargalhada. - Temos uma espada para fazer!

CAPITULO XLVIII

- Não, estas não servem - disse Durwin, devolvendo duas brilhantes pedras verdes a Toli, cujos olhos cintilaram ao fitá-las. - Nem servem as verdes, nem as cor de âmbar, nem as azuis, nem vermelhas e nem mesmo as douradas. Talvez dêem para fazer cálices e outros objetos iguais, mas não para forjar a Zhaligkeer. A Brilhante tem de ser feita com lanthanil branco, que é o mais raro e o que tem maior poder.

Quentin olhou em volta.

- Estava pensando porque é que há tantas pedras preciosas espalhadas por aqui. Afinal, é porque era às brancas que os Ariga davam mais valor.

- Pois é! Se queremos fazer a espada, teremos de procurar muito, pois ainda não vi um único afloramento branco desde que aqui entramos - declarou Durwin.

- Eu também não.

Seguindo a sugestão de Inchkeith, espalharam-se todos, indo cada um para um lugar diferente procurar um veio de minério branco entre o arco-íris formado pelo lanthanil colorido.

Inchkeith ia os instruindo sobre o que haviam de procurar e como, por isso, ao cabo de várias horas, os métodos usados pelos mineiros já não tinham segredos para eles. Mas, ao fim de um dia inteiro de pesquisas, ainda não tinham encontrado nem um grão do raro minério branco.

As buscas do dia seguinte só fizeram com que os mineiros ficassem com os dedos e os joelhos todos doloridos. E passou-se o

mesmo no dia seguinte. Quentin chamava dias a estes períodos de atividade, visto que cada um deles era limitado por intervalos de descanso, mas claro que não fazia a mínima idéia da sua duração. Ao fim dos três dias, estavam eles sentados em redor da pequena fogueira que Toli fizera num círculo de pedras, quando Inchkeith, frustrado e cheio de sono. resmungou para si próprio... um hábito que ultimamente adquirira.

- O quê? - perguntou Durwin.

- Nada - grunhiu inchkeith, voltando a levar o púcaro à boca.

- Disse qualquer coisa sobre a água. Diz lá outra vez - insistiu Durwin.

- Disse que esta água tem o sabor das pedras - Inchkeith lançou ao eremita um olhar colérico e exasperado.

- Talvez tenha razão - respondeu Durwin, provando um pouco da sua água. - Parece pedra.

- O que há de estranho nisso? - inquiriu Quentin, achando que todos eles começavam a mostrar sinais de tensão e exaustão.

- Há dois dias que bebemos desta água.

- Desde que se acabou a água dos odres que trouxemos - acrescentou Toli.

- Onde os encheu, Toli? - indagou Durwin ansiosamente, inclinando-se para a frente à luz da fogueira.

- Mas... ali naquela poça. Abaixo do lugar por onde entramos. Mas é boa. Provei-a antes e não me fez mal nenhum. Se está com gosto é porque há muito que se encontra nesta caverna, longe do sol e do ar.

- Então o poço não é alimentado por nenhuma nascente?

- Parece-me que não. Se fosse, a água devia ser mais fresca.

Toli respondeu a Durwin um olhar cheio de intensidade.

- Porquê este súbito interesse na nossa água? Como Toli disse, há dois dias que a bebemos e não nos fez mal nenhum. - Quentin

encolheu os ombros e, como prova de confiança em Toli, esvaziou o seu púcaro. Durwin pôs-se abruptamente em pé:

- Leve-me até ao poço. - Ninguém se mexeu. -Já!

Toli levantou-se e afastou-se com ele. Confusos, Inchkeith e Quentin olharam espantados um para o outro.

- Agora, em vez de ficarmos aqui, podemos ir atrás deles. Fico sempre admirado com as idéias que aquele eremita mete na cabeça. De qualquer modo. ninguém dormira até ele se dar por satisfeito.

Portanto, Quentin e o armeiro seguiram as figuras que se afastavam a média-luz da grande abóbada. Quando chegaram junto deles, encontraram Durwin e Toli de mãos e joelhos no chão, espreitando para as profundezas de ébano de um poço, cuja superfície parecia dura e polida como vidro preto.

- Não, não vejo nada - suspirou Durwin. - Mas acho que temos de tentar.

- Tentar o quê? - perguntou Quentin.

- Não tenho certeza - começou Durwin. - Mas... - Hesitou.

- Desembucha, maldito eremita! Do que é que desconfia?

- Só disto... e é muito falível, seria muito ao estilo dos Ariga esconderem melhor o seu tesouro, mas sem eliminarem completamente as chances de este poder ser encontrado.

- Pensa que está no poço? - Quentin ajoelhou-se e espreitou incredulamente para a água.

- Talvez - retorquiu Durwin. - Mas eu não disse que tinha certeza absoluta.

- Bah! - exclamou Inchkeith. - Isto é água de infiltração e mais nada. Não há nada ali dentro.

- Oh, não tenha assim tanta certeza. Viu alguma infiltração ou alguma água correndo desde que entramos na mina?

- Claro que vi um pouco.

- Muito pouco, senhor. Os mineiros Ariga conheciam muito melhor a sua arte do que qualquer mineiro vivo. Numa mina, a água

representa um perigo constante. Mas, como você próprio viu, não é perigo que ameace esta mina; os Ariga sabiam de várias e engenhosas maneiras de se livrarem dele. Por isso, sinto-me tentado a acreditar que este poço tem um objetivo bem definido.

- Com ou sem objetivo, como quer que cheguemos lá abaixo? indagou Inchkeith, perscrutando aquelas insondáveis profundezas.

Durwin abanou a cabeça e levantou-se.

- Isso não sei. Primeiro vou dormir. Talvez sonhe com alguma idéia.

Então, regressaram ao lugar onde ainda ardia a fogueira de Toli e todos fingiram tentar dormir. Mas foi uma tentativa vã, porque cada um deles só pensava no quebra-cabeças do poço e na maneira de lhe tirar a água. Por isso, mexiam-se e remexiam-se debaixo das capas, cismando no poço e no lathanil branco que podia encontrar-se enterrado nas suas negras profundezas. Por fim, Quentin soergueu-se e disse:

- Não vale a pena. Não consigo dormir e, a não ser que não esteja ouvindo bem, mais ninguém está dormindo. Portanto, o melhor é falarmos uns com os outros.

- Tem razão - resmungou Inchkeith. - Não teremos descanso enquanto não descobrirmos como é que havemos de tirar minério de um charco.

- Pois é - concordou Durwin, levantando-se. - Alguém se lembrou de alguma coisa?

Os seus olhares vazios encontraram-se por cima da fogueira. Era óbvio que ninguém fazia idéia de como haviam de prosseguir a operação mineira. Toli levantou-se lentamente.

- Só há uma solução. Tenho de ir eu lá abaixo.

O silêncio seguiu-se a esta declaração. Nem na batalha Quentin alguma vez vira uma tal máscara de medo e repulsa estampada no rosto do amigo.

- Não é preciso, Toli. Havemos de arranjar outra maneira qualquer.

- Que maneira? - cismou Inchkeith.

- Podemos esvaziá-lo ou... - Quentin não se lembrava de mais nada.

- Está vendo? - Toli falou com suavidade. Parecia um homem que via caminhar ao encontro da sua própria morte.

- Mas... - começou Quentin a protestar.

Mas Durwin interrompeu-o:

- Não, julgo que Toli tem razão. É a única maneira. E não vejo razão para falarmos mais do assunto. já que ninguém está com vontade de dormir, vamos pôr imediatamente mãos a obra.

- Não! - objetou Quentin. - Mesmo, que Durwin pense que é a única maneira, nem quero ouvir falar nisso. Se alguém tem de ir, então vou eu. Afinal de contas, parece que a espada é para mim.

- Pense bem no que está dizendo. - Durwin fitou Quentin com um olhar severo, fazendo-o sentir-se uma criança pequena.

- Acha que está em condições de nadar e de pegar numa picareta debaixo de água? Com o braço assim, o que te parece que pode fazer? De nós todos, quem vê melhor do que o Toli para fazer? continuou Durwin. - Inchkeith? Eu? Não. Toli tem razão. Só pode ser ele. De todos nós, é o que tem mais chance de conseguir.

- Então, irei com ele - respondeu Quentin acaloradamente.

Durwin encolheu os ombros:

- Talvez possa dar alguma ajuda. Está bem. Vamos começar.

Dali a pouco, estavam prontos. Toli e Quentin despiram-se e, só com os cinturões de couro, aos quais haviam sido atadas cordas compridas, ferramentas e, por inspiração de Inchkeith, pequenos fragmentos de lantânio brilhante, para que os que ficavam pudessem vê-los descendo e trabalhando nas profundezas negras como breu, puseram-se de pé na beira, olhando para dentro do poço tão sombriamente como se o próprio Heath estivesse lá em baixo à

sua espera, para os envolver nos seus braços gelados. Durwin e Inchkeith tinham as pontas das cordas na mão.

- Não se esqueçam de que basta puxar a corda para nós os içarmos imediatamente. Não tentem nadar: poupem as forças e os pulmões. Assim, poderão trabalhar mais tempo. O peso das ferramentas que levam devem fazê-los ir rapidamente ao fundo. Poupem as forças.

Toli não disse nada. As suas feições endurecidas estavam frias e ilegíveis como as pedras da muralha de um castelo. Fosse o que fosse que intimamente sentisse, empurrara-o para algum canto remoto do seu ser.

- Está tendo muita coragem, meu bom amigo. - Quentin pousou a mão no ombro de Toli e sentiu como os músculos do Jher estavam tensos. - Não se preocupe. Estarei sempre ao seu lado.

Sem levantar os olhos do poço, Toli fez um ligeiro aceno com a cabeça. Depois, deu um passo em frente, mergulhou e desapareceu de vista, quase sem provocar ondas à superfície. Quentin inspirou profundamente e seguiu-o, cingindo o braço ferido ao peito, para que este não flutuasse de lado.

O choque da água gelada na sua pele nua quase fez com que Quentin arquejasse imediatamente. Foi como se as pontas de dez mil punhais se cravassem, na carne. Engoliu ar para o estômago e saiu-lhe do nariz uma quantidade de borbulhas.

Dali a pouco, o assalto da água gelada paralisou-o completamente.

Enquanto ia deslizando por aquele vazio preto, silencioso e quase imaginário, abriu os olhos e, voltando o rosto para cima, viu a débil luminosidade da caverna desvanecendo-se e esbatendo-se a medida que se afundava cada vez mais.

Quentin sentia a presença de Toli muito perto de si, mas mal conseguia ver o amigo. Um pouco abaixo da superfície da água chegaram a uma plataforma e, quase andando, foram apalpando

esta espécie de prateleiras com os pés, até chegarem à sua extremidade e voltarem a descer. Quentin teve a impressão de que debaixo da plataforma havia uma grande caverna, pois deixou de ver fosse o que fosse. Até a fraca luminescência que vinha de cima estava agora tapada pela saliência rochosa.

Para surpresa de Quentin, os seus pés voltaram a tocar numa rocha de superfície regular. Se era outra plataforma ou o fundo do poço, isso não sabia. Mas foi ali que Toli decidiu começar a procurar o esquivo minério branco. Quentin sentiu um ligeiro movimento ao seu lado e percebeu que Toli se encaminhava vagarosamente para a parede que pensava terem diretamente à frente.

Quentin fez menção de segui-lo, mas deu imediatamente uma topada com os dedos dos pés numa protuberância rochosa, caindo desajeitada e lentamente de joelhos. A dor súbita fê-lo perder algum ar. Mas recuperou depressa e, endireitando-se sem dificuldade, continuou atrás de Toli, cujo cinturão reluzente de lanthanil via mesmo à sua frente. Toli já chegara à parede rochosa e, com um desagradável encontrão, Quentin também parou diante dela. Só se encontravam debaixo de água havia uns instantes, que, no entanto, eram horas para Quentin. Como estaria Toli agüentando? Uma agitação na água, seguida de um tinido surdo, fê-lo perceber que Toli não desperdiçara tempo nem energias, e que já estava fazendo buracos na superfície da rocha com uma das picaretas de Inchkeith.

Com a mão boa, Quentin procurou desajeitadamente uma ferramenta no seu cinturão, e seguiu o exemplo de Toli, pondo-se a bater às cegas, com os movimentos lentos e almofadados do nadador.

As suas ferramentas batiam na rocha com um tinido semelhante ao de moedas entrechocando-se. Passado muito pouco tempo, começando a sentir os pulmões a arder, Quentin fez sinal a Toli de que ia lá acima respirar. Toli levantou a mão, mostrando-lhe que percebera o seu gesto. Mal puxou a corda, afastando-se uns passos

da parede rochosa, começou a subir tão depressa que teve de espernear furiosamente para evitar a plataforma rochosa que ficava mais acima.

Produzindo muitas bolhas e arquejando, Quentin surgiu à superfície. Durwin e Inchkeith espreitavam-no atentamente.

- L... lá em b... baixo está um f... frio de morrer! - Quentin batia involuntariamente os dentes.

- Viu alguma coisa? - perguntou Durwin, ignorando as suas informações sobre a temperatura. - O que é que há lá embaixo?

- Primeiro, há uma plataforma rochosa e, por baixo dela, um espaço suficientemente grande para um homem ficar de pé para trabalhar. Não sei se é o fundo ou não. Toli ainda está lá, mas deve subir para respirar daqui a pouco.

- Parece um lugar tão bom como qualquer outro para começar a procurar - disse ansiosamente Inchkeith. Quentin pensou que, se pudesse, o velho armeiro não hesitaria em trocar com ele, pois, à luz suave da abóbada, o seu rosto luzia com o brilho de uma ansiedade intensa.

- Toli já está lá em baixo há muito tempo - observou Quentin, metendo a cabeça debaixo de água, mas não vendo sinais do cinturão luminoso de Toli. Inchkeith, que segurava a corda de Toli, ainda não sentira nenhum esticão.

- Vou buscá-lo. Já está lá há muito tempo.

- Isso, vai ver porque é que se demora tanto. Apesar de ele nadar como um peixe, é melhor não esforçar demais os pulmões. - Durwin começou a largar a corda e Quentin mergulhou mais uma vez no mundo frio, silencioso e viscoso do poço.

Uma vez abaixo da plataforma, Quentin conseguiu distinguir o cinturão debilmente brilhante de Toli. Por isso, acabou de descer o mais depressa que pôde e aproximou-se do amigo com passadas compridas e imponderáveis.

Tateando na água, Quentin procurou o ombro de Toli e, quando lhe tocou, fez o Jher dar meia volta. Mas Toli girou novamente nos calcanhares e Quentin sentiu a agitação da água e ouviu o estranho e distante tinido que significava que o amigo continuava a bater na rocha.

Preocupado, Quentin pensou em pegar na corda de Toli e puxá-la ele próprio, de modo a que o amigo fosse içado para a superfície, quer quisesse quer não. Mas, ao estender a mão para a corda, viu qualquer coisa pelo canto do olho.

Virando-se, deu com os olhos numa fenda aberta na parede rochosa, onde brilhava uma reluzente teia de delicados fios de seda. Percebendo que Toli sabia o que estava fazendo, pegou imediatamente na picareta e, seguindo o seu exemplo, começou a lascar a rocha. Dali a pouco, a parede de rocha preta ruía com um clarão prateado, pondo a descoberto um veio de lantbaníl branco da largura de duas mãos, cujo brilho frio parecia o do próprio Sol.

Rápido como uma cobra, Toli estendeu as mãos e tocou na radiosa pedra inundado pela luz crua que brilhou de repente, Quentin, que tinha frio e se sentia pouco à vontade naquele túmulo aquático, viu Toli transformado estava maior, mais forte e mais nobre.

Mas pouco tempo teve para pensar no que viu. pois Toli, voltando a pegar na picareta, recomeçou a bater na pedra, de onde arrancou um grande pedaço do precioso minério. Quentin ainda mal tivera tempo de pestanejar quando Toli lhe estendeu o fragmento branco e brilhante. Quentin olhou para ele (era tudo tão estranho naquele mundo aquático,) e para Toli, que, apesar de tudo, tinha o rosto aberto num sorriso de orelha a orelha. Os pulmões de Quentin já estavam começando a arder outra vez: era tempo de voltar à superfície. Admirava-o que Toli conseguisse manter-se submerso durante tanto tempo. Quentin estendeu a mão para pegar na pedra que Toli lhe oferecia. Só pensava em levá-la para a superfície e

mostrar a Inchkeith e a Durwin, que, por fim, tinham encontrado o seu tesouro. Mas, quando Toli lhe pousou a pedra nas mãos, Quentin sentiu-se atravessado por uma onda de calor, como uma chama de gelo. Todo o seu corpo formigou, como se tivesse sido atingido por um relâmpago, mas o ardor passou num instante, deixando na sua esteira uma quente sensação de paz e bem-estar.

Até a dor nos pulmões desapareceu. De repente, sentiu que nunca na vida estivera tão vivo, inteiro e em paz. Embora nunca mais tivesse a certeza, porque aconteceu tudo muito depressa, pareceu-lhe que nesse mesmo momento o seu braço direito foi atravessado por um longo arrepio, que lhe provocou um formigueiro semelhante às picadas de muitas agulhas.

Depois, sentiu dentro do braço um estranho calor, que foi crescendo até lhe parecer que tinha os ossos em fogo. Mas o fogo desapareceu tão rapidamente como aparecera, deixando um rastro frio e calmante, como se estivesse água a correr-lhe por cima do braço. Quentin ficou tão espantado com o frio como com o fogo, pois era a primeira vez em muitas semanas que sentia fosse o que fosse no braço. À luz brilhante e sobrenatural, olhou para Toli, que lhe sorriu com uma expressão de entendido. Então, estendeu a mão para tocar no rosto de Toli e a mão voltou a obedecer-lhe. Apesar do estorvo que a ligadura passara a constituir, os dedos dobravam e o braço mexia-se livremente.

Toli arrancou outro fragmento do luminoso veio e acenou com a mão para cima, fazendo sinal para subirem. Quentin até se esquecera de que se encontravam debaixo de água; a urgência em regressar à superfície desaparecera no instante em que tocara na pedra. Mas, ao recordar, ficou ansioso por mostrar aos outros a sua descoberta. Por isso, sem se lembrarem de puxar as cordas, começaram a nadar para a superfície.

Durwin e Inchkeith, cada vez mais apreensivos com o tempo que os dois amigos se demoravam lá em baixo, estavam discutindo se

havam de puxá-los ou não, especialmente a Toli, que ainda não subira para respirar.

Subitamente, Durwin gritou:

- Inchkeith! Pelos deuses, olhe!

O armeiro olhou para onde Durwin apontava e viu dois objetos brilhantes, semelhantes aos olhos brancos e reluzentes de um monstro marinho, subindo rapidamente para a superfície. Tão forte foi a ilusão de que uma tal criatura ia surgir do poço que Inchkeith deu um salto para trás, pondo as mãos à frente do rosto.

Mas, a seguir, a voz do eremita rasgou o ar, como se um trovão rolasse e ecoasse pela vasta caverna:

- É o lanthanil! O Altíssimo seja louvado! Ele deu-nos a sua bênção! Nós o encontramos!

Observado pelos dois mergulhadores encharcados e felizes, Durwin, deixando-se de cerimônias, desatou aos saltos, lançando-se numa dança louca com Inchkeith.

CAPÍTULO XLIX

No meio dos queixumes dos escravos, Nin avançava, em cima das suas costas doloridas, ao longo da velha estrada ribeirinha que ia de Lindalia, situada na costa ocidental para leste, na direção de Askelon. Do seu séquito faziam parte cinqüenta mil homens a pé. Naquele lugar, a corrente do Aivin era forte e o seu leito suficientemente profundo e largo para os que conseguiam arranjar barcos (e até os que não conseguiam) e fugirem para o outro lado, à passagem da terrível caravana de Nin.

Este esperara sentado no seu navio palácio, mesmo do outro lado da ilha onde o rio misturava as suas águas com as do brilhante Gerfallon. Mas a sua cólera fora crescendo, enquanto aguardava a mensagem dos seus comandantes,

informando-o da queda de Askelon. Como esta não chegava, a Divindade Suprema dos Ningaal decidira ir em pessoa resolver rapidamente aquele assunto.

Então, dera ordens para que o seu exército de cinquenta mil soldados, que esperava nos barcos, desembarcasse na costa ocidental, e mandara que carregassem o seu trono para a praia. Aí, subira ao trono por cima dos corpos prostrados dos seus escravos e, fazendo um gesto de mão largo e generoso, mandara-os avançar. Como um exército de gafanhotos arrasavam tudo à sua passagem: searas, casebres de camponeses, aldeiazinhas. Nada os detinha e ninguém erguia um dedo para enfrentá-los.

De noite e de dia, marchavam incansavelmente, sem parar, ficando inexoravelmente cada vez mais perto de Askelon. De noite e

de dia, a maléfica Estrela do Lobo brilhava nos céus.

De dia, via-se um pouco acima da linha do horizonte, sob a forma de um ponto brilhante, como se fosse um minúsculo segundo Sol. De noite, quase assumia o brilho do próprio Sol, transformando a escuridão numa fantasmagórica imitação do dia que acabara de passar. Projetavam-se na terra sombras irreais, os pássaros não cantavam nas árvores, os anirriffis amontoavam-se nos campos, sem saberem se haviam de dormir ou de procurar alimentos, e as pessoas, agachadas nos pátios dos templos ou dos castelos espalhados pela terra, gemiam de medo e tapavam a cabeça.

E Nin continuava a marchar para Askelon.

Em Askelon, os nobres reuniam-se em segredo para discutirem o estranho comportamento do rei. Alguns diziam que fora a estrela que o levara à loucura, que ela o tocara como tocara as pessoas que tremiam de medo dentro das poderosas muralhas de Askelon. Outros diziam que a doença o atacara novamente. E todos se afligiam com o que aconteceria se os seus cavaleiros e soldados descobrissem que o Rei Dragão estava incapaz de os conduzir na batalha, pois nenhum deles tinha dúvidas de que não iam conseguir agüentar o cerco por muito tempo. Mais cedo ou mais tarde, se queriam tentar derrotar o inimigo, teriam de enfrentá-lo no campo de batalha. E, sabendo que a fatídica batalha se aproximava rapidamente, só esperavam que Eskevar se recuperasse a tempo de os chefiar, nem que fosse só para se mostrar aos homens.

- Chegou alguma mensagem? - perguntou ansiosamente Eskevar, que descansava tranqüilamente no seu leito e que parecia composto e no seu perfeito juízo. Biorkis e a rainha estavam de pé ao seu lado. A pergunta do rei fora dirigida aos senhores de Mensandor, que tinham entrado nos seus aposentos. Rudd, que falava por todos os outros, aproximou-se do alto leito real. Depois de se ajoelhar, respondeu:

- Não chegou nada, Majestade, e, agora, também já não pode chegar. Os guerreiros de Nin cercaram o castelo por todos os lados. A planície que fica abaixo da rocha está ocupada e também tomaram a cidade.

Por enquanto, ainda não se atreveram a aproximar-se da rampa, mas não tenho dúvidas de que o farão muito em breve. Askelon está cercado.

- Portanto, começou - suspirou Eskevar com uma expressão fatigada. - Esperava que os senhores do Norte nos mandassem uma mensagem, comunicando-nos a sua decisão de se juntarem a nós.

- Receio que seja tarde. Mesmo que chegasse agora nenhum mensageiro, não conseguiria atravessar as linhas inimigas. Mesmo assim, talvez os senhores ainda venham. - Lançando um olhar aos seus pares, Rudd acrescentou apressadamente: - Queríamos que nos concedesse uma mercê, Majestade.

- Claro que a terá - replicou Eskevar. - Basta dizer o que quer.

- Queríamos que falasse aos cavaleiros e aos soldados, Sua Majestade. Há por aí boatos... - Sentindo que falara demais, Rudd calou-se.

- Boatos? Ah sim? Boatos que dizem o quê? Não tenha medo de que eu fique zangado. Sei muito bem o que por aí se diz.

Nervoso, Rucid olhou para os outros em busca de ajuda.

- Então? - inquiriu Eskevar, começando a encolerizar-se. - Fale, senhor!

- Há quem diga que está mudado, Majestade, que não têm vontade de lutar...

- Que estou louco! É isso que quer dizer, não é? Então, diga!

- É, é isso. - Rucid baixou a cabeça.

Eskevar fez menção de saltar da cama.

- Por favor, Majestade! - Biorkis parecia ter regressado à vida. Fique na cama mais um pouco, até recuperar as forças.

- Ouça o que ele está dizendo! - suplicou Alinea, precipitando-se para ele e lançando um olhar sombrio e desaprovador aos infelizes senhores, que fizeram imediatamente menção de sair.

- Não! - Eskevar levantou a mão na direção do sacerdote e da sua rainha. - Não me levantem impedimentos. Irei com os meus comandantes falar aos soldados, que não devem ter dúvidas nem desesperar por causa do seu rei. E lhes mostrarei que não estou doente nem tenho medo.

Virando-se para os seus vassallos, continuou:

- Reúnam os cavaleiros e os soldados no pátio interior. Falarei das ameias da cortina interior e, quando acabar, passarei entre eles, para lhes acalmar o medo e as apreensões. Assim, eles me verão e saberão que estou com eles e que os comandarei na batalha.

Ansiosos por saírem dali, os nobres inclinaram-se à uma e foram depressa tratar de reunir as tropas. Depois de terem desaparecido pela porta dos aposentos do rei. Biorkis e Alinea aproximaram-se e ajudaram-no a levantar-se.

- Está tão fraco, meu rei... - soluçou Alinea. As lágrimas marejavam-lhe os olhos verdes e deslizavam-lhe livremente pelas faces.

- Deixe-me dizer-lhes que irei amanhã - sugeriu Biorkis.

- Descanse mais esta noite e se sentirá mais forte.

- Não, não pode ser. Amanhã já pode ser muito tarde. Tenho de ir imediatamente. Não posso permitir que os boatos persistam pois vão acabar por destroçar o coração dos meus soldados. E o soldado tem de lutar pela sua terra de alma e coração. Tenho de ir.

Apoiando-se pesadamente nos seus braços, arrastou-se até à porta. Quando lá chegou, Eskevar endireitou as costas e levantou a cabeça.

- Agora, irei sozinho - disse, deixando os seus aposentos. Depois dele sair, Alinea virou-se chorando para Biorkis:

- Ele nunca devia ter ido para a batalha, Biorkis. Estava melhorando, mas esforçou-se demais e ainda não recuperou as forças, e... e, oh!, agora receio que não volte a recuperá-las - Enterrando o rosto nas mãos, soluçou: - Se Durwin estivesse aqui, saberia o que haveria de fazer.

Biorkis passou-lhe o braço pelos ombros delgados e tentou consolá-la:

- É verdade, mas Durwin não está aqui. Vamos ter de pensar o que ele faria no nosso lugar e, depois, fazê-lo.

- Desculpe - fungou Alinea, levantando o rosto para os olhos bondosos do velho sacerdote. - Não queria minimizar-te. A sua ajuda tem sido preciosa. Eu só...

- Não é preciso dizer mais. Eu também gostaria que Durwin estivesse aqui. Ele conhece o mundo e os homens muito melhor do que eu, que estive tempo demais na minha montanha, afastado dos mortais, e que me sinto velho e inútil. Esperemos que Durwin regresse em breve.

- Rezemos para que sim.

- É verdade, rezemos para que sim, senhora.

Eskevar saiu da torre virada para oriente e começou a percorrer as ameias à luz fria e falsa da estrela. A sua grande capa, com o dragão prateado cintilando àquela estranha luz, esvoaçava atrás dele como uma imensa asa preta.

Theido e Ronsard caminhavam gravemente ao seu lado. Quando chegaram às ameias centrais da cortina interior, Eskevar inclinou-se e olhou para as fileiras de soldados que se tinham reunido lá embaixo para o ouvirem falar.

Ao observar os rostos temerosos erguidos para si, procurando força, sensatez e segurança, sentiu-se muito velho e muito cansado. Parecia-lhe que o sugavam e, ao contemplá-los, as forças abandonaram-no ainda mais. Sentiu-se fatigado e acabado demais para falar.

Mas eles observavam e esperavam. Os seus homens fitavam-no, esperando que ele lhes expulsasse o medo. Como poderia fazê-lo, se não conseguia expulsar os seus próprios receios? Que palavras poderia dizer? Que magia poderia empregar?

Sem saber o que ia dizer, Eskevar abriu a boca e começou a falar, com a voz caindo-lhe do alto, como a de um deus. A sua voz ecoou por todos os recantos do pátio interior. Ergueram-se murmúrios em resposta às suas palavras, e Eskevar receou ter-se baralhado e dito o que não queria. Mas continuou a falar, sem ligar às palavras que lhe saíam da boca. "Eles têm razão", pensou amargamente. "O rei está louco. Balbucia das ameias como um idiota, e não sabe o que está dizendo."

Os murmúrios foram-se transformando em gritos e aclamações. Quando Eskevar pronunciou as últimas palavras, o pátio interior explodiu em saudações, vivas e gritos de batalha. Depois, de repente, os soldados desataram a cantar uma antiga canção de batalha de Mensandor, e ele, Eskevar, sem saber como, deu consigo a passar por entre os soldados, tocando-lhes e deixando-se tocar por eles.

O rei Dragão parou no meio das suas tropas, desorientado pelos gritos e pelas aclamações. Por um lado, sentia-se mal por não saber o que dissera, mas, por outro, gratificado por perceber que as suas palavras tinham sido as mais apropriadas.

As aclamações e as canções ainda iam a meio quando foram interrompidas por um som que havia quinhentos anos não se ouvia em Askelon. Bum! O som foi-se afastando como um trovão seco. Bum! Bura! Ao repetir-se, todos os que rodeavam o Rei Dragão ficaram calados. Os vivas pararam; as canções morreram. Bum! Bum! Bum!

Os Ningaal tinham levado um ariete até às portas de Askelon. O cerco começara.

CAPÍTULO L

- Ainda mal posso acreditar! - disse Quentin, dobrando o braço. - Parece que nunca estive ferido. Aliás, até está melhor! E olhem o músculo está firme e a pele nem um pouco enrugada.

De pé, perto de Durwin, que desenrolava as ligaduras e tirava as talas, Toli replicou:

- Pois eu acredito. As histórias antigas eram verdadeiras. As Khoen-Vavisb ainda existem depois de tantos anos. Os dois brilhantes pedaços de rocha, pousados ao lado do poço preto, luziam como carvões brancos em brasa. Vendo que o braço de Quentin estava novamente são, Durwin deu-se por satisfeito e terminou o exame.

- Pois é! - disse o eremita, ainda a apalpar o braço de Quentin com os dedos. - O seu braço está miraculosamente curado. Se não tivesse sido eu a pô-lo no lugar, diria que nunca estive partido.

Depois, inclinou a cabeça para o lado e fitou Quentin intensamente:

- Agora não estou vendo nada que te impeça de empunhar a Zhaligkeer. E você?

Com um arrepio parecido com o provocado por uma centelha ao tocar na pele, Quentin lembrou-se de todas as dúvidas que conseguira afastar do pensamento; de repente, voltaram-lhe todas ao espírito como uma inundação, arrefecendo-lhe o entusiasmo.

A mão de ferro do medo pousou-lhe nas entranhas e apertou com força.

- Ainda pensa que sou eu o escolhido?

- Porque teme? Já escolheu seguir o Altíssimo. Foi este o destino que ele traçou para você. Não se desvie dele.

Quentin contemplou as reluzentes pedras.

- Mas a profecia... L. - As palavras faltaram-lhe.

- Pensa que estará sozinho? É isso! Ah! Não se livrará assim tão facilmente de nós. Estaremos sempre ao seu lado. Não julgue que o Altíssimo faz os seus servos trilharem apenas caminhos solitários. Os seus desígnios tornam-se mais claros com a ajuda dos que têm o mesmo espírito. Ele deu-nos a você, assim como te deu a nós, para que nos ajudemos uns aos outros.

- Aceite-as, Quentin. São para você. - Durwin estendeu a mão na direção das pedras brancas, e Quentin, lenta e relutantemente, apanhou-as.

- As aceitarei e reclamarei a Zhaligkeer para mim. - Com estas palavras, ergueu as pedras acima da cabeça, como se já tivesse uma espada nas mãos. - Inchkeith! Começemos. O tempo escasseia e temos uma espada para fazer!

- Mas, quando olharam em volta, não viram Inchkeith em lugar nenhum.

Bum! Bum! O som do aríete batendo nas portas troava vezes sem conta. De cada vez que o terrível barulho se ouvia, os camponeses que se haviam apinhado em Askelon para fugirem ao inimigo gritavam de terror. O pânico ribombava nos pátios exteriores.

Alguns arqueiros, que tinham subido à amurada da entrada, esforçavam-se por acertar nos Ningaal que batiam com o maciço aríete contra a ponte levadiça do castelo. De vez em quando, uma ou outra flecha atingia o seu alvo, fazendo o guerreiro inimigo cair da tábua estreita que os Ningaal tinham lançado sobre o fosso que separava o castelo da extremidade da rampa, mas, apesar do incómodo, o prejuízo não era grande para os Ningaal, que estavam protegidos por uma placa de ferro montada por cima do aríete.

Aliás, qualquer infeliz que tivesse a idéia de se pôr muito a descoberto, era substituído por outro num abrir e fechar de olhos. Portanto, o barulho do aríete fazia-se ouvir uma e outra vez.

- Chamem os arqueiros - disse Theido, de pé nas ameias, olhando para baixo. - O melhor é pouparmos as nossas flechas. Eles não vão conseguir levar a melhor sobre aquele portão. Nunca ninguém conseguiu.

- Podíamos lançar-lhes fogo - sugeriu Rucid com uma expressão preocupada. - isso nos livraria deles.

- E também queimaria as nossas portas! - objetou Ronsard, muito irritado.

- Parece-me que nem o fogo conseguiria arranhar aquelas portas - cismou Theido. abanando a cabeça. - Mas posso estar enganado. No entanto, é melhor não corrermos riscos desnecessários. Vamos ver o que será que eles tentarão a seguir.

- Eles não podem abrir um túnel por baixo das muralhas, que se erguem da rocha sólida. Aliás, a montanha também é de pedra. A porta de trás está bem protegida e o labirinto de muralhas impede o uso de um aríete como este. E se tentarem entrar por lá, os nossos arqueiros também não deixarão. Suponho que eles terão de arranjar maneira de atravessar as portas e só as portas, pois não têm outro caminho para entrarem no castelo de Askelon.

Quando acabou de falar, os Ningaal recomeçaram a bater. Bum! Bum! A madeira das portas estremecia a cada pancada, mas mantinha-se firme.

Theido afastou-se das ameias e Ronsard seguiu-o, depois de ordenar aos seus homens que fossem avisá-lo caso a situação se alterasse.

- Theido, quero falar com você - disse, pondo-se a par com o amigo. - Vamos lá para dentro conversar à vontade. A passos largos, encaminharam-se para a umarada mais próxima, entraram e subiram para a plataforma mais alta do torreão redondo, de onde se

avistava a planície e a cidade. Daí, desse local imponente, podiam ver a maior parte de um dos lados do castelo e uma porção de um segundo lado. Na verdade, os Ningaal haviam rodeado o castelo por todos os lados, sendo a sua maior concentração em volta dos portões principais e na cidadela. O inimigo ateara incêndios em vários setores da cidadela, e a fumaça erguia-se em colunas pretas, que riscavam o céu.

- Hoje é um dia fatídico. - Ronsard virou para o amigo um rosto vincado de rugas de preocupação. - Como está o rei Eskevar?

- Na mesma. Não há alterações.

Eskevar quase perdera os sentidos quando o som do aríete se fizera ouvir. Era como se cada pancada atingisse diretamente o coração do rei. Fora com dificuldade que os dois cavaleiros se tinham afastado com o seu soberano, sem os soldados perceberem do seu desmaio. -Mas. logo que haviam chegado à segurança da torre, tinham-no transportado nos braços para os seus aposentos. Biorkis e Alinea haviam ficado com ele e os cavaleiros tinham regressado para observarem os Ningaal, que, ao longo daquela noite clara como o dia, se esforçavam por deitarem abaixo as portas.

- Acha que ele conseguirá montar? - indagou Ronsard.- Porque me pergunta? Você deve saber.. já estive muitas vezes ao lado dele na batalha. -Mas nós estamos sob cerco! Porque será que todas as pessoas continuam a insistir em

falar em campos de batalha e em cavalgadas? - replicou Theido abruptamente. Depois de um longo momento de silêncio, durante o qual Ronsard se limitou a fitá-lo com tristeza, Theido suspirou:

- Desculpe, meu amigo. Estou cansado. Há, pelo menos, três dias que não durmo... e já nem se consegue distinguir o dia da noite! Estou cansado.

- Vá descansar. Deixe-me substituí-lo. Você próprio disse que não vai acontecer nada agora. Coma alguma coisa e deite-se um pouco. Verá que se sentirá melhor.

- Tem razão. - Theido afastou o olhar para norte. - Eles deviam vir. Já deviam estar aqui.

- Eles virão. E não se esqueça de que Quentin, Toli e Durwin estão fora. E a missão deles vai trazer-nos algum bem... disso tenho certeza.

- Também eu. Só espero que cheguem a tempo. - Sorrindo fugazmente, apertou o ombro de Ronsard. - Obrigado. Vou descansar um pouco, como sugeriu. Há muito que não estou sob cerco. Esqueci-me quase completamente de como é ter boas maneiras.

- Você não se esqueceu de nada, meu amigo. Agora, vai. Se Houver alterações, mandarei chamá-lo. Quando Theido desceu da barbacã e os seus passos deixaram de se ouvir, Ronsard encostou-se às ameias de pedra do torreão, olhando longa e ansiosamente para norte, em busca dos brilhantes exércitos que esperava ver cavalgando em seu auxílio. Mas, em vez disso, só viu a paisagem tremeluzindo devido ao calor do sol estival. Nada se movia na planície.

No entanto, o cavaleiro continuou à espera e os seus pensamentos transformaram-se numa oração, que elevou ao novo deus que tão recentemente escolhera servir:

- Deus Altíssimo - murmurou Ronsard -, há quem conheça melhor do que eu os seus desígnios. Mas, se precisar de uma espada, estou aqui. - Houve um comprido lapso de tempo antes dele voltar a falar: - Não sei rezar com as palavras

apropriadas. Nunca fui homem de muitas orações, mas vós ajudastes-me uma vez. há muito tempo, e por isso os suplico que volteis a escutar-me: guiai-nos contra o terrível inimigo que reúne às nossas portas e procura destruir-nos. E, se eu tiver de morrer, que assim seja. Mas deixe-me viver esse momento como um verdadeiro cavaleiro, procurando salvar primeiro a vida de outrem.

Ronsard continuou a rezar de todo o coração, e o teria feito durante mais tempo se não fosse o alarme que o obrigou a pôr-se imediatamente de pé e a ir ao encontro de um novo desastre.

CAPÍTULO LI

Encontraram Inchkeith encolhido por trás de um monte de pedra, não muito longe do poço, e todos ficaram surpreendidos com o estranho comportamento que o levava a esconder-se e com a expressão de medo que lhe contorcia as feições.

- O que se passa, Inchkeith? Porque desapareceu sem mais nem menos? - perguntou Quentin. O mestre armeiro espreitou os seus descobridores com um olhar desconfiado. Ao tentar falar, esforçou-se tanto que até as mãos lhe tremeram.

- Não me façam tocar-lhe! Suplico, senhores, não me façam tocar-lhe! - disse, tomando a esconder o rosto nas mãos. Os seus ombros tremeram como se estivesse soluçando.

- Isto é muito estranho - comentou Quentin, virando-se para Toli e Durwin. O eremita, de olhos semicerrados, contemplava o corpo encolhido do homem deformado.

- Creio que sei o que o aflige: tem medo de tocar no lanthanil branco, pois viu o seu poder e o que pode fazer. Viu o seu braço curado e receia o que possa acontecer lhe.

- Mas... - tartamudeou Quentin, muito espantado - deve estar enganado, Durwin. Pelo contrário, ele até devia ficar muito contente e tratar de lhe pegar depressa, para ser curado do seu aleijão. Acho que seria o que eu faria e, aliás, qualquer outra pessoa.

- Certeza? - inquiriu Durwin, arqueando as sobrancelhas hirsutas. - Pense bem. Claro que a coluna torcida o deforma, mas ele viveu toda a vida assim e acabou por se aceitar tal como é. Através

da beleza da sua arte, elevou o espírito acima das limitações físicas. E isso o faz sentir-se muito orgulhoso.

- Ser curado, -voltar a ser forte, a estar inteiro... que mal há nisso?

- Quentin abanou lentamente a cabeça de um lado para o outro. Para ele, era um mistério.

- Quentin, nunca teve um defeito, uma ferida que transportaste sempre com você? - Quentin franziu muito a testa. - Um defeito que amaldiçoasse, que te afligiu, do qual quisesse ver-se livre e que, no entanto, acariciou em segredo e agarrou bem para que não te fugisse? É que essa fraqueza fazia parte de você e, por muito odiosa que fosse, definia-te e você tirava força dela. Com ela, sabia quem era: sem ela, quem poderia vir a ser?

Quentin respondeu lentamente:

- Talvez tenha razão. Durwin. Em criança, tive tantas fraquezas e defeitos infantis como virtudes. Mas librei-me deles ao tornar-me homem.

- Pois, mas as suas fraquezas não eram do mesmo tipo da de Inchkeith. Não é assim tão fácil libertar-se da dele. Ele não deverá recear perder aquilo que, por mais feio que seja, o reconfortou tanto durante toda a vida? Não admira que não queira tocar nas Pedras Que Curam, pois, embora desse tudo o que possui para ser correto e forte, daria muito mais para permanecer como está.

Quentin virou-se para contemplar Inchkeith, que, sentado um pouco afastado, continuava encolhido e tremendo. Não havia palavras que descrevessem aquela lamentável imagem. Tristemente, desviou o olhar.

- Vão se preparar para mais um mergulho - sugeriu Durwin.

- Eu vou falar com ele para convencê-lo que, toque ele ou não na pedra, a decisão é sempre dele e de que não o teremos em menor conta se, no fim, decidir não o fazer. Agora, vão.

- Nós voltaremos já.

Obedecendo a Durwin, Quentin e Toli regressaram para junto do poço.

- Vê como brilham, Toli! - maravilhou-se Quentin. ajoelhando-se à frente dos dois pedaços de rocha brilhante. - já viu alguma coisa assim? Parece que ardem com um fogo interior. Deviam ser quentes ao tato, mas estão frias.

- Possuem um poder muito grande. Disso não há dúvida. Agora percebo porque é que os Ariga fecharam a mina e esconderam no poço o que restava do lanthanil branco. A tentação de um poder tão grande deve levar os homens à loucura.

Quentin assentiu silenciosamente.

- O que será que a pedra pode fazer mais? - perguntou por fim.

O seu rosto brilhava na aura das pedras.

- Veremos, Kenta. Foi você o escolhido para empunhar a Brilhante; por isso, em breve o saberá.

Dali a pouco, Durwin regressou, conduzindo um envergonhado Inchkeith na sua direção:

- Muito bem, vamos continuar? Temos muito para fazer, e só agora começamos.

- Espere, Durwin. Quero falar. - inchkeith levantou a mão. Sinto-me envergonhado pelo meu comportamento, e me fariam um grande favor a um velho tonto se o esquecessem completamente. Lamento ter embaraçado assim os meus amigos e prometo não o tornar a fazer.

- Não pense mais nisso, mestre Inchkeith - replicou Quentin jovialmente. - Garanto que o assunto já está esquecido e que dos nossos lábios não sairá nem mais uma palavra.

Dito isto, voltaram todos ao trabalho. O poder das pedras com minério que Quentin e Toli levavam para a superfície permitia aos dois nadadores permanecerem debaixo de água durante mais tempo, e dali a pouco já estava empilhado ao lado do poço um bom monte de pedras brilhantes.

Quando o monte atingiu o tamanho de uma pirâmide de metade da altura de um homem, Inchkeith mandou parar com os mergulhos:

- Creio que já chega. Se esta pedra mágica for semelhante a outros minérios que já trabalhei, devemos ter aqui o suficiente para fazer uma espada, uma bainha e uma corrente.

Quentin e Toli arrastaram-se para fora da água gelada e secaram-se. Inchkeith foi saltitando até à forja, que ficava do outro lado da caverna:

- Quando estiverem prontos, tragam-me o lanthanil. Eu vou acender o cadinho.

Enchendo a caixa vazia das ferramentas de Inchkeith com minério, Quentin e Toli levaram-na até à forja, onde, com o combustível que encontrara muito bem arrumado ao seu lado, o armeiro acendera o fogo, que já estalava e crepitava. Durwin entregou-se à tarefa de preparar comida, pois, ao que parecia, ninguém iria dormir durante algum tempo.

Quando Quentin e Toli acabaram de encher o cadinho com minério, este foi levado ao fogo, onde se deu curiosa transformação. As pedras não estalaram, libertando o seu minério, como acontece com as que contêm cobre e ferro. Pelo contrário, derreteram muito lentamente, como o gelo na Primavera mergulhando em água corrente. Servindo-se de uma haste muito comprida, Inchkeith ia mexendo o lanthanil derretido, fazendo com que as impurezas ardessem, transformando-se em cinzas quentes, que subiam pela chaminé do forno. Depois, com umas tenazes compridas, introduzia mais minério no cadinho e mantinha a temperatura constante, por meio de uma vigília ininterrupta.

Esta operação prolongou-se por muitas horas, durante as quais os outros observavam Inchkeith e adormeciam e comiam. Por fim, o armeiro tirou o cadinho incandescente das chamas e pousou-o cuidadosamente.

- Agora, depressa! - gritou. - Peguem aí nessa ferramenta e dem-me uma ajuda. Andem!

Quentin, que estava mais perto, pegou no objeto que Inchkeith indicara: um instrumento comprido de ferro com duas pegas e um bojo no meio. Inchkeith agarrou nele e colocou-o em cima do cadinho, ordenando a Quentin que segurasse numa das pegas e seguisse cuidadosamente as suas instruções.

Depois de Quentin fazê-lo, começaram a vazar o minério derretido, de um brilhante azul-claro, como prata líquida, para quatro moldes compridos e estreitos que Inchkeith dispusera no chão. Quando os quatro moldes ficaram cheios, ainda restou uma boa quantidade do precioso metal, que Inchkeith vazou para uma chapa.

Feito isto, sentaram-se à espera que o metal esfriasse.

- Esperar que o brilhante lanthanil esfrie é o mesmo que esperar que o ovo choque", pensou Quentin. Mas, por fim, Inchkeith achou que os moldes já tinham esfriado o suficiente e pegou numa concha de água, que esvaziou sobre o metal ainda quente. Imediatamente se ergueram colunas de vapor no ar vagamente luminoso da caverna. Então, quebrou os moldes e, com tenazes e luvas muito grandes nas mãos, tirou quatro pedaços, de cerca de um metro de comprimento.

O mestre armeiro saltitou até à bigorna fez um furo numa extremidade de cada pouco e juntou-os uns aos outros, por meio de um rebite que cortou da placa de lanthanil que fizera.

- Pronto. Fiz tudo o que podia - disse, levantando os quatro pedaços acabados de juntar. para que os outros pudessem vê-los. - Segundo o Durwin, é você que tem de fazer o resto, Quentin.

Quentin pôs-se em pé:

- Eu? Está brincando! Sei tanto fazer uma espada como uma árvore!

- Então, é a hora de aprender. Venha cá - replicou Inchkeith, indicando a Quentin que tirasse os pedaços de metal das tenazes que

tinha nas mãos. Quentin avançou, procurou com o olhar a aprovação de Durwin, que lhe fez um gesto para que continuasse, e pegou neles.

- Bem, agora, que nem te passe pela cabeça que eu vou deixar-te estragar a minha maior obra de arte, senhor. Guiarei as suas mãos até ao mais pequeno pormenor. Serei o seu cérebro e os seus olhos e você me obedecerá em tudo, percebe?

Quentin fez um gesto de cabeça em sinal de assentimento e ambos meteram mãos à obra.

Sob o olhar vigilante de Inchkeith, Quentin pegou o martelo e as tenazes e começou a entrançar o metal ainda maleável, passando um pedaço por cima do outro e fazendo uma trança apertada e direita. Quando acabou, o suor escorria-lhe pelo rosto e pelos braços nus. Despira a camisa e a túnica havia muito tempo e, naquele momento, trabalhava só com as calças vestidas. A trança foi então lançada para o forno, para o meio das brasas, e Quentin foi rodando constantemente o núcleo (como Inchkeith lhe chamou), enquanto o armeiro manejava o fole, que não parava de chiar.

Dali a pouco, o núcleo voltou a adquirir um brilho branco-azulado, e Quentin, com o rosto vermelho e corado, puxou-o para fora, tirando-o do fogo. Pegando então o núcleo, colocou uma das suas extremidades no buraco aberto de um dos lados da bigorna dourada e, com as tenazes, começou a torcer a trança.

Torcendo e retorcendo, enrolou e tornou a enrolar até não poder mais. Nesse momento, Inchkeith deixou-o parar e tornou a meter a trança nas brasas até esta voltar a ficar branco-azulada.

Foi então o momento de torcer e retorcer uma e outra vez. Quentin sentia-se cada vez mais exausto, mas o ritmo do trabalho começou a apossar-se dele e o jovem acabou por entrar num estado de abandono, no qual se movia em sintonia com os desejos do mestre armeiro. Tanto foi assim que começou a parecer-lhe que era a

vontade do mestre armeiro, e não a sua, que lhe guiava as mãos e os músculos.

A trança foi torcida e retorcida até começar a fundir-se devido à tensão exercida pelas voltas que já tinha. Quando se fundiu completamente, Inchkeith mandou Quentin cortar o núcleo comprido e fino ao meio, pois a operação de torcer e retorcer deixara-o quase com o dobro do comprimento. Uma metade foi posta de lado e a outra martelada na bigorna dourada com o martelo de ouro. De cada vez que Quentin batia no núcleo provocava uma chuva de centelhas e um clarão semelhante a um relâmpago.

O núcleo achatado foi aquecido e martelado vezes sem conta, até ficar muito fino e muito liso. Nesse momento, foi posto de lado para esfriar, e Toli encarregado de o borrifar várias vezes com água, para ficar frio mais depressa.

Pegando o pouco de trança que pusera de lado, Quentin meteu-a na forja para que voltasse a aquecer, e começou a torcê-la, formando uma lâmina fina, que também foi cortada em duas e que, juntamente com a que já estava fria, foi mais uma vez metida nas brasas. Enquanto estas operações prosseguiam, Inchkeith explicou que, tal como o entrançamento dos pedaços originais, os repetidos aquecimentos e arrefecimentos do metal o temperavam, tornando-o mais forte.

- Portanto, temos a força de quatro lâminas e não só de uma palrou ele alegremente. - Era assim que se faziam as lendárias espadas de outrora. Ao torcer-se a trança, provoca-se uma tensão que nunca se desfaz. É esta tensão que faz com que a espada salte e cante no ar. Nenhuma lâmina forjada e alisada pelos métodos vulgares consegue ser melhor.

Quando as três peças compridas estavam outra vez lançando centelhas e ardendo com um brilho azul, foram novamente retiradas do fogo. Quentin estava tão absorvido pelo trabalho que lhe parecia que caminhava num sonho, tudo o que o rodeava borrava-se,

tomando-se leve e imaterial. Os seus olhos só viam o chamejante metal azul que as suas mãos faziam girar.

Depois, as três peças quentes foram colocadas na bigorna, segundo as instruções precisas de Inchkeith. Com marteladas rápidas e firmes, Quentin soldou as duas peças arredondadas à lisa. Esta operação teve como resultado uma peça muito comprida e lisa, com uma aresta arredondada no meio. Inchkeith mandou-o, então, mergulhar o núcleo no poço e deixá-lo lá até ser possível pegar-lhe à vontade.

Quentin apressou-se a obedecer-lhe, mas foi tão distraído que quase tropeçou nas figuras enroscadas de Durwin e de Toli, que, enrolados nas suas capas, dormiam a sono solto.

Passado algum tempo Inchkeith foi instalar-se ao lado de Quentin, à espera.

- Está fazendo um trabalho de mestre, senhor. Um trabalho de mestre. Se não estivesse ocupado, o levaria comigo para te ensinar o ofício de armeiro tem muito jeito. Também reparei como olha para o seu trabalho. Sabe do que estou falando, não sabe?

- É verdade. Nunca fiz nada assim, mas é como se sentisse nas mãos o que o metal quer que eu faça... aí, a glória é sua, pois sem você nunca saberia por onde deveria começar. Mas quando levanto o martelo e o vejo cair, há uma voz que me diz. Bata aqui... pronto. Quentin puxou o núcleo do poço. A água escorreu pela superfície azul clara e voltou a deslizar para o poço na forma de gotas brilhantes. Ainda não tem muito o aspecto de uma espada - comentou Quentin.

- Mas vai ter. Vai ter. O trabalho começou agora. Vamos ver como funciona este metal. Agora é que é!

Inchkeith e Quentin continuaram a trabalhar, parando de vez enquanto para comerem qualquer coisa ou para descansarem durante os poucos momentos mortos que havia. Toli e Durwin observavam-nos e proferiam palavras de encorajamento sempre que

era necessário, mas, de um modo geral, não se metiam e conservavam-se calados, tentando incomodar o menos possível o mestre e o seu ansioso aprendiz.

O reluzente metal foi muito aquecido, arrefecido, martelado e modelado. cinzelado, entalhado, batido e polido até a lâmina de uma espada surgir por fim, do comprido pedaço de metal liso.

Da placa sólida que fora posta de lado fez-se um cabo e um punho. Para isso, enrolou-se e alisou-se uma placa, que também foi torcida e retorcida e, depois, soldada a lâmina da espada.

Aqueceu-se e tornou-se a aquecer a lâmina e, cada vez, era alisada e limada vezes sem conta, com movimentos longos e cuidadosos. Inchkeith debruçava-se sobre o metal quente e guiava os dedos de Quentin para aqui e para ali, apontando defeitos mínimos, que só ele conseguia ver. A força e o entusiasmo do jovem aprendiz podiam vacilar de quando em quando, mas isso foi coisa que nunca aconteceu ao velho mestre. Com elogios, ameaças e muita teimosia, Inchkeith incitava Quentin a um trabalho sempre de mais qualidade, uma vez, até chegou a pegar nas mãos de Quentin e a guiá-las no trabalho que sabia que tinha de ser feito.

Por fim, ficou acabada.

Exausto, Quentin sentou-se numa grande pedra contemplando a sua obra, que estava pousada na bigorna de ouro. Inchkeith examinava-a cuidadosamente, acenando com a cabeça e enchendo as bochechas de ar. Durwin e Toli não se viam por lado nenhum. Quentin tinha os olhos ardendo, mas, embora cansado, observava ansiosamente cada pestanejar e cada franzir de testa de Inchkeith.

Por fim, o mestre artesão virou-se para Quentin, com o rosto aberto num grande sorriso e o peito inchado de orgulho.

- Está pronta. - Hesitou, ao ver que Quentin bebia avidamente as suas palavras. - E é uma obra de arte.

Quentin pôs-se em pé de um salto e gritou de alegria.

- Conseguimos! - berrou. - Conseguimos! - Agarrando o ancião, começou a dançar em volta da forja onde haviam vivido, trabalhado e suado durante o que lhe parecia terem sido semanas a fio. O alívio e a alegria daquele momento eram tão grandes que nem ouviram Durwin e Toli regressarem.

- Essa exibição tão indecorosa significa que, por fim, acabou o seu trabalho? - indagou Durwin, avançando para lhes dar umas palmadinhas nas costas. Mas, depois, parou, e os seus olhos foram iluminados por um temor reverente. Toli, que seguia na sua pegada, também parou, começando a falar na sua língua nativa.

- É... - Durwin calou-se, à procura das palavras que melhor definissem o que via. - É de uma beleza assustadora. - As mãos voaram-lhe para o rosto, como se receasse que aquela visão o queimasse.

- É a Zhaligkeer - disse Toli. - É a Brilhante.

Quentin tirou-a da bigorna, segurou-a na mão e ergueu-a para o céu.

- Esta é a Brilhante do Altíssimo. Que ela se mexa como ele quiser. Como sou seu servo, que ela se encha do seu poder e que os nossos inimigos fujam da sua fúria terrível.

- Que assim seja! - gritaram os outros. Durwin deu um passo em frente e tirou um frasco pequeno da bolsa de couro que tinha de lado.

- Guardei isto para este momento. É óleo que foi abençoado em Dekra. Vou ungir com ele a lâmina da Brilhante.

Quentin estendeu os braços, segurando a espada nas palmas das mãos, e Durwin abriu o frasquinho e derramou o óleo sagrado por toda a lâmina, que brilhou com uma luz clara, azul prateada.

Na verdade, a espada era de uma beleza assustadora. Comprida e fina, ia afunilando quase imperceptivelmente ao longo da sua superfície regular e imaculada, até formar um ponto brilhante. O punho cintilava como se fosse feito de pedras preciosas.

Enquanto derramava o óleo, Durwin abençoou a espada, dizendo:

- Nunca por maldade, nunca por ódio, nunca em prol do mal será esta lâmina erguida, mas na retidão e na justiça brilhará para sempre. - Com os dedos, esfregou o óleo na lâmina finamente trabalhada.

Ao tocar no brilhante metal, Durwin sentiu-se atravessado pelo poder do lanthanil. e foi como se os anos tivessem recuado: maravilhava-o a sensação de voltar a ser rapaz, pois acabara por se habituar às numerosas dores que o afligiam.

Quando se virou para os outros, era o mesmo Durwin de sempre, mas o seu aspecto mudara muito. Parecia mais sensato, mais forte e mais nobre do que antes. Ao ver a súbita mudança operada no eremita, Inchkeith mostrou um certo ar de alarme, mas Durwin, apontando para ele o dedo comprido, soltou uma gargalhada:

- Olhe, Inchkeith, meu amigo. Estou vendo que o encantamento da lâmina também agiu sobre você.

Aterrado. Inchkeith respondeu:

- O quê? Eu nunca toquei na pedra nem na lâmina. O que é que está dizendo?

Quentin olhou para o armeiro corcunda e viu que ele estava reto-, parecia que crescera. Como e quando acontecera, não sabia. Quando o mestre colocara as suas mãos sobre as de Quentin, talvez o poder tivesse passado para ele, mas o fato era que haviam estado tão concentrados no seu trabalho que não tinham reparado em nada até Durwin lhes dizer.

- É verdade! - gritou Quentin. - Está curado, Inchkeith! Está curado!

Uma expressão de espanto e incredulidade brilhou no rosto do artesão, que endireitou os ombros e levantou a cabeça. Inchkeith ainda levou algum tempo para acreditar que a sua corcunda

desaparecera, mas, quando finalmente se rendeu às evidências, deixou-se cair de joelhos e começou a chorar.

- Foi o seu deus, Durwin! - gritou, com lágrimas de felicidade escorrendo-lhe pelo rosto. - Agora, acredito. Acredito em tudo o que sempre me disse sobre ele. Abençoado é o Altíssimo. De hoje em diante, serei o seu servo.

Todos eles rejubilaram e as suas vozes ecoaram na grande caverna abobadada. Os salões dos Ariga, nas profundezas das montanhas, foram atravessados por sons de alegria que já não se ouviam havia dois mil anos.

CAPÍTULO LII

Quando Ronsard chegou à barbacã da entrada, deu com os olhares preocupados dos seus homens e de Rudd.

- O que foi? - perguntou. - Porquê o alarme?

- Fui eu que mandei - explicou Rudd. - Olhe ali para baixo. Estão subindo a rampa com uma máquina qualquer.

Ronsard olhou para baixo e viu que o que Rudd dissera era verdade, mais de duzentos Ningaal, equipados com cordas e estacas, esforçavam-se arduamente por arrastar uma máquina enorme pela rampa acima. O aríete fora retirado e ia ser substituído à frente das portas por aquele objeto pesado, que se movimentava sobre rodas e que os Ningaal puxavam com grande esforço.

- O que é? - perguntou um Ronsard perplexo. - Nunca vi nada assim.

- Nem eu, mas digo-te que, seja o que for, não me agrada nada o seu aspecto.

- Mande os arqueiros estorvarem-nos o máximo possível. Não tenho dúvidas de que o melhor seria que aquilo nunca chegasse aos portões. Vou buscar Biorkis, quero que ele dê uma olhada. Desconfio de que aquela coisa pertence mais ao foro dele do que ao nosso.

Dali a pouco, o comandante-chefe regressava às ameias, arrastando atrás de si um sacerdote renitente.

- Que pensa que é aquilo? - perguntou Ronsard, espreitando por cima das muralhas de pedra para a atividade que se desenrolava lá em baixo.

- Na verdade, é uma máquina muito estranha - disse Biorkis, coífiando a barba entrançada. - Muito estranha!

Os seus olhos velhos fitavam o enorme objeto preto que subia vagarosamente a comprida ladeira, sob uma chuva de setas. A luz do Sol. a sua pele preta mostrava um brilho baço e tinha dois grandes braços estendidos para diante, com as palmas viradas para cima, como se fosse receber as súplicas dos habitantes do castelo. Tinha o tronco de um homem e uma perna para a frente, dobrada pelo joelho, e a outra esticada para trás. Mas, a seguir ao tamanho. as características que mais chamavam a atenção eram a cabeça e a juba de um leão e a boca aberta de um chacal, com as presas afiadas mostrando-se num furioso e imóvel rugido de raiva. Dois enormes chifres pretos saíam-lhe de ambos os lados da horrorosa cabeça negra e, enquanto avançava, gemendo sob o seu peso imenso, os seus olhos fitavam furiosamente o vazio.

Os arqueiros de Ronsard estavam causando muita consternação entre o inimigo mas não tanta como ele gostaria, pois logo que um dos Ningaal que puxavam as cordas tombava, um outro saltava para substituí-lo. Dali a pouco, os inimigos que iam à frente passaram a dispor de escudos, que puseram em cima da cabeça, para se protegerem daquela chuva mortal. Assim, as flechas começaram a cair inofensivamente, só de vez em quando causando feridas mortais. Ronsard mandou os arqueiros pararem de atirar, mas permanecerem alerta para qualquer alvo que se mostrasse mais descuidado. E aquela coisa continuou a avançar.

- Então? - perguntou Ronsard. - O que diz, Biorkis?

- Sem dúvida que é uma espécie de ídolo. Mas não sei a que deus. Nunca o tinha visto, e o que mais me intriga é o seguinte: que ídolo é este que é levado para a guerra para combater os homens? Que deus adoram estes Ningaal?

- Porque é que isso te intriga? Sabe muito bem que os homens estão sempre pedindo aos seus deuses que os conduzam na guerra e

que lhes dêem a vitória. Isto é o mesmo, só que um pouco mais óbvio.

- Sim, é o mesmo e não é. Isto é mais primitivo e mais selvagem. É profano e mau. Até ofende os deuses da terra e do céu. Pertence a um tempo e a um lugar distantes, a um passado mais negro. É o mal e gera o mal.

- Mas tem algum poder? - inquiriu Ronsard. Biorkis fitou-o com um olhar estranho. - Isto é, tem algum poder em si?

Biorkis meditou um pouco, antes de responder:

- Não posso ter certeza. A sua pergunta é mais difícil do que imagina. - Cofando a barba branca, contemplou aquela monstruosidade.

- Um ídolo é só madeira ou pedra - continuou o sacerdote. - É a imagem do deus que representa. Normalmente, as imagens só têm poder para aqueles que as veneram, mas, então, o poder pode ser realmente muito grande.

- Esta tem poder - disse uma voz áspera atrás deles. Ronsard e Biorkis viraram-se e deram com os olhos em Myrmior. - E, é verdade, é o mal. Conheço-a bem, pois a vi muitas vezes em funcionamento. Trata-se de um ídolo, mas com um objectivo muito mais engenhoso e frio do que suspeitam. É, sobretudo, uma máquina de guerra, conhecida em outras terras por pyrinbradam, cospe fogo.

Um brilho de compreensão iluminou os olhos de Ronsard.

- Se isso é verdade, vou mandar trazer água aqui para cima.

- É melhor - assentiu Myrmior. - As peles molhadas, se as houver, também podem dar uma boa proteção. Ronsard mandou os seus oficiais transmitirem as suas ordens e zelarem pelo seu cumprimento: os portões deviam ser molhados com água e tapados com peles encharcadas, num esforço para reduzir a capacidade de inflamarem.

- Não podemos fazer mais nada? - indagou.

- Só esperar. Esperar e rezar - murmurou Myrmior.

A espera começou e prolongou-se por doze dias. E, durante cada um desses dias, trabalhou-se incessantemente, içando-se baldes de água até ao alto da ponte levadiça e, depois, despejando-os por cima das grandes tábuas de madeira. A água escorria pelos portões de dia e de noite e as peles de gado eram encharcadas, abertas, retiradas e novamente encharcadas e abertas.

O ídolo cospe-fogo lançava chamas da boca e das narinas numa torrente infindável, queimando madeiras e pedras e aquecendo os metais até estes luzirem com um brilho avermelhado. Para alimentarem o monstro que permanecia às portas do castelo, os Ningaal desfaziam as casas dos habitantes da cidade e lançavam numa cavidade aberta na base do ídolo a madeira e o óleo que faziam com que as chamas e as centelhas lhe saíssem da boca em brasa.

Ao fim da tarde do décimo terceiro dia, um oficial aproximou-se timidamente de Ronsard- Cansado e temeroso, o cavaleiro, apoiado no braço. observava o combate entre as chamas e a água. Tratava-se de um conflito do qual resultavam inúmeras nuvens de vapor branco.

- Meu senhor Ronsard, eu... - o homem hesitou e calou-se. Ronsard virou os olhos cansados para ele.

- Sim? Diga o que quiser, menos que estamos ficando sem água.

Era um pensamento que lhe ocorrera muitas vezes. O homem empalideceu e ficou de boca aberta.

- Por Azrael! Estava brincando! Fale, homem!

- O que se passa? - perguntou Theido, aproximando-se a passos largos para render Ronsard no seu posto. Estava retemperado, descansado, com os olhos alerta e a voz confiante.

- É o que estou tentando descobrir, senhor - retorquiui Ronsard em voz rouca. - Parece que as novas que traz o deixaram sem voz.

- Então? Fale, senhor. Somos suficientemente fortes para ouvirmos o que têm a dizer. - Theido olhou furiosamente para o

oficial e cruzou Os braços compridos sobre o peito.

O homem lambeu os lábios e abriu a boca, mas ainda se passou algum tempo até lhe saírem algumas palavras, que pronunciou numa grande salganhada:

- O meu senhor Rudd mandou-me... a água... é muito pouca... não agüentaremos mais uma noite.

Não precisando ouvir mais, Ronsard mandou o homem embora.

- Agora é que não temos chances! O que vamos fazer? Esperamos até as nossas portas caírem em chamas ou até morrermos de sede? O que aconteceria primeiro?

- Ainda temos a nossa coragem. Levamos muito tempo para aceitar esta ameaça, e essa pode ter sido a nossa desgraça. Tenho uma idéia em que já devia ter pensado há mais tempo, mas que talvez ainda dê resultado. Manda depressa alguns dos seus homens trazerem cordas e ganchos. Diga-lhes para se andarem rápido e para trazerem tudo o que encontrarem. O tempo é curto.

Theido foi pôr-se na barbacã, diretamente por cima do ídolo cuspidor de chamas. Depois de encharcar uma corda comprida em água, atou-lhe um gancho com três dentes a uma extremidade e, debruçando-se o máximo possível sobre a muralha seguro apenas pelos braços de aço de Myrmior e de Ronsard, baixou o gancho até ao monstro. Quando viram a comprida corda serpenteando pela muralha do castelo abaixo, os Ningaal, adivinhando o seu objectivo, rugiram de raiva.

Depois de várias tentativas em vão, Theido deu balanço ao gancho e, por sorte, conseguiu prendê-lo numa das presas de ferro do ídolo. Chamou então vários homens para pegarem na corda e a esticarem e preparou outra. Dali a uma hora, tinha outro gancho alojado nos chifres do monstro. Ao verem-se incapazes de impedir o que temiam vir a acontecer, os Ningaal entraram num alvoroço frenético. Quando uma terceira corda e, depois, uma quarta apanharam o monstro do fogo, gritaram de frustração.

- Já deve chegar - disse Theido, regressando à segurança do chão das ameias exatamente a tempo, pois os enfurecidos Ningaal haviam começado a lançar pedras e projéteis em chamas com físgas e catapultas.

- Acha que funcionará? - perguntou Myrmior, olhando desconfiadamente para a teia de cordas e ganchos de Theido.

- Já vamos ver. Não tenho nenhuma idéia melhor.

- Então, esperemos que esta não falhe - disse Ronsard, fazendo sinal aos homens que seguravam nas cordas, e que, ao todo, eram trezentos, para começarem a puxar. Estes, com um poderoso gemido, fizeram todos força ao mesmo tempo. Ao verem as cordas esticadas, os enfurecidos Ningaal lançaram um rugido aterrador.

- Força, homens! - gritou Ronsard. - Força!

Alguns inimigos, desafiando as flechas que, de vez em quando, ainda assobiavam pelos ares, atiraram cordas por cima das que Theido prendera ao ídolo e começaram a trepar por elas acima como aranhas, armados com facas que transportavam nos dentes, na esperança de conseguirem cortar as cordas que prendiam o seu deus cuspidor de fogo e que ameaçavam fazê-lo tombar.

Os arqueiros do rei conseguiram manter desocupadas as cordas dos Ningaal, mas o feito saiu-lhes caro, pois os chefes guerreiros surgiram em cena para comandarem as tentativas de salvação da sua máquina em perigo. O seu primeiro ato foi ordenar que se enchessem as catapultas com carvões em brasa tirados do ídolo, para, depois serem lançados contra os rostos dos arqueiros.

O resultado foi que muitos deles tombaram aos gritos, depois de terem sido atingidos pelas brasas. Entretanto, as cordas eram puxadas com toda a força. mas a imagem de ferro nem se mexia. Mandaram-se mais trezentos homens para as ameias e arranjou-se maneira de os acomodar nas cordas. Os soldados puxaram o mais que podiam, até as suas mãos sangrarem nas grossas cordas, mas o ídolo continuou de pé.

- Não pode ser assim - observou Myrmior. - Precisamos de mais cordas.

- Não temos mais - informou Theido. - Pelo menos, não do comprimento que precisamos.

- Então, temos de as atar umas às outras e, se for necessário, também usaremos as nossas capas e as nossas calças. Se tivermos mais cordas, o seu plano dará resultado.

- Espere! Tenho uma idéia - anunciou Ronsard. - E se usássemos correntes? lá em baixo, na casa da guarda, há correntes muito compridas. Vamos atar as cordas às correntes e as correntes ao sarilho e ao contrapeso da ponte levadiça.

- Poderemos fazer isso? - indagou Theido. - Talvez, assim desengatamos a ponte levadiça.

- É um risco que temos de correr. Mande chamar o guarda das portas!

A proposta de Ronsard foi levada a cabo sem grande dificuldade. A maciça ponte levadiça de Askelon era operada, não por um mas por dois sarilhos e por um sistema de contrapesos. Soltar a corrente, juntar as cordas e passá-las por um grande anel de ferro foi coisa que não demorou muito tempo. Depois, já com os contrapesos novamente em posição, uma dezena de homens musculosos começou a rodar o sarilho.

A corrente enrolou-se no sarilho e desapareceu por um buraco aberto no chão de pedra da casa da guarda. Theido e Ronsard correram novamente para as ameias, pois queriam ver o resultado dos seus esforços.

- Funciona! - gritou Myrmior, quando eles chegaram ofegando. É um gênio! Funciona! Que os deuses sejam louvados !

Olhando para baixo, viram as cordas esticadas puxando para cima o ídolo. que vacilava muito ligeiramente.

- Só espero que as cordas aguentem - disse Theido.

- Hão de aguentar... verá - replicou Myrmior. - Tenho o pressentimento de que hão de aguentar.

Logo que Myrmior acabou de falar os fatos quase o contradisseram. Uma das cordas rebentou e a ponta assobiou no ar e chicoteou quatro Ningaal, fazendo-os cair ao chão.

- Tragam-me sebo! - gritou Theido.

- Parem de puxar - berrou Ronsard. Os homens do sarilho obedeceram à ordem do comandante-chefe e a corrente imobilizou-se.

Com o sebo transportado em baldes da casa da guarda, untaram-se as cordas e a ameia de pedra por onde estas passavam. Depois, puseram-se dois homens a untar as cordas de cada vez que estas roçavam na pedra, e o sarilho recomeçou a rodar.

Dali a pouco, o ídolo cuspidor de fogo ergueu-se do chão e começou a balançar lentamente em direção aos portões. Quando a enorme imagem de ferro bateu na ponte levadiça, ouviu-se um estrondo tremendo e a fumaça subiu pelas muralhas fazendo arder os olhos dos homens que estavam nas ameias.

- Continuem a rodar! - gritou Ronsard para os homens que manobravam o sarilho. O pyrinbradam subiu lentamente a ponte levadiça, com o focinho encostado às tábuas, que começaram a fumegar.

- As portas estão ardendo - gritou uma voz vinda lá de baixo.

Ronsard lançou um olhar rápido a Myrmior e a Theido:

- Foi coisa que não previ.

- Agora, não esmoreça - retorquiu Myrmior. - Continua seguindo o seu plano.

- Sim, só mais um pouco - concordou Theido, espreitando por cima das ameias.

- Tragam água para os portões! - ordenou Ronsard aos berros. - Continuem a rodar!

Para apagar o fogo que deflagrara, esvaziou-se mais água pelo lado de fora dos portões. Juntamente com a fumaça negra das chamas, ergueram-se colunas de vapor branco.

O ídolo subiu mais um pouco e parou. Os homens do sarilho fizeram mais força e este estalou.

- A maldita coisa está presa, mas não consigo ver onde - gritou Theido.

- Continuem a rodar, que talvez ela se solte - sugeriu Myrmior.

- Mais homens para o sarilho! Continuem a rodar - ordenou Ronsard. Juntaram-se mais dez homens fortes aos que já estavam no sarilho, e todos aplicaram nele as suas forças. O sarilho estalou num ruidoso queixume e as cordas esticaram-se, mas nem um elo da corrente se mexeu.

- Não está se mexendo - informou Theido. - Mande-os parar. Os portões incendiaram-se outra vez.

Quando Ronsard ia a transmitir as ordens para baixo, ouviu-se um silvo, as cordas cederam e houve um estrondo enorme. Todos correram para as ameias, de onde viram o monstro cuspidor de fogo vacilando na borda da rampa. Com a tensão, as cordas tinham rebentado, deixando a imagem de ferro cair ao chão, e esta rolara até à borda da rampa, estando, naquele momento, em perigo de tombar para dentro do fosso seco.

Vendo isto, os homens do rei começaram a soltar vivas, incitando o monstro a ir ao encontro da sua própria destruição. Os guerreiros Ningaal, meio loucos de cólera, saltaram para as cordas suspensa da imagem, na tentativa de a fazerem recuar. Ao princípio, pareceu que iam conseguir fazê-lo.

O ídolo endireitou-se e, apesar de ter duas das suas seis enormes rodas girando no vazio, deixou de rolar. Centenas de Ningaal formigavam junto das cordas, puxando a imagem para trás. Os vivas das ameias cessaram.

- Bem, acabou-se - suspirou Theido. - Não estamos melhor do que antes.

- Foi uma boa idéia, meu amigo - consolou o Ronsard. - Quase deu certo. Pelo menos, não deixamos o monstro destruir os nossos portões sem lhe darmos luta.

Os inimigos tinham colocado traves compridas por baixo das rodas e estavam tentando fazer oscilar a pesada imagem, de modo a poderem puxar as rodas de trás novamente para a rampa. Mas este movimento soltou um dos ganchos de Theido, que se despreendeu.

- Veja! - gritou Myrmior. - Estamos salvos!

Ronsard e Theido viraram-se a tempo de verem cinquenta homens caindo pela rampa abaixo, agarrando a ponta da corda solta. O esticão produzido fez com que a gigantesca estátua cambaleasse violentamente, vacilasse e, finalmente, mergulhasse no fosso, arrastando na sua queda cem homens que ainda estavam agarrados às cordas.

Cuspindo fogo, o terrível ídolo girou lentamente no ar, seguido pelas serpenteantes cordas, às quais os homens se agarravam como insetos, tentando fugir da morte. O ídolo bateu com a horrenda cabeça no chão e esmigalhou-se no meio de uma chuva de centelhas; ao partir-se, um dos braços abriu-lhe um grande buraco no peito, por onde saltaram as chamas, o que mostrou aos que observavam tudo das ameias que o monstro estava completamente liquidado, o mesmo acontecendo a muitos dos seus miseráveis guardiões.

- Já podemos lutar mais um dia! - gritou Ronsard alegremente.

- É verdade, mas quantos dias mais duraremos sem água? - perguntou Theido, com o curto triunfo morrendo-lhe nos olhos e ficando com as feições ensombradas por uma nuvem negra de desespero.

CAPÍTULO LIII

O conselho estava acontecendo nos aposentos de Eskevar. O rei, sentado na cama, carregava furiosamente o cenho e lançava perguntas rápidas aos seus conselheiros. Embora estivesse mais magro e pálido do que nunca, os seus olhos arderam apaixonadamente e as suas mãos não tremeram quando abanou o dedo no ar.

- Isto não é bom! - gritou. - Não temos outro remédio senão dar-lhes combate na planície. O cerco acabará por nos matar, fazendo-nos tombar de sede.

- Ainda temos um pouco de água, Majestade - informou timidamente um guarda.

- Quanta?

- Dá para três ou quatro dias.

- Portanto, podemos prolongar a nossa agonia por esse tempo. Não, não quero ver soldados enfraquecidos pela sede tentando retardar a queda de Askelon. Se Askelon cair, será no campo de batalha. Se o fim tiver de vir, que venha, mas não percamos a coragem e morramos de espada na mão.

- Pelo menos, podemos proporcionar a estes bárbaros um combate que hão de recordar por muito tempo. Mesmo que todos nós pereçamos, esse Nin há de arrepender-se do dia em que pôs os pés no solo de Mensandor.

Este inflamado discurso do rei animou muito vários dos nobres ali presentes. Rudd, Benniot e Fincher tinham-se tornado impacientes durante o cerco. Não sendo homens temerosos

ansiavam por pegar em armas e enfrentar o inimigo numa competição justa, que, aliás, não tinha nada de justo e nem sequer de competição, pois, como era sabido, as forças do rei estavam em grande desvantagem. No entanto, atraía-os a idéia de irem de uma vez por todas para um combate digno de homens corajosos. Estavam prontos para lutar.

- O que dizem os outros? - perguntou Rudd, depois dele e os seus partidários terem dado o seu apoio ao plano do rei. Theido ainda demorou a começar a falar, mas, quando deu um passo em frente, todos os olhos se viraram para ele.

- Majestade, a sua proposta é o último ato desesperado de homens desesperados. Creio que ainda não chegamos a esse ponto. Sugiro que esperemos mais uns dias. Pode acontecer muita coisa durante esse tempo e, entretanto, estamos seguros dentro destes portões. Os Ningaal fizeram o que podiam e fracassaram. Se esperarmos um pouco, talvez ainda os consigamos vencer.

- O tempo de espera acabou! Agora, é tempo de agir. Já esperamos estes dias todos, e nem por isso estamos em melhor situação. Por mim, estou com o rei, já que não temos outra opção, combatamos e morramos como homens. - Rudd passeou um olhar desafiador pelo aposento. O seu tom de voz destemido fê-lo ganhar muitos partidários.

- Sinto-me tentado a concordar com você, Rudd - disse Ronsard. E, quando chegar o momento de combater corpo a corpo com o inimigo, me encontrará na primeira linha. Mas talvez não seja mau esperarmos. Três ou quatro dias podem significar muito. Os senhores do Norte ainda podem aparecer a qualquer momento, e é bom estarmos preparados para o caso de isso acontecer.

- Por mim, sugiro que nos preparemos para a batalha, mas que esperemos até esta ser inevitável. - A lógica de Ronsard arrefeceu muitos ânimos já em picos para correrem a combater naquele mesmo momento.

- O que diz, Myrmior? - perguntou Eskevar. - Os seus conselhos têm sido preciosos nestes últimos dias. Fala. Diga-nos o que pensa que deveríamos fazer.

Myrmior olhou tristemente para o rei e para os que o rodeavam. Os seus grandes olhos escuros pareciam poços de dor e a mágoa perpassava-lhe a voz profunda:

- Não tenho conselhos a dar, Majestade. Apesar de ter dito tudo o que achei melhor estamos nesta situação extrema. Em vez de falar mais, tomarei o meu lugar ao lado destes homens dignos de serem chamados seus súditos leais e com eles erguerei a minha espada contra o odiado inimigo.

O efeito provocado pelas palavras de Myrmior foi como o anúncio da condenação final. Em poucas palavras, dissera o que a maior parte deles pensava mas se recusava a verbalizar. "Não há esperanças. Temos de preparar-nos para morrer."

- Sua Majestade, não nos precipitemos - interveio Theido, aproximando-se do leito real. - Recolhamo-nos por algum tempo e, antes de tomarmos qualquer decisão, ouçamos bem os nossos corações.

Rudd também avançou, gritando:

- E eu digo que não devemos esperar. Cada dia a mais contribuirá para o enfraquecimento dos nossos homens e para a diminuição das nossas chances de vencermos. É chegado o momento de atacarmos!

O silêncio caiu sobre o aposento. Todos fitaram o rei, na expectativa do que ele iria fazer.

- Nobres senhores - começou gravemente -, não quero obrigá-los a tomar nenhuma decisão, mas também não quero sobrecarregá-los com uma espera que pode enfraquecer o ânimo de um homem.

Todos o observavam intensamente. Ao reparar na posição do queixo do Rei Dragão, Theido soube o que este ia dizer a seguir, mesmo antes de se ouvirem as suas palavras:

- Portanto, amanhã faremos um ataque ao encontro do inimigo, para, pelo menos, termos o fator surpresa do nosso lado. Agora, vão para junto dos seus homens, que devem estar bem alimentados e a postos. Amanhã ao fim da tarde os conduzirei para a batalha.

Os senhores de Mensandor soltaram murmúrios de aprovação e saíram imediatamente, para começarem a preparar-se. Theido e Ronsard deixaram-se ficar e ainda tentaram convencer o rei a mudar de idéia, mas este fez ouvidos de mercador e mandou-os embora. Depois deles terem saído, a rainha Alinea entrou, para passar uma última noite ao lado do seu rei.

Eskevar escolhera o fim da tarde para atacar, porque as suas sentinelas o tinham informado que, a essas horas, o inimigo reduzia a sua vigilância nos portões de trás, enquanto tomava a sua refeição da noite. Tratava-se de uma jogada ousada e inteligente, pois era natural que se partisse do princípio de que, se houvesse algum ataque da parte dos habitantes do castelo, este se faria pelos portões principais. Por isso numa jogada de antecipação, fora lá que os guerreiros haviam disposto a maior parte das suas forças, visto que o portão de trás era mais pequeno e dava para uma rampa inclinada, murada e estreita, que só dava passagem a três cavaleiros de cada vez.

Tomando tudo isto em consideração, Eskevar decidira que a situação lhe era favorável. Com tal manobra, conseguiria uma certa surpresa e apanharia os Ningaal desprotegidos e em má posição para iniciarem uma batalha. Claro que acorreriam rapidamente mal ouvissem o chamamento às armas, mas, por essa altura, se tudo corresse bem, Eskevar teria liquidado um bom número de inimigos e disposto os seus homens na planície.

O rei Dragão e o seu exército passaram o dia preparando-se e colocando homens e cavalos em posições que lhes permitissem atravessar o mais rapidamente possível os pátios e os portões das traseiras.

Quando tudo ficou pronto, o silêncio caiu no pátios onde os homens esperavam. O sol, na forma de uma grande bola carmesim, punha-se a ocidente e, a leste, a Estrela do Lobo brilhava intensamente, banhando com a sua luz fria e áspera todos os que se encolhiam debaixo dela. Os aldeões e os camponeses acorriam a despedir-se dos seus campeões e rezando pela vitória a todos os deuses que conheciam. As mulheres choravam e beijavam os bravos cavaleiros; os cavalos relinchavam e batiam com os cascos no chão, as crianças de pé, com os olhos muito abertos, fitavam os homens de armaduras reluzentes.

Do outro lado do pátio, gerou-se uma certa agitação. Os que estavam mais perto, virando o pescoço, viram a bandeira do Rei Dragão desfraldada no seu estandarte, agitando-se ao vento à medida que avançavam pelo caminho que se abria à sua frente.

Depois, viram o próprio rei, sentado num corcel de um branco de leite, que se empinava a trote na direção dos portões.

Por cima da armadura prateada, o rei envergava uma capa azul com o emblema do dragão bordado a ouro. No elmo, levava apenas o simples aro de ouro da coroa. À sua esquerda e à sua direita seguiam dois sombrios cavaleiros, que olhavam resolutamente em frente. Um deles ia montado num cavalo preto e o outro num alazão. O escudo do primeiro mostrava a insígnia do falcão: o brasão do outro apresentava um punho enluvado segurando uma clava e um malho.

Atrás deles cavalgava Myrmior, que, segundo o costume do seu povo, não usava armadura e empunhava apenas um escudo redondo e leve e uma espada curta, e que Ronsard conseguira convencer a envergar caneleiras e um braçal no braço da espada, mas que se recusara a pôr um elmo, argumentando que era impossível ver através de semelhante panela de ferro.

Seguidos por várias fileiras de nobres e cavaleiros, cavalgando três a três, atravessaram o pátio e dirigiram-se para o portão.

Quando chegaram às suas posições, o rei levantou a mão e o cortejo parou. Eskevar olhou para o guarda que, espreitando da barbacã, fez um gesto de assentimento com a cabeça, querendo significar que os Ningaal se tinham afastado do portão, deixando de vigia apenas uma pequena força. Então, Eskevar, com o rosto cinzento e duro e os olhos brilhando friamente à luz nefasta da estrela, desembainhou a espada com a mão direita. A lâmina sussurrou docemente ao deslizar pela bainha, mas foi um som que encheu o pátio quando este gesto se repetiu mil vezes. Quando a pesada porta de ferro se levantou e se pousou a tábua sobre o fosso seco, o Rei Dragão avançou para a batalha.

Os Ningaal colocados junto do portão traseiro estavam espalhados como palha numa eira. Vários deles, suficientemente loucos para empunharem as armas, foram abatidos mesmo antes de levantarem a mão os outros desataram a correr, gritando que os defensores do castelo tinham saído e corriam em sua perseguição.

Eskevar voltou o ataque, não para a cidade, onde se encontrava o grosso das forças inimigas, mas para o cordão humano que se formara em volta do castelo. Pelo que ficou provado, foi uma boa tática, pois os cavaleiros em tropel derrotaram facilmente o inimigo desprevenido e dispersaram muitos homens que, caso contrário, poderiam ter formado uma segunda frente de batalha.

Mas, logo que o fizeram, os cavaleiros tiveram de dar meia volta para enfrentarem a carga que surgia de trás, vinda do outro lado da rocha sobre a qual se erguia o castelo.

O exército de Eskevar agüentou o embate do ataque feito à pressa e atravessou para o outro lado com poucas baixas, continuando rapidamente em frente, com o fito de atacar o maior dos muitos acampamentos dos Ningaal, onde vários milhares de soldados se tinham reunido para comerem e passarem a noite.

A visão de três mil cavaleiros carregando através do seu acampamento, fez com que os seus espíritos bárbaros deixassem de

pensar em comer e em dormir, e o aquartelamento transformou-se instantaneamente num borbulhante caldeirão de confusão e terror.

Os Ningaal foram apanhados desprevenidos pois o alarme não lhes chegara antes do feroz ataque dos cavaleiros. Dali a pouco, o cenário era de fogo e sangue, cavalos empinados e espadeiradas. Muitos Ningaal preferiram fugir do acampamento a enfrentar a impiedosa justiça das espadas do rei. Por um breve instante, pareceu aos defensores que os Ningaal iam ser dominados e esmagados.

Mas essa idéia desvaneceu-se com o aparecimento de dois comandantes montados nos seus cavalos pretos, que, com uma calma impassível, reuniam as suas tropas em pânico.

Os cavaleiros tinham rodeado o acampamento avançando, depois, até ao meio. Ao ver os comandantes juntando os seus regimentos desbaratados, Eskevar mandou uma companhia de cavaleiros ao seu encontro, na tentativa de eliminar uma oposição que poderia materializar-se em força. O resto do exército continuou a lutar por manter os confusos Ningaal em fuga, não lhes dando tempo a convergirem para uma frente unificada.

Mas, num abrir e fechar de olhos, o corpo de cavaleiros que rodeava o acampamento foi, por sua vez, cercado por inimigos aos berros, comandados pelos outros dois chefes guerreiros.

Empurrando os cavaleiros para o meio do círculo, os Ningaal conseguiram diminuir o seu diâmetro por pura superioridade numérica. Parecia que, independentemente do número de inimigos mortos, havia sempre mais do que antes.

Eskevar percebeu que a sua posição era indefensável. Com Theido a direita e Ronsard à esquerda, o Rei Dragão conduziu uma carga fulminante contra uma secção mais fraca do círculo. Houve um embate tremendo, e muitos cavaleiros caíram contra a muralha de machados dos Ningaal para nunca mais se levantarem. Mas o círculo esticou e quebrou e o Rei Dragão conduziu os seus soldados para a planície.

Quando chegaram ao centro do terreno, a meia légua do castelo, Eskevar parou e virou-se para enfrentar o inimigo, que, naquela altura, estava a reunindo-se para o assalto final.

CAPÍTULO LIV

Percebendo que a vitória estava nas suas mãos, os chefes guerreiros não se apressaram a atacar. Sem precipitações, foram reunindo as suas forças e ordenando as tropas para o conflito final, o que também deu ao Rei Dragão tempo para dispor os seus cavaleiros, alinhando-os em intrépidas fileiras, em volta de dezenas de homens a pé com chuços e lanças, que tinham vindo do castelo para se lhes juntarem.

O primeiro embate com os Ningaal foi dar com o Rei Dragão a postos, na primeira linha do seu exército. Aos berros, fazendo girar os seus machados de batalha, os inimigos, conduzidos por dois comandantes, lançaram-se contra as forças do Rei Dragão a partir da parte superior da planície. Os outros dois chefes mantiveram de reserva uma grande parte do seu repugnante bando.

Amut e Luhak, que acompanhavam a carga, embateram numa muralha de aço. Lutando com uma força nascida do desespero, os cavaleiros do Rei Dragão não só se agüentaram contra a terrível guarda pessoal dos comandantes inimigos como ainda lhe provocaram muitas baixas. Então, os Ningaal, com machados, entraram pelo campo de batalha como uma inundação provocada pela tempestade, mas, embora desferissem golpes terríveis nas armaduras dos cavaleiros com as suas cruéis lâminas, os defensores conseguiram agüentar-se.

Ao cabo de uma hora, no meio dos vivas dos cavaleiros, os guerreiros recuaram, deixando o campo de batalha escurecido pelo sangue dos seus mortos.

Theido, montado no seu cavalo, à direita do rei, levantou a viseira e contemplou o campo de batalha.

- Tomamos bem conta de nós - disse. - Além disso, não sofremos muitas baixas.

- Um homem já é demais, bom amigo - replicou Ronsard, montado à esquerda do rei. - Se for preciso, eles liquidam-nos um a um, até não ficar ninguém de pé.

- Por Azrael! - exclamou Eskevar. - Só assim tomarão Askelon. Mas ainda não estamos derrotados. Longe disso. E tenho um plano que talvez os confunda. Theido, reúne os nossos comandantes. Quero falar com eles antes do próximo ataque.

Encontraram-se no campo de batalha e o rei falou apressadamente, acabando mesmo quando a crescente algazarra provocada pelo avanço do inimigo voltou a cruzar os ares. Na altura em que os Ningaal se aproximaram dos defensores pela segunda vez, Houve uma certa agitação no seio do exército do rei, e o inimigo embateu, não numa muralha sólida, mas numa fileira que o deixou passar. O inimigo foi instantaneamente metido dentro de um anel, como água num frasco, e a rolha recolocada, o que separou os homens dos machados dos seus chefes, que se encontravam lá dentro. Assim, a batalha começou, com os Ningaal arrebanhados dentro de uma paliçada de lâminas afiadas.

Ninguém do acampamento inimigo reparou na pequena força que, saindo da retaguarda do exército do Rei Dragão regressou ao castelo.

Os cavaleiros do Rei Dragão estiveram, mais uma vez, à altura dos acontecimentos, derrubando o inimigo que tinham à frente. Esquivando-se dos flamejantes cascos dos cavalos, os homens dos chuços faziam cair os guardas dos chefes inimigos, que eram atravessados pelas lanças mal tocavam no chão. Separados dos seus comandantes, que estavam dentro da paliçada, os Ningaal com

machados corriam aos gritos em volta do círculo exterior, atirando-se em vão contra as impiedosas lanças dos cavaleiros.

Os comandantes Gurd e Boghaz, que observavam tudo à distância, depressa perceberam o que tinha acontecido e prepararam uma segunda onda de soldados Ningaal que fosse esmagar o círculo exterior das defesas do rei, abrindo,

assim, caminho para um fim rápido.

Montados nos seus vigorosos corcéis pretos, lançaram-se para a refrega.

Mas quando já tinham quase chegado ao campo de batalha, o seu ataque vacilou e ruiu, no meio de uma mortal chuva de setas. Foram tantos os Ningaal a tombar que os seus comandantes tiveram de parar antes de se encontrarem com as forças do rei e de dar meia volta para enfrentarem os arqueiros, que, depois de terem atrasado aquela segunda onda, corriam para juntar-se aos seus camaradas na planície. Os arqueiros, que tinham ficado para defender Askelon naquela sua última hora de necessidade, eram chefiados por Myrmior e por vários dos cavaleiros mais arrojados, segundo o plano traçado por Eskevar para dividir e confundir o inimigo.

Sem conseguirem aproximar-se dos arqueiros com as suas lâminas, os Ningaal acabaram por se ver forçados a retirar para se reagruparem. Os arqueiros chegaram facilmente à planície, fazendo assobiar no ar os seus projéteis mortais, e pouco depois os Ningaal voltaram a retirar, deixando o campo de batalha ao Rei Dragão.

- Desta vez, não nos saímos tão bem como da outra - disse Theido, observando de novo a carnificina que o rodeava. - Perdemos muitos homens bons. Talvez demais para agüentarmos outra carga.

- Temos de agüentar! - gritou Eskevar. - Tem de ser. - Já os surpreendemos duas vezes. Creio que não o faremos de novo - disse Ronsard. - Mas demos-lhes uma batalha que será cantada nos salões de todos os homens de coragem. E isso é uma coisa que levaremos conosco. No entanto, começo pensando que, se conseguirmos

agüentar-nos hoje, talvez ainda possamos virar a sorte da batalha em nosso favor.

- Se o Wertwin mantivesse a sua palavra e trouxesse os exércitos do Ameronis, do Lupollen e dos outros, concordaria com você - retorquiu Theido, virando os olhos para norte, mas não vendo nada movendo-se no horizonte. - Mesmo que viessem agora, creio que já seria tarde demais.

- Não fales assim! - exortou o rei. - Preparemo-nos para enfrentarmos com coragem o novo ataque.

- Como queira, Majestade. - Theido olhou para o seu rei, e o seu nobre coração quase rebentou dentro de si, pois pareceu-lhe ver uma sombra escura, como as asas de um corvo, pairando em volta dos ombros de Eskevar. Quando o cavaleiro voltou a falar, fê-lo com uma voz embargada pela tristeza: - Sempre nos mostrou a sua coragem, meu rei. Conduza-nos e seguiremos até às portas da própria morte.

O rosto de Eskevar cintilou ferozmente à estranha luz branca da estrela, que brilhava tanto como o dia. No entanto, falou com um tom bondoso:

- Serviram-me bem, bons amigos. Sendo rei, confiei vezes de mais a minha vida, e nunca os achei em falta. - Calando-se, olhou longamente para cada um deles. É assim que quero ser lembrado: envergando a minha melhor armadura, à cabeça de homens leais e corajosos - continuou. - É assim que quero ir ao encontro dos meus antepassados.

Ronsard ergueu a mão para protestar, mas Eskevar fez-lhe um gesto para se calar, dizendo:

- Chega de falar na morte! Agora, às armas! O inimigo aproxima-se outra vez.

Os Ningaal, desta vez lentamente, atravessaram o campo de batalha, agora escorregadio com o sangue dos mortos e dos moribundos, atrás de uma vanguarda de cavaleiros armados de

chamejantes chuços. Os chefes tinham ocupado posições que lhes permitiam comandar uma falange de tropas a frente e outra atrás. Daquela vez não ia haver forças de reserva nem truques, pois os Ningaal moviam-se pela planície passo a passo, vigiando a mais pequena alteração verificada entre os soldados do Rei Dragão.

A sinistra Estrela do Lobo iluminava a cena com a sua luz odiosa, viva como o Sol do meio-dia, lançando sombras por todo o lado. Parecia ainda maior, enchendo o céu e tomando pálida e insignificante a pobre Lua que nascia a oriente. Eskevar virou o rosto para a Estrela do Lobo.

- Lá um sinal do mal. Sinto o seu fogo nos ossos. Como queima! Ronsard, Theido - chamou, virando-se para os dois cavaleiros -, também o sentem?

- O que eu sinto é o calor da batalha, Majestade - respondeu Ronsard.

- Pois, isso também - concordou Eskevar. O rei pareceu voltar novamente a si e olhou para o outro lado do campo de batalha, que ondulava com a fumaça dos temíveis chuços dos Ningaal.

- Se pensam que somos suficientemente covardes para esperarmos aqui que nos matem como gado, estão muito enganados - observou Eskevar, fitando colericamente o campo de batalha. - Reuni os comandantes! - gritou. O cornetim soprou a mensagem, que ecoou no ar.

- Vamos carregar contra eles ali... no meio - explicou o rei, apontando com a sua comprida espada para os inimigos que avançavam. - Vamos mostrar-lhes o valor que os cavaleiros de Mensandor dão às suas vidas.

- Sim - concordaram os nobres ali reunidos, com as armaduras amassadas e ensangüentadas, mas os rostos ainda ansiosos à luz da odiosa estrela.

- E mostraremos o valor que os cavaleiros de Mensandor dão à sua liberdade - gritou Rudd. - Pela glória! - O nobre levantou a voz e

deu início a um vibrante cântico de batalha, que todos cantaram.

- Voltem para junto dos seus homens. Estejam prontos e esperem o meu sinal - ordenou Eskevar, pondo-se à cabeça dos seus cavaleiros. Theido e Ronsard permaneceram à sua esquerda e à sua direita.

Adivinhando que o fim estava próximo, Theido olhou para o seu amigo Ronsard e fez-lhe uma saudação silenciosa. Aquela era a estrada comprida e escura que vira havia muito tempo. Agora que se desenrolava à sua frente, sentia-se triste, mas não a temia. Queria dizer uma última palavra ao amigo, mas não lhe

saía nada. A saudação falava por si.

- Adeus, meu bom amigo - replicou Ronsard em resposta à saudação de Theido, baixando a viseira do elmo e levantando a ponta da espada na sua direção.

- Por Mensandor! - gritou subitamente Eskevar. A sua voz límpida e forte ecoou como um trovão através da planície. O rei ergueu a espada e esporeou o cavalo. Com um rugido, o exército do Rei Dragão deu um salto para a frente e pôs-se furiosamente em movimento.

O fragor do embate entre os cavaleiros e os teimosos Ningaal fez tremer a terra. Os cavalos relinchavam e davam voltas, empinando-se uma e outra vez. Os cavaleiros cortavam os ares com maços e malhos. Espadas chamejavam, lanças enterravam-se e arcos silvavam.

O corcel branco de Eskevar lançava-se sempre para onde a batalha era mais intensa. Ousado e vivo, Ronsard defendia incansavelmente a esquerda do seu rei. A espada do campeão girava uma e outra vez no ar, desferindo golpes que espalhavam a morte. Theido, guardando a direita do rei, lutava por se manter entre o seu soberano e os machados sedentos de sangue dos bárbaros.

Aqui e ali, no meio da furiosa refrega, os estandartes dos senhores de Mensandor, que lutavam por se manterem juntos,

apareciam como ilhas de defensores, rodeadas por um mar de inimigos. Mas, ao longo da noite de batalha, os estandartes foram caindo um a um, alguns deles para nunca mais se erguerem.

O ousado ataque do Rei Dragão acabou por produzir um resultado inesperado: o exército do rei lutou tão bem e tão tenazmente que conseguiu chegar ao centro da formação Ningaal. Apesar da força superior do inimigo, os defensores abriram caminho através da ofensiva dos guerreiros invasores e acabaram por se juntar atrás das linhas dos Ningaal.

- Que virada! - gritou Eskevar, respirando pesadamente e inclinando-se para a frente na sela. - A nossa causa ainda não está perdida. Olhem! Rudd vem por ali juntar-se a nós e pelo outro lado vêm o Fincher e o Benniot.

Observando o turbilhão em fúria que tinha à frente, Theido conseguiu distinguir as formas dos cavaleiros do Rei Dragão entre as figuras mais escuras dos Ningaal. O fragor da batalha retinia-lhe quase ensurdecidamente nos ouvidos, mas, como Eskevar dissera, realmente parecia-lhe que havia uma esperança mínima de poderem ganhar. A sua carga havia posto em debandada a maior parte dos Ningaal e tinha-os dividido como uma cunha.

Os comandantes de Nin circulavam em volta do grosso da batalha, tentando reunir as suas tropas, mas em vão. O inimigo fugia aos magotes.

- É mesmo verdade? - gritou Ronsard, levantando a viseira para ver melhor.

- É! - confirmou Theido. - Veja como fogem todos para o centro, quase esmagando-se uns aos outros. Se fizermos uma investida naquela direção, podemos dividi-los ainda mais.

- Pelos deuses! Tem razão. Cornetim! Reúne os homens. Vamos em frente! - Eskevar espicçou novamente a sua montaria, e os Ningaal sentiram o calor da sua lâmina como um fogo ateadado contra eles.

Formando uma cunha, os cavaleiros do rei avançaram pelo meio dos inimigos aglomerados, abatendo muitos deles. Muitos guerreiros Ningaal, esquecendo a disciplina, fugiram do campo de batalha gritando. Para acabarem com a debandada, os seus comandantes mataram muitos desertores com as próprias mãos.

O êxito desta segunda carga animou os defensores, fazendo-os acreditar que talvez conseguissem a vitória. Com vivas e corajosos gritos de batalha, as tropas do rei lutavam ombro a ombro, incitando-se mutuamente a atos cada vez mais valorosos.

Num espaço de duas horas, medidas pelo avanço da doentia lua, o exército do rei ficou, pela primeira vez, com a sorte da batalha nas mãos. Os chefes dos guerreiros começaram então a tentar uma ação defensiva, procurando retirar para onde pudessem reagrupar os seus regimentos. Mas Eskevar e os seus comandantes, embora sofrendo de fadiga e de um terrível desgaste, continuaram a lutar teimosamente para porem os invasores em fuga.

À meia-noite, fugiu do campo de batalha um regimento inteiro de Ningaal. Ao verem o inimigo derrotado, arrastando-se para longe do combate, os defensores recobram muito do seu ânimo e soltaram um viva que chegou a Askelon e foi repetido pelos temerosos refugiados, que os espreitavam ansiosamente das ameias da fortaleza.

- Ganhamos o dia! - gritou Eskevar. - Os bárbaros perderam a vontade de vencer.

- Majestade, deixe-nos persegui-los e expulsá-los do campo de batalha - disse Ronsard. - Mas fique aqui, recuperando forças, onde os seus soldados possam vê-lo.

- É verdade, Sua Majestade - concordou Theido. - Deixe alguma glória para os seus comandantes. Não corra mais riscos. Descanse e recupere as forças.

Eskevar, curvado na sela, incapaz de conseguir manter-se direito por mais tempo, lançou aos seus cavaleiros um olhar colérico e baço.

Tinha a viseira levantada, mostrando o rosto branco de exaustão. Mas, abanando a cabeça com um ar cansado, replicou:

- Só descansarei quando o dia estiver completamente ganho... antes disso, não. Se os meus cavaleiros quiserem ver-me, terão de olhar para o meio da batalha, pois será lá que estarei.

Theido e Ronsard trocaram olhares preocupados. Preferiam que o seu rei se afastasse da luta, pelo menos por algum tempo. Theido fez menção de protestar mais, mas Eskevar baixou a viseira, abanou as rédeas e mergulhou novamente no tumulto da batalha. Os dois leais cavaleiros não tiveram outro remédio senão precipitar-se atrás dele e protegê-lo como podiam.

Por um momento, pareceu que este assalto final ia estilhaçar de uma vez por todas a força dos Ningaal, pois os lamentosos homens dos machados derretiam-se às lâminas dos defensores como neve ao fogo. E, também por um momento, o Rei Dragão e os seus cavaleiros ficaram sem quem os desafiasse no campo de batalha, ganho com tão grande custo, pois o inimigo batia em retirada.

Mas a ilusão da vitória foi fugaz. De repente, ouviu-se um som que parecia irromper do chão, como se a terra estivesse rasgando-se, e que atravessou o ar, guinchando por toda a planície. Os que o ouviram, mesmo os mais corajosos, vacilaram e tremeram. Todos os olhos se viraram para sul. Por um breve momento, as colunas de fumaça dividiram-se, revelando uma sólida muralha de guerreiros, que ocupava toda a planície. Nin, o Imortal, chegara com os seus cinqüenta mil homens.

CAPÍTULO LV

Horrorizados, os defensores exaustos viram a conquista quase conseguida fugindo-lhes nas asas do desespero e dando lugar a uma morte certa. Os gritos de triunfo transformaram-se em queixumes amargos, e os Ningaal, com a salvação à vista, deixaram de retirar e viraram-se novamente para o desgastado exército do Rei Dragão.

Eskevar teve muito pouco tempo para reunir as suas desanimadas tropas até o inimigo começar a rodeá-las como uma inundação que ameaçava afogá-las. Os infelizes defensores ficaram imediatamente cercados por todos os lados e com a retirada cortada. Os comandantes invasores incitavam os seus guerreiros, cada vez num furor mais delirante, e os bravos soldados do Rei Dragão foram tombando um a um. Ronsard e Theido lutavam para se conservarem ao lado do rei e poderem protegê-lo até ao fim, mas tiveram de se separar quando uma súbita investida do inimigo turbilhonou à sua frente. Três Ningaal ululantes, de tranças pretas, com a boca espumando, os olhos enlouquecidos e o rosto manchado de sangue, saltaram e agarraram as rédeas da montaria de Theido. Um dos atacantes perdeu instantaneamente uma mão, no meio de um esguicho vermelho, e outro caiu morto no chão, sem sentir o golpe que lhe rachou o crânio. O terceiro cravou o seu machado no peito de Theido, que sentiu a armadura amassar e fender e a lâmina atingindo-o bem fundo. Com a força de um golpe que teria matado muitos homens, o cavaleiro cambaleou na sela e caiu para trás.

O atacante Ningaal, ainda agarrado ao punho do seu machado, foi levantado do chão quando o cavalo de Theido recuou.

Theido fez girar o broquel e baixou-o sobre a cabeça do inimigo, estendendo-o de comprido no chão, onde as faiscantes patas do cavalo de guerra fizeram o resto.

Theido, que por milagre permanecera na sela, arrancou o machado que o Ningaal lhe cravara na couraça. E, embora soubesse que estava gravemente ferido, virou-se à procura de Ronsard e de Eskevar, que a corrente da batalha arrastara para longe.

O cavaleiro viu Ronsard combatendo contra quatro ou cinco inimigos com espadas e chuços em chamas, tentando impedi-los de chegarem ao rei, quando, de repente, um chefe guerreiro entrou na luta, lançando-se para a frente com a capa preta esvoaçando atrás de si.

O chefe invasor foi logo enfrentado pela figura de Myrmior, cujas armas eram mais leves. O mordomo-mor, com o rosto transformado numa máscara de ódio, atirou-se para o meio do chefe e do rei. À luz da estrela, Theido viu a espada de Myrmior faiscando e descrevendo um arco brilhante. O invasor ergueu a sua lâmina e desferiu um golpe poderosíssimo, que estilhaçou a espada de Myrmior. Batendo novamente com toda a força, atingiu o escudo de Myrmior. Sem poder fazer nada, Theido viu a sua lâmina cruel e curva faiscar e enterrar-se bem fundo no peito desprotegido de Myrmior. Ao mesmo tempo que o chefe guerreiro tentava retirá-la, Myrmior agarrou a lâmina com urna mão e puxou-a, fazendo com que este se desequilibrasse para a frente na sela. Então, levantando a espada partida, cravou-a na garganta do inimigo. Depois, Theido viu os dois homens tombando no chão.

Passou-se tudo tão rapidamente que Theido mal tivera tempo de pegar as rédeas da sua montaria quando a cena acabou. Do lugar onde estava, o cavaleiro viu Ronsard, que matara três dos seus atacantes, dando uma guinada e precipitando-se novamente para o lado do rei. Mas nesse intervalo tão fugaz perdeu-se tudo, pois Theido, que já ia em seu socorro, viu Eskevar sendo puxado da sela e

a mergulhar num efervescente amontoado de soldados Ningaal, armados com chuços e machados.

Alcançando o local onde o seu monarca caíra, Ronsard matou dois inimigos de uma só vez e, depois, abateu mais quatro. A chegada de Theido pôs os outros em fuga, e Ronsard, sem querer saber da sua segurança, atirou-se da sela e ajoelhou-se ao lado do seu rei.

Em breve havia gritos por todo o lado:

- O rei tombou! O rei Dragão tombou! - Os defensores apinharam-se ao seu lado, formando uma muralha em volta do corpo do seu amado soberano.

Pegando a cabeça do rei, Ronsard tirou-lhe cuidadosamente o elmo.

- Acabou-se, bom amigo - arquejou Eskevar. - Nunca mais erguerei a minha espada.

- Não diga isso, Majestade - pediu Ronsard, com as lágrimas saltando-lhe pelos cantos dos olhos e escorrendo-lhe pelas faces largas. Depois, arrancando a luva, pegou num pouco da capa do rei e tentou estancar o sangue que escorria de uma ferida situada na base do pescoço de Eskevar.

- Não dói... não dói - disse Eskevar num murmúrio. - Onde está a minha espada?

- Aqui, Sua Majestade - replicou Theido, colocando a sua própria arma nas mãos enclavinhadas do rei. Eskevar cingiu a espada ao peito e fechou os olhos.

Quando os que estavam nas ameias do castelo viram o rei cair, elevou-se no ar um grito de dor e sofrimento, como o saído da garganta de um animal mortalmente ferido. Mas ainda o grito não se desvanecera no ar quando alguém gritou.

- Olhem para leste! - Virando os olhos para oriente, os infelizes tiveram uma visão estranha e maravilhosa.

As pessoas que se encontravam nas ameias e os soldados debruçados sobre o corpo do rei tiveram a sensação de que, a leste, havia uma tempestade de relâmpagos tão brilhante como o Sol, pois, de repente, viram um ofuscante clarão, que pareceu encher o céu com uma luz mais viva do que a da própria Estrela do Lobo.

Quando um outro clarão de luz brilhante atingiu o céu, os ululantes Ningaal, alarmados, fizeram uma pausa no seu sangrento trabalho para contemplarem esta nova maravilha.

De repente, viu-se apenas a forma de um cavaleiro montado num corcel branco, galopando de leste. No seu braço erguido, trazia uma espada que chamejava e faiscava com uma luz viva.

À aproximação daquele cavaleiro desconhecido, toda a terra pareceu ficar silenciosa. O trovão produzido pelos cascos do seu cavalo, que voava para a batalha como se transportado nas asas de uma águia, ouvia-se martelando por toda a planície.

- A Zhaligkeer! - gritou alguém. - Chegou o libertador!

Os pátios e as torres de Askelon foram percorridos por um murmúrio. Alinea, Bria e Esme, de vigia na torre virada a leste, olharam por entre lágrimas para aquela estranha visão.

Espantados, os soldados do Rei Dragão, de pé, lado a lado, em volta do seu senhor, levantaram as viseiras.

A espada, segura na mão do cavaleiro, que cavalgava velozmente, parecia lançar um raio de luz para o céu. Os espantados Ningaal olhavam, boquiabertos, para esta aparição não anunciada.

Até Nin, Divindade Suprema do Universo, fez um esforço para se levantar do seu trono, pousado sobre a plataforma, de modo a ver melhor o que estava acontecendo.

Montado no veloz Blazer, com Toli a seu lado, Quentin vira o que restava do exército do Rei Dragão rodeado pelo inimigo na planície. Nessa altura, só pensara em correr em seu auxílio e tomar o seu lugar ao lado dos outros cavaleiros. No ímpeto da cavalgada, vira o

estandarte do Rei Dragão caindo às mãos do inimigo. Por isso, desembainhara a espada e, com um grito de batalha, precipitara-se para o lugar onde a bandeira caíra.

A Zhaligkeer ardia com o brilho de mil sóis, lançando relâmpagos que atravessavam os ares. Foi demais para os Ningaal, que ficaram petrificados por aquela visão sobrenatural, pois, se não tinham medo de guerreiros humanos, por mais destemidos que fossem, aterrorizava-os o aparecimento de um inimigo celeste.

Assim, os bárbaros atiraram com as armas e fugiram. Quentin foi até ao centro da titubeante horda e, sem ninguém lhe tocar, cavalgou pelo meio do temeroso exército do Rei Dragão.

Ao olhar para baixo, Quentin viu os seus amigos Theido e Ronsard ajoelhados ao lado do corpo de Eskevar e, lendo a tristeza nos seus olhos, soube que o Rei Dragão morrera. Sem uma palavra, Quentin fez Blazer dar meia volta e saltou atrás dos Ningaal em fuga. Uma dor inexprimível apossou-se do seu espírito.

Quentin só pensava em arrastar o inimigo odiado à sua frente, em cavalgar até não o conseguir mais. Na sua dor tresloucada, foi direito a Nin, o Destruidor, e aos seus cinquenta mil guerreiros tomados de pânico. Os Ningaal afastaram-se perante o invencível guerreiro da espada chamejante como ondas assoladas pela tempestade.

Quentin não via nada com nitidez; era como se tivesse entrado num sonho. Mexiam-se à sua frente formas indistintas, que se afastavam dos dois lados como nuvens a noite estava cheia de uma luz branca e ardente. Depois, ergueu-se à sua frente uma escuridão, na forma de uma massa que se retorcia toda.

A Zhaligkeer fisciou na sua mão. Com um grito poderosíssimo, Quentin ergueu-se na sela e atirou a espada para o alto. A espada girou no ar e, quando chegou ao cume do arco que descreveu, pareceu explodir subitamente com um estalido ensurdecador, fazendo chover línguas de fogo.

O céu ficou branco e os homens puseram as mãos à frente dos olhos. Ninguém se atrevia a contemplar aquele terrível esplendor. Quentin teve a sensação de entrar na sua visão, pois voltara a ser o cavaleiro de armadura brilhante que, de pé na planície sombria, arremessava uma chamejante espada que penetrava no coração da escuridão que o rodeava.

Houve um estremeamento no ar, e Quentin sentiu-se atravessado pelo fogo. Embora os relâmpagos dançassem à sua volta em ondas que cegavam, abriu os olhos e viu a escuridão recuando, pondo a descoberto uma cidade esplêndida e muito bela, que cintilava à luz como se fosse feita de ouro e pedras preciosas.

Quentin pôs-se de joelhos perante aquela delicada visão. Para a tapar, pôs as mãos à frente do rosto e as lágrimas brotaram-lhe dos olhos como se de uma nascente. Nesse momento, sentiu no íntimo da sua alma a mão do Deus Altíssimo.

Quando Quentin levantou a cabeça, estava sozinho e a noite escura. A Estrela do Lobo desaparecera no meio de um grande clarão. Houve quem dissesse que a Brilhante, ao subir para o céu, chocara com ela e a extinguiu, pois a estrela desaparecera no instante em que Quentin arremessara a espada.

Depois, a Zhaligkeer caíra para a terra e fora encontrada enterrada até ao punho no corpo obscuro de Nin, o Imortal. O conquistador de Reis jazia morto, pregado ao chão como uma serpente. Testemunhando o rápido milagre da morte do seu cruel senhor, os seus infelizes servos haviam fugido aos gritos pela planície. A noite fora atravessada pelos berros lamentosos que soltavam enquanto tentavam fugir à justiça que em breve os subjugaria. Os comandantes de Nin tinham caído sobre as suas próprias espadas, juntando-se ao seu odioso soberano no seu bem merecido destino.

Quentin regressou ao local onde jazia Eskevar juntamente com Theido, Ronsard e os senhores e os cavaleiros de Mensador, pegou

o corpo do rei, pousou-o sobre os ombros e levou-o para Askelon.

CAPÍTULO LVI

O funeral do Rei Dragão demorou três dias e o luto então decretado prolongou-se por trinta. Durante este tempo, Wertwin e os exércitos de Ameronis, Lupollen e dos outros chegaram muito entristecidos e arrependidos, pois tinham sido apanhados no caminho pelas novas da morte do rei e foram imediatamente mandados em perseguição dos Ningaal, que fugiam ao longo do Arvin em direção ao mar, onde os seus barcos ainda os esperavam. Durante a fuga, os senhores mataram muitos inimigos; os restantes foram expulsos para o mar à frente da ponta das lanças.

O corpo de Eskevar foi imediatamente transportado para o castelo e pousado no leito real. Durwin, ajudado por Biorkis, foi lavar o corpo e prepará-lo para a inumação. Inchkeith trabalhou horas a fio na armadura do rei, tirando-lhe os

amassados que lhe tinham sido inflingidos na última batalha e pondo-a a brilhar como nova. A rainha Alinea, em pessoa, vestiu o marido com as suas melhores roupas e Bria e Esme puseram-lhe as suas jóias mais valiosas. Depois, foi levado para o salão e solenemente pousado no seu ataúde.

O corpo do rei ficou exposto no salão durante dois dias, guardado dia e noite por um lamentoso contingente de cavaleiros e nobres, enquanto uma fila compacta de súditos em lágrimas passava diante do ataúde. Os queixumes dos camponeses atravessavam os pátios e os mais desesperados vagueavam pelas ruas da cidade,

inconsoláveis na sua dor. O grande Rei Dragão morrera, nunca ninguém imaginara vir a viver um dia tão triste.

Quentin permaneceu nos seus aposentos, sem querer ver ninguém. Nem sequer se atreveu a ir às ameias ver ardendo na planície as piras fúnebres de todos os mortos do orgulhoso exército do rei. Culpava-se pela morte do rei, pois pensava que, se tivesse chegado apenas uns instantes mais cedo, Eskevar ainda estaria vivo. A entrada só era permitida a Toli, que ia servir o seu amo.

- Mas as necessidades de Quentin eram poucas, pois não comia nem dormia, limitando-se a deixar-se ficar afundado numa cadeira, à frente da lareira escura e apagada.

À meia-noite do segundo dia, Quentin levantou-se e foi silenciosamente até ao salão. As pessoas que tinham ido chorar o rei já haviam saído, e não havia ninguém no salão a não ser os dez cavaleiros que permaneciam como estátuas de

pedra em volta do corpo. Nos cantos do ataúde ardiam quatro tochas colocadas nos seus suportes, que lançavam uma luz suave e enevoada sobre o pano mortuário. Quentin aproximou-se, subiu à plataforma cheia de flores e ajoelhou-se ao lado do corpo.

À luz suave, as feições do rei mostravam-se descontraídas e calmas se não fosse aquela imobilidade pouco natural, poderia dizer-se que estava dormindo. As marcas da doença que lhe devastara a nobre figura tinham desaparecido. E as rugas de preocupação que ultimamente lhe haviam sulcado o rosto também já não se viam. Parecia que os anos tinham recuado, deixando Quentin ver um Eskevar mais novo do que o que conhecera. Tinha o cabelo escuro penteado por cima das têmporas. A testa era lisa, o nariz reto e bem feito e a boca firme mas não desagradável. O maxilar duro suavizara-se, revelando um homem em paz consigo mesmo, e o queixo fendido falava da determinação inabalável do homem que Eskevar fora.

O rei envergava a sua armadura, com o elmo debaixo do braço esquerdo, No peito, tinha a espada, cujo punho segurava com a mão direita. À luz das tochas, a insígnia do serpenteante dragão desenhado na sua couraça parecia retorcer-se e piscar.

Envergava uma capa azul debruada a prata e ouro, apertada no pescoço por uma corrente de ouro e pelo seu alfinete preferido, que representava um dragão. Assim, Eskevar parecia pronto a saltar e a voltar a cavalgar ao som da trombeta. Quentin baixou a cabeça e molhou o ataúde com as suas lágrimas quentes. Lembrava-se tão bem do tempo em que vira assim o seu rei, enfeitado pelo maléfico Nimrod! Nessa altura, a bruxaria do necromante fora, miraculosamente, quebrada, e o Rei Dragão pudera voltar a viver. Mas agora o rei fora apanhado nas teias de um feitiço muito mais poderoso, que no fim, apanha todos os homens e que não pode ser quebrado. Quentin ouviu uns passos suaves atrás de si e sentiu que alguém lhe tocava de leve no ombro. Quando levantou o rosto, viu a rainha Alinea, toda vestida de preto, fitando-o com uns olhos verdes que eram dois lagos de tristeza, mas cujo brilho parecia ainda mais belo devido à simpatia com que o observavam.

- Tenho te procurado nestes dois dias, meu filho. - A rainha falou docemente, com um tom de voz que acalmou o seu coração aflito. Quentin não disse nada.

- Não se culpe. Afinal, como sempre, foi ele que escolheu o seu próprio destino. Era seu desejo morrer servindo o reino que tanto amava. E, de todos os seus amores, era este, o seu amor pelo reino, o que lhe exigia maior devoção. Eskevar era em primeiro lugar um rei, e só depois um homem.

- Obrigado pelas suas palavras, senhora, que são um consolo para mim. - Não me culparei mais, embora ao princípio o tenha feito. Sei agora que o seu destino já estava traçado há muito tempo e que ele nunca cederia a outro.

- Não sem deixar de ser o rei Eskevar. Olha para ele, Quentin. Veja como dorme em paz. A morte não conseguiu aterrorizá-lo, pois ele conquistou-a muitas vezes. Aquilo que ele mais temia era que o seu reino caísse sem ele poder fazer nada. Isso o roía por dentro e envenenou os seus últimos dias. Mas, no fim, acabou por conquistar tudo.

- Como o conhecia bem, rainha Alinea!

- Conhecia? Talvez o melhor que era possível. E amei-o de todo o coração. A seu modo, também ele me amou. Mas um rei não pertence a si próprio nem à sua família. Pertence ao seu reino. Eskevar sentia-o mais profundamente do que todos os que conheci. Morreu por Mensandor exatamente como viveu. Mas havia muitas coisas que nem eu conhecia. Os anos da guerra, que passou longe de casa, roubaram-nos muito tempo. Foram muitas as noites durante as quais chorei pelo meu marido, sentindo-me só e ansiando por uma mão forte que segurasse a minha. Mas não. Eskevar estava longe, lutando pelo seu reino. E não descansava nem quando regressava, estava sempre com a atenção posta aqui ou ali, procurando sinais de fraqueza ou de agitação nos cantos mais remotos de Mensandor.

- Uma vez, creio que à laia de desculpa, disse-me: "Se quer conhecer-me, começa por conhecer o meu reino." Ele era Mensandor e as suas vidas misturavam-se. Quentin olhou para o monarca morto, percebendo que havia muito que nunca saberia do homem que o adotara e o tratara como seu.

- Agora que ele morreu, o que acontecerá ao seu reino? - pensou em voz alta.

- Continuará a viver na vida do novo Rei Dragão - murmurou a rainha docemente, inclinando-se sobre o corpo do seu marido e retirando a corrente com o alfinete do dragão. Depois, virou-se e obrigou Quentin a levantar-se. - Verá que este alfinete é muito mais pesado do que o ouro que contém, meu querido, mas ele quis que fosse seu, assim como tudo o que significa. Quentin abanou a cabeça

lentamente e tocou no alfinete de ouro que a rainha lhe apertara na capa.

- Eu nunca fui filho dele. Por muito que os ame aos dois e esteja grato pela bondade com que me trataram durante estes anos todos, não fui feito para ser rei.

- Quem o seria melhor do que você?

- O seu filho verdadeiro, talvez.

- Sabe bem que não tivemos filhos varões. Mas deixe-me dizer-te uma coisa, sempre achei estranho que um homem que dava tanto valor ao seu trono o tivesse...

- Entregue tão facilmente - murmurou Quentin.

- Não, ele não o entregou, Quentin. Sabe, Bria nasceu mesmo antes de Eskevar partir para a guerra contra o Goliah. Quando soube que eu não podia ter mais filhos e que o seu herdeiro era uma mulher, esperei que ficasse zangado. Eu

ofereci-me para abdicar, de modo a ele poder tomar outra mulher, mas ele nem quis ouvir falar nisso. Disse que estava satisfeito e que confiaria no deus que o governava para lhe dar um herdeiro quando chegasse o momento para isso. Mas nunca mais falou no assunto.

- Por isso, quando decidiu adotá-lo, percebi que tinha encontrado o seu herdeiro. Não faço idéia como o soube, mas viu em você qualquer coisa que lhe agradou muito.

- Isso sempre me pareceu um capricho de rei, senhora. Não é que não exultasse com os seus favores, mas, por mais que amasse a ele e a Askelon, é a Dekra que pertença. Ele deve ter sabido isso.

- Não interessava. Ele só queria que fosse feliz. A sua confiança era tão grande que sabia que, quando o momento chegasse, se mostraria à altura das suas esperanças e das suas expectativas.

- Espero que não estivesse enganado. Rezo para que isso não aconteça - retorquiu Quentin - Alinea contemplou longamente a

forma imóvel do rei. Por fim, soltando um suspiro profundo, virou-se e ofereceu a mão a Quentin.

- Não estava, meu filho. As coisas estão como deviam estar... como ele queria que estivessem. Vai ver.

Quentin lançou um último olhar ao corpo do rei e afastou-se com Alinea pelo braço. Os seus passos ecoaram no salão escurecido e, quando deixaram de se ouvir, o silêncio voltou a reinar.

No dia seguinte, o corpo do rei foi levado para o Anel dos Reis, local ancestral de descanso dos monarcas de Mensandor, situado dentro dos muros verdes da floresta de Pelgrin.

O cortejo fúnebre, constituído por cavaleiros e nobres a cavalo e por súditos leais a pé, serpenteou pelas ruas de Askelon, que tinham sido limpas à pressa. Os habitantes, de pé entre as cinzas da sua cidade devastada, diziam um último adeus ao seu soberano. Montando Blazer, Quentin seguia ao lado de Alinea, imediatamente atrás da carroça funerária.

Depois iam Bria e Durwin, com Theido e Ronsard na retaguarda, seguindo à cabeça da procissão de nobres. E havia muitos outros, cavalgando sob as suas divisas e bandeiras coloridas.

O estandarte do Rei Dragão abria o cortejo, com flâmulas pretas penduradas no dragão vermelho. O rei dirigia-se para o túmulo dentro do seu ataúde, sob um céu de um azul radioso, coberto de tufos de nuvens brancas.

Embora as lágrimas ainda cintilassem aqui e ali, o vento fresco arrefecia o ar de Verão, arrastando a tristeza para bem longe. O vento levantava o cabelo de Eskevar e o sol batia-lhe em cheio no corpo, fazendo brilhar a sua armadura.

Eskevar foi colocado no Anel, num túmulo em forma de favo, aliás, no túmulo em que Quentin o metera anos atrás, para o salvar do terrível plano de Nimrod. O túmulo, que fora varrido e arrumado por Oswald, mordomo-mor da rainha, encontrava-se limpo e em ordem.

Numa cerimônia de imensa dignidade, Eskevar foi pousado sobre a sua laje de pedra, em cima da qual se encontravam estendidas as mantas de pêlo do seu leito. Depois de se haverem disposto à sua volta os objetos que mais estimava e de todos terem olhado para o rei pela última vez, o túmulo foi selado e a entrada coberta com terra. Em vez de ficar de pé vendo, Quentin preferiu colaborar neste trabalho. E, quando tudo terminou, afastou-se sem olhar para trás. Ao sair do silêncio verde do Anel dos Reis, o cortejo fúnebre encontrou um grupo de senhores, chefiado por Wertwin. Fazendo uma vênua nas suas selas, os nobres olharam para Quentin, que caminhava ao lado da rainha, segurando-lhe o braço.

- Disseram-nos que o rei o escolheu para lhe suceder no trono - começou Wertwin.

- É verdade - respondeu Quentin em tom monocórdico. Pela sua voz, era impossível determinar o que sentia. Parecendo desconcertado, Wertwin lançou um olhar aos senhores que o rodeavam.

- Viemos prestar-lhe vassalagem - explicou ele.

Quentin limitou-se a fitá-los.

- Aquele que empunha a Brilhante é o nosso rei - disse alguém dentre eles. Um coro de calorosas aprovações confirmou esta declaração. Vindo dali de perto, Toli apareceu com uma espada nas mãos. Quentin sorriu ao seu servo e pegou a espada.

Quando a espada lhe tocou nos dedos, Quentin sentiu o seu calor e, ao estender o braço, ouviu a lâmina sussurrar. Depois, levantou a espada, para que todos a pudessem ver e, de repente, a clareira da floresta foi inundada por uma luz brilhante.

Os senhores ali reunidos desmontaram imediatamente e foram ajoelhar-se à sua volta. Com a espada bem erguida, Quentin disse:

- Que o deus cujo poder arde nesta espada também arda em mim. Aceito a sua fidelidade.

A floresta foi atravessada por vivas e gritos de aclamação. Theido e Ronsard abriram caminho até ao lado de Quentin e deram-lhe umas palmadinhas nas costas. Depois, os seus leais súditos carregaram-no em ombros.

O alegre cortejo que regressou a Askelon contrastava vivamente com o que atravessara as suas portas naquele mesmo dia. Embora o período oficial de luto ainda fosse continuar durante algum tempo, o processo de cura da terra devastada iniciou-se naquele momento. Com Eskevar, todos os mortos tinham sido enterrados e a velha ordem posta de parte. Com Quentin, a nova ordem estava presente com uma promessa viva semelhante ao futuro que cintilava como a luz da Brilhante.

Nascera uma nova era e fora escolhido um novo rei. E, de todos os que se congratulavam e a saudavam, só Durwin, o fiel eremita da floresta de Pelgrin, sabia o que isso significava.

Por fim, o Rei Sacerdote chegara. A promessa fora cumprida.

